

IAN
FLEMING

007

A SERVIÇO SECRETO DE SUA MAJESTADE



007





IAN FLEMING

(1908-1964)

007

**A SERVIÇO SECRETO
DE SUA
MAJESTADE**

Título original inglês

ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE

1963

Tradução

Aydano Arruda

tradução de AYDANO ARRUDA

do original inglês:

ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE (1963)

© By Glidrose Productions Ltd.

direitos para a língua portuguesa adquiridos por

BESTSELLER *Importadora de Livros S. A.*

que se reserva a propriedade desta tradução

Pça. da República, 294

SÃO PAULO

1965

impresso no Brasil

AO

Passavante BASILISCO SABLE

E A

HILARY BRAY

que acorreram em auxílio do partido

Sinopse

On Her Majesty's Secret Service é o décimo romance da série James Bond de Ian Fleming, publicado em 1963. A primeira e segunda edição se esgotaram no primeiro mês. Fleming escreveu-o na Jamaica, enquanto Dr. No estava sendo filmado ali perto.

É segundo livro da “trilogia Blofeld”, iniciada em Thunderball e encerrada em You Only Live Twice. Bond procura Ernst Stavro Blofeld depois do incidente Trovão e encontra sua base na Suíça. Bond ataca, mas Blofeld escapa na confusão. Durante a história, Bond se apaixona pela Condessa Teresa “Tracy” di Vincenzo e os dois se casam, mas...

A estação de pesquisa de Blofeld em Piz Gloria foi baseada na Schloss Mittersill, castelo que os nazistas haviam transformado em centro de pesquisa para examinar asiáticos.

Em 1969, o romance foi adaptado no sexto filme da série, o único estrelado por George Lazenby como Bond.

1 - *Marinha com figuras*

ERA UM DAQUELES setembros nos quais se tem a impressão de que o verão não vai mais acabar.

Ao longo das cinco milhas do passeio de Royale-les-Eaux, tendo ao fundo gramados bem cuidados em que se destacavam a intervalos canteiros de flores coloridas, tremulavam bandeiras. Na mais longa praia do norte da França, as alegres cabinas de banho avançaram até a linha da maré em grandes e lucrativos batalhões. Música, uma daquelas melodiosas valsas tocadas em acordeão, saía dos alto-falantes ao redor da piscina olímpica e, de tempos a tempos, ecoando acima da música, uma voz de homem anunciava que Philippe Bertrand, de sete anos, estava procurando sua mãe, que Yolande Lefèvre estava esperando seus amigos embaixo do relógio da entrada ou que certa Madame Dufours estava sendo chamada ao telefone. Da praia, particularmente das proximidades dos três parques infantis fechados — “Joie de Vivre”, “Hélio” e “Azur” — vinha o chilrear de gritos infantis que subiam e baixavam de tom acompanhando a animação das crianças em seus jogos. Mais longe, na areia firme deixada pelo mar agora distante, o agudo apito do instrutor de educação física reunia seus pupilos para a última aula do dia.

Era um daqueles belos e singelos panoramas de beira-mar para os quais as praias da Bretanha e Picardia vêm oferecendo o ambiente — e inspirando seus pintores: Boudin, Tissot, Monet — desde o nascimento de “plages” e “bains de mer” há mais de cem anos.

Para James Bond, sentado em um dos abrigos de concreto com o rosto voltado para o sol poente, havia naquilo tudo algo de efêmero e pungente. Trazia-lhe quase vivida-mente demais a lembrança da infância — da sensação veludosa da areia quente e do doloroso raspar da areia úmida entre os dedos de seus pequenos pés quando chegara a hora de calçar sapatos e meias, do precioso montinho de conchas e do interessante resto de naufrágio no peitoril da janela de seu quarto. (“Não, precisamos deixar isso aqui, querido. Vai sujar sua mala!”), dos pequenos caranguejos fugindo dos dedos que tateavam por baixo das algas nos tanques formados entre as pedras, de nadar, nadar e nadar através das ondas dançantes — que naquele tempo pareciam sempre iluminadas pelo sol — e depois a irritante e inevitável “hora de sair”. Estava

inteira ali, sua própria infância, espalhada à sua frente para que pudesse olhá-la de novo. Como estava longe aquele tempo da pazinha e do baldinho! Quantos caminhos percorrera desde aquele tempo das sardas, dos flocos de chocolate com leite Cadbury e da limonada espumante! Impacientemente, Bond acendeu um cigarro, endireitou os ombros e enfiou de novo as recordações sentimentais em seu arquivo há tanto tempo fechado. Hoje era um adulto, um homem com anos de lembranças sujas e perigosas — um espião. Não estava sentado naquele abrigo de concreto para entreter idéias sentimentais sobre um amontoado de crianças raquíticas e malcheirosas em uma praia juncada de tampas de garrafa e pauzinhos de pirulito, banhada por um mar grosso de óleo contra queimaduras e de sujeira dos esgotos do Royale. Estava ali, resolvera ir até ali, para espionar. Espionar uma mulher.

O sol estava-se escondendo. Já se podia sentir o frio de setembro que ficara o dia inteiro oculto por baixo do calor. As legiões de banhistas batiam rapidamente em retirada, desarmando seus pequenos acampamentos e subindo as escadas para atravessar o passeio e abrigar-se na cidade onde começavam a acender as luzes nos cafés. O locutor na piscina apressava seus freqüentadores: “*Alio! Alio! Fermeture dans dix minutes! A dix-huit heures, fermeture de la piscine!*” Formando uma silhueta contra o sol poente, as duas lanchas de socorro com bandeiras ostentando uma cruz azul sobre fundo amarelo corriam rio acima em direção norte, para seu distante abrigo no Vieux Port. Os últimos e alegres iates de areia, semelhantes a girafas, fugiam em direção a seu ancoradouro entre as dunas de areia. Os três guardas ciclistas que tomavam conta dos pátios de estacionamento pedalavam entre as fileiras de automóveis em direção ao posto policial no centro da cidade. Em questão de minutos, a vasta extensão de areia — a maré, ainda recuando, já estava a uma milha de distância — ficaria entregue às gaivotas que logo viriam em bandos apanhar os restos de comida deixados pelos participantes de piqueniques. Depois a bola alaranjada do sol afundaria no mar e a praia, por algum tempo, ficaria inteiramente deserta até quando, sob o manto das trevas, os amantes furtivos viessem abraçar-se rápida e apertadamente nos cantos escuros entre as cabinas de banho e o molhe.

No trecho de areia pisada abaixo do lugar onde estava sentado James Bond, as duas garotas douradas em excitantes biquínis guardavam o jogo de Jokari que haviam praticado tão provocadoramente e, juntas, subiam correndo a escada em direção ao abrigo. Exibiram seus corpos para Bond, pararam e conversaram um pouco, para ver se ele correspondia. Quando viram que não correspondia, encaminharam-se de braços dados para a cidade, deixando

Bond a imaginar porque as , moças francesas tinham umbigos mais salientes do que as outras. Será que os médicos franceses, mesmo nesse minúsculo aspecto, procuravam aumentar o futuro “sex-appeal” das meninas recém-nascidas?

Subindo e descendo pela praia, os guardas salva-vidas davam um toque final em suas buzinas a fim de anunciar que iam deixar o serviço. A música da piscina parou no meio de uma melodia e a grande extensão de areia ficou repentinamente deserta.

Mas não completamente! Umas cem jardas de distância, deitada de bruços sobre uma saída de banho listrada de preto e branco, no pedaço de areia firme onde se instalara uma hora antes, ainda lá estava a garota, imóvel de braços abertos, diretamente entre James Bond e o sol poente que agora transformava as poças e os rasos filetes de água em sinuosos rabiscos vermelhos como sangue na distância intermediária. Bond continuou a observá-la — agora, no silêncio e no vazio, com um pouco mais de tensão. Esperava que ela fizesse alguma coisa — esperava que acontecesse alguma coisa, sem saber o que seria. Seria mais verdadeiro dizer que a estava guardando, pois tinha a sensação intuitiva de que ela se encontrava em perigo. Ou seria apenas o cheiro de perigo que havia no ar? James Bond não sabia. Só sabia que não devia deixada sozinha, principalmente agora que todos já se haviam retirado.

James Bond estava enganado. Nem todos se haviam retirado. Atrás dele, no Café de la Plage, do outro lado do passeio, dois homens de capa e gorros escuros estavam sentados a uma mesa isolada ao lado da calçada. Tinham à sua frente xícaras de café meio cheias e não conversavam. Observavam na parede de vidro fosco do abrigo o borrão feito pela cabeça e ombros de James Bond. Observavam também, mas menos atentamente, a distante mancha branca que era a moça sobre a areia. Sua imobilidade e seus trajes fora de estação teriam causado inquietadora impressão em alguém que, por sua vez, pudesse estar observando-os. Não havia, porém, ninguém a observá-los, exceto o garçom que simplesmente os incluía na categoria de maus fregueses, esperando que fossem embora logo.

Quando a orla inferior do sol alaranjado tocou o mar, foi quase como se a moça tivesse recebido um sinal. Levantou-se vagarosamente e começou a andar firme e decididamente em direção ao sol e à espuma distante da linha d'água a mais de uma milha. O crepúsculo estaria violáceo quando ela chegasse ao mar e poder-se-ia adivinhar que esse era provavelmente seu

último dia de férias, seu último banho de mar.

James Bond pensava de maneira diferente. Deixou seu abrigo, desceu correndo os degraus até a areia e começou a caminhar atrás dela em passos rápidos. Atrás dele, do outro lado do passeio, os dois homens de capa também pareciam pensar de maneira diferente. Um deles jogou bruscamente algumas moedas sobre a mesa e ambos se levantaram. Caminhando rigorosamente em passo certo, atravessaram o passeio até a praia e, como uma espécie de urgente precisão militar, avançaram rapidamente lado a lado sobre as pegadas de Bond.

Agora o estranho padrão de figuras sobre a vasta extensão de areia vazia e riscada de sangue destacava-se fantásticamente. No entanto, era sem dúvida algo em que não se devia interferir! O padrão tinha um ar perigoso e secreto. A moça branca, o jovem de cabeça descoberta e os dois atarracados perseguidores — em torno dessas figuras havia algo de natureza mortal. No café, o garçom recolheu as moedas e olhou as figuras distantes, ainda esboçadas pelo último quarto do sol alaranjado. Parecia um caso policial — ou a outra coisa. Ficaria quieto, mas não se esqueceria. Talvez seu nome ainda saísse no jornal.

James Bond aproximava-se rapidamente da moça. Agora sabia que a alcançaria no momento em que ela chegasse à linha d'água. Começou a pensar no que lhe diria, na maneira como a abordaria. Não podia dizer: “Tive um palpite que você ia suicidar-se, por isso a segui a fim de impedi-la.” Seria infantil dizer: “Estava dando um passeio pela praia quando me pareceu reconhecê-la. Quer ir tomar alguma coisa quando sair da água?” Finalmente resolveu dizer: “Oh, Tracy!” e em seguida, quando ela se virasse: “Estava preocupado por sua causa.” Seria pelo menos inofensivo e, até certo ponto, verdadeiro.

O mar agora estava bronzeado abaixo do horizonte amarelado. Uma ligeira brisa do oeste, levando o ar quente da terra para o alto mar, começara a soprar e formava pequenas ondas de cristas brancas que se estendiam até onde os olhos alcançavam. Bandos de gaivotas preguiçosamente levantavam vôo quando a moça se aproximava, para pousar logo em seguida. O ar estava cheio de seus gritos e do incessante chape-chape das pequenas ondas. A suave penumbra azulada dava um toque adicional de melancolia à vazia solidão de areia e mar, agora tão distante das confortadoras luzes brilhantes e do agitado movimento de “La Reine de La Cote Opale”, como Royale-les-Eaux orgulhosamente se apelidava. Bond esperava levar a moça de volta para aquelas luzes. Observava a esbelta figura dourada no maio branco de uma

peça e pensava se iria demorar muito para ouvir sua voz acima do barulho das gaivotas e do mar. Os passos da moça tornaram-se um pouco mais vagarosos quando ela se aproximou da linha d'água. Sua cabeça, com os bastos cabelos louros caídos até os ombros, estava ligeiramente curvada, talvez pelos pensamentos ou pelo cansaço.

Bond apressou seu andar até chegar a apenas uns dez passos da moça.

— Eh! Tracy!

A moça não se assustou, nem se virou rapidamente. Seus passos tornaram-se vacilantes e cessaram. Depois, quando pequena onda se quebrou em seus pés, ela se voltou vagarosamente e ficou fitando-o de frente. Seus olhos, inchados e molhados de lágrimas, olhavam através dele. Em seguida, encontraram-se com os olhos de Bond. Ela disse com voz sem expressão: — Que é? Que deseja?

— Estava preocupado por sua causa. Que está fazendo aqui? Que é que há?

A moça olhou de novo através dele. Sua mão direita cerrada subiu até a boca. Por trás dela, a moça disse alguma coisa, alguma coisa que Bond não pôde entender. Depois uma voz atrás de Bond, muito perto, disse macia e sedosamente: — Não se mova se não quiser ficar machucado.

Bond virou-se e agachou-se rapidamente com a mão no revólver dentro do paletó. Os firmes olhos prateados de duas automáticas fitavam-no zombeteiramente.

Bond endireitou-se devagar. Deixou a mão cair do lado e a respiração presa saiu entre seus dentes em um silvo baixo. As duas fisionomias inexpressivas e profissionais disseram-lhe ainda mais que os dois olhos prateados das automáticas. Nelas não havia tensão, nem excitação. Os meio-sorrisos eram calmos e satisfeitos. Os olhares não eram sequer desconfiados. Eram quase entediados. Bond já vira rostos iguais muitas vezes antes. Era rotina. Aqueles homens eram assassinos — assassinos profissionais.

Bond não tinha a menor idéia de quem eram aqueles homens, para quem trabalhavam ou de que se tratava aquilo tudo. Baseando-se na teoria de que preocupação é um dividendo pago ao desastre antes do tempo, conscientemente relaxou seus músculos e esvaziou seu cérebro de idéias. Ficou parado esperando.

— Ponha as mãos na nuca.

A voz sedosa e paciente era do sul, do Mediterrâneo. Combinava com os rostos dos homens — de pele rija, poros abertos, marrom amarelada. Marselheses talvez, ou italianos. *Mafia*? Os rostos pertenciam a bons polícias secretas ou criminosos endurecidos. A mente de Bond tiquetaqueava e zumbia, selecionando fichas como uma máquina IBM. Que inimigos tinha naquela região? Seria Blofeld? Estaria a caça voltando-se contra o caçador?

Quando todas as probabilidades são contra, quando tudo parece perdido, é a ocasião de ficar calmo, de dar uma demonstração de autoridade — ou pelo menos de indiferença. Bond sorriu diante dos olhos do homem que havia falado.

— Acho que sua mãe não gostaria de saber o que você está fazendo esta noite. Você é católico? Então vou fazer o que me pede.

Os olhos do homem cintilaram. Ficara impressionado! Bond levou as mãos à nuca.

O homem afastou-se para um lado, a fim de ter uma linha de tiro desimpedida, enquanto seu Número Dois retirava a Walther PPK de Bond do macio coldre de couro pendurado por dentro do cós da calça. Depois, o Número Dois fez suas mãos espertas correr pelos lados de Bond, descer por seus braços até os pulsos e por dentro das pernas. Em seguida recuou, enfiou no bolso a Walther e tirou novamente seu revólver.

Bond olhou para trás. A moça nada dissera, não expressara surpresa nem alarma. Agora estava de costas para o grupo, olhando para o mar, aparentemente calma e despreocupada. Que significaria isso tudo, em nome de Deus? Teria ela sido usada como isca? Mas por quem? E agora que ia acontecer? Iriam executá-lo e deixar seu corpo ali para ser depois arrastado para a praia pela maré? Parecia a única solução. Se se tratava de alguma espécie de negócio, os quatro não poderiam simplesmente caminhar de volta através de uma milha de areia até a cidade e despedir-se cortesmente na escada do passeio. Não. Aquilo era o ponto terminal. Ou não seria? Do norte, através da profunda penumbra azulada, veio o ronco rápido e matraqueante de um motor de popa e, quando Bond olhou para aquele lado, apareceram os contornos imprecisos de um barco de socorro Bombard, a lancha de borracha inflável de fundo chato com um único motor Thompson na popa achatada. Então tinham sido avistados! Pela guarda-costa talvez? E agora chegava socorro! Por Deus, liquidaria com esses dois bandidos quando chegassem à polícia portuária no Vieux Port! Mas que história contaria a respeito da moça?

Bond virou-se para olhar os homens. Imediatamente percebeu o pior. Os

homens haviam enrolado as calças até os joelhos e estavam esperando, calmamente, com os sapatos em uma mão e as armas na outra. Não era socorro. Era simplesmente parte do assalto. Muito bem! Sem prestar atenção aos homens, Bond curvou-se, enrolou as calças como eles haviam feito. Enquanto mexia nas meias e nos sapatos, empalmou uma das facas que guardava no calcanhar e, virando-se a meio para o barco que agora estava parado sobre a areia, transferiu-a para o bolso direito da calça.

Nenhuma palavra foi trocada. A moça subiu primeiro para bordo, seguida por Bond e, finalmente, pelos dois homens que ajudaram o motor com um empurrão final na popa. O barqueiro, que se assemelhava a qualquer outro pescador francês de alto mar, fez virar a proa chata da Bombard, engatou a marcha para a frente e o barco partiu em direção norte, enquanto os cabelos dourados da moça voavam para trás e roçavam suavemente as faces de James Bond.

— Tracy. Você vai ficar resfriada. Tome. Aqui está meu paletó.

Bond tirou o paletó. A moça estendeu uma mão para ajudá-lo a vestir nela o paletó. No processo, sua mão encontrou-se com a dele e apertou-a. Que diabo era isso agora? Bond encostou-se mais nela. Seu corpo correspondeu. Bond fitou os dois homens. Estavam sentados, curvados para proteger-se do vento, com as mãos nos bolsos, vigilantes, mas um tanto indiferentes. Por trás deles o colar de luzes de Royale distanciou-se rapidamente até parecer apenas um clarão dourado no horizonte. A mão direita de James Bond procurou a confortadora faca no bolso e seu polegar correu pela lâmina afiada como navalha.

Enquanto imaginava como e onde poderia ter oportunidade de usá-la, o resto de seu espírito voltava-se para as vinte e quatro horas anteriores e nelas procurava a poeira dourada da verdade.

2 - *Grande turismo*

QUASE EXATAMENTE vinte e quatro horas antes, James Bond estava

dirigindo com carinho seu carro, o velho Bentley Continental — chassi tipo “R” com o grande motor de 6 cilindros e uma proporção de 13:40 no eixo traseiro — que guiava havia três anos — ao longo daquele rápido mas monótono trecho da N.º 1 entre Abeville Montreuil, que o turista inglês percorre para voltar a seu país pela Silver City Airways, embarcando em Le Touquet ou por barca, partindo de Boulogne ou Calais. Corria a uma velocidade segura, entre oitenta e noventa milhas, dirigindo pelo piloto automático que existe embutido em todo motorista da classe de “rally”. Tinha o espírito totalmente ocupado pela redação de sua carta de demissão do Serviço Secreto.

A carta, sobrescritada “Pessoal para M”, chegara ao seguinte estágio:

“Senhor:

Tomo a liberdade de solicitar-lhe que aceite minha resignação do Serviço, a partir desta data.

Minhas razões para este pedido, que apresento com grande pesar, são as seguintes:

(1) Minhas funções no Serviço, até cerca de doze meses atrás, relacionavam-se com a Seção Duplo-O e V. Exa. teve a bondade, de tempos a tempos, de expressar sua satisfação pelo meu desempenho daquelas funções, que eu, de minha parte, executei com prazer. Para meu dissabor (Bond ficara contente com essa bela palavra), porém, após ter sido concluída com êxito a Operação “Thunderball”, recebi de V. Exa. instruções pessoais para concentrar todos os meus esforços, sem prazo determinado (outra expressão feliz!), na perseguição de Ernest Stavro Blofeld e em sua captura, juntamente com a de quaisquer membros do ESPECTRO — ou seja, “Especial Executivo de Contra-Espionagem, Represália e Extorsão” — se essa organização tivesse sido reconstituída depois de sua destruição no clímax da Operação “Thunderball”.

(2) Aceitei a missão, como V. Exa. deve lembrar-se, com relutância. Pareceu-me, conforme me manifestei na ocasião, que essa era matéria puramente investigatória que podia ser melhor encaminhada, com o emprego de métodos policiais diretos, por outras seções do Serviço — estações locais, serviços secretos estrangeiros aliados e Interpol. Minhas objeções foram rejeitadas e, já há quase doze meses, tenho-me dedicado em todo o mundo a um trabalho rotineiro de detetive que, no referente a qualquer sombra de rumor, a qualquer indício, se mostrou abortivo. Não encontrei o menor traço

desse homem nem de um ESPECTRO reconstituído, se é que existe.

(3) Meus numerosos apelos para ser dispensado dessa cansativa e infrutífera missão, mesmo quando dirigidos a V. Exa. pessoalmente, foram ignorados ou, às vezes, rispidamente repelidos, e meus freqüentes reparos (outra boa palavra!) no sentido de que Blofeld está morto foram tratados com uma atitude que só posso descrever como de escassa cortesia. (Esta é bem precisa! Talvez precisa demais!)

(4) As desagradáveis circunstâncias acima mencionadas atingiram recentemente seu clímax com minha missão secreta (Ref. Estação R'S 437/007) em Palermo, em perseguição a uma lebre de falsidade absolutamente escandalosa. Este animal tomou a forma de certo “Blauenfelder”, cidadão alemão perfeitamente respeitável dedicado à vinicultura — especificamente ao enxerto de uvas de Moselle nas variedades sicilianas a fim de aumentar o conteúdo de açúcar das últimas, que, para simples conhecimento de V. Exa. (Cuidado, meu velho! É melhor redigir isto tudo de novo!), têm tendência a acidez. Minhas investigações sobre esse indivíduo fizeram com que chamasse a atenção da “Mafia” e minha partida da Sicília foi ignominiosa, para não dizer pior.

(5) Levando em consideração o mencionado e, especificamente, o continuado mau aproveitamento das qualidades, embora muito modestas, que anteriormente me recomendavam para as funções mais árduas e, para mim, mais compensadoras, relacionadas com o trabalho da Seção Duplo-O, peço a V. Exa. permissão para apresentar minha resignação do Serviço.

Sou, Excelência, seu criado obediente, 007.”

Naturalmente, refletiu Bond, enquanto conduzia o comprido cofre de seu carro por uma curva em S, teria de reescrever grande parte da carta. Alguns trechos estavam um tanto pomposos e havia uma ou duas expressões sarcásticas que precisavam ser eliminadas ou atenuadas. Contudo essa era a essência do que ditaria a sua secretária quando voltasse ao escritório dali a dois dias. E se ela rompesse em lágrimas, que fosse para o inferno! Pretendia seriamente fazer o que pensava. Estava cheio de perseguir o fantasma de Blofeld. E o mesmo se aplicava ao ESPECTRO. O negócio fora desmantelado. Mesmo um homem de gênio como Blofeld, na eventualidade impossível de ainda existir, jamais poderia por de novo em funcionamento uma máquina daquela envergadura.

Foi então, em um trecho reto de dez milhas através de uma floresta, que o

negócio aconteceu. Gritos agudos de buzinas triplas lançaram a discórdia em seus ouvidos e um carro branco e baixo de dois lugares, uma Lancia modelo Flaminia Zagato Spyder com a capota arriada, passou velozmente por ele, tirando uma fina do cofre de seu Bentley e distanciando-se, com o ronco do cscapamento duplo ecoando nas árvores que margeavam a estrada. Era uma moça quem estava guiando, uma moça com um escandaloso lenço cor-de-rosa amarrado sobre os cabelos, deixando uma curta cauda cor-de-rosa que o vento mantinha em posição horizontal atrás da cabeça.

Se havia uma coisa, além de brincar com armas de fogo, que realmente punha James Bond em movimento na vida, era ser ultrapassado em velocidade por uma garota bonita. E, segundo sua experiência mostrava, todas as garotas que guiavam competitivamente como aquela eram sempre bonitas — e excitantes. O choque do clangor da buzina desligou prontamente o piloto automático, esvaziou a cabeça de Bond de todos os demais pensamentos e colocou seu carro novamente sob controle manual. Agora, com um sorriso de lábios apertados, Bond pisou no acelerador até sentir a tábua, segurou firme a direção e saiu atrás dela.

100, 110, 115 e ainda não estava diminuindo a diferença. Bond estendeu a mão para o painel e ligou uma chave vermelha. O alto e agudo zumbido de máquina a ponto de estourar feriu seus tímpanos e o Bentley deu um salto quase perceptível para frente. 120, 125. Agora estava diminuindo claramente a diferença. 50 jardas, 40, 30! Já podia ver os olhos da garota em seu espelho retrovisor. Mas a estrada boa estava acabando. Um daqueles pontos de exclamação que os franceses usam para assinalar perigo mostrou-se à sua direita. Depois de uma subida, surgiu a torre de uma igreja e apareceram as casas amontoadas de uma pequena aldeia no sopé de um escarpado monte, assim como o sinal de outra curva em S. Ambos os carros diminuíram a marcha — 90, 80, 70. Bond viu as luzes traseiras do outro carro acenderem-se rapidamente e observou a mão direita da garota descer em direção ao câmbio, quase ao mesmo tempo que a sua, e mudar de marcha. Entraram então na curva em S, sobre pedregulhos, e ele teve de breicar, quando observava com inveja como o eixo Dion do outro carro equilibrava as rodas traseiras sobre a estrada acidentada, enquanto o eixo livre de seu Bentley saltava e balançava com ele agarrado à direção. Chegaram ao fim da aldeia e, com rápida sacudida de cauda ao sair da curva em S, o outro carro disparou velozmente pela longa subida reta e adiantou-se mais umas 50 jardas.

A corrida continuou assim, com Bond avançando um pouco nas retas, mas perdendo toda vantagem para a famosa aderência à estrada da Lancia nas

aldeias — e também, como Bond precisou admitir, para a fria e maravilhosa habilidade de motorista da garota. Apareceu então um grande anúncio de Michelin dizendo: “Montreuil 5, Royalle-les-Eaux 10, Le Touquet-Paris-Plage 15”. Bond ficou pensando qual o destino da moça e discutiu consigo mesmo se esquecia o Royale e a noite que prometera a si próprio no seu famoso cassino, para seguir o outro carro até onde quer que ele fosse e descobrir quem era aquela diabólica garota.

A decisão foi tirada de suas mãos. Montreuil é uma cidade perigosa com sinuosas ruas calçadas de pedras e muito tráfego rural. Bond estava cinquenta jardas atrás nos subúrbios, mas, com seu grande carro, não podia acompanhar a veloz Lancia da garota através dos riscos. Quando saiu da cidade e entrou na passagem de nível Étaples-Paris, o outro carro havia desaparecido. Surgiu à esquerda a entrada para Royale. Haveria mesmo um pouco de poeira pairando no ar sobre a curva? Bond entrou na curva, sabendo que ia vê-la de novo.

Inclinou-se para a frente e desligou a chave vermelha. O gemido do ventilador cessou e o carro ficou silencioso, enquanto Bond dirigia relaxando seus músculos tensos. Ficou pensando se o supercarregador não teria danificado o motor. Contra as solenes advertências da Rolls-Royce mandara o mecânico de sua confiança na oficina do Q.G. adaptar um supercarregador Arnott controlado por engrenagem magnética. A Rolls-Royce dissera que os mancais do virabrequim não suportariam a carga adicional e, quando ele confessou o que havia feito, a firma pesarosamente, mas com firmeza, retirou suas garantias e isentou-se de responsabilidade por seu filho adulterado. Essa era a primeira vez em que Bond atingia 125 milhas e o marcador de rotações oscilara perigosamente sobre a linha vermelha dos 4 500. Mas a temperatura e o óleo estavam ótimos e não houvera ruídos suspeitos. Além disso, fora realmente divertido!

James Bond avançou devagar pelo belo terreno que dá acesso a Royale, passando entre as jovens faias e os cheirosos pinheiros, prelibando a noite que se aproximava, lembrando-se de suas outras peregrinações anuais a este lugar e particularmente da grande batalha através da cortina que tivera com Le Chiffre muitos anos atrás. Fizera muita coisa desde então, desviara-se de muitas balas, evitara muitas vezes a morte e amara muitas mulheres, mas havia naquela aventura determinada um caráter dramático e pungente que todo ano o arrastava de volta para Royale, seu cassino e a pequena cruz de granito que, no humilde cemitério, dizia apenas: “Vespert Lynd. R. I. P.”

E agora que lhe reservava o lugar nessa bela noite de setembro? Um

grande ganho? Uma grande perda? Uma bela garota — aquela garota?

Primeiro era preciso pensar no jogo. Estava no fim de semana da “clôture annuelle”. Exatamente nesse sábado o Casino Royale tinha a última noite de sua temporada. Era sempre um grande acontecimento e haveria peregrinos até mesmo da Bélgica e da Holanda, além dos ricos freqüentadores habituais vindos de Paris e Lille. Além disso, o *Syndicat d’Initiative et des Bains de Mer de Royale* abria tradicionalmente suas portas a todos seus empreiteiros e fornecedores locais. Havia champanha de graça e um grande e farto bufete para recompensar a população da cidade por seu trabalho durante a temporada. Era uma festa impressionante que raramente terminava antes da hora do desjejum. As mesas ficavam repletas e o jogo era realmente muito alto.

Bond tinha como capital particular um milhão de francos — francos velhos, naturalmente, valendo cerca de oitocentas libras. Sempre calculava seus fundos particulares em francos velhos. Com isso sentia-se mais rico. Por outro lado, calculava suas despesas oficiais em francos novos porque assim pareciam menores — não provavelmente para o contador-chefe no Q. G.! Um milhão de francos! Naquela noite era um milionário! Oxalá assim permanecesse até a manhã do dia seguinte!

Agora entrava na Promenade des Anglais e ali estava a infeliz fachada Império do Hotel Splendide. No espaço pedregulhado ao longo da escada, viu o pequeno Lancia branco. Nesse momento, um carregador, com colete listrado e avental azul, subia os degraus levando duas malas *Vuitton* para a entrada do hotel.

James Bond levou seu carro para a fileira de automóveis caros no pátio de estacionamento, disse ao mesmo carregador, que agora estava tirando do Lancia coisas pequenas e caras, que fosse buscar suas malas e encaminhou-se para a portaria. O gerente assumiu solenemente as funções do recepcionista e cumprimentou Bond com uma efusão de dentes de ouro, ao mesmo tempo que anotava mentalmente o fato para causar boa impressão ao *Chef de Police* anunciando a chegada de Bond, a fim de que o *Chef*, por sua vez, pudesse causar boa impressão ao *Deuxième* e à SDT enviando a notícia para Paris pelo teletipo.

— A propósito, *Monsieur Maurice* — disse Bond — quem é a senhora que acaba de chegar no Lancia branco? Está hospedada aqui?

— Sim, *mon Commandant* — confirmou o gerente, mostrando mais dois

dentes em um sorriso entusiástico. — A senhora é amiga muito querida da casa. O pai é um grande industrial do Sul. Trata-se de *La Comtesse* Teresa di Vicenzo. Monsieur já deve ter lido seu nome nos jornais. *Madame La Comtesse* é uma senhora... como direi?... — o sorriso tornou-se secreto, entre homens — uma senhora, digamos, que vive plenamente a vida.

— Ah, sim. Obrigado. E como foi a temporada?

A conversa continuou enquanto o gerente acompanhava pessoalmente Bond no elevador e o conduzia a um dos belos quartos *Directoire* cinzento e branco, com colcha cor-de-rosa sobre a cama, de que Bond se lembrava tão bem. Depois, com uma troca final de cortesias, James Bond ficou sozinho.

Bond sentia-se ligeiramente desapontado. Ela parecia um pouco importante demais para ele, que não gostava de mulheres, como estrelas de cinema, por exemplo, que fossem de alguma maneira propriedade pública. Gostava de mulheres particulares, mulheres que ele próprio pudesse descobrir e tornar suas. Talvez, admitiu, houvesse um esnobismo às avessas nisso. Talvez, ainda menos recomendável, fosse porque as famosas eram menos fáceis de obter.

Quando as maltratadas malas chegaram, arrumou suas coisas sossegadamente e em seguida pediu à copa uma garrafa de Taittinger Blanc de Blanc, que era sua bebida tradicional no Royale. Quando chegou a garrafa, em seu balde de prata gelado, bebeu um quarto dela. Depois entrou no banheiro, onde tomou um banho frio de chuveiro e lavou seus cabelos com Pinaud Elixir, o príncipe dos “shampoos”, para tirar a poeira da estrada. Em seguida, vestiu sua calça de tropical azul escuro, camisa branca de algodão, meias e sapatos esporte (odiava cordões de sapato) e foi sentar-se ao lado da janela, olhando do passeio para o mar e pensando onde iria jantar e o que iria comer.

James Bond não era um “gourmet”. Na Inglaterra, vivia de bifes grelhados, “oeufs cocotte” e rosbife frio com salada de batatas. Quando viajava no estrangeiro, porém, geralmente sozinho, as refeições eram agradáveis pausas no dia, algo que esperava com ansiedade, algo que rompia a tensão de guiar com velocidade, com os riscos assumidos ou evitados, as escapadas por um triz, a constante preocupação com o estado de sua máquina. Com efeito, nesse momento, após ter percorrido a longa distância desde Ventimiglia, na fronteira italiana, em três confortáveis dias (sabia Deus que não havia razão para voltar depressa ao Q. G.!), estava cheio das armadilhas de apanhar turistas gulosos e tolos. As “Hotelleries”, os “Vieilles Auberges”,

os “Relais Fleuris” — passara por todos eles. Experimentara suas “Bonnes Tables” e suas “Fine Bouteilles”. Provara suas “Spécialités du Chef” — geralmente um rico molho de creme e vinho, com alguns pequenos cogumelos, ocultando carne ou peixe de má qualidade. Passara por todo o ritual de estalar os lábios ao provar vinho e a comida, e, diga-se de passagem, tomara também o suficiente do Bisodol que acompanha isso tudo.

A religião da barriga dos franceses dera-lhe seu último pontapé na noite anterior. Desejando evitar Orléans, parará ao sul dessa cidade nada inspiradora e escolhera uma imitação de Auberge bretão na margem sul do Loire, apesar de sua profusão de vitrinas e vigas simuladas, ignorando o gato de louça que perseguia o pássaro de louça através de seu telhado de duas águas, porque ficava bem à beira do Loire — talvez o rio preferido por Bond em todo o mundo. Aceitara estoicamente as panelas de cobre batidas a martelo, os utensílios de cozinha de bronze e outras falsas antigüidades que enchiam as paredes do salão de entrada, deixara sua mala no quarto e fora dar um agradável passeio ao longo do rio, sobre cujas águas preguiçosas deslizavam andorinhas. Na sala de jantar, onde havia um pequeno grupo de turistas, soou o alarma. Por cima da lareira de achas elétricas e atijadores excessivamente polidos, pendia um escudo de gesso com o terrível emblema: YCY DOULCE FRANCE. Todos os pratos, de pavorosa louça local, traziam o trocadilho, irritantemente incompreensível: “Jamais en Vain, Toujours en Vin”. O grosseiro garçom, com o cansaço de “fin de saison”, serviu-lhe o Pâté Maison em que pousavam moscas e uma *Poularde à la creme* que era a única antigüidade genuína da casa. Melancolicamente Bond fizera descer essa fina refeição com uma garrafa de Pouilly Fuissé falsificado e fora finalmente insultado na manhã seguinte com uma conta de mais de cinco libras pelo jantar.

Para apagar todas essas lembranças dispépticas é que Bond estava agora sentado ao lado da janela, bebericando seu Tittinger e pesando os prós e os contras dos restaurantes locais, pensando em que pratos seria melhor arriscar. Finalmente escolheu um de seus restaurantes favoritos na França, um estabelecimento modesto, instalado de maneira pouco promissora exatamente defronte à estação ferroviária de Étaples. Telefonou para seu velho amigo Monsieur Bécaud reservando uma mesa e, duas horas depois, estava guiando de volta para o Cassino, tendo na barriga *Turbot poché*, *sauce mousseline* e metade da melhor perdiz assada que já comera em sua vida.

Grandemente encorajado e ainda mais estimulado por meia garrafa de Mouton Rothschild 53, um copo de Calvados de dez anos de idade e três

xícaras de café, subiu alegremente as apinhadas escadas do Cassino com absoluta certeza de que essa ia ser uma noite memorável.

3 - O gambito da vergonha

A BOMBARD contornara a bóia de sineta de onde partiam lúgubres sons e estava agora subindo vagarosamente o rio Royale contra a correnteza. As alegres luzes do pequeno ancoradouro onde se abrigavam os iates que atravessavam o canal da Mancha mostravam-se bem acima na margem direita. Passou pela mente de Bond a idéia de esperar até chegarem um pouco acima do ancoradouro para então enfiar a faca no lado e no fundo do barco de borracha e nadar em direção à margem. Já ouvia, porém, mentalmente o estampido das pistolas, o zumbido e o chape das balas em volta de sua cabeça até, provavelmente, surgirem a brilhante explosão de luz e o lampejo de conhecimento de que havia chegado o fim. Além disso, a moça seria capaz de nadar, principalmente naquela correnteza? Bond estava agora com muito frio. Encostou-se mais à moça e voltou a relembrar os acontecimentos da noite anterior, juntando suas lembranças para que servissem de indícios.

Depois da longa caminhada através da Salle d'Entrée, passando diante das vitrinas de Van Cleef, Lanvin, Hermes e os demais, houve a breve pausa para identificação na comprida mesa diante das fileiras de fichários, o pagamento da “Carie d'Entrée pour les Salles de Jeux” a rápida e comptométrica inspeção do fisionomista na entrada, a curvatura e mesura do porteiro de vistoso uniforme na porta, e James Bond viu-se no bojo da bela e perfumada máquina.

Parou por um momento ao lado da caixa, com as narinas aspirando o odor da movimentada, elétrica e elegante cena, depois caminhou vagarosamente para a principal mesa de “chemin de fer” ao lado da entrada do bar luxuosamente mobiliado e foi avistado por *Monsieur Pol*, o Chef de Jeu do jogo alto. *Monsieur Pol* falou com um “huissier” e Bond foi levado ao Número Sete, reservado por uma ficha saída do bolso do “huissier”. Este deu uma rápida escovada na baeta dentro da linha — aquela famosa linha que fora

o pomo da discórdia no caso Tranby-Croft envolvendo o rei Eduardo VII — lustrou um cinzeiro e puxou a cadeira para Bond. Bond sentou-se. A caixa estava do outro lado da mesa, no Número Três. Alegre e sossegado, Bond examinou os rostos dos outros jogadores enquanto o “Changeur” trocava suas notas de cem mil por fichas vermelhas de dez mil cada uma. Bond arrumou-as em uma pilha bem feita à sua frente e observou o jogo que, como viu por um aviso pendurado entre os abajures de capa verde sobre a mesa, tinha um mínimo de cem francos novos ou dez mil francos velhos. Observou, porém, que cada banqueiro estava abrindo o jogo com mais de quinhentos francos novos — dinheiro grosso — o que correspondia a quarenta libras de saída.

Os jogadores eram a habitual mistura internacional — três magnatas de tecidos de Lille vestindo “dinner-jackets” com muito enchimento, um par de gordas mulheres enfeitadas de diamantes que poderiam ser belgas, uma inglesa pequena em estilo Agatha Christie que jogava quietamente e com êxito, e talvez fosse proprietária de uma vila, dois americanos de meia-idade com ternos escuros que pareciam alegres e ligeiramente embriagados, provavelmente vindos de Paris, e James Bond. Espectadores e apostadores ocasionais formavam uma dupla fileira ao redor da mesa. Nenhuma moça!

O jogo estava frio. A caixa andava vagarosamente ao redor da mesa, com cada banqueiro perdendo naquela temível terceira mão que, por alguma razão, é a barreira de som que no “chemin de fer” se precisa romper para ter uma rodada. Sempre que chegava a vez de Bond, este ficava em dúvida se devia curvar-se diante do padrão e passar a banca depois da segunda mão. Cada vez, durante quase uma hora de jogo disse a si mesmo obstinadamente que o padrão seria rompido e por que não com ele? As cartas não têm memória e já era tempo de mudarem. E cada vez, como acontecia com os outros jogadores, ele perdia na terceira mão. O baralho chegou ao fim. Bond deixou seu dinheiro sobre a mesa e foi dar uma volta pelas outras mesas, visitando a roleta, o “trente et quarante” e a mesa de bacará, para ver se encontrava a moça. Quando ela o ultrapassara naquela tarde guiando a Lancia, só pudera ter um vislumbre da cabeleira loura e de um perfil puro e bastante autoritário. Mas sabia que a reconheceria imediatamente, mesmo que fosse apenas pelo laço de magnetismo animal que os unira durante a corrida. Não viu sinal dela, porém.

Bond voltou à mesa. O “croupier” estava embaralhando os oito maços para formar o bloco oblongo que logo seria introduzido na caixa. Como Bond estava atrás dele, o croupier ofereceu-lhe a carta vermelha neutra para cortar o baralho. Bond esfregou a carta entre os dedos e, com divertida deliberação,

enfiou-a quase até o meio do baralho. O croupier sorriu-lhe ao ver sua deliberação, aplicou a legerdemain que no devido curso traria a carta vermelha para a boca da caixa e pararia o jogo exatamente seis cartas antes do fim do baralho, introduziu o longo bloco de cartas na caixa, enfiou a língua de metal que as mantinha presas e anunciou, com voz alta e clara: “Messieurs (tradicionalmente as “mesdames” não são mencionadas; desde os tempos da rainha Victoria existe a presunção de que damas não jogam), les jeux sont faits. Numero six à la main”. O “Chef de Jeu”, em seu trono por trás do “croupier”, repetiu o anúncio, os “huissiers” arrebanharam os jogadores distantes, fazendo-os voltar a seus lugares, e o jogo começou de novo.

James Bond confiantemente abafou a banca do magnata de Lille à sua esquerda, ganhou, fez a “cagnotte” com algumas fichas pequenas e dobrou a parada para dois mil francos novos — duzentos mil francos velhos.

Ganhou essa mão e a seguinte. Agora era vencer o obstáculo da terceira mão e lançar-se à corrida! Ganhou-a com um nove natural! Oitocentos mil na banca (foi o que Bond calculou). Ganhou de novo, desta vez com dificuldade — seu seis contra um cinco. Depois decidiu jogar seguro e juntar um pouco de capital. Do milhão e seiscentos, pediu que os seiscentos fossem postos “en garage”, retirados da parada, deixando uma banca de um milhão. Ganhou outra vez. Agora pôs um milhão “en garage”. A banca era novamente de um milhão e agora Bond tinha garantido um milhão e seiscentos acontecesse o que acontecesse! Estava sendo difícil, porém, completar sua parada. A mesa começava desconfiar desse inglês moreno que jogava tão calmamente, a desconfiar do meio sorriso de certeza em sua boca quase cruel. Quem seria ele? De onde viria? Que fazia? Havia um murmúrio de excitada especulação ao redor da mesa. Já fizera uma rodada de seis mãos. O inglês embolsaria sua pequena fortuna e passaria a banca? Ou continuaria a bancar? Sem dúvida as cartas têm de mudar! Mas a decisão de James Bond estava tomada. As cartas não têm memória na derrota. Também não têm memória na vitória. Bancou mais três mãos acrescentando cada vez um milhão à sua “garage”. Em seguida, a pequena e velha dama inglesa, que até então deixara as apostas para os outros, entrou e abafou-lhe a banca na décima mão. Bond sorriu-lhe, sabendo que ela ia ganhar. E ela ganhou, vergonhosamente, com um az contra a “büche” de Bond — dois reis, fazendo zero.

Houve um suspiro de alívio em roda da mesa. O encanto fora quebrado! E um sussurro de inveja quando as pesadas placas de madreperla formando uma pilha de quase um pé de altura, com o valor de quatro milhões e seiscentos mil francos, bem mais de três mil libras, foram empurradas na

direção de Bond pela espátula do “croupier”. Bond jogou uma placa de mil francos novos para o croupier, recebeu o tradicional “Merci, Monsieur! Pour le personnel!” e o jogo continuou.

James Bond acendeu um cigarro e prestou pouca atenção enquanto a caixa dava a volta à mesa longe dele. Ganhara uma bolada, que diabo! Uma bela bolada! Agora precisava ter cuidado. Sentar em cima. Mas não ter cuidado demais, não sentar em cima de tudo! Essa era uma noite gloriosa. Mal passava de meia-noite. Não desejava ainda ir embora. Que fosse, portanto! Faria sua banca quando chegasse sua vez, mas nada de abafar” a* banca dos outros — absolutamente não. As cartas estavam esquentando. Sua rodada demonstrara isso. Agora haveria outras rodadas e ele poderia queimar facilmente os dedos se insistisse.

Bond tinha razão. Quando a caixa chegou ao Número Cinco, a um dos magnatas de Lille dois lugares à esquerda de Bond, um jogador de maneiras rudes e voz alta que fumava charuto em uma piteira de âmbar e ouro, agarrava as cartas com dedos excessivamente manicurados e batia-as sobre a mesa como um jogador alemão de “tarot” ele passou rapidamente pela terceira mão e disparou. Executando seu plano, Bond deixou-o de lado e agora, na sexta mão, a banca estava em duzentos mil francos novos — dois milhões de francos velhos. A mesa mostrava-se desconfiada de novo. Cada um estava sentado sobre seu dinheiro.

O “croupier” e o “Chef de Jeu” fizeram seus anúncios em voz alta:

— Un banco de deux cent mille! Faites vos jeux, messieurs. Il reste à compléter! Un banco de deux cent mille! Foi então que aconteceu! Ela surgira do nada e estava em pé ao lado do “croupier”. Bond não teve tempo para observar mais que os braços dourados, um belo rosto dourado com brilhantes olhos azuis e lábios muito cor-de-rosa, uma espécie de vestido branco liso e cabelos dourados caindo até os ombros, antes de ouvir: “Banco!”

Todos olharam para ela e fez-se silêncio por um momento. Ouviu-se depois o “croupier” gritar “Le banco est fait” e o monstro de Lille (como agora parecia aos olhos de Bond) começou a arrancar as cartas da caixa. As cartas dela foram-lhe levadas pela espátula do “croupier”.

Ela se curvou e houve um momento de discreta abertura no branco V de seu decote.

— “Une carte.”

Bond sentiu uma dor no coração. Ela sem dúvida não tinha mais que cinco. O monstro virou suas cartas. Sete. Depois arrancou outra carta para ela e jogou-a desdenhosamente através da mesa. Uma sorridente dama!

O “croupier” virou delicadamente as duas outras cartas dela com a ponta de sua espátula. Quatro! Ela perdera.

Bond gemeu por dentro e olhou-a para ver como recebera a derrota.

O que viu não foi tranquilizador. A moça estava segredando urgentemente para o “Chef de Jeu”. Este sacudia a cabeça, enquanto gotas de suor corriam por seu rosto. No silêncio que se fez ao redor da mesa, aquele silêncio que lambe os lábios ao sentir o cheiro forte de escândalo e que agora eletrizava o ar, Bond ouviu o “Chef de Jeu” dizer com firmeza: — “Mais c’est impossible. Je regrette, madame. Il faut vous arranger à la caisse.”

Entre os espectadores e os jogadores correu então, como um viscoso réptil, o mais horrível de todos os sussurros que se ouvem em um cassino: “Le coup du déshonneur! Cest le coup du déshonneur! Quelle honte! Quelle honte!”

Oh, meu Deus! pensou Bond. Ela deu o golpe! Ela não tinha o dinheiro! E por alguma razão não consegue crédito na caixa!

O monstro de Lille estava tirando o máximo de vantagem da situação. Sabia que o cassino pagaria caso a jogadora não pagasse. Estava sentado, de olhos baixos, chupando seu charuto, com ar de vítima.

Bond, porém, sabia que estigma a moça teria pelo resto de sua vida. Os cassinos da França formam um forte sindicato. Precisam ser assim. No dia seguinte seriam remetidos telegramas dizendo: “*Madame la Comtesse* Teresa di Vincenzo, passaporte número X, deve ser incluída na lista negra.” Isso seria o fim de sua vida em cassinos na França, na Itália, provavelmente também na Alemanha, no Egito e na Inglaterra. Era o mesmo que ser considerado como seguro muito arriscado pelo *Lloyd’s* ou pela firma de *Dun and Bradstreet*, na City. Nos círculos americanos de jogo, ela talvez fosse até mesmo liquidada. Na Europa, seu destino seria quase tão severo. Nos círculos onde presumivelmente se movimentava ela seria sempre vista com maus olhos. O “coup du déshonneur” era coisa que não se fazia. Representava o ostracismo social.

Sem preocupar-se com o ostracismo social, pensando apenas na

maravilhosa garota que o ultrapassava entre Abbeville e Montreuil, James Bond inclinou-se ligeiramente para a frente. Jogou duas das preciosas placas de madrepérola no centro da mesa. Com entonação ligeiramente enfadada e ligeiramente perplexa, disse: “Desculpe-me. Madame esqueceu-se de que combináramos jogar de parceria esta noite.”

Sem olhar para a moça, mas falando com autoridade ao “Chef de Jeu”, acrescentou:

— Peço-lhe desculpas. Estava pensando em outra coisa. Que continue o jogo.

A tensão em volta da mesa diminuiu. Ou melhor voltou-se para outro objetivo, para longe da moça. Seria verdade o que dissera esse inglês? Devia ser! Ninguém paga dois milhões de francos por uma mulher. Mas antes não houvera relação entre eles — pelo que se pudera ver. Estavam sentados em lados opostos da mesa. Nenhum sinal de cumplicidade havia sido trocado. E a moça? Não demonstrara emoção. Não olhara uma única vez diretamente para o homem. Depois afastara-se silenciosamente da mesa, em direção ao bar. Sem dúvida havia aí algo estranho — algo que não se compreendia. Mas o jogo continuava. O “Chef de Jeu” disfarçadamente enxugou o rosto com um lenço. O “croupier”, ergueu a cabeça, que antes parecia estar curvada sob alguma espécie de guilhotina emocional. Agora restabelecera-se o velho padrão. “La partie continue. Un banco de quatre cent mille!”

James Bond olhou para a pilha ainda enorme de fichas entre seus braços curvados e relaxados. Seria ótimo conseguir de volta aqueles dois milhões de francos. Talvez transcorressem horas antes que uma banca de igual tamanho oferecesse a oportunidade. Afinal de contas, estava jogando com o dinheiro do cassino! Seus lucros representavam dinheiro “achado” e, se perdesse, ainda poderia ir embora com um pequeno lucro — mais que suficiente para pagar sua noite no Royale. Além disso, adquirira aversão pelo monstro de Lille. Seria divertido inverter a velha fábula — primeiro salvar a moça, depois matar o monstro. E já era tempo de acabar a sorte do homem. Afinal de contas, as cartas não têm memória.

James Bond não tinha recursos suficientes para cobrir toda a banca, mas apenas metade dela, o que se chama de “avec la table”, significando que os outros jogadores poderiam cobrir o restante se desejassem. Esquecendo-se da estratégia conservadora que jurara seguir apenas meia hora antes, Bond inclinou-se um pouco para a frente e disse “Avec la table”, ao mesmo tempo que empurrava duzentos mil francos novos sobre a linha.

Outros dinheiros seguiram o seu na mesa. Não era esse o inglês de dedos de sorte? Bond ficou satisfeito ao notar que a pequena e velha inglesa tipo Agatha Christie o apoiara com dez mil. Era um bom augúrio! Olhou para o banqueiro, o homem de Lille. Seu charuto afundara-se na piteira e seus lábios, prendendo a piteira, estavam brancos. O homem suava profusamente. Estava em dúvida se passava a mão e recolhia seus gordos lucros ou se arriscava mais uma vez. Seus vivos olhos de porco corriam ao redor da mesa, calculando se seus quatro milhões estavam cobertos.

O “croupier” queria apressar a jogada. Disse com firmeza:

— *C'est plus que fait, monsieur.*

O homem de Lille decidiu-se. Deu rápida batida na caixa, enxugou a mão na baeta e forçou uma carta para fora. Em seguida, puxou mais uma para si próprio, outra para Bond e a quarta para si. Bond não estendeu a mão através do Número Seis para apanhar as cartas. Esperou que lhes fossem empurradas pelo “croupier”. Mal as levantou da mesa, separou-as entre as mãos o suficiente para ver os pontos, juntou-as de novo e deixou-as cair suavemente sobre a mesa. Tinha cinco! Aquele ponto incerto em que se pode pedir ou não! As probabilidades de aproximar-se ou distanciar-se do nove são iguais. Disse “Não” serenamente e olhou para as anônimas costas rosadas das duas cartas diante do banqueiro. O homem levantou-as e raivosamente jogou-as abertas sobre a mesa. Dois valetes. Uma “büche”! Zero.

Agora só havia quatro cartas que podiam vencer Bond e apenas uma, o cinco, que podia empatar com ele. O coração de Bond batia forte. O homem agarrou a caixa, arrancou a carta e abriu-a na mesa. Um nove, o nove de ouros! A praga da Escócia! A melhor!

Foi mera formalidade virar a carta e revelar o miserável cinco de Bond. Mas houve um rugido em volta da mesa. “Il fallait tirer”, disse alguém. Mas se tivesse pedido, Bond teria recebido o nove e baixado seus pontos para quatro. Tudo dependia da carta seguinte, cuja língua rosada agora escondia seu segredo na boca da caixa. Bond não esperou para ver. Dirigiu aos que rodeavam a mesa um fino e pesaroso sorriso para pedir desculpas a seus companheiros de perda, enfiou o resto das fichas no bolso do paletó, deu uma gorjeta ao “huissier” que se mostrara tão diligente em esvaziar seu cinzeiro durante as horas de jogo e afastou-se da mesa em direção ao bar, enquanto o “croupier” anunciava triunfalmente: “Un banco de huit cent mille francs! Faites vos jeux, messieurs! Un banco de huit cent mille nouveaux francs”. Que vá para o diabo! pensou Bond. Meia hora antes tinha uma pequena

fortuna nos bolsos. Agora, devido a uma mistura de quixotismo romântico e pura loucura, perdera tudo. Bem, pensou, encolhendo os ombros, não desejava uma noite memorável? Essa era a primeira metade dela. Como seria a outra metade?

A moça estava sentada sozinha, com meia garrafa de *Pol Roger* à sua frente, olhando melancolicamente para o vazio. Mal levantou os olhos quando Bond se sentou na cadeira ao seu lado e disse: — Bem, acho que nosso sindicato perdeu de novo. Tentei recuperar. Fui “avec”. Devia ter deixado aquele bruto sozinho. Plantei com cinco. Ele tinha uma “büche” e tirou um nove.

— Devia ter pedido com o cinco — disse a moça apaticamente. — Eu sempre peço.

Depois de refletir um momento, acrescentou:

— Mas nesse caso você ficaria com quatro. Qual era a carta seguinte?

— Não esperei para ver. Vim procurá-la.

Ela o olhou de soslaio, como que para avaliá-lo.

— Por que me socorreu quando dei o “coup de déshonneur”?

Bond encolheu os ombros.

— A moça bonita em perigo. Além disso, ficamos amigos entre Abbeville e Montreuil esta tarde. Você guia como um anjo — disse sorrindo. — Mas acho que não conseguiria ultrapassar-me se eu estivesse prestando atenção. Eu estava a uns noventa e não me dei ao trabalho de ficar de olho no espelho. Estava pensando em outras coisas.

O gambito deu resultado. A vivacidade voltou ao rosto e à voz da moça.

— Oh, sim. Eu o teria vencido de qualquer jeito. Passaria à sua frente nas aldeias. Além disso — havia uma ponta de amargura em sua voz — eu sempre seria capaz de derrotá-lo. Você quer continuar vivo.

Oh, senhor! pensou Bond. É uma delas! Uma moça com uma asa, talvez duas asas caídas. Preferiu ignorar a observação. A meia garrafa de *Krug* que pedira chegou. Após o “huissier” ter derramado a bebida até a metade do copo, Bond encheu-o até a borda. Ergueu-o em direção a ela sem exagero.

— Meu nome é Bond, James Bond. Por favor, fique viva, pelo menos

esta noite.

Ela o olhou gravemente, examinando-o. Depois também bebeu. Disse:

— Meu nome é Tracy. É um diminutivo de todos os nomes que lhe disseram na portaria do hotel. Teresa foi uma santa. Eu não sou santa. O gerente talvez seja um romântico. Falou-me sobre suas perguntas. Agora podemos ir? Não estou interessada em conversa. E você ganhou sua recompensa.

Levantou-se abruptamente. O mesmo fez Bond, confuso.

— Não. Eu irei sozinha. Você pode ir mais tarde. O número é 45. Lá, se quiser, poderá praticar o mais caro ato de amor de sua vida. Custou-lhe quatro milhões de francos. Espero que valha a pena.

4 - *Todos os gatos são pardos*

ELA ESTAVA esperando na grande cama de casal, com um simples lençol puxado até o queixo. Os cabelos louros espalhavam-se como asas douradas sob o abajur de leitura que era a única luz acesa do quarto. Os olhos azuis cintilavam com um fervor que, em outras mulheres, em outras camas, James Bond teria sabido interpretar. Mas essa mulher estava dominada por tensões que ele nem sequer podia imaginar. Trancou a porta após entrar e foi sentar-se na beira da cama. Pôs uma mão firmemente sobre o montinho que era seu seio esquerdo.

— Agora, escute, Tracy — começou, pretendendo fazer pelo menos uma ou duas perguntas, descobrir alguma coisa sobre essa jovem maravilhosa que fazia coisas históricas como jogar sem dinheiro para pagar suas dívidas e guiar automóvel como uma suicida potencial, insinuando que já sofrerá o suficiente na vida.

A jovem, porém, estendeu rapidamente uma mão que cheirava a “Ode” de Guerlain e pousou sobre seus lábios.

— Eu disse: Nada de conversa. Tire essas roupas. Ame-me. Você é

simpático e forte. Deseja lembrar-me de como isso pode ser. Faça o que quiser. Diga o que quer e o que gostaria que eu fizesse. Seja rude comigo. Trate-me como a mais baixa prostituta de toda a criação. Esqueça-se de tudo o mais. Não faça perguntas. Tome-me.

Uma hora mais tarde, James Bond escorregou para fora da cama sem acordá-la, vestiu-se à luz das lâmpadas da avenida que se filtrava entre as cortinas e voltou para seu quarto.

Tomou um banho de chuveiro, enfiou-se entre os frios e ásperos lençóis franceses de sua própria cama e não pensou mais nela. Antes de dormir, lembrou-se apenas do que ela lhe dissera depois de tudo acabado: “Foi o paraíso, James. Por favor, volte quando acordar. Preciso disso mais uma vez.” Depois, ela se virará para o outro lado e, sem responder a seus últimos carinhos, adormecera — mas não sem que antes ele a ouvisse chorar.

Que diabo era isso? No escuro todos os gatos são pardos.

Verdadeira ou falsa.

Bond adormeceu.

Às oito horas acordou-a e foi de novo a mesma coisa gloriosa. Desta vez, porém, teve a impressão de que ela o segurava com mais ternura, o beijava não apenas com paixão, mas também com afeição. Mas, depois, quando deviam estar fazendo planos para o dia, sobre onde iriam almoçar, onde iriam banhar-se, ela a princípio se mostrou evasiva e em seguida, quando ele a apertou, foi infantilmente abusiva.

— Vá para o inferno! Ouviu? Você já obteve o que queria. Agora vá-se embora!

— Não era isso também que você queria?

— Não. Você é um amante muito ordinário. Vá-se embora.

Bond reconheceu o limiar da histeria, pelo menos do desespero. Vestiu-se devagar, esperando que viessem as lágrimas, que soluços sacudissem o lençol que agora a cobria completamente. Mas as lágrimas não vieram. Isso era ruim! Em certo sentido, essa garota chegara ao fim de sua corda, de muitas cordas. Bond sentiu uma onda de afeição por ela, um irresistível impulso de protegê-la, de resolver seus problemas, de fazê-la feliz. Com a mão no trinco da porta, disse delicadamente:

— Tracy. Deixe-me ajudá-la. Você tem algumas dificuldades. Isso não é o

fim do mundo. Eu também tenho. Todo mundo tem.

Os monótonos lugares comuns caíram no quarto silencioso e escuro como restos de carvão em uma lareira.

— Vá para o inferno!

No instante de abrir e fechar a porta, Bond hesitou entre fechá-la com uma batida, para tirar a jovem de sua melancolia, ou fechá-la suavemente. Fechou-a suavemente. Brutalidade de nada adiantaria com essa garota. Ela havia sofrido, de alguma maneira, em algum lugar — havia sofrido demais. Afastou-se pelo corredor, sentindo-se, pela primeira vez na vida, totalmente inadequado.

*

(A *Bombard* continuava subindo o rio. Passara pelo ancoradouro de iates e, com as margens estreitando-se, a correnteza tornava-se mais forte. Os dois bandidos na popa ainda mantinham seus olhos quietos fixados em Bond. Na proa, a moça ainda erguia seu orgulhoso perfil contra o vento como a figura de proa de um veleiro. Em Bond, o único calor estava no contato de seu corpo com as costas da moça e de sua mão com o cabo da faca. Todavia, de maneira curiosa, sentia-se mais perto dela, muito mais perto, do que nos arroubos da noite anterior. Por alguma razão indefinível, sabia que ela era tão prisioneira quanto ele. Como? Por quê? Bem à frente brilhavam esparsamente as luzes do *Vieux Fort* outrora próximo do mar, mas que ficara para trás devido a algum capricho das correntes do Canal que formaram a entrada do rio. Antes de muitos anos, teriam de construir um novo porto, mais perto da emboscada do rio, para os barcos de alto mar que abasteciam Royale de solhas e lagostas, caranguejos e camarões. Deste lado das luzes havia ocasionais e solitários embarcadouros construídos no rio por proprietários de iates particulares. Por trás deles havia vilas que tinham nomes como “Rosalie”, “Toi e Moi”, “Nid Azur” e “Nouvelle Vague”. James Bond acariciou a faca e aspirou o perfume de “Ode” que chegava até ele por cima do mau cheiro da lama e das algas nas margens do rio. Seus dentes nunca haviam batido antes. Agora estavam batendo. Fê-los parar e voltou a suas recordações.) Normalmente, o desjejum era parte importante do dia para Bond, mas agora mal reparava no que estava comendo. Tomou depressa a refeição e sentou-se ao lado da janela olhando para além do passeio, fumando um cigarro atrás do outro e pensando na moça. Nada sabia de positivo a respeito dela, nem mesmo sua nacionalidade. O Mediterrâneo estava em seu nome, mas ela certamente não era italiana nem

espanhola. Seu inglês era impecável, suas roupas e a maneira de usá-las eram produtos de ambientes caros — talvez uma escola de aperfeiçoamento suíça. Ela não fumava, parecia beber apenas moderadamente e não havia sinais de entorpecentes, y Não havia sequer comprimidos sedativos ao lado de sua cama ou em seu banheiro. Não podia ter mais de vinte e cinco anos, mas fazia o amor com o fervor e experiência de uma mulher que, como dizem os americanos, tivesse “percorrido a estrada”. Não rira uma única vez e quase não sorrisse. Parecia dominada por profunda melancolia, por alguma forma de moleza espiritual que, segundo ela própria admitia, fazia com que a vida não valesse mais a pena de ser vivida. No entanto, não havia um único daqueles sinais que se associa à histeria da mulher neurótica — os cabelos desarrumados, a maquiagem descuidada, a atmosfera de desordem e caos que criam ao seu redor. Pelo contrário, ela parecia possuir uma vontade fria como gelo, autoridade sobre si própria e idéia exata sobre o que queria e para onde estava indo. Mas para onde estava indo? Na idéia de Bond ela tinha intenções desesperadas, muito provavelmente de suicídio, e a noite anterior fora a última gota.

Bond olhou para o pequeno carro branco que agora não estava muito longe do seu no pátio de estacionamento. Precisava de qualquer maneira conservar-se perto dela, vigiá-la, pelo menos até convencer-se de que suas terríveis conclusões estavam erradas. Como primeiro passo, chamou a portaria e pediu um Simca Aronde pelo sistema “guie você mesmo”. Sim, o carro seria entregue imediatamente e deixado no pátio de estacionamento. Ele devia levar sua carta de habilitação internacional e seu cartão de seguro à portaria, onde seriam completadas as formalidades.

Bond barbeou-se, vestiu-se, levou os documentos para baixo e voltou a seu quarto. Lá ficou, observando a entrada e o pequeno carro branco até 4,30 da tarde. Então, finalmente, ela apareceu, com a saída de banho listrada de preto e branco, e Bond correu pelo corredor até o elevador. Não foi difícil segui-la enquanto ela rodava pela avenida e deixava seu carro em um dos pátios de estacionamento. Não houve problema também para o pequeno e anônimo Citroën 2CV que seguia Bond.

Estabeleceu-se então a seqüência de seguidores e seguido que se encaminhava agora para seu misterioso clímax, enquanto a pequena *Bombard* navegava pelo rio Royale acima sob as estrelas.

Que pensar disso tudo? Ela fora uma isca consciente ou inconsciente? Seria seqüestro? Nesse caso, de um ou dos dois? Seria chantagem? Vingança do marido ou de outro amante? Ou seria assassinio?

Bond ainda estava escarafunchando sua mente para descobrir indícios quando o timoneiro virou a *Bombard* em uma larga curva através da corrente em direção a um maltratado e esquelético ancoradouro que se projetava da margem barrenta para o rio. Do escuro uma poderosa lanterna iluminou-os, uma corda caiu ruidosamente e o barco foi puxado para perto de lamacentos degraus de madeira. Um dos bandidos subiu primeiro, seguido pela moça, cujo maio se balançava lasciva-mente abaixo do paletó de Bond, em seguida Bond e depois o segundo bandido. A *Bombard* recuou rapidamente e continuou sua viagem rio acima, presumivelmente, pensou, Bond, rumo a seu legítimo ancoradouro no Vieux Port.

No ancoradouro havia dois outros homens, mais ou menos da mesma compleição que os primeiros. Nenhuma palavra foi dita enquanto, cercados, a moça e Bond foram escoltados ao longo da pequena estrada poeirenta que se afastava do ancoradouro através das dunas de areia. A cem jardas do rio, escondida em uma garganta entre altas dunas, havia uma luz frouxa. Quando se aproximou, Bond viu que provinha de um daqueles gigantescos caminhões de transporte de alumínio corrugado que, por trás de uma cabina articulada percorrem as artérias rodoviárias da França soltando fumaça de *diesel* e sibilando raivosamente com seus freios hidráulicos enquanto serpenteiam através de cidades e aldeias. Era um carro brilhante e polido. Ao se aproximarem, o homem com a lanterna fez algum sinal e um oblongo de luz amarela surgiu prontamente quando a porta de trás foi aberta. Bond segurou sua faca. As probabilidades estariam de alguma maneira dentro do razoável? Não estavam. Antes de subir a escada para o interior do veículo, olhou de relance a chapa. A licença comercial dizia: “Marseille-Rhône. M. Draco. Appareils Électriques, 397694.” Mais um enigma!

No interior, graças a Deus, estava quente. Um corredor estendia-se entre fileiras de pilhas de caixas marcadas com nomes famosos de fabricantes de televisão. Disfarces? Havia também cadeiras dobradas e sinais de um jogo de cartas interrompido. Aquele lugar era presumivelmente usado como sala de guarda. Depois, de ambos os lados, as portas de cabinas. Tracy estava esperando em uma das portas. Estendeu o paletó para Bond, disse sem expressão “Obrigada” e fechou a porta, após Bond ter visto de relance um interior luxuoso. Bond demorou-se vestindo o paletó. O único homem que o seguia, com a arma na mão, disse impaciente-mente: “Allez!” Bond pensou em saltar sobre ele. Mas, lá atrás, os outros três homens estavam vigiando. Bond contentou-se em dizer um brando “Merde à vous!” e encaminhou-se para a porta de alumínio que presumivelmente fechava o terceiro e mais

avançado compartimento desse estranho veículo. Atrás dessa porta estava a resposta. Era provavelmente um homem — o chefe. Essa talvez fosse a única oportunidade. A mão direita de Bond já estava segurando o cabo da faca no bolso da calça. Estendeu a mão esquerda e, em um rápido movimento saltou através da porta, fechou-a atrás de si com o pé e agachou-se, com a faca pronta para ser arremessada.

Sentiu o guarda jogar-se contra a porta, mas estava encostado a ela e resistiu. O homem, a dez pés de distância, atrás da mesa, facilmente ao alcance da faca, gritou algo, uma ordem, uma ordem jovial e alegre em uma língua que Bond jamais ouvira. A pressão na porta cessou. O homem mostrou um sorriso largo e encantador que dividiu em dois seu rosto de nogueira enrugada. Levantou-se e ergueu vagarosamente as mãos.

— Eu me rendo. E agora sou um alvo muito maior. Mas não me mate, peço-lhe. Pelo menos até tomarmos uma boa dose de uísque com soda e conversarmos um pouco. Depois deixarei que decida de novo, está bem?

Bond ergueu-se inteiramente. Retribuiu ao sorriso. Não pôde evitá-lo. O homem tinha um rosto tão encantador, tão cheio de humor, malícia e magnetismo que, pelo menos em seu atual papel, Bond não poderia matá-lo mais do que poderia matar Tracy, por exemplo.

Havia um calendário pendurado na parede ao lado do homem. Bond desejava deixar escapar o vapor contra alguma coisa, qualquer coisa. Disse “Dezesseis de setembro” e estendeu a mão direita para a frente rapidamente. A faca lampejou através do quarto, passou a cerca de uma jarda do homem e enterrou-se, tremulando, no meio da folha do calendário.

O homem voltou-se e olhou curiosamente para o calendário. Riu alto.

— Efetivamente, no quinze. Mas muito respeitável. Preciso fazê-lo enfrentar meus homens um dia destes. Seria mesmo capaz de apostar em você. Assim eles aprenderiam uma lição.

Saiu de trás da mesa. Era um homem pequeno, de meia idade, com um rosto enrugado e moreno. Vestia um terno azul escuro confortável da mesma espécie que o usado pelo próprio Bond. No peito e nos braços os músculos saltavam. Bond notou a largura do corte do paletó embaixo das axilas. Feito para armas? O homem estendeu a mão. Era quente, firme e seca.

— Marc-Ange Draco é meu nome. Já ouviu falar nele?

— Não.

— Ah! Mas eu já ouvi falar em você. É o comandante James Bond. Tem uma condecoração denominada C.M.G. É membro, importante membro, do Serviço Secreto de Sua Majestade. Foi afastado de suas funções habituais e está executando missão temporária no estrangeiro.

O rosto malicioso enrugou-se de satisfação.

— Está certo?

James Bond, para ocultar sua confusão, atravessou a sala até o calendário, verificou que realmente havia acertado no quinze, tirou a faca e enfiou-a de novo no bolso da calça. Virou-se e disse:

— Por que pensa isso?

O homem não respondeu à pergunta, mas disse:

— Vamos. Sente-se. Tenho muita coisa a conversar consigo.” Mas, primeiro o uísque com soda, não acha?

Indicou uma confortável poltrona colocada diante da sua, do outro lado da mesa, pôs diante dela uma grande caixa de prata contendo várias espécies de cigarros, encaminhou-se para um armário de metal encostado à parede e abriu-o. Não continha fichários. Era um bar completo e compacto. Com eficientes movimentos de dono de casa tirou uma garrafa de Pinchbottle Haig, outra de I. W. Harper’s Bourbon, dois copos grandes que pareciam Waterford, um balde de cubos de gelo, um sifão de soda e um frasco de água gelada. Uma a uma colocou todas essas coisas sobre a mesa entre sua poltrona e a de Bond. Depois, enquanto Bond se servia de Bourbon e água com bastante gelo, foi sentar-se do outro lado da mesa, apanhou a garrafa de Haig e disse, fitando Bond diretamente nos olhos: — Sei quem é você por intermédio de um bom amigo no *Deuxième* em Paris. Ele é pago para dar-me essas informações quando desejo. Soube desses fatos hoje bem cedo. Estou no campo oposto ao seu — mas não diretamente oposto. Digamos, em uma tangente do campo.

Fez uma pausa. Ergueu seu copo. Depois disse com muita seriedade.

— Agora vou depositar confiança em você. Pelo único meio possível. Vou mais uma vez colocar minha vida em suas mãos.

Bebeu. Bond fez o mesmo. Na geladeira do armário o zumbido do gerador irrompeu no que Bond de repente percebeu que ia ser um importante momento de verdade. Não sabia qual ia ser a verdade. Achava que não ia ser má. Mas tinha a intuição de que, de alguma maneira, talvez por ter adquirido

respeito e afeição por esse homem, tal verdade ia fazer com que ele próprio se envolvesse profundamente.

O gerador parou.

Os olhos no rosto de noqueira fitaram-se nos seus.

— Eu sou o chefe da *Union Corse*.

5 - *O capu*

A UNION CORSE! Agora pelo menos parte do mistério estava explicado. Bond olhou sobre a mesa para os olhos castanhos que agora observavam astutamente suas reações enquanto seu espírito corria o fichário que tinha o inocente título de *Union Corse*, mais mortal e talvez até mesmo mais antiga que a *Unione Siciliano*, a *Mafia*. Sabia que ela controlava a maior parte do crime organizado em toda a França metropolitana e nas colônias — chantagem de proteção, contrabando, prostituição e eliminação de quadrilhas rivais. Apenas alguns meses antes, certo Rossi fora morto a tiros em um bar de Nice. Um ano antes disso, certo Jean Giudicelli fora liquidado depois de terem falhado várias tentativas anteriores. Esses dois homens eram, segundo se sabia, pretendentes ao trono do Capu — o homem jovial e exuberante agora sentado pacificamente do outro lado da mesa na frente de Bond. Havia também aquele misterioso negócio do tesouro de Rommel, que se supunha estar escondido no fundo do mar ao largo de Bastia. Em 1948, um mergulhador checo chamado Fleigh, que pertencera à *Abwehr* (*) e seguira a pista do tesouro, recebera da *Union* uma advertência para que abandonasse a busca e depois desaparecera da face da terra. Ainda recentemente, o corpo de um jovem mergulhador francês, André Mattei, fora encontrado crivado de balas à beira da estrada perto de Bastia. Vangloriara-se estupidamente nos bares locais de saber o paradeiro do tesouro e contara que ia mergulhar para procurá-lo. Marc-Ange conheceria o segredo desse tesouro? Seria ele o responsável pela morte desses dois mergulhadores? A pequena aldeia de Calenzana, na Balagne, orgulhava-se de ter produzido mais bandidos que qualquer outra vila da Córsega e de ser conseqüentemente uma das mais prósperas. O prefeito local ocupava o cargo desde vinte e seis anos antes,

sendo um dos mais antigos ocupantes de prefeitura da França. Marc-Ange era sem dúvida filho daquela comunidade, conhecia os segredos do famoso prefeito, tinha informação, por exemplo, sobre aquele “gangster” americano que acabara de voltar para um retiro discreto na aldeia depois de uma carreira altamente proveitosa nos Estados Unidos.

(*) Contra-espionagem.

Seria divertido deixar escapar alguns desses nomes casualmente naquela salinha sossegada — divertido contar a Marc-Ange que Bond conhecia o velho embarcadouro abandonado chamado Port de Crovani, perto da aldeia de Galeria, e a antiga mina de prata chamada Argentella nos montes situados por trás dele, cujo labirinto de túneis subterrâneos abrigava uma das maiores junções mundiais do tráfico de heroína. Sim, seria divertido assustar seu captor como retribuição pelo susto que ele lhe dera. Contudo, era melhor conservar essa munição de reserva até que mais coisas fossem reveladas! No momento, interessava anotar que esse era o Q.G. itinerante de Marc-Ange Draco. Seu contato no *Deuxième Bureau* devia ser um informante essencial. Bond e a moça haviam sido “buscados” para algum propósito que ainda não fora anunciado. O “empréstimo” do barco de socorro *Bombard* teria sido uma simples questão de dinheiro aplicado no lugar certo, talvez acompanhado por um “pot de vin” para que os guarda-costas olhassem do outro lado. Os guardas eram corsos. Pelo menos pareciam ser. Para uma organização tão poderosa quanto a *Union*, a operação inteira era simples — tão simples na França quanto o seria para a *Mafia* na maior parte da Itália. E agora outros véus iam ser levantados! James bebeu vagarosamente e observou com respeito a fisionomia do outro homem. Esse era um dos grandes profissionais do mundo! (Como era típico da Córsega, pensou Bond, o fato de seu maior bandido ter o nome de anjo! Lembrava-se que dois outros famosos bandidos corsos se chamavam “Gracieux” e “Toussaint” — “Todos os Santos”.) Marc-Ange falou em inglês excelente, mas às vezes meio desajeitado, como se houvesse aprendido bem, mas tivesse pouca oportunidade de usar o idioma.

— Meu querido comandante — disse ele — tudo quanto vou discutir consigo deverá, por favor, ficar por trás de seu Herkos Odonton. Conhece a expressão? Não?

O sorriso largo iluminou o rosto.

— Então, se me permite dizer, sua educação foi incompleta. É grego clássico. Significa literalmente “a cerca dos dentes”. É o equivalente grego de “segredo absoluto”. Combinado?

Bond encolheu os ombros.

— Se contar-me segredos que afetem minha profissão, temo precisar passá-los adiante.

— Compreendo isso perfeitamente. O que desejo discutir é um assunto pessoal. Trata-se de minha filha, Teresa.

Santo Deus! O caso estava realmente se complicando! Bond ocultou sua surpresa e disse:

— Então concordo. É Herkos Odonton — acrescentou sorrindo.

— Obrigado. Você é um homem que merece confiança. Precisa ser, em sua profissão, mas vejo isso também em seu rosto. Vamos então ao caso.

Acendeu um *Caporal* e sentou-se em sua poltrona. Olhava para um ponto na parede de alumínio acima da cabeça de Bond, só ocasionalmente fitando-lhe os olhos quando desejava acentuar alguma coisa.

— Casei-me apenas uma vez, com uma moça inglesa, uma governanta inglesa. Ela era romântica. Fora à Córsega procurar bandidos — disse sorrindo — como algumas mulheres inglesas se aventuram no deserto para procurar xeques. Explicou-me mais tarde que devia estar possuída pelo desejo subconsciente de ser violentada. Bem — desta vez não sorriu — encontrou-me nas montanhas e foi violentada... por mim. A polícia estava atrás de mim nessa época, como tem estado durante a maior parte de minha vida, e a moça era um grande estorvo. Contudo, por uma razão qualquer, recusou abandonar-me. Havia nela algo de selvagem, um amor pelo não convencional e, só Deus sabe a razão, gostou dos meses em que fomos perseguidos de caverna para caverna, obtendo alimento por meio de roubos à noite. Aprendeu mesmo a limpar e cozinhar um “moufflon”, nosso carneiro das montanhas, e a comer a carne do animal, que é dura como sola de sapato e tem gosto quase igual. E naqueles meses malucos fiquei amando essa moça, levei-a às ocultas para Marselha e casei-me com ela.

Fez uma pausa e olhou para Bond, antes de acrescentar:

— O resultado, meu caro comandante, foi Teresa, minha única filha.

Então, pensou Bond, isso explicava a curiosa mistura que havia em Teresa — aquela intrigante espécie de “dama” selvagem. Que complexo de sangues e temperamentos! Corsico-inglesa. Não era de admirar que não tivesse conseguido definir sua nacionalidade.

— Minha esposa morreu há dez anos — prosseguiu Marc-Ange, erguendo a mão, como para mostrar que não desejava manifestações de simpatia — e fiz com que a menina concluísse sua educação na Suíça. Eu já era rico e naquela época fui eleito Capu, isto é, chefe da *Union*, com o que me tornei infinitamente mais rico — por meios que o meu querido comandante pode imaginar, mas não precisa investigar. A menina era — como é que vocês dizem? — aquela encantadora expressão — “a pupila de meus olhos” e eu dei a ela tudo quanto desejava. Mas era selvagem, uma ave selvagem, sem lar adequado ou, como eu sempre estava viajando, sem supervisão adequada. Após terminar seus estudos na Suíça, ingressou na leviana sociedade internacional a cujo respeito se lê nos jornais — milionários sul-americanos, principetes indianos, ingleses e americanos de Paris, “playboys” de Cannes e Gstaad. Estava sempre entrando e saindo em encrencas e escândalos. Quando eu a repreendia e cortava sua mesada, praticava alguma loucura ainda maior — para vingar-se de mim, acho eu. Fez uma pausa e olhou para Bond. Havia agora em seu rosto feliz uma terrível expressão de miséria.

— Mas durante todo o tempo, por trás de sua fanfarronice, o sangue de sua mãe estava fazendo com que ela odiasse a si própria, com que se desprezasse cada vez mais. Como vejo agora, o verme da autodestruição conseguira introduzir-se nela e, por trás da alegre e juvenil fachada, estava comendo o que só posso descrever como sua alma.

Tornou a olhar para Bond, antes de prosseguir.

— Como sabe, meu amigo, isto pode acontecer a homens e a mulheres. Queimam o próprio coração vivendo muito sofregamente e de repente examinam sua vida e vêem que nada valem. Tiveram de tudo, comeram todos os doces em um grande banquete, e nada restou. Ela fez o que hoje vejo ter sido uma desesperada tentativa de voltar aos trilhos, por assim dizer. Sem contar-me nada, casou-se, talvez com a idéia de assentar a vida. Mas o homem, um italiano indigno chamado Vincenzo, conde Júlio Vincenzo, tomou o máximo que pôde de seu dinheiro e abandonou-a, deixando-a com uma filhinha. À custa de dinheiro, obtive um divórcio e comprei para minha filha um pequeno castelo no Dordogne. Instalei-a lá e, durante algum tempo, com um bebê e um belo jardim para cuidar, ela pareceu estar quase em paz. Depois, meu amigo, há seis meses, a criança morreu — morreu vítima da mais terrível das doenças infantis, meningite espinal.

Fez-se silêncio na pequena sala de metal. Bond pensou na moça que estava a algumas jardas ao longo do corredor. Sim. Ele estivera perto da

verdade. Vira um pouco dessa trágica história no calmo desespero da jovem. Ela chegara realmente ao fim da estrada!

Marc-Ange levantou-se de sua poltrona, deu a volta à mesa e serviu mais uísque para si e para Bond.

— Desculpe-me — disse. — Sou um mau anfitrião. Mas foi um grande alívio para mim contar a outro homem esta história, que sempre guardei fechada em meu íntimo.

Descansou uma mão sobre o ombro de Bond.

— Você compreende isso?

— Sim. Compreendo. Mas ela é uma bela moça. Ainda tem quase toda sua vida por viver. Já pensou em psicanálise? Ou na religião dela? Ela é católica?

— Não. Sua mãe não quis que fosse. É presbiteriana. Mas espere eu acabar a história.

Voltou para sua poltrona e sentou-se pesadamente.

— Depois da tragédia, ela desapareceu. Levou suas jóias e partiu naquele seu carrinho. De vez em quando eu ouvia notícias dela, vendendo suas jóias e vivendo furiosamente por toda a Europa, em sua antiga sociedade. Naturalmente, seguia-a, fiz com que fosse vigiada sempre que pude, mas ela fugiu a todas as tentativas que fiz para nos encontrarmos e conversarmos. Depois, soube por intermédio de um meu agente que ela havia reservado para a noite passada um quarto aqui, no Splendid, e vim à pressa de Paris, nisto — acentuou, indicando com a mão — porque tinha um pressentimento de tragédia. Era aqui que passávamos os verões em sua infância e ela sempre amou este lugar. Nada maravilhosamente e é quase literalmente apaixonada pelo mar. Quando recebi a notícia, tive de repente uma terrível lembrança, a lembrança de um dia em que fez uma arte e ficou fechada em seu quarto toda a tarde em lugar de ir à praia. Naquela noite, disse à sua mãe, muito calmamente: “Você me fez muito infeliz não me deixando ir até o mar. Um dia, se eu ficar realmente infeliz, nadarei mar adentro, seguindo o rumo da lua ou do sol, e continuarei nadando até afundar. É o que farei!” Sua mãe contou-me a história e rimos juntos daquela raiva infantil. Agora, porém, tornei de repente a lembrar-me do fato e pareceu-me que sua fantasia infantil poderia ter ficado em seu íntimo, fechada bem no fundo de seu ser, e que, desejando por termo à vida, ela a ressuscitara e ia agir de acordo com ela. Por isso, meu

caro amigo, fiz com que fosse vigiada de perto desde o momento em que chegou. Sua conduta cavalheiresca no caso, pela qual — disse, fitando Bond — agradeço-lhe agora sinceramente, foi-me comunicada, assim como naturalmente os movimentos posteriores de vocês dois.

Ergueu a mão quando viu Bond mexer-se embaraçado em sua poltrona.

— Não há motivo para envergonhar-se ou pedir desculpas pelo que você fez ontem à noite. Um homem é um homem, e quem sabe?... Mas voltarei a isso depois. O que você fez, a maneira como se comportou em geral, talvez tenha sido o início de uma espécie de terapia.

Bond lembrou-se de como, na *Bombard*, a moça cedera quando se encostara a ela. Fora uma reação minúscula, mas demonstrara afeição e calor maiores que todos os êxtases físicos da noite. Agora, teve de repente uma idéia vaga da razão pela qual estava ali, de onde se encontrava a raiz do mistério, e sentiu um calafrio, como se alguém tivesse caminhado sobre seu túmulo.

— Por isso — continuou Marc-Ange — às seis horas da manhã de hoje, fiz a indagação a meu amigo do *Deuxième*. Às oito horas, ele foi a seu escritório e aos arquivos centrais. Às nove horas, enviou-me informações completas a seu respeito — pelo rádio. Tenho uma estação de grande potência neste veículo.

Sorriu enquanto prosseguia:

— Esse é outro de meus segredos que ponho em suas mãos. O relatório, se assim pode ser chamado, foi inteiramente a seu favor, como funcionário de seu Serviço e, ainda mais importante, como homem — um homem, quero dizer, nos termos em que entendo a palavra. Por isso refleti. Refleti a manhã inteira. E, por fim, dei ordens para que vocês dois fossem trazidos à minha presença.

Fez um gesto vago com a mão direita, antes de acrescentar.

— Não preciso contar-lhe os pormenores de minhas instruções. Você as viu em execução. Você foi incomodado. Peço-lhe desculpas. Talvez tenha pensado que estava em perigo. Perdoe-me. Só espero que meus homens se tenham portado com correção, com finura.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo — respondeu Bond, sorrindo. — Se a apresentação precisava ser feita com duas automáticas apontadas, isso

apenas tornou tudo mais memorável. O negócio todo foi sem dúvida executado com precisão e eficiência.

— Agora está sendo sarcástico — observou Marc-Ange com expressão pesarosa. — Creia-me, porém, meu amigo, eram necessárias medidas drásticas. Sei que eram necessárias.

Abriu a gaveta superior de sua mesa, tirou uma folha de papel de carta e estendeu-a a Bond.

— Lendo isto, concordará comigo. Esta carta, que devia ser-me remetida para Marselha, foi entregue na portaria do Splendid às 4,30 da tarde de hoje, quando Teresa saiu e você a seguiu. Você suspeitou de alguma coisa? Também temeu por ela? Leia-a, por favor.

Bond tomou a carta, ao mesmo tempo que dizia:

— Sim. Fiquei preocupado por causa dela. É uma moça que merece ser objeto de preocupações.

Ergueu a carta. Continha apenas algumas palavras, escritas com clareza e decisão.

Querido papai.

Sinto muito, mas chega o que já passei. Só é triste porque conheci esta noite um homem que talvez me fizesse mudar de idéia. É um inglês chamado James Bond. Por favor, procure-o e pague-lhe 200.000 francos novos que lhe devo. E agradeça-lhe por mim.

Isto não é culpa de ninguém, mas só minha.

Adeus e perdoe-me.

TRACY

Bond não olhou para o homem que havia recebido essa carta. Fez o papel escorregar sobre a mesa em direção a ele. Tomou um grande gole de uísque e apanhou a garrafa, ao mesmo tempo que dizia: — Sim, compreendo.

— Ela gosta de chamar-se Tracy. Acha que Teresa parece muito imponente.

— Sim.

— Comandante Bond — disse Marc-Ange, em cuja voz havia agora uma terrível urgência — urgência, autoridade e apelo. — Meu amigo, ouviu toda a história e agora viu a prova. Quer ajudar-me? Quer ajudar-me a salvar essa menina? Minha única probabilidade está em você dar-lhe esperança, dar-lhe uma razão para viver. Quer?

Bond conservou os olhos fitos na mesa à sua frente. Não se atrevia a erguer os olhos e ver a expressão do rosto desse homem. Tivera razão, razão de temer ser envolvido em toda essa complicação particular! Praguejou entre os dentes. A idéia aterrorizava-o. Não era um Bom Samaritano. Não era médico de pássaros feridos. O que ela precisava, disse ferozmente consigo mesmo, era do diva do psiquiatra. Tivera por ele uma atração passageira e ele por ela. Agora, sabia disso, iam pedir-lhe para apanhá-la e carregá-la talvez pelo resto da vida, perseguido pelo conhecimento, pela silenciosa chantagem, de que, se a largasse, seria quase certamente o mesmo que matá-la. Disse taciturnamente: — Não vejo como possa ajudar. Em que está pensando? Apanhou seu copo e olhou para ele. Bebeu, para ter coragem de olhar a fisionomia de Marc-Ange do outro lado da mesa.

Os suaves olhos castanhos do homem brilhavam de tensão. A pele escura e enrugada ao redor da boca afundara-se em pregas mais profundas. Fitando Bond nos olhos, explicou:

— Quero que faça a corte à minha filha e se case com ela. No dia do casamento eu lhe darei um dote pessoal de um milhão de libras em ouro.

James Bond explodiu furiosamente:

— O que me pede é absolutamente impossível. A moça está doente. O que precisa é de um psiquiatra. Não de mim. Não quero casar-me com ninguém. Não quero também um milhão de libras. Tenho dinheiro suficiente para minhas necessidades. Tenho minha profissão. (Será verdade? E a carta de

demissão? Bond ignorou a voz íntima). Precisa compreender isso tudo.

De repente não pôde mais suportar o sofrimento que via estampado no rosto do homem. Disse suavemente:

— Ela é uma garota maravilhosa. Farei tudo quanto puder por ela. Mas só quando estiver boa de novo. Então certamente gostarei de vê-la de novo — gostarei muito. Mas, se ela pensa tão bem de mim, se você pensa o mesmo, então ela precisa primeiro ficar boa por sua própria vontade. É o único meio. Qualquer médico lhe dirá o mesmo. Precisa internar-se em uma clínica, a melhor que existir, na Suíça, provavelmente, e sepultar seu passado. Precisa voltar a ter vontade de viver. Então e só então haverá alguma vantagem em nos encontrarmos de novo.

Agora estava procurando convencer Marc-Ange.

— Você compreende, não compreende, Marc-Ange? Eu sou um homem impiedoso. Admito-o. Não tenho paciência para servir como enfermeiro de ninguém, seja homem ou mulher. Sua idéia de tratamento só poderia deixá-la ainda mais desesperada. Você precisa compreender que não posso aceitar a responsabilidade, por mais que sua filha me atraia — concluiu Bond desajeitadamente — o que é uma verdade.

O outro homem falou resignadamente:

— Compreendo-o, meu amigo. E não o importunarei com outros argumentos. Procurarei agir da maneira que sugere. Mas poderia fazer-me mais um único favor? São nove horas. Quer levá-la jantar esta noite? Fale com ela como quiser, mas mostre-lhe que é estimada, que você tem afeição por ela. O carro dela e suas roupas estão aqui. Mande trazê-los. Se puder convencê-la de que gostaria de vê-la de novo, acho que eu serei capaz de fazer o resto. Fará isso por mim?

Que noite, meu Deus! pensou Bond. Contudo, sorriu com todo o calor que pôde encontrar.

— Naturalmente — disse. — Terei o maior prazer nisso. Mas estou com passagem reservada para o primeiro avião que sai de Le Touquet amanhã cedo. Depois disso, você assumirá a responsabilidade por ela?

— Certamente, meu amigo. Claro que o farei — prometeu Marc-Ange, esfregando bruscamente a mão nos olhos — perdoe-me. Mas a verdade é que me deu esperança no fim de uma longa noite.

Endireitou os ombros e repentinamente se inclinou sobre a mesa, baixando decididamente as mãos.

— Não vou agradecer-lhe. Não posso, mas digo-lhe isto, meu amigo: existe no mundo alguma coisa que eu possa fazer por você, neste momento? Tenho grandes recursos, grande conhecimento, grande poder. Está tudo à sua disposição. Não existe coisa alguma que eu possa fazer por você?

Bond teve um lampejo de inspiração. Sorriu largamente.

— Há uma pequena informação que eu desejo. Existe um homem chamado Blofeld, Ernest Stavro Blofeld. Já deve ter ouvido falar nele. Gostaria de saber se está vivo e onde pode ser encontrado.

A fisionomia de Marc-Ange passou por uma notável modificação. Agora o bandido frio, cruel, vingador, olhava através dos olhos, que de repente se tornaram tão duros quanto opalas pardas.

— Ah! — exclamou pensativamente. — Blofeld. Sim, certamente está vivo. Ainda recentemente subornou três de meus homens, tirou-os da *Union* à custa de dinheiro. Já fizera isso comigo antes. Três dos membros do antigo ESPECTRO foram tirados da *Union*. Espere, vamos descobrir o que for possível.

Havia sobre a mesa um único telefone preto. Marc-Ange levantou o fone e imediatamente Bond ouviu a crepitação do operador respondendo.

— *Dammi u commandu.*

Marc-Ange descansou novamente o fone e explicou:

— Pedi ligação com meu quartel-general em Ajaccio. Estarão na linha dentro de cinco minutos. Mas preciso falar depressa. A polícia talvez conheça minha frequência, embora eu a mude uma vez por semana. Mas o dialeto còrsico ajuda.

O telefone tocou. Quando Marc-Ange apanhou o fone, Bond pôde ouvir o zumbido e crepitação que conhecia tão bem. Marc-Ange falou, com uma voz de rascante autoridade.

— *Ecco u Capu. Avette nuttizie di Blofeld, Ernst Stravo? Duve sta? —* Uma voz crepitou baixo — *Site Sigura? Ma no ezzatu indirizzo? —* Mais crepitação. — *Buon. Sara tutto.*

Marc-Ange repôs o fone no gancho. Abriu os braços como quem pede desculpas.

— Só sabemos que se encontra na Suíça. Não temos seu endereço exato. Isso ajuda? Sem dúvida seus homens poderão encontrá-lo... se a *Sécurité* suíça ajudar. Mas são uns brutos difíceis de lidar, quando se trata de informações sobre um morador da Suíça, particularmente se for rico.

A pulsação de Bond acelerara-se com a sensação de vitória. Eu o apanhei, bastardo! pensou. Em voz alta, disse entusiasticamente:

— Isso é maravilhoso, Marc-Ange. O resto não será difícil. Temos bons amigos na Suíça.

Marc-Ange sorriu satisfeito com a reação de Bond. Disse com expressão séria:

— Mas se as coisas correrem mal, neste caso ou em qualquer outro, procure-me imediatamente, sim?

Abriu uma gaveta e tirou uma folha de papel, que entregou a Bond:

— Este é meu endereço declarado. Telefone-me ou cabografe-me, mas escreva seu pedido ou sua informação em termos usados em negócios de aparelhos elétricos. Uma partida de rádios chegou defeituosa. Você esperará meu representante em tal ou tal lugar, em tal ou tal dia. Sim? Você compreende esses truques, afinal de contas — observou sorrindo maliciosamente — creio que você tem ligação com uma firma internacional de exportação. “Universal Export”, não é?

Bond sorriu. Como podia o velho diabo conhecer essas coisas? Seria conveniente advertir o Serviço? Não. Esse homem tornara-se amigo. E, afinal de contas, tudo isso era Herkos Odonton.

Marc-Ange disse hesitantemente:

— E agora posso trazer Teresa? Ela não sabe o que estivemos discutindo. Digamos que foi sobre um dos roubos de jóias do Sul da França. Você representa a companhia de seguros. Eu fiz um negócio particular com você. Pode dizer isso? Ótimo.

Levantou-se, aproximou-se de Bond e pousou a mão sobre seu ombro.

— E muito obrigado. Obrigado por tudo.

Em seguida encaminhou-se para a porta e saiu. Oh, meu Deus! pensou Bond. Agora é a minha parte da barganha.

6 - *Bond da rua Bond?*

Dois MESES depois, em Londres, James Bond guiava preguiçosamente seu carro de seu apartamento em Chelsea para o quartel-general.

Eram nove e meia da manhã de outro belo dia desse belo ano, mas, em Hyde Park, a fragrância de folhas queimadas significava que o inverno estava chegando. Bond nada tinha em mente a não ser a frustração de esperar que a Estação Z conseguisse de alguma maneira perfurar as reservas da *Sécurité* suíça e descobrir o endereço exato de Blofeld. Mas seus “amigos” em Zurique continuavam a mostrar-se obtusos ou, mais provavelmente, teimosos. Não havia em toda a Suíça traços de qualquer homem, turista ou residente, chamado Blofeld. Nem havia indício da existência em solo suíço de um ESPECTRO renascido. Sim, compreendiam perfeitamente que Blofeld ainda era urgentemente “procurado” pelos governos da OTAN. Haviam arquivado cuidadosamente todas as circulares dedicadas à captura desse homem e no último ano seu nome fera constantemente reconfirmado nas listas de “vigilância” em todos os postos fronteiriços. Sentiam muito, mas, a menos que o SIS pudesse apresentar outras informações ou dados a respeito desse homem, eram obrigados a supor que o SIS estava agindo com base em indícios errôneos. A Estação Z pedira para examinar as listas secretas nos bancos, inspecionar aquelas notas “numeradas” anônimas que ocultam os donos da maioria do dinheiro fugitivo do mundo. Esse pedido fora categoricamente rejeitado. Blofeld era sem dúvida um grande criminoso, mas a *Sécurité* via-se obrigada a acentuar que tais informações só podiam ser obtidas se o criminoso em questão fosse culpado de algum crime cometido em território suíço, e passível de pena nos termos do Código Federal. É verdade que esse Blofeld fizera chantagem com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, após apossar-se ilegalmente de armas atômicas. O fato, porém, não podia ser considerado crime pelas leis da Suíça e, particularmente, não tinha relação com o Artigo 47B da legislação bancária. Isso encerrava o assunto. O Santo Franco, e os fundos que o apoiavam, viessem de onde viessem, precisavam permanecer intocáveis. *Wir bitten höflichst um Entschuldigung.*

(*)

(*) Pedimos desculpas.

Bond ficou pensando se devia entrar em contato com Marc-Ange. Até então, em seu relatório, fizera apenas ligeira alusão à *Union Corse* que citara, de maneira geral, como fonte de sua informação. Fugiu, porém, a esse curso de ação, que sem dúvida teria, como uma de suas conseqüências, a reabertura do caso de Tracy com Marc-Ange. E esse canto de sua vida, de seu coração, desejava deixar em paz por enquanto. A última noite juntos haviam passado sossegadamente, quase como se fossem velhos amigos, velhos amantes. Bond dissera que a “Universal Export” ia mandá-lo para o estrangeiro por algum tempo. Certamente voltariam a encontrar-se quando ele regressasse à Europa. A jovem aceitara esse arranjo. Ela própria resolvera passar algum tempo repousando. Esforçara-se demais. Estava à beira de um colapso nervoso. Esperaria por ele. Talvez pudessem esquiar juntos na época do Natal? Bond mostrara-se entusiasmado com a idéia. Naquela noite, depois de um maravilhoso jantar no pequeno restaurante escolhido por Bond, amaram-se com felicidade e desta vez sem desespero, sem lágrimas. Bond convenceu-se de que o tratamento realmente começara. Experimentava profundo sentimento de proteção em relação a ela. Sabia, porém, que suas relações, tanto quanto a serenidade dela, dependiam de um fio que não devia ser tocado.

Foi a essa altura de suas reflexões que o sincrofone no bolso de sua calça começou a chamar. Bond acelerou o carro, saiu do parque e estacionou ao lado da cabina telefônica pública em Marble Arch. O sincrofone fora introduzido pouco tempo antes e era carregado por todos os agentes adidos ao quartel-general. Era um leve receptor de rádio, de matéria plástica, mais ou menos do tamanho de um relógio de bolso. Quando um agente estava em qualquer parte de Londres, dentro de um raio de dez milhas do quartel-general, podia ser chamado através do receptor. Quando isso acontecia, era seu dever procurar o telefone mais próximo e estabelecer contato com seu escritório. Isso porque precisavam urgentemente dele.

Bond discou para o único número externo que tinha permissão de usar, disse “007 falando” e foi imediatamente posto em contato com sua secretária. Era uma secretária nova. Loelia Ponsonby demitira-se finalmente para casar-se com um maçante, mas digno e rico membro da Bolsa Báltica e limitava suas relações com o velho emprego à remessa para os membros da Seção DUPLO-O de cartões de Natal e aniversário bastante saudosos. A nova secretária, Mary Goodnight, uma ex-integrante do Real Serviço Naval Feminino, de cabelos louros, olhos azuis e medidas 94-55-90, era um encanto

e havia na Seção um bolo de cinco libras a ser ganho por quem a conquistasse primeiro. Bond era considerado o favorito, em igualdade de condições com um ex-integrante do Real Comando dos Fuzileiros Navais, que tinha o número de 006, mas desde que conhecera Tracy abandonara o páreo e agora se considerava um verdadeiro azarão, embora ainda, desavergonhadamente, flertasse com ela. Agora lhe disse: — Bom dia, Goodnight. Que deseja? É guerra ou paz?

Ela deu uma risadinha muito pouco profissional, antes de responder:

— Parece bastante pacífico, tão pacífico quanto podem ser as mensagens urgentes lá de cima. Você deve ir imediatamente ao College of Arms e procurar o Grifo de Ouro.

— De quê?

— De Ouro. Oh, ele é Passavante também, seja isso o que for. É um dos Arautos. Parece que tem alguma espécie de informação sobre “Bedlam”.

“Bedlam” era o nome cifrado da operação de perseguição a Blofeld. Bond disse seriamente:

— Tem mesmo? Então é melhor eu ir depressa. Adeus, Goodnight.

OuvIU-a rir de novo antes de repor o fone no gancho.

Que significava isso? Bond voltou a seu carro, que felizmente não despertara a atenção da polícia ou dos guardas de trânsito, e atravessou rapidamente Londres. Era estranho! Como diabo entrava na história o College of Arms, sobre o qual sabia muito pouco, a não ser que seus membros pesquisavam árvores genealógicas, conferiam escudos de armas e organizavam várias cerimônias reais.

O College of Arms fica na rua Queen Victoria na periferia da cidade. É um pequeno e agradável prédio antigo, em estilo Rainha Ana, construído em tijolos vermelhos com janelas corrediças brancas e um conveniente pátio calçado, onde Bond estacionou o carro. Escadas de pedra em forma de ferradura levam à imponente entrada, sobre a qual, naquele dia, pendia uma bandeira ostentando um esplêndido animal heráldico, meio quadrúpede e meio pássaro, dourado sobre fundo azul pálido. Grifo, pensou Bond. Feito de Ouro. Atravessou a porta e entrou em um grande e escuro saguão, cujas paredes de lambris escuros estavam forradas de embolorados retratos de orgulhosos cavalheiros em rufos e rendas e de cujas cornijas pendiam as bandeiras da Comunidade. O porteiro, homem amável e de fala mansa,

vestindo uniforme cor de cereja com botões bronzeados, perguntou a Bond o que desejava. Bond pediu para falar com Grifo de Ouro e confirmou que tinha entrevista marcada.

— Ah, sim, senhor — disse o porteiro misteriosamente. — Grifo de Ouro está de plantão esta semana. É por isso que sua bandeira está hasteada lá fora. Por aqui, faça o favor, cavalheiro.

Bond seguiu o porteiro ao longo de um corredor forrado de brilhantes escudos de armas em madeira esculpida, subiu uma úmida escada cheia de teias de aranha, virou uma esquina e chegou a uma porta na qual estava escrito em letras douradas “Passavante Grifo de Ouro”, sob uma reprodução do mesmo grifo dourado. O porteiro bateu, abriu a porta e anunciou Bond. Em seguida, deixou-o em um estúdio desarrumado, cheio de livros, papéis e pergaminhos com inscrições aparentemente importantes, tendo à sua frente uma cabeça calva, redonda e dourada, cercada por cachos de cabelos grisalhos. A sala tinha o cheiro de uma cripta de igreja. Bond caminhou pelo estreito tapete estendido entre as pilhas de livros e papéis e parou ao lado da única poltrona que havia diante do homem sentado por trás da mesa coberta de livros. Limpou a garganta. O homem ergueu os olhos e seu rosto ornamentado por um “pince-nez” mostrou um vago sorriso. Levantou-se e fez uma ligeira mesura.

— Bond — disse ele com voz que rangia como um baú velho. — Comandante James Bond. Vejamos, Bond, Bond, Bond. Acho que está aqui.

Tinha o dedo sobre a página aberta de um enorme volume. Sentou-se e Bond fez o mesmo.

— Sim, sim, sim. Realmente muito interessante. Muito. Acho, porém, que terei de decepcioná-lo, meu caro senhor. O título está extinto. Na realidade é um título de baronete. Muito conveniente. Mas sem dúvida poderemos estabelecer uma relação através de um ramo colateral. Agora, vejamos... Temos umas dez famílias Bond diferentes. A mais importante extinguiu-se com Sir Thomas Bond, cavalheiro muito distinto. Morava em Peckham. Infelizmente, não teve filhos — o “pince-nez” cintilou encorajadoramente para Bond — filhos legítimos, quero dizer. Naturalmente, naquela época... hum... a moral tendia a ser um pouco mais frouxa. Se pudéssemos estabelecer uma relação com Peckham...

— Eu não tenho relação alguma com Peckham. O que eu...

Grifo de Ouro ergueu a mão e disse severamente:

— De onde provieram seus pais, posso perguntar? Esse, meu caro amigo, é o primeiro passo na cadeia. Depois recuaremos a partir daí: Somerset House, registros de paróquias, inscrições em velhos túmulos. Sem dúvida, com um velho e bom nome inglês como o seu, chegaremos por fim a algum lugar.

— Meu pai era escocês e minha mãe era suíça. Mas a questão...

— Já sei, já sei. Está procurando com o custo da pesquisa. Isso, meu caro amigo, podemos deixar para depois. Agora, diga-me uma coisa. De que lugar da Escócia proveio seu pai? Isso é importante. Os registros escoceses são naturalmente muito menos documentados que os do Sul. Naquele tempo, sou obrigado a admitir, nossos primos de além fronteira eram pouco menos que selvagens.

Grifo de Ouro inclinou a cabeça polidamente. Deu um sorriso fugidio e, aos olhos de Bond, bastante falso.

— Selvagens muito agradáveis, naturalmente, muito corajosos e tudo o mais. Mas, infelizmente, muito fracos na feitura de seus registros. Mais úteis com a espada do que com a pena, se assim posso dizer. Mas talvez seus avós e seus antepassados tenham provindo do. Sul.

— Meu pai proveio de Highlands, de perto de Glencoe. Mas escute...

Grifo de Ouro, porém, não se deixava desviar da busca. Puxou em sua direção outro grosso livro. Seu dedo correu pela página de tipos pequenos.

— Hum. Hum. Hum. Sim, sim. Acho que não é muito encorajador. O “General Armory” de Burke menciona mais de dez famílias diferentes com seu nome. Infelizmente, porém, nenhuma é da Escócia. Mas isso não significa que não haja ramo escocês. Agora, talvez o senhor tenha outros parentes vivos. Nesses casos, muitas vezes há algum primo distante...

Grifo de Ouro enfiou a mão no bolso de seu colete de seda com padrão de flores roxas, que se abotoava quase até a elegante gravata borboleta, tirou uma caixinha de rape de prata, ofereceu-a a Bond e tomou duas enormes pitadas. Explodiu duas vezes em um grande e florido lenço.

Bond aproveitou a oportunidade. Inclinou-se para a frente e disse distinta e energicamente:

— Não vim aqui para falar a meu respeito. É a respeito de Blofeld.

— Que é isso? — exclamou Grifo de Ouro, olhando-o espantado. — O senhor não está interessado em sua linha genealógica?

Ergueu um dedo em sinal de censura.

— Compreende, meu caro amigo, que se tiver êxito poderá reivindicar a descendência direta — hesitou um pouco — ou pelo menos colateral de um antigo baronete cujo título foi instituído — voltou a seu primeiro volume e examinou-o — no ano de 1658!? Não o entusiasmo o fato de um possível antepassado seu ter sido responsável pela denominação de uma das mais famosas ruas do mundo... Refiro-me, naturalmente, à rua Bond? Foi Sir Thomas Bond, baronete de Peckham no condado de Surrey, que, como certamente o senhor sabe, era Controlador da Casa Real da Rainha Mãe, Henrietta Maria. A rua foi construída em 1686 e suas ligações com gente britânica famosa são, naturalmente, bem conhecidas. O primeiro duque de St. Albans, filho de Nell Gwynn, viveu lá, do mesmo modo que Laurence Sterne. O famoso jantar de Boswell realizou-se lá, com a presença de Johnson, Reynolds, Goldsmith e Garrick. O deão Swfit e Canning lá residiram em épocas diferentes e é curioso lembrar que Lorde Nelson vivia no número 141, enquanto Lady Hamilton vivia no número 145. Essa, meu caro senhor, é a grande via pública cujo nome o senhor tem! Ainda continua não desejando reivindicar essa ligação tão distinta? Não?

As espessas sobancelhas, que se tinham erguido de espanto, abaixaram-se então em nova censura.

— É o próprio tecido da história, meu caro comandante Bond.

Apanhou outro volume que estava aberto sobre a mesa e que fora evidentemente preparado para deleite de Bond.

— O escudo de armas, por exemplo. Isso certamente deve interessá-lo, deve ser pelo menos de profundo interesse para sua família, para seus filhos. Sim, aqui está. “Prata sobre uma asna sable com três besantes”.

Levantou o livro para que Bond pudesse ver.

— Besante é uma bola dourada, como o senhor deve saber. Três bolas.

Bond comentou secamente:

— É sem dúvida um valioso prêmio — a ironia ficou perdida para Grifo de Ouro — mas acho que ainda não estou interessado. E não tenho parentes, nem filhos. Agora, quanto a esse homem...

Grifo de Ouro interrompeu-o excitadamente.

— É este encantador lema da linhagem: “O Mundo Não é Bastante”. Não desejaria ter o direito de usá-lo?

— É um excelente lema que certamente adotarei — disse Bond laconicamente, ao mesmo tempo que olhava ostensivamente para o relógio. — Agora, acho que devemos realmente tratar de negócios. Preciso voltar ao meu Ministério.

Passavante Grifo de Ouro parecia genuinamente ofendido.

— Mas é um nome que data pelo menos de Norman le Bond em 1180! Um velho e belo nome inglês, embora talvez inicialmente de origem baixa. O “Dictionary of British Surnames” sugere que a significação é claramente “lavrador, camponês, rústico”.

Haveria uma ponta de malícia nos olhos aguados do Grifo quando acrescentou com resignação:

— Mas, se não está interessado em seus antepassados, nas origens de sua família, então, meu caro senhor, em que lhe posso ser útil?

Até que enfim! James Bond soltou um suspiro de alívio. Disse pacientemente:

— Vim aqui indagar a respeito de um certo Blofeld, Ernst Stavro Blofeld. Parece que sua organização tem alguma informação a respeito desse homem.

Os olhos de Grifo de Ouro revelaram repentina suspeita.

— Mas o senhor se apresentou como comandante James Bond. E agora o nome é Blofeld. Como explica isso?

Bond disse friamente:

— Pertenço ao Ministério da Defesa. Em algum lugar neste prédio existe informação sobre um homem chamado Blofeld. Onde poderei encontrá-la? — Grifo de Ouro correu perplexamente a mão por sua auréola de cabelos encaracolados.

— Blofeld, não é? Bem, bem — disse, olhando acusadoramente para Bond. — Desculpe-me, mas o senhor sem dúvida desperdiçou muito tempo meu, tempo do “College”, comandante Bond. Para mim é um mistério porque não mencionou antes o nome desse homem. Agora, vejamos, Blofeld,

Blofeld. Pareço lembrar que foi mencionado outro dia em uma das reuniões de nosso Capítulo. Com quem estava o caso? Ah, sim.

Apanhou um telefone entre a confusão de livros e papéis e pediu:

— Ligue-me com Basilisco Sable.

7 - *O cabeludo calcanhar de Aquiles*

JAMES BOND sentia-se ainda completamente desanimado ao ser conduzido de novo pelos bolorentos corredores. Basilisco Sable! Que espécie de estúpido fóssil seria essa?

Surgiu outra pesada porta tendo em cima o nome em letras douradas, desta vez encimado por um assustador monstro negro de bico agressivo. Todavia, Bond entrou em uma sala clara, limpa e agradavelmente mobiliada, com estampas atraentes nas paredes e ordem meticulosa entre os livros. Havia um fraco cheiro de tabaco turco. Um moço, alguns anos mais novo que Bond, levantou-se e atravessou a sala para recebê-lo. Era muito magro, com um rosto delicado e fino, de aparência estudiosa, cuja seriedade era atenuada pelas rugas nos cantos da boca e por um lampejo irônico nos olhos calmos.

— Comandante Bond? — O aperto de mão foi rápido e firme. — Estava esperando-o Como foi cair nas garras de nosso querido Grifo? Ele, na minha opinião, é entusiasmado demais. Naturalmente, nós todos aqui somos entusiasmados. Mas ele exagera. É um bom sujeito, mas dedicado demais, se entende o que eu quero dizer.

Esse lugar era realmente como um colégio, refletiu Bond. Muito semelhante à atmosfera que se encontra no estúdio comum de uma universidade. Grifo de Ouro sem dúvida tinha Basilisco Sable na conta de um jovem e pretensioso diletante.

— Ele parecia muito ansioso — disse Bond — por estabelecer uma relação entre eu e a rua Bond. Levei algum tempo para convencê-lo de que estou perfeitamente satisfeito em ser um Bond comum, nome que, diga-se de

passagem, ele afirmou, um tanto grosseiramente em minha opinião, que significa “rústico”.

Basilisco Sable riu. Sentou-se à sua mesa, puxou um fichado em sua direção e acenou a Bond para que tomasse uma poltrona ao seu lado.

— Bem, vamos tratar de negócios. Em primeiro lugar — disse, fitando Bond bem nos olhos — acho, isto é, suponho, que isto é alguma espécie de questão de Serviço Secreto. Cumpri meu tempo no Serviço Secreto em BAOR, por isso não se preocupe com a questão de segurança. Em segundo lugar, neste edifício provavelmente temos tantos segredos quanto um departamento governamental — e segredos mais sujos, diga-se de passagem. Uma de nossas tarefas é sugerir títulos para pessoas que se tornam nobres pelas Listas de Honradas. Às vezes pedem-nos para estabelecer a propriedade de um título que ficou perdido ou extinto. O esnobismo e a vaidade positivamente enchem nossos fichários. Antes de meu tempo, certo cavalheiro que proviera do nada, ganhara milhões com alguma indústria ligeira e recebera um pariató “por serviços políticos e públicos” — isto é, obras de caridade e fundos partidários — sugeriu que poderia assumir o título de lorde Bentley Royal, tomado da aldeia de Essex. Explicamos-lhes que a palavra Royal não podia ser usada senão pela família reinante, mas, creio que um tanto perversamente, dissemos que o título de “Lorde Bentley Commom” (*) estava vago.

(*) “Common” tem a significação de “plebeu”.

Basilisco Sable sorriu, enquanto acrescentava:

— Compreendeu o que eu quero dizer? Se aquilo tivesse passado, o homem seria objeto de caçada em todo o país. As vezes temos também de procurar fortunas perdidas. Fulano de tal pensa que é o legítimo duque de Blank e que devia ficar com seu dinheiro. Acontece que seu nome é Blank e seus antepassados emigraram para a América, Austrália ou algum outro lugar. Assim, a avareza e a cobiça juntam-se ao esnobismo e à vaidade nestas salas. Naturalmente — prosseguiu, pondo as coisas no devido lugar — esse é apenas o décimo submerso de nosso trabalho. O restante é principalmente coisa oficial para governos e embaixadas — problemas de precedência e protocolo, as cerimônias da Jarreteira e outras. Estamos fazendo isso há uns quinhentos, portanto acho que elas têm seu lugar no plano geral das coisas.

— É claro que têm — disse Bond firmemente. — No que se refere a segurança estou certo de que podemos ser francos um com o outro. Quanto a

este homem, Blofeld... Na verdade ele é provavelmente o maior trapaceiro do mundo. Lembra-se daquele caso Thunderball há cerca de um ano? Pouca coisa transpirou nos jornais, mas posso dizer-lhe que este Blofeld estava no fundo de tudo. Agora, como ouviu falar nele? Com todos os pormenores, por favor. Tudo quanto diga respeito a ele é importante.

Basilisco Sable voltou sua atenção para a primeira carta do fichário.

— Sim — disse pensativamente — achei que poderia ser o mesmo sujeito ontem, quando recebi uma porção de chamados urgentes do Ministério do Exterior e do Ministério da Defesa. Não me havia ocorrido antes, creio eu, que este é um caso em que nossos segredos devem ficar em segundo lugar. Senão teria feito alguma coisa antes. Vejamos, em dez de junho último, recebemos esta carta confidencial de uma respeitável firma de procuradores de Zurique, datada do dia anterior. Eu a lerei: “Prezados senhores:

Temos entre nossos clientes uma estimável pessoa chamada Ernst Stavro Blofeld. Esse cavalheiro considera-se *Monsieur le Comte* Balthazar de Bleuville, acreditando ser herdeiro legítimo desse título que soubemos estar extinto. Essa crença é baseada em histórias que ouviu de seus pais na infância, segundo as quais sua família fugira da França na época da Revolução, fixara-se na Alemanha sob o nome adotivo de Blofeld, adotado para escapar às autoridades revolucionárias e proteger sua fortuna que havia sido seqüestrada em Augsburg, e posteriormente, na década de 1850, emigrara para a Polônia.

Nosso cliente está muito ansioso por ver esses fatos estabelecidos a fim de obter legalmente o direito ao título de Bleuville, com apoio de um *Acte de Notoriété* que oportunamente receberia o selo de aprovação do *Ministère de la Justice* em Paris.

Entrementes, nosso cliente pretende continuar adotando, embora provisoriamente, o título de *Comte* de Bleuville, juntamente com as armas da família, que nos informou ser “Argent four fusils in fesse guies”, e com o lema dos Bleuville, que é “Pelo Lar e pela Família”.

— Essa é boa! — exclamou Bond, interrompendo Basilisco Sable, que sorriu e continuou:

“Soubemos que constituís, prezados senhores, a única organização do mundo capaz de empreender esse trabalho de pesquisa e recebemos instruções para entrar em contato convosco *dentro das mais estritas condições de confiança*, que, em vista dos aspectos sociais envolvidos, acreditamos ter o

direito de pedir.

“A situação financeira de nosso cliente é impecável e as despesas não importam neste caso. Como honorário preliminar e aguardando a aceitação deste encargo, propomos um pagamento de mil libras esterlinas, a serem depositadas em vossa conta no banco que designardes.

“Aguardando o favor de uma breve resposta, somos, prezados senhores, *etc. etc.* Gebrüder Bumpold-Moosbrugger, Advokaten, 16-bis, Bahnhofstrasse, Zürich”.

Basilisco Sable ergueu os olhos. Os olhos de James Bond estavam brilhando de excitação. Basilisco Sable sorriu.

— Estamos ainda mais interessados do que você parece estar. Como sabe, para contar-lhe um segredo, nossos salários são extremamente modestos. Por isso, todos nós temos recursos particulares, que suplementamos com taxas recebidas por trabalhos especiais, como este. Essas taxas raramente vão além de cinquenta guinéus por um trabalho de pesquisa bem árduo e todas as visitas a Somerset House, a arquivos de paróquias e cemitérios, geralmente necessárias para traçar a linhagem de um homem. Assim, isto pareceu um verdadeiro desafio ao College e, como no dia em que chegou a carta eu estava “de plantão”, como uma espécie de “oficial de guarda”, a tarefa caiu em minhas mãos.

— E que aconteceu? — perguntou ansiosamente Bond.

— Você conservou o contato?

— Oh, sim, mas tenuamente, creio eu. Naturalmente, escrevi logo aceitando a incumbência e concordando em guardar o segredo que — observou sorrindo — você agora me obriga a romper, presumivelmente invocando a Lei de Segredos Oficiais. É isso, não é? Estou agindo por imposição de força maior, não é?

— Está de fato — disse Bond categoricamente. Basilisco Sable fez uma cuidadosa anotação na folha de cima de seu fichário e continuou: — Naturalmente, a primeira coisa que eu tinha de pedir era a certidão de nascimento do homem. Depois de certa demora, disseram-me que havia sido perdida e que eu não devia de maneira alguma preocupar-me com isso. O conde nascera realmente em Gdynia, de pai polonês e mãe grega — tenho aqui os nomes — em 28 de maio de 1908. Não poderia eu prosseguir minhas pesquisas do fim da linhagem Bleuville para trás? Respondi

contemporizando, mas a essa altura já estabelecera com base em elementos encontrados em nossa biblioteca que houvera uma família de Bleuilles, pelo menos a partir do século XVII, em um lugar chamado Blonville-sur-Mer, Calvados, e que suas armas e seu lema eram os apresentados por Blofeld.

Depois de uma pequena pausa, Basilisco Sable prosseguiu:

— Isso naturalmente ele já devia saber. Não haveria propósito em inventar uma família de Bleuville e tentar fazer com que a engolíssemos. Conteí aos advogados minha descoberta e em minhas férias de verão — sendo o Norte da França mais ou menos minha zona particular de atividade heráldica, por assim dizer, e muito rica em ligações com a Inglaterra — fui até lá em automóvel e farejei um pouco. Nesse meio tempo, porém, como questão de rotina, eu escrevera a nosso embaixador em Varsóvia e lhe pedira para entrar em contato com nosso cônsul em Gdynia, solicitando-lhe que empregasse um advogado para fazer as pesquisas simples no Registro e nas várias igrejas onde Blofeld pudesse ter sido batizado. A resposta, recebida em princípios de setembro, foi surpreendente, embora não o seja mais. As páginas que continham o registro do nascimento de Blofeld haviam sido cuidadosamente cortadas. Guardei esta informação para mim, isto é, não a transmiti aos advogados suíços porque me haviam dado instruções expressas para não fazer indagações na Polônia. Entrementes, eu realizara investigações semelhantes em Augsburg por intermédio de um advogado. Havia lá realmente registros de Blofelds, mas de uma profusão deles, pois é um nome alemão muito comum. De qualquer maneira, nada havia que ligasse esses Blofelds aos de Bleuilles de Calvados. Fiquei assim em um beco sem saída, mas isso já me acontecera antes muitas vezes. Escrevi um relatório neutro para os advogados suíços e disse que estava continuando minhas pesquisas. E foi só isso — disse Basilisco Sable, fechando o fichário — até ontem, quando meu telefone começou a tocar, presumivelmente porque alguém no Departamento do Norte do Ministério do Exterior esteve verificando as cópias arquivadas das missivas procedentes de Varsóvia e o nome Blofeld tocou como um sino. Depois, você apareceu com ar de grande impaciência saindo da caverna de meu amigo Grifo. E é só isso.

Bond cocou a cabeça pensativamente.

— Mas a bola ainda está em jogo?

— Oh, sim, certamente.

— Pode mantê-la em jogo? Acredito que não tem o atual endereço de

Blofeld.

Basilisco Sable sacudiu negativamente a cabeça.

— Não haveria alguma desculpa plausível para que você mandasse um enviado? — perguntou Bond, sorrindo. — Eu, por exemplo, não poderia ser enviado pelo College para ter uma entrevista com Blofeld — a fim de esclarecer algum ponto confuso que não possa ser explicado por correspondência, algo que exija uma inquirição pessoal de Blofeld?

— Bem, sim, existe um meio — admitiu Basilisco Sable com ar hesitante. — Em algumas famílias — sabe? — há uma acentuada característica física que passa inevitavelmente de geração a geração. O lábio dos Habsburgs é um exemplo. O mesmo se pode dizer da tendência à hemofilia entre os descendentes dos Bourbons. O nariz aquilino dos Medici é outro exemplo. Certa família real tem minúsculos vestígios de cauda. Os marajás originais de Mysore nasciam com seis dedos em cada mão. Eu poderia continuar indefinidamente citando exemplos, mas esses são os casos mais famosos. Quando eu estava examinando a cripta da capela de Blonville, dando uma olhada nos velhos túmulos dos Bleuilles, minha lanterna, movendo-se sobre os rostos de pedra, surpreendeu um fato curioso que guardei em meu espírito, mas que sua pergunta trouxe agora à superfície. Nenhum dos Bleuilles, pelo que pude ver, estendendo-se certamente por um período de cento e cinquenta anos, tinha lóbulos nas orelhas.

— Ah! — exclamou Bond, procurando recordar a fotografia de Blofeld no Identicast e a completa fisionometria do homem impressa nos Registros. — Então ele deveria por direito não ter lóbulos nas orelhas. Ou pelo menos se não os tivesse isso seria um forte indício em favor de sua causa.

— Exatamente.

— Bem, ele tem lóbulos — disse Bond, aborrecido. — Para dizer a verdade, lóbulos bem pronunciados. Assim, em que pé ficamos?

— Para começar, juntado ao que eu já sabia, isso faz com que ele provavelmente não seja um de Bleuville. Mas, afinal de contas — observou Basilisco Sable com ar malicioso — não há razão para que ele saiba qual característica física vamos procurar verificar nessa entrevista.

— Acha que poderíamos inventar uma?

— Não vejo porque não. Mas — acrescentou Basilisco Sable, como quem

pede desculpas — não faria questão se eu procurasse antes obter autorização do *Garter King of Arms*? Ele é meu chefe, por assim dizer, isto é, abaixo do duque de Norfolk, o *Earl Marshall*, e que eu me lembre nunca antes estivemos envolvidos em um caso assim de capa e espada. Na realidade — explicou Basilisco Sable — nós somos, precisamos ser, excessivamente meticulosos. Você compreende, não é?

— Naturalmente. E estou certo de que não haverá objeção. Mas, mesmo que Blofeld concordasse em receber-me, como diabo poderia eu desempenhar o papel? Para mim isto tudo é grego — disse Bond, sorrindo. — Não sou sequer capaz de distinguir goles de besantes e nunca consegui saber o que é um baronete. Que história contarei a Blofeld? Quem serei eu exatamente?

Basilisco Sable estava começando a entusiasmar-se. Disse alegremente:

— Oh, isso será fácil. Eu lhe ensinarei tudo quanto existe sobre os Bleuilles. Você poderá facilmente folhear alguns livros populares sobre heráldica. Não é difícil causar impressão nessa matéria. Muito poucas pessoas conhecem alguma coisa a respeito.

— Pode ser. Mas Blofeld é um animal muito esperto. Desejará um mundo de credenciais antes de receber alguém que não seja seu advogado e seu banqueiro. Quem serei eu exatamente?

— Você pensa que Blofeld é esperto porque viu o lado esperto dele — disse Basilisco Sable sabiamente. — Já vi centenas de pessoas espertas, da *City*, da indústria, da política — gente famosa que chegou a deixar-me assustado quando entrou nesta sala. Quando se trata, porém, de esnobismo, de comprar respeitabilidade, por assim dizer, seja o título que vão escolher, seja apenas um escudo de armas para pendurar sobre suas lareiras em Surbiton, eles diminuem e diminuem de tamanho na frente da gente — fez um gesto de cima para baixo com a mão sobre a mesa — até não ficarem maiores que um homúnculo. E as mulheres são ainda piores. A idéia de tornar-se de repente uma “lady” em sua pequena comunidade é tão embriagante que se torna positivamente obscena a maneira como desnudam suas almas, é como se — disse Basilisco Sable, franzindo sua testa alta e pálida, enquanto procurava uma comparação — esses cidadãos fundamentalmente bons, esses Smiths, Browns, Ioneses e — sorriu através da mesa — Bonds, considerassem o processo de enobrecimento como uma espécie de sagração, uma maneira de livrarem-se de toda a monotonia de suas vidas, de toda sua, por assim dizer, pobreza essencial, sua inferioridade básica. Não se preocupe com Blofeld. Ele

já engoliu a isca. Pode ser um bandido terrível e deve ser pelo que me lembro do caso., Talvez seja duro e impiedoso em seu setor de comportamento humano. Mas se está tentando provar que é o conde de Bleuville, pode ficar certo de várias coisas. Ele deseja mudar de nome. Isso é evidente. Deseja tornar-se uma personalidade nova e respeitável. Isso é evidente também. Mas acima de tudo deseja tornar-se conde.

Basilisco Sable bateu a mão aberta sobre a mesa para dar ênfase ao que dizia:

— Isso, Sr. Bond, é tremendamente significativo. — Ele é um homem rico e bem sucedido em seu setor de atividade — seja qual for. Não admira mais as coisas materiais, riquezas e poder. Está agora com 54 anos, segundo calculo. Quer uma nova pele. Posso assegurar-lhe, Sr. Bond, que, se jogarmos direito nossas cartas, ele o receberá como se estivesse consultando seu médico... — e ao dizer isso a fisionomia aristocrática de Basilisco Sable assumiu uma expressão de repugnância — como se estivesse consultando seu médico depois de adquirir doença venérea.

Os olhos de Basilisco Sable estavam agora irresistíveis. Recostou-se em sua poltrona e acendeu seu primeiro cigarro. O cheiro de tabaco turco chegou até Bond.

— É isso — disse ele com ar de certeza. — Este homem sabe que está sujo, que é uma pária social. O que é, sem dúvida nenhuma. Agora imaginou esta maneira de comprar uma nova identidade. Se me perguntar, digo-lhe que devemos ajudar o cabelo a crescer e florescer em seu calcanhar de Aquiles até tornar-se tão luxuriante a ponto de fazê-lo tropeçar.

8 - *Disfarce extravagante*

— E QUE DIABO você vai ser?

M repetiu mais ou menos a mesma pergunta de Bond quando, naquela noite, ergueu os olhos da última parte do relatório que Bond passara a tarde ditando para Mary Goodnight. O rosto de M estava fora do foco de luz

amarela lançado pelo abajur de leitura de capa verde sobre sua mesa, mas Bond sabia que o enrugado rosto de marinheiro refletia, em escala variável, ceticismo, irritação e impaciência. O “diabo” dizia-lhe isso. M raramente praguejava e quando o fazia era quase sempre contra a estupidez. M evidentemente considerava estúpido o plano de Bond e agora, longe do dedicado e precisamente focalizado mundo dos Arautos, Bond não se sentia seguro de que M estivesse errado.

— Vou ser um emissário do College of Arms, senhor. Esse Basilisco aconselhou-me a ter alguma espécie de título, algum título imponente capaz de impressionar um homem com essa espécie de mosca azul. E Blofeld evidentemente está com essa mosca, caso contrário não teria revelado sua existência, nem mesmo para um canto do mundo tão presumivelmente seguro e aparentemente remoto quanto o College of Arms. Anotei os argumentos desse sujeito e me pareceram ter muito bom senso. O esnobismo é um verdadeiro calcanhar de Aquiles das pessoas. Blofeld evidentemente foi bem afetado. Penso que podemos chegar até ele por esse meio.

— Bem, eu penso que é um amontoado de asneiras — disse M irritado. (Não muitos anos antes, M fora agraciado com a K.C.M.G. por seus serviços e a Srta. Moneypenny, sua encantadora secretária, revelara a Bond em um momento de sinceridade que M não respondera a um único dos bilhetes e cartas de congratulações. Depois de algum tempo, recusara até mesmo lê-los e dissera à Srta. Moneypenny para que não os mostrasse mais a ele, mas jogasse-os na cesta de papéis usados.) Está bem, então, mas que título ridículo será esse? E que acontecerá em seguida?

Se Bond fosse capaz de corar, teria corado. Disse:

— Bem... senhor, parece que há um sujeito chamado Sir Hilary Bray. É amigo de Basilisco Sable. Tem mais ou menos minha idade e sua aparência não é muito diferente da minha. Sua família provém de algum lugar da Normandia. A árvore genealógica é tão comprida quanto seu braço. Com Guilherme, o Conquistador, e tudo o mais. E um braço de armas que se assemelha a uma mistura de jogo de armar e Picaddily Circus à noite. Bem, Basilisco Sable diz que pode arrumar tudo com ele. Esse homem tem bons antecedentes de guerra e parece ser um sujeito digno de confiança. Vive em um remoto vale nas Highlands, observando pássaros e escalando montes com pés descalços. Nunca vê viva alma. Não há razão para que alguém na Suíça tenha ouvido falar nele.

A voz de Bond tornou-se defensiva e obstinada, ao acrescentar:

— Bem, senhor, a idéia é que eu seja ele. Disfarce bem extravagante, mas acho que tem sentido.

— Sir Hilary Bray, heim? — disse M, tentando esconder seu sarcasmo.
— E depois que é que você faz? Sai a correr pelos Alpes sacudindo essa famosa bandeira dele?

Pacientemente, teimosamente, recusando deixar-se intimidar, Bond disse:

— Primeiro, irei ao Controle de Passaporte para que me arrumem um bom passaporte. Depois, estudarei a árvore genealógica de Bray até conhecê-la perfeitamente. Em seguida, absorverei os rudimentos dessa história de heráldica. Finalmente, se Blofeld morder a isca, irei à Suíça com todos os livros indicados e sugirirei a idéia de preparar com ele seu “pedigree” de Bleuville.

— E depois?

— Depois tentarei tirá-lo da Suíça, fazê-lo atravessar a fronteira até um ponto onde possamos seqüestrá-lo, mais ou menos como os israelenses fizeram com Eichman. Mas ainda não decidi todos os pormenores. Precisava obter sua aprovação e Basilisco Sable terá em seguida de preparar uma isca bem atraente e jogá-la àqueles procuradores de Zurique.

— Por que não tentar fazer pressão sobre os procuradores de Zurique e conseguir o endereço de Blofeld com eles? Poderíamos então pensar em fazer alguma espécie de trabalho de comandos.

— O senhor conhece os suíços. Só Deus sabe que espécie de honorários esses advogados estão cobrando de Blofeld. Mas deve ser coisa de milionário. Poderíamos oportunamente obter o endereço, mas eles sem dúvida avisariam Blofeld, ainda que fosse apenas para garantir seus honorários antes que ele sumisse. O dinheiro é a religião da Suíça.

— Não preciso de lição sobre as qualidades dos suíços, 007. Pelo menos mantêm seus trens limpos e cuidam do problema de “beatnik” (duas grandes preocupações de M!), mas acho que existe certa verdade no que você está dizendo. Oh, está bem — disse M empurrando enfastiadamente o fichário para Bond. — Leve isso embora. É um plano muito atrapalhado.

Sacudindo ceticamente a cabeça, acrescentou:

— Sir Hilary Bray! Oh, está bem, diga ao Chefe do Pessoal que eu aprovo. Mas relutantemente. Diga-lhe que pode fornecer-lhe o que for preciso. Mantenha-me informado.

M estendeu a mão para o telefone. Sua voz estava profundamente mal-humorada.

— Acho que terei de dizer ao primeiro-ministro que descobrimos uma pista sobre o sujeito. A espécie de embrulhada que é, guardarei comigo. É só, 007.

— Muito obrigado, senhor. Boa noite.

Quando atravessava a porta, Bond ouviu M dizer no fone verde.

— É M quem está falando. Quero falar com o primeiro-ministro pessoalmente, por favor.

Dava a impressão de estar pedindo ligação para o necrotério. Bond saiu e fechou delicadamente a porta.



Assim, novembro passou furiosamente e entrou dezembro. James Bond voltou a contragosto para a escola, a fim de estudar heráldica em lugar de relatórios altamente secretos, aprender trechos de francês e inglês medievais, afundar-se em bolorentas lendas e mitos, escarafunchar o cérebro de Basilisco Sable e ocasionalmente descobrir fatos interessantes, como estes: os fundadores de Gammagns provieram dos de Gamaches, da Normandia, e Walt Disney é descendente remoto dos d'Isignys da mesma parte da França. Essas, porém, eram pepitas de ouro em um deserto de arcaísmos e certo dia, quando Mary Goodnight, em resposta a alguma piada sua, chamou-o de “Sir Hilary”, Bond quase arrancou-lhe a cabeça.

Enquanto isso, a delicadíssima correspondência entre Basilisco Sable e os Gebrüder (Irmãos) Moosbrugger prosseguia vacilantemente e em passo de tartaruga. Os advogados, ou melhor, Blofeld por trás deles, propunham inúmeras questões irritantes, mas eruditas, como admitia Basilisco Sable, cada uma das quais precisava ser enfrentada com este ou aquele grau de ofuscação heráldica. Depois vieram perguntas minuciosas sobre esse emissário, Sir Hilary Bray. Pediram fotografias que, depois de convenientemente retocadas, foram remetidas. Toda sua carreira desde os

tempos de escola precisou ser pormenorizada e as informações foram enviadas da Escócia acompanhadas por uma nota muito divertida do verdadeiro Sir Hilary Blay. Para sondar o mercado, Basilisco Sable pediu mais recursos que, com encorajadora rapidez, foram remetidos sob a forma de outras mil libras. Quando o cheque chegou, em 15 de dezembro, Basilisco Sable telefonou encantado para Bond. “Nós o apanhamos”, disse ele. “Está fisgado!” E para dar-lhe razão no dia seguinte chegou de Zurique uma carta dizendo que o cliente dos advogados concordara em ter um encontro com Sir Hilary. Seria possível a Sir Hilary viajar para o Aeroporto Central de Zurique pelo vôo número 105 da Swissair, que chegaria a Zurique às 13 horas do dia 21 de dezembro? Por sugestão de Bond, Basilisco Sable respondeu que a data não era conveniente para Sir Hilary, devido a um compromisso anterior com o Alto Comissário Canadense referente a um pormenor das Armas da Companhia da Baía de Hudson. Sir Hilary poderia, contudo, viajar no dia 22. Em resposta chegou um telegrama concordando e, para Bond, confirmando que o peixe engolira não apenas o anzol, mas também a linha e a chumbada.

Os últimos dias foram gastos em uma sucessão de reuniões, no quartel-general, sob a presidência do Chefe do Pessoal. A principal decisão foi que Bond iria ao encontro de Blofeld absolutamente “limpo”. Não levaria armas, nem engenhos secretos de espécie alguma, e não seria vigiado ou seguido de maneira alguma pelo Serviço. Comunicar-se-ia apenas com Basilisco Sable, recebendo por intermédio dele as informações possíveis mediante o emprego de expressões supostamente heráldicas (Basilisco Sable fora declarado “seguro” pelo M.I.5 imediatamente após o primeiro encontro de Bond com ele) e Basilisco Sable, que pensava vagamente ser Bond empregado pelo Ministério da Defesa, teria nesse Ministério um elemento que seria o intermediário entre ele e o Serviço. Tudo isso na presunção de que Bond conseguisse permanecer perto de Blofeld pelo menos por alguns dias. Esse deveria ser o estratagema básico. Era essencial descobrir o máximo possível a respeito de Blofeld, de suas atividades e seus associados, a fim de fazer o planejamento da providência seguinte, que seria seu seqüestro da Suíça. A força física talvez não fosse necessária. Bond talvez fosse capaz de convencê-lo a visitar a Alemanha, em resultado de um relatório preparado por Basilisco Sable sobre certos documentos da família Blofeld existentes no *Zentral Archiv* de Augsburg, que exigiriam identificação pessoal por parte de Blofeld. As precauções de segurança seriam de tal natureza que a Estação Z ficaria completamente no escuro quanto à missão de Bond na Suíça e o encerramento do caso “Bedlam” pelo quartel-general seria anunciado nas rotineiras “Ordens do Dia”. Em seu lugar, seria criada uma nova denominação cifrada para a

operação, da qual só teriam conhecimento algumas altas autoridades essenciais. A denominação seria CORONA.

Finalmente, foram discutidos os riscos pessoais que Bond correria. Havia no quartel-general um respeito absoluto por Blofeld. Ninguém punha em dúvida suas aptidões ou sua implacabilidade. Se Blofeld chegasse a conhecer a verdadeira identidade de Bond, este sem dúvida seria imediatamente liquidado. Probabilidade ainda mais perigosa seria a de Sir Hilary Bray “sofrer um acidente” após deixar de ser útil, assim que sondasse a hereditariedade heráldica de Blofeld, não muito profunda, e provasse ser ele ou não o *Comte de Bleuville*. Bond teria de enfrentar sozinho esses riscos, tendo particular cuidado com o último. Com Basilisco Sable por trás, precisaria ter de reserva alguns truques capazes de tornar a sobrevivência de Sir Hilary Bray importante para Blofeld. Em conclusão, o Chefe do Pessoal disse que considerava toda a operação como “uma porção de besantes” e que “Besantes” seria uma denominação cifrada melhor do que “Corona”. Contudo, desejava boa sorte a Bond e disse, friamente, que daria instruções à Seção Técnica para promover imediatamente a produção de uma partida de bolas de neve explosivas para proteção de Bond.

Foi com essa animadora promessa que Bond, na noite de 21 de dezembro, voltou a seu escritório para um último exame de sua documentação com Mary Goodnight.

Sentou-se ao lado de sua mesa, olhando para o triste crepúsculo de inverno com a neve caindo sobre Regent Park, enquanto Mary Goodnight, sentada à sua frente, inspecionava os artigos: “*Extinct Baronetage*”, de Burke, propriedade do College of Heralds, com o carimbo “Não pode ser retirado da Biblioteca”. A edição impressa de “*Visitations in the College of Arms*”, com igual carimbo. “*Genealogit’s Guide*”, de G. W. Marshall, tendo dentro a nota de venda de *Hatchard’s* para Basilisco Sable. “*General Armory*”, de Burke, com o carimbo “Propriedade da Biblioteca de Londres”, e a data de 10 de dezembro. Passaporte em nome de Sir Hilary Bray, bem usado e com as pontas das folhas já viradas, contendo vários carimbos recentes de postos fronteiriços indicando entrada e saída na França, Alemanha e Países Baixos. Um grande arquivo de correspondência com Augsburg e Zurique em papel de carta do College of Arms e dos correspondentes.

— E isso é tudo. Você já preparou suas marcas de tinturaria e coisas semelhantes?

— Sim — respondeu Bond apàticamente. — Tudo isso está arrumado. E

tenho dois ternos novos com aberturas duplas atrás e quatro botões na frente. E também um relógio e corrente de ouro com o selo dos Bray. Um pequeno baronete perfeito.

Bond virou-se e olhou para Mary Goodnight do outro lado da mesa.

— Que acha dessa embrulhada, Mary? — perguntou. — Pensa que eu escaparei?

— Bem, deve escapar — respondeu ela firmemente. — Com todas as precauções que tomaram... Mas — acrescentou hesitando — não gosto de ver você ir ao encontro desse homem sem uma arma.

Sacudindo a mão em direção à pilha de livros no chão, prosseguiu:

— E com todos esses estúpidos livros sobre heráldica! Não combinam com você. Mas vai tomar cuidado, não vai?

— Claro que vou — respondeu Bond tranquilizadora-mente. — Agora, seja boazinha e peça a um táxi para esperar na entrada da Universal Export. E ponha toda essa badulaqueira dentro dele. Descerei dentro de um minuto. Estarei no apartamento a noite inteira — acrescentou sorrindo sem vontade — empacotando minhas camisas de seda com os timbres.

Levantando-se, disse:

— Até logo, Mary. Ou melhor, boa-noite, Goodnight. E não se meta em encrencas até eu voltar.

— Você é quem precisa fazer isso — disse ela. Curvou-se, apanhou os livros e papéis do chão e, conservando o rosto escondido de Bond, foi até a porta, atravessou-a e fechou-a com o salto do sapato depois de passar. Um instante depois, abriu novamente a porta. Seus olhos estavam brilhando.

— Sinto muito, James. Boa sorte! E Feliz Natal!

A porta fechou-se de novo, agora suavemente.

Bond olhou para a superfície lisa da porta cor de creme do Escritório de Trabalho. Que garota encantadora era Mary! Mas agora havia Tracy. Estaria perto dela na Suíça. Era tempo de tornar a estabelecer contato. Estava sentindo falta dela, pensando nela. Havia recebido três cartões postais cautelosos, mas alegres, da *Clinique de 1'Aube*, de Davos. Bond investigara e ficara sabendo que a clínica era dirigida pelo professor Auguste Kommer, presidente da *Société Psychiatrique et Psychologique Suisse*. Pelo telefone,

Sir James Molony, especialista em doenças nervosas empregado pelo Serviço, informara a Bond que Kommer era um dos melhores homens do mundo em sua especialidade. Bond escrevera afetuosa e encorajadoramente a Tracy, fazendo com que as cartas fossem remetidas dos Estados Unidos. Dissera que voltaria logo para a Inglaterra e que entraria em contato com ela. Entraria mesmo? E que faria depois? Bond entregou-se por um momento ao prazer de sentir pena de si próprio, pelas pesadas e complicadas cargas que estava carregando sozinho. Depois, esmagou o cigarro no cinzeiro e, batendo portas à medida que passava, saiu furiosamente do escritório e desceu pelo elevador até a discreta entrada lateral em que estava escrito: “Universal Export”.

O táxi estava esperando. Eram sete horas. Enquanto o táxi se punha a caminho, Bond fazia seus planos para a noite. Em primeiro lugar ia arrumar cuidadosamente sua mala de solteiro, aquela que não tinha truques, tomar dois vodcas duplos com tônicas e umas gotas de Angostura, comer um grande prato da especialidade de May — ovos mexidos *aux fines herbes* — beber outros dois vodcas com tônica e depois, ligeiramente embriagado, ir para a cama após tomar um comprimido de seconal.

Encorajado pela perspectiva dessa confortável auto-anestesia, Bond bruscamente chutou seus problemas para debaixo do tapete de sua consciência.

9 - *Irma la não muito doce*

No DIA SEGUINTE, no Aeroporto de Londres, com chapéu-coco, guarda-chuva enrolado, “Times” cuidadosamente dobrado e tudo o mais, James Bond sentia-se um pouco ridículo. Passou a sentir-se totalmente ridículo quando foi tratado com a deferência devida a seu título e levado à sala de espera de V.I.P. a fim de esperar a hora da decolagem. No balcão de passagens, quando foi chamado de Sir Hilary, olhou para trás a fim de ver com quem a moça estava falando. Precisava realmente controlar-se e tentar *ser* Sir Hilary Bray.

Bond tomou um conhaque duplo com gengibirra e conservou-se afastado dos outros passageiros privilegiados na graciosa sala de espera, tentando

sentir-se como um baronete. Depois se lembrou do verdadeiro Sir Hilary Bray, talvez a essa hora estripando um veado com as mãos nuas em algum lugar dos vales da Escócia. Nada havia nele de baronete! Na realidade, pensou Bond, precisava livrar-se do esnobismo às avessas que, tanto quanto seu oposto, está enraizado em muitos ingleses! Precisava deixar de representar um papel, de ser um nobre de peça teatral! Seria apenas ele mesmo e, se desse a impressão de ser um baronete meio rude, do tipo descuidado, pelo menos seria como o verdadeiro que se encontrava na Escócia. Bond desfez-se do “Times” que vinha carregando como um distintivo adicional de Alta Classe, apanhou o “Daily Express” e pediu outro conhaque com gengibirra.

Quando o *Caravelle* da Swissair, tom seus dois jatos roncando muito longe da cabina de primeira classe, levantou vôo, o espírito de Bond estava voltado para o encontro que fora marcado com tão poucos pormenores pelos procuradores de Zurique. Sir Hilary seria esperado no aeroporto por uma das secretárias do *Comte* de Bleuville. Veria o *Comte* naquele dia ou no dia seguinte. Bond experimentou um momento de pânico. Como deveria dirigir-se ao homem quando se encontrasse com ele. Conde? *Monsieur le Comte*? Não, não o chamaria de coisa alguma — talvez um ocasional e superior “meu caro senhor” quando fosse necessário. Que aparência teria Blofeld? Teria mudado muito? Provavelmente, caso contrário a raposa não teria conseguido manter-se tão à frente dos cães de caça. A excitação de Bond aumentava enquanto tomava um delicioso lanche servido por uma deliciosa aeromoça e enquanto o tabuleiro de xadrez da França, marrom no inverno, ia ficando para trás bem longe lá embaixo. Agora havia neve espalhada e árvores nuas enquanto passavam sobre as minúsculas colinas dos Vosges, depois neve permanente e campos de gelo sobre o Reno, uma breve parada em Basiléia, em seguida as linhas pretas cruzadas do Aeroporto de Zurique, a ordem “premam os cintos” em três línguas, uma descida planada, uma ligeira batida, o ronco da inversão do jato e já estavam rodando sobre o solo em direção ao pátio de manobra diante dos imponentes edifícios de aparência muito européia engalanados com as alegres bandeiras das nações.

No balcão da Swissair dentro do salão, uma mulher estava em pé ao lado da mesa de recepção. Assim que Bond apareceu na entrada ela avançou em sua direção.

— Sir Hilary Bray?

— Sim.

— Eu sou *Fraulein* Irma Bunt. Secretária particular do conde. Boa tarde. Espero que tenha feito boa viagem.

Parecia uma carcereira muito queimada pelo sol. Tinha um rosto quadrado e brutal, com duros olhos amarelos. Seu sorriso era um buraco oblongo sem humor ou boa acolhida, e havia no canto esquerdo da boca bolhas de queimaduras do sol que ela lambia de tempos a tempos com a ponta de uma pálida língua. Mechas de cabelos castanhos acinzentados, com um coque firme e caprichado na nuca, mostravam-se sob um chapéu de esquiação com visor amarelo cujas tiras se prendiam por baixo de seu queixo. Seu corpo forte e baixo estava vestido com calças desgraciosamente justas encimadas por um casaco cinzento ornamentado do lado esquerdo do peito com um grande G vermelho embaixo de uma coroa. Irma La não muito Douce, pensou Bond. Em voz alta, disse: — Sim, foi uma viagem muito agradável.

— Tem seu talão da bagagem? Siga-me, por favor. Primeiro, seu passaporte. Por aqui.

Bond seguiu-a através do controle de passaporte e até o salão da alfândega. Havia algumas pessoas em roda. Bond notou que a mulher fazia um aceno casual com a cabeça. Um homem com uma pasta embaixo do braço, que andava de um lado para outro, afastou-se. Bond estudou cuidadosamente seu talão de bagagem. Além do pedaço de papelão, percebeu que o homem entrava em uma das cabinas telefônicas no saguão principal ao lado do salão da alfândega.

— Fala alemão? — perguntou a mulher, enquanto a língua saía da boca e lambia as bolhas de água.

— Não, infelizmente não.

— Francês, talvez?

— Um pouco. O suficiente para meu trabalho.

— Ah, sim. Isso é importante, não?

A mala de Bond foi tirada do carro sobre a barreira. A mulher mostrou rapidamente um passe ao funcionário da alfândega. Fêz isso muito depressa, mas Bond viu de relance sua fotografia e a inscrição *Bundespolizei*.(*) Blofeld tinha arrumado bem as coisas!

(*) Polícia do Estado (ou: da Federação).

O funcionário disse respeitosamente *Bitte sehr* (**) e marcou com giz seu símbolo na cor do dia, amarelo, sobre a mala de Bond. Um carregador tomou-a e todos caminharam em direção à saída. Quando chegaram à escada, uma anônima limusine Mercedes 300 SE preta saiu rapidamente do pátio de estacionamento e veio parar diante deles. Ao lado do motorista estava sentado o mesmo homem que fora telefonar. A mala de Bond foi colocada no porta-malas e o carro afastou-se velozmente em direção a Zurique. Algumas centenas de jardas mais adiante, na larga estrada, o homem ao lado do motorista, que, como observou Bond, vinha olhando disfarçadamente no duplo espelho retrovisor, disse baixinho “Is’ gut” e o carro virou à direita para subir por uma estrada lateral em que havia esta indicação: “*Eingang Verboten! Mit Ausnahme von Eigentümer und Personell von Privatflugzeugen*”. (***)

(**) Por favor.

(***) Entrada proibida, com exceção do proprietário e do pessoal de voo.

Bond divertiu-se ao observar as pequenas precauções. Era evidente que ainda estava sob muita suspeita.

O carro aproximou-se dos hangares à esquerda do edifício principal, rodou vagarosamente entre eles e parou ao lado de um helicóptero “Alouette” amarelo vivo, adaptado pela Sud Aviation para serviço de socorro em montanhas. Mas este tinha na fuselagem o G vermelho com a coroa. Então, iam levá-lo pelo ar e não por terra!

— Já viajou em um destes aparelhos? Não. É muito agradável. A gente tem uma bela vista dos Alpes.

Ao dizer isso, *Fräulein* Bunt não mostrava a menor expressão de interesse nos olhos. Subiram pela escada de alumínio.

— Cuidado com a cabeça, sim? — recomendou *Fräulein* Bunt.

A mala de Bond foi erguida pelo motorista.

Era um aparelho de seis lugares, com luxuoso estofamento de couro vermelho. À frente e um pouco acima deles, em sua cabina, o piloto levantou um polegar. O pessoal de terra retirou as travas e as grandes lâminas começaram a mover-se. Quando se aceleraram, os homens em terra

afastaram-se, protegendo o rosto contra a neve arremessada pelas lâminas. Houve uma ligeira sacudidela e o helicóptero subiu rápido. A crepitação do rádio da torre de controle silenciou. Irma Bunt estava ao lado de Bond, do outro lado do corredor. O outro homem estava no fundo, escondido por trás do “Züricher Zeitung”. Bond inclinou-se de lado e disse em voz alta, por causa do barulho da máquina.

— Para onde vamos indo?

Irma Bunt fingiu não ouvir. Bond repetiu a pergunta, aos gritos.

— Para os Alpes. Para os altos Alpes — gritou a mulher, acenando com a mão em direção à janela. — É muito bonito. Gosta das montanhas, não gosta?

— Adoro-as — gritou Bond. — Igualzinho à Escócia. Recostou-se em sua poltrona, acendeu um cigarro e ficou olhando pela janela. Sim, lá estava o *Zürichersee* à esquerda, A rota seguida pelo aparelho era mais ou menos leste-sul-leste. Estavam voando a uns 2.000 pés. E agora ali estava o *Wallensee*. Bond, aparentemente desinteressado, tirou o “Daily Express” de sua pasta e abriu-o nas páginas de esporte. Leu o jornal desde a última até a primeira página, meticulosamente, lançando de vez em quando um olhar entediado pela janela. A grande cordilheira à esquerda devia ser os Alpes Rhätikon. Aquilo embaixo deles deveria ser a junção ferroviária de Landquart. Seguiram a mesma rota pelo vale do Pratigau. Continuariam nesse rumo depois de Klosters ou virariam para a direita? Para a direita. Então iam subir o vale do Davos! Dentro de alguns minutos estaria voando sobre Tracy. Um olhar casual. Sim, ali estava Davos sob seu fino manto de nevoeiro vespertino e fumaça, enquanto, bem acima dela, Bond ainda estava sob sol brilhante. Pelo menos ela parecia ter à sua disposição bastante neve. Bond lembrou-se da tremenda corrida pelo Parsenn abaixo. Aqueles é que haviam sido bons dias! O aparelho voltou à nota anterior, com picos gigantescos à direita e à esquerda. Este devia ser o Engadine. À direita estaria o Grupo Silvretta, à esquerda o Piz Languard e, à frente, a cordilheira Bernina mergulhando, como um vasto trampolim de esquiação, em direção à Itália. Aquela floresta de luzes à direita devia ser St. Moritz! Agora para onde? Bond enterrou-se em seu jornal. Um ligeiro desvio para a esquerda. Mais luzes. Pontresina? O rádio começou a crepitar e o sinal “Cintos do banco” apareceu. Bond pensou que era tempo de manifestar abertamente seu interesse. Olhou para fora. Embaixo, o solo estava quase escuro, mas à frente os gigantescos picos ainda eram dourados pelo sol agonizante. Estavam avançando diretamente para um deles, para um pequeno planalto perto de seu

cume. Lá havia um grupo de edifícios de onde fios dourados mergulhavam na escuridão do vale. Um carro suspenso, cintilando sob o sol, descia vagarosamente. Depois foi engolido pelas trevas. O helicóptero ainda estava costeando o lado do pico que se erguia acima deles. Agora estava apenas cem pés acima da encosta, aproximando-se do planalto e dos edifícios. O piloto moveu a alavanca de comando. A máquina jogou um pouco e perdeu velocidade. As pás do rotor giraram languidamente e depois se aceleraram enquanto o aparelho pairava e pousava. Houve uma ligeira batida quando os flutuadores de borracha inflados encontraram a neve, um zumbido final do rotor e haviam chegado.

Onde? Bond sabia. Estavam na cordilheira de Languard, em um lugar qualquer acima de Pontresina no Engadine, e a altitude seria de aproximadamente 10.000 pés. Bond abotoou sua capa e preparou-se para enfrentar o cortante ar frio que entraria em seus pulmões quando a porta fosse aberta.

Irma Bunt mostrou seu sorriso sem graça.

— Chegamos — disse ela, desnecessariamente.

A porta, com um barulho de partículas de gelo caindo, foi aberta com violência. Os últimos raios de sol entraram na cabina. Caíram sobre o visor amarelo do gorro da mulher e brilharam através dele, fazendo seu rosto parecer chinês. Os olhos emitiram um clarão falso, como os olhos de vidro de um animal de brinquedo, sob a luz.

— Cuidado com a cabeça — disse ela.

Curvou-se, com seu traseiro apertado nas calças convidando um enorme pontapé, e desceu a escada.

James Bond seguiu-a, prendendo a respiração contra o cauterizante impacto do ar ártico sem oxigênio. Havia nas proximidades dois homens vestidos como guias de esquiação. Olharam para Bond com curiosidade, mas não houve cumprimentos. Bond avançou nas pegadas da mulher sobre a neve pisada, enquanto o outro homem os seguia com sua mala. Ouviu o motor gaguejar e roncar. Uma chuva de partículas de neve atingiu o lado direito de seu rosto. Depois o gafanhoto de metal ergueu-se no ar e afundou-se roncando na escuridão.

Havia talvez uma distância de cinqüenta jardas entre o local onde o helicóptero pousara e o grupo de edifícios. Bond demorou-se, obtendo

orientações preliminares. À frente ficou um edifício comprido e baixo agora brilhando de luzes. À direita, talvez a umas cinquenta jardas de distância, viam-se os contornos de uma estação tipicamente moderna de ferrovia suspensa, uma estrutura semelhante a caixa, com um teto grosso e liso que subia de perto do chão. Quando Bond a examinava, as luzes apagaram-se. Presumivelmente o último carro chegara ao vale e a linha fora interrompida para o período noturno. À direita dessa estrutura, havia um grande prédio, imitando um chalé, com uma vasta varanda, escassamente iluminada, que serviria para o comércio de turismo em massa — como uma peça típica da arquitetura dos altos Alpes. Embaixo à esquerda, descendo a encosta do planalto, brilhavam as luzes de um quarto edifício, do qual só se avistava seu teto liso.

Bond estava agora a apenas algumas jardas do edifício que evidentemente era seu destino. Um oblongo de luz amarela abriu-se convidativamente quando a mulher entrou e segurou a porta para ele. A luz iluminou uma grande tabuleta com o G vermelho embaixo da coroa. Dizia: GLORIA KLUB. 3605 METRES. PRIVAT! NUR FÜR MITGLIEDER. Por baixo, em letras menores, estava escrito: “Alpenberghaus und Restaurant Piz Gloria” e a tradicional mão com o dedo indicador apontado para a direita, na direção do edifício próximo da estação da ferrovia suspensa.

Então era Piz Gloria! Bond entrou no convidativo oblongo amarelo. A porta, solta pela mulher, fechou-se com um sibilo pneumático.

Dentro estava deliciosamente morno, quase quente. Estavam em uma pequena sala de recepção e um homem ainda bem moço com rosto pálido e olhos astutos levantou-se de trás de uma mesa e fez uma ligeira mesura na direção deles.

— Sir Hilary vai ficar no Número Dois.

— *Weiss schon* (*) — disse a mulher laconicamente, acrescentando, com pouco mais de polidez, para Bond: (*) “Já sei”.

— Acompanhe-me, por favor.

Atravessou uma porta e desceu por um corredor coberto por tapete vermelho. A parede da esquerda era interrompida apenas de vez em quando por janelas intercaladas com belas fotografias de esquiação e de montanhas. À direita ficavam primeiramente as portas das salas do clube, marcadas *Bar*,

Restauram e Toiletten. Vinha depois o que era evidentemente portas de dormitórios. Bond foi levado para o Número Dois. Era um quarto extremamente confortável em estilo de motel americano, com banheiro ao lado. O largo vitrô estava agora fechado por cortinas, mas Bond sabia que devia oferecer uma vista maravilhosa do grupo Suvretta além do vale, acima de St. Moritz. Bond jogou sua pasta sobre a cama de casal e desfez-se satisfeito de seu chapéu-coco e guarda-chuva. O outro homem apareceu com sua mala, colocou-a no porta-bagagem e sem olhar para Bond retirou-se, fechando a porta. A mulher permaneceu onde estava.

— Agrada-lhe? — perguntou.

Os olhos amarelos ficaram indiferentes à resposta entusiástica de Bond. A mulher tinha ainda outras coisas a dizer.

— Ótimo. Agora talvez eu deva explicar-lhe algumas coisas, transmitir-lhe algumas das leis do clube, não acha?

— Isso sem dúvida seria útil — disse Bond, acendendo um cigarro e assumindo uma expressão de polido interesse. — Onde estamos, por exemplo?

— Nos Alpes. Nos altos Alpes — disse a mulher vagamente. — Esta montanha, Piz Gloria, é propriedade do conde. Em colaboração com a *Gemeinde*, autoridade local, ele construiu o *Seilbahn*. Viu os cabos, não viu? Este é o primeiro ano que funciona. É muito popular e rende muito dinheiro. Há algumas ótimas pistas de esquição. A *Gloria Abfahrt* já se tornou famosa. Há também uma pista para trenós que é muito maior que a Cresta de St. Moritz. Já ouviu falar daquela? Pratica esqui talvez? Ou pratica trenó?

Os olhos amarelos estavam vigilantes. Bond pensou que era melhor continuar respondendo negativamente a todas as perguntas. O instinto sugeria-lhe isso. Disse em tom de desculpa: — Infelizmente, não. Nunca tive oportunidade para isso, sabe? Preso demais aos meus livros, talvez.

Sorriu pesarosamente com ar de autocrítica.

— *Schade!* É uma pena — disse a mulher, cujos olhos porém revelaram satisfação. — Estas instalações proporcionam boa renda para o conde. Isso é importante. Ajuda a financiar o trabalho a que dedicou sua vida, o *Institut*.

Bond ergueu as sobrancelhas apenas o suficiente para demonstrar cortês interesse.

— O *Institut für Physiologische Forschung*. (*) É para pesquisa científica. O conde é um expoente no setor de alergias, compreende? É como a febre do feno, a incapacidade de comer mariscos, entende?

(*) Instituto de investigação científica.

— Realmente? Posso dizer que não sofro de nada disso.

— Não? Os laboratórios ficam em um edifício separado. O conde também vive lá. Neste prédio, onde estamos, vivem as pacientes. O conde pede-lhe que não as perturbe com perguntas excessivas. Esses tratamentos são muito delicados. Compreende?

— Sim, naturalmente. E quando poderei avistar-me com o conde? Sinto dizer-lhe, mas sou um homem muito atarefado *Fräulein* Bunt. Há matérias aguardando minha atenção em Londres — disse Bond, em tom imponente. — Os novos Estados africanos. Há muito trabalho a fazer em suas bandeiras, o desenho de suas moedas, seus selos, suas medalhas. Estamos com muito pouca gente no College. Espero que o conde compreenda que seu problema pessoal, por mais interessante e importante que seja, deve ficar em segundo plano em relação aos problemas de governo.

Bond conseguira impressionar. Agora, Irma Bunt mostrava-se muito ansiosa por tranquilizá-lo.

— Mas naturalmente, meu caro Sir Hilary. O conde pede-lhe que o desculpe por esta noite, mas terá muito prazer em recebê-lo amanhã às onze horas. É uma hora conveniente?

— Certamente, certamente. Isso me dará tempo para reunir meus documentos, meus livros. Talvez... — disse Bond mostrando com a mão uma pequena mesa perto da janela — eu pudesse ter mais uma mesa para por estas coisas. Acho que... — acrescentou, com um sorriso suplicante — nós, bichos de livros, precisamos de muito espaço.

— Sem dúvida, Sir Hilary. Farei isso imediatamente. Avançou para a porta e apertou um botão. Abaixou as mãos, agora decididamente embaraçada.

— Deve ter notado que não existe trinco deste lado da porta. (Bond havia notado, mas disse que não.) Basta tocar quando quiser sair do quarto. Está certo? Isto é por causa das pacientes. É necessário que tenham repouso. É

difícil evitar que umas visitem as outras para tagarelar. É para o bem delas. Compreende? A hora de dormir é dez horas. Mas existem plantões noturnos caso precise de qualquer serviço. E as portas naturalmente não ficam fechadas a chave. Pode voltar para seu quarto sempre que quiser. Está bem? Voltaremos a encontrar-nos no bar às seis horas para tomar aperitivos. Agora é — como diria? — o período de repouso do dia — explicou, deixando aparecer rapidamente seu sorriso sem graça. — Minhas meninas estão aguardando com ansiedade o momento de conhecê-lo.

A porta abriu-se. Era um dos homens vestidos como guia, um homem moreno de pescoço de touro, com olhos castanhos mediterrâneos. Um dos desertores corsos de Marc-Ange? Em rápido e mau francês, a mulher disse que era necessária outra mesa. Devia ser levada para o quarto durante o jantar. O homem respondeu: “Entendu”. A mulher segurou a porta antes que ele a pudesse fechar. O homem saiu para o corredor, seguindo para a direita. A sala de guarda ficará no fim do corredor? O espírito de Bond continuou a registrar os indícios.

— Então, é só isso no momento, Sir Hilary? A correspondência segue ao meio-dia. Temos comunicações por meio de radiotelefone, se quiser utilizar-se delas. Deseja que transmita alguma mensagem ao conde?

— Diga-lhe, por favor, que espero com ansiedade encontrá-lo amanhã. Então, até as seis horas.

Bond de repente sentiu desejo de ficar sozinho com seus pensamentos. Fez um gesto em direção à sua mala, dizendo:

— Preciso arrumar minhas coisas.

— Naturalmente, naturalmente, Sir Hilary. Desculpe-me por estar atrasando-o.

Em seguida a essa graciosa observação, Irma Bunt fechou a porta, com seu decisivo clique.

Bond ficou em pé imóvel no meio do quarto. Deixou escapar a respiração em um sibilo baixo. Que diabo de embrulhada! Sentiu uma vontade quase irresistível de dar pontapés em uma das elegantes peças do mobiliário. Observara, porém, que, dos quatro prismas de iluminação elétrica no forro, um era um globo ocular vazio e saliente. Televisão em circuito fechado? Nesse caso, qual seria seu alcance? Não poderia alcançar muito mais que um grande círculo no centro do quarto. Microfones? Provavelmente toda a

extensão do forro era um microfone só. Esses eram estratagemas de tempo de guerra. E precisava simplesmente presumir que estava sob constante vigilância.

James Bond, com seus pensamentos em disparada, passou a tirar as roupas da mala. Depois tomou um banho de chuveiro e tornou-se apresentável para “minhas meninas”.

10 - *Dez deslumbrantes garotas*

ERA UM DESSES bares acolchoados de couro, pretensa-mente masculino, e apesar disso, devido à sua novidade, cheirando como o interior de um automóvel novo. Para dar-lhe uma aparência de *Stube* tirolês havia uma grande lareira de pedra com uma crepitante fogueira de lenha e candelabros de roda de carroça com “velas” elétricas de hastes vermelhas. Havia muitas coisas de ferro fundido, como suportes de luz na parede, cinzeiros, lâmpadas de mesa, e o próprio bar era enfeitado com bandeirinhas e miniaturas de garrafas de bebidas. Agradável música de citara saía de um alto-falante oculto. Não era, concluiu Bond, um lugar onde a gente pudesse ficar seriamente embriagado.

Quando fechou a porta acolchoada de couro e tacho-nada de bronze depois de passar, houve um momento de silêncio, seguido por um crescendo de decibéis para ocultar os olhares declarados, a rápida avaliação. Bond teve a fugidia impressão de um dos mais belos grupos de moças que já vira, quando Irma Bunt, pavorosa em uma espécie de “après-ski” feito em casa, no qual predominavam o alaranjado e o preto, saiu bamboleando do meio da constelação para tomá-lo a seu cargo.

— Sir Hilary — disse ela, agarrando-lhe a mão com uma seca pata de macaco. — É delicioso, não é? Venha conhecer minhas meninas.

Estava tremendamente quente na sala e Bond sentiu o suor formar gotas em sua testa enquanto era levado de mesa em mesa e apertava uma mão fria, outra quente, outra lânguida. Nomes como Ruby, Violet, Pearl, Anne,

Elizabeth e Beryl soaram em seus ouvidos, mas o que viu foi só um mar de belos rostos queimados pelo sol e uma sucessão de jovens e esplêndidos bustos apertados em suéters. Era o mesmo que estar no *Tiller* ou no *Bluebell Girls* na Inglaterra. Finalmente chegou ao lugar que lhe estava reservado, entre Irma Bunt e uma deslumbrante e exuberante loura de grandes olhos azuis. Sentou-se, extenuado.

— Uísque com soda, por favor — disse, ouvindo sua própria voz muito longe. Demorou algum tempo para acender um cigarro, enquanto conversação artificial e teatral surgia entre as quatro mesas no canto circular que, durante o dia, devia ser o grande posto de observação. Dez garotas e Irma. Todas inglesas. Sem sobrenomes. Nenhum outro homem. Moças de vinte e poucos anos. Jovens que trabalhavam, provavelmente. Tipo de aeromoça. Excitadas por ter entre elas um homem — um homem elegante e baronete ainda por cima — se era assim que se tratava um baronete. Satisfeito com sua piada íntima, Bond voltou-se para a loura.

— Sinto terrivelmente, mas não ouvi bem seu nome.

— Eu sou Ruby — respondeu ela, com voz amistosa, mas refinada. — Deve parecer uma verdadeira provação ser o único rapaz... entre todas nós, moças, quero dizer.

— Bem, foi realmente uma surpresa. Mas uma surpresa muito agradável. Vai ser difícil guardar todos os seus nomes.

Abaixando a voz acrescentou em tom de conspiração:

— Seja um anjo e corra o campo para mim, por assim dizer.

Trouxeram a bebida de Bond, que ficou satisfeito ao descobrir que era forte. Tomou um gole longo, mas discreto. Observara que as moças estavam bebendo refrigerantes misturados com alguns coquetéis femininos: Orange Blossoms e Daiquiris. Ruby era uma das que bebiam Daiquiri. Beber era coisa permitida, mas precisava ter o cuidado de mostrar uma cavalheiresca moderação.

Ruby pareceu satisfeita por poder romper o gelo.

— Bem, vou começar pela direita. Essa é Miss Bunt, uma espécie de governanta, por assim dizer. Você já a conhece. Em seguida, de suéter violeta, bem, é Violet, naturalmente. Na outra mesa, aquela de blusa Pucci verde e dourada é Anne e, depois dela, de verde, é Pearl. É minha melhor amiga aqui.

E assim continuou, de uma gloriosa e dourada garota para outra. Bond ouvia pedaços de conversa. “Fritz diz que não estou tendo suficiente Vorlage. Meus esquis ficam fugindo de mim”. “Comigo acontece o mesmo — uma risadinha espremida — minha calça é preta e azul”. “O conde diz que estou indo bem. Não vai ser horrível quando tivermos de ir embora?” “Que estará fazendo Polly? Já faz um mês que foi embora.” “Acho que Skol é a única coisa para queimadura do sol. Todos esses óleos e cremes não passam de gordura para fritar.” E assim por diante — a espécie de conversa que se esperaria de um grupo de moças alegres e sadias aprendendo a esquiar, salvo quanto à ocasional referência bastante respeitosa ao conde e aos olhares disfarçados para Irma Bunt e Bond a fim de saber se se estavam portando convenientemente, sem fazer muito barulho.

Enquanto Ruby continuava sua discreta chamada, Bond procurava ligar os nomes aos rostos e por outros meios aumentar seu conhecimento sobre esse adorável, mas bizarro grupo fechado no alto de uma montanha realmente muito alta. Todas as garotas pareciam partilhar de certa simplicidade básica de maneiras e linguagem, a espécie de moças que, em um bar inglês, a gente encontra sentada recatadamente com um namorado, bebericando um Baby Cham, fumando desajeitadamente um cigarro e dizendo de vez em quando “desculpe”. Boas meninas, meninas que, quando alguém tenta passar-lhes a mão, dizem: “Por favor, não estrague tudo”, “Os homens só querem uma coisa” ou irritadamente “Por favor, tire a mão daí”. E havia traços de muitos sotaques, sotaques de toda a Grã-Bretanha — as vogais abertas do Lancashire, a fala cantada de Gales, o erre gutural da Escócia, as adenóides do *cockney* refinado.

— Vocês são bem complicadas, concluiu Bond, quando Ruby terminava a relação, dizendo:

— E aquela com pérolas e um conjunto combinado é Beryl. Agora acha que já conhece bem todas nós?

Bond fitou os redondos olhos azuis que mostravam agora uma centelha de animação.

— Francamente, não. Sinto-me como um daqueles atores de fita cômica que se vêem metidos em uma escola feminina. Você sabe. Uma espécie de St. Trinian’s.

Ruby deu uma risadinha sem abrir a boca. (Bond ia descobrir que nela essas risadinhas eram crônicas. Era “delicada” demais para abrir seus

adoráveis lábios e rir. Ia descobrir também que ela não era capaz de espirrar como um ser humano, mas soltava um guincho abafado e discreto em seu lençinho de renda, que tomava bocados muito pequenos nas refeições e mal mastigava com as pontas dos dentes antes de engolir quase sem mexer a garganta. Ela fora “bem educada”.) Oh, mas nós absolutamente não somos como St. Trinian’s. Aquelas meninas horríveis! Como pode dizer uma coisa dessas?

— Foi apenas uma idéia — disse Bond desembaraçadamente. — E agora, que diz de outro drinque?

— Oh, muito obrigada.

Bond virou-se para *Fräulein* Bunt.

— E a senhorita, Miss Bunt?

— Obrigada, Sir Hilary. Um suco de maçãs, por favor. Violet, a quarta em sua mesa, disse seriamente que não queria outra coca.

— Dá-me gases — explicou ela.

— Oh, Violet! — exclamou Ruby, ofendida em sua noção de conveniências. — Como pode dizer uma coisa dessas?

— Bem, a verdade é que dá mesmo — insistiu Violet obstinadamente. — Faz-me soluçar. Não há mal em dizer isso, há?

Boa e velha Manchester, pensou Bond. Levantou-se e foi até o bar, pensando como ia arrumar-se nessa e nas noites seguintes. Pediu as bebidas e teve uma inspiração. Romperia o gelo! De um jeito ou de outro ia ser a alma da festa! Pediu um copo, mandando que mergulhassem suas bordas na água. Depois apanhou um guardanapo de papel e voltou para a mesa. Sentou-se.

— Agora — disse, enquanto os olhares se voltavam em sua direção — vou mostrar-lhes como decidiríamos quem padaria a despesa, se estivéssemos pagando as bebidas. Aprendi isto no Exército.

Colocou o copo no meio da mesa, abriu o guardanapo de papel e estendeu-o sobre o corpo, apertando-o para que ficasse grudado nas bordas úmidas. Tirou dinheiro miúdo que tinha no bolso, escolheu uma moeda de cinco centavos e deixou-a cair delicadamente no centro do papel esticado.

— Pronto — disse, lembrando-se que a última vez que fizera esse jogo fora no mais sujo bar de Singapura. — Quem mais fuma? Precisamos de três

outras pessoas com cigarros acesos.

Violet era a única em sua mesa. Irma bateu palmas com autoridade.

— Elizabeth, Beryl, venham aqui. Venham assistir, meninas. Sir Hilary vai fazer um jogo.

As moças aglomeraram-se em roda da mesa, tagarelando alegres pela diversão. “Que é que ele vai fazer?” “Que vai acontecer?” “Como se joga?”

— Agora — disse Bond, sentindo-se como o diretor de jogos de um navio de cruzeiro — isto é para saber quem paga as bebidas. Uma de cada vez, vocês dão uma tragada no cigarro, derrubam a cinza, assim, e tocam o papel com a ponta acesa, apenas o suficiente para queimar um pequeno buraco, assim.

O papel ardeu rapidamente, enquanto Bond continuava:

— Primeiro Violet, depois Elizabeth e em seguida Beryl. O papel vai ficando uma espécie de teia de aranha com a moeda mal se sustentando no meio. A pessoa que abrir o último buraco e deixar cair a moeda paga as bebidas. Compreenderam? Você, então, Violet.

Houve gritos de excitação. “Que jogo encantador!” “Oh, Beryl, cuidado!” Cabeças adoráveis curvaram-se sobre Bond. Adoráveis cabelos roçaram suas faces. Rapidamente as três garotas aprenderam o truque de tocar muito delicadamente um espaço que não fizesse cair a teia de aranha. Finalmente, Bond, que se considerava um perito no jogo, decidiu ser cavalheiresco e queimou de propósito uma tira vital. Com o tinido da moeda caindo dentro do copo houve uma explosão de excitadas risadas e aplausos.

— Viram, meninas? — disse Irma Bunt, como se fosse ela quem tivesse inventado o jogo. — É Sir Hilary quem paga, não é? Um passatempo delicioso! E agora — acrescentou, olhando para seu masculino relógio de pulso — precisamos acabar nossas bebidas. Faltam cinco minutos para o jantar.

Houve gritos de “Oh, só mais uma jogada, Miss Bunt!” Bond, porém, levantou-se polidamente com seu uísque na mão.

— Jogaremos de novo amanhã. Espero não estar fazendo com que todas vocês comecem a fumar. Tenho certeza que isto foi inventado pelas fábricas de cigarros!

Houve risadas. As moças, porém, continuaram rodeando Bond com ar de

admiração. Que tipo esportivo era ele! E haviam esperado um medalhão! Bond sentiu-se justificadamente orgulhoso. O gelo estava rompido. Tinha todas elas decididamente do seu lado. Agora eram todas boas amigas. Poderia dali por diante conversar com elas sem assustá-las. Sentindo-se razoavelmente satisfeito com seu gambito, seguiu as calças juntas de Irma Bunt até a sala de jantar ao lado.

Eram sete e meia. Bond sentiu-se de repente esgotado, esgotado pela perspectiva de tédio, esgotado por estar desempenhando o mais difícil papel de sua carreira, esgotado pelo enigma de Blofeld e do Piz Gloria. Que diabo estaria tramando aquele bastardo? Sentou-se à direita de Irma Bunt, na mesma posição que quando tomavam aperitivos, com Ruby à sua direita, e Violet, morena, recatada e apagada, à sua frente. Abriu taciturnamente seu guardanapo. Blofeld sem dúvida gastara dinheiro em sua fortaleza. As três mesas que ocupavam, em um canto afastado ao lado da comprida janela curva, guarneçada de cortinas, ocupavam apenas uma fração do espaço do baixo e enorme salão, luxuosamente mobiliado, em barroco alemão, ornamentado com candelabros suspensos do estômago de querubins em vôo, afestado com pesadas obras de gesso dourado, às quais escuros retratos de nobres anônimos davam solenidade. Blofeld devia estar bem certo de que ia ficar ali. Qual seria o investimento? Certamente não seria menos de um milhão de esterlinos, mesmo presumindo-se uma gorda hipoteca de bancos suíços para financiar o custo da ferrovia suspensa. Arrendar um alp, construir uma ferrovia suspensa com financiamento, contando com a participação dos engenheiros e do conselho distrital local — isso, Bond bem sabia, era um dos últimos refúgios de dinheiro fugitivo. Sendo bem sucedido e conseguindo, com a ajuda do conselho, obter por suborno ou ameaça autorização dos lavradores para passar por suas pastagens, abrir caminho através das árvores para os pilares do cabo e as pistas de esquiação, o resto era apenas fazer publicidade e oferecer ao público, comodidade para comer seus sanduíches. Junte-se a isso a atração esnobe de um clube de luxo e muito exclusivista como, imaginava Bond, deveria ser durante o dia este G corado, e a mística de um instituto de pesquisa dirigido por um conde, e você estaria no caminho da vitória. Bond lera que a esquiação é hoje o esporte mais geralmente praticado no mundo. Parece pouco provável, mas a verdade é que a gente avalia os demais principalmente pelo número de espectadores. Os esquiadores são participantes e gastam muito mais dinheiro em equipamento do que nos outros esportes. Roupas, botas, esquis, ataduras e agora toda a rotina do “après-ski” que ocupa o dia das quatro horas, quando sol se põe, para diante, são uma tremenda indústria. Quem conseguir arranjar um bom alp, como

Blofeld conseguira de alguma maneira, está realmente feito. As hipotecas seriam pagas — a neve era o perigo, mas no Engadine, a essa altura, podia-se sentir seguro quanto a isso — em três ou quatro anos e depois era só lucro para sempre! Não era possível deixar de reconhecer que ele sabia agir!

Já era tempo de movimentar novamente as coisas! Resignadamente, Bond voltou-se para *Fraulein* Bunt.

— *Fräulein* Bunt — disse. — Por favor, explique-me uma coisa. Qual é a diferença entre um piz, um alp e um *berg*.

Os olhos amarelos cintilaram de entusiasmo acadêmico.

— Ah, Sir Hilary, essa é uma questão verdadeiramente interessante. Não me havia ocorrido antes. Vejamos agora — disse ela, fixando os olhos a certa distância. — Um piz, bem, esse é apenas um nome local empregado neste departamento da Suíça para designar um pico. Um alp, poder-se-ia pensar que fosse menor que um *berg* — uma colina, talvez, ou um pasto em terreno bem alto, quando comparado com uma montanha. Mas não é isso. Estes — explicou mostrando com a mão — são todos alpes e no entanto são grandes montanhas. O mesmo acontece na Áustria e certamente também no Tirol. Mas na Alemanha, na Bavária, por exemplo, que é minha terra natal, só há *bergs*. Não, Sir Hilary — o sorriso sem graça aparecia e desaparecia — não posso ajudá-lo. Mas por que pergunta isso?

— Em minha profissão — disse Bond, com ar entediado — a significação exata das palavras é vital. Outra coisa, antes de nos encontrarmos para os aperitivos, diverte-me procurando seu sobrenome, Bunt, em meus livros de referência. O que descobri, *Fräulein*, é muito interessante. Parece que Bunt em alemão quer dizer “alegre”, “feliz”. Na Inglaterra, o nome foi quase certamente deturpado para Bounty, talvez mesmo para Brontë, pois o avô da famosa família literária havia de fato modificado seu nome menos aristocrático, que era Brunty. Ora, isto é muito interessante. (Bond sabia que não era, que era apenas embromação, mas pensou que não faria mal exercitar seus músculos heráldicos.) Lembra-se de algum antepassado seu que tenha tido ligação com a Inglaterra? Existe o ducado de Bronty, que Nelson assumiu, como deve saber. Seria interessante estabelecer uma ligação.

O peixe mordeu! Uma duquesa! Irma Bunt, fígada, fez uma monótona crônica de seus antepassados, inclusive honrosa e distante relação com um *Graf* von Bunt. Bond ouviu cortesmente, incentivando-a voltar ao passado próximo. Ela deu o nome de seu pai e sua mãe, que Bond anotou

mentalmente. Tinha agora com que descobrir no devido tempo quem era exatamente Irma Bunt. Que esplêndida armadilha era o esnobismo! Como Basilisco Sable estava certo! Há um esnobe em cada um de nós e só através do esnobismo Bond poderia ter descoberto quem eram os pais dessa mulher.

Bond finalmente acalmou a momentânea febre da mulher e o chefe dos garçons, que vinha cortesmente rodeando a mesa, apresentou gigantescos cardápios cobertos de tinta cor de violeta. Havia de tudo desde caviar, até Double Mohka com uísque irlandês. Havia também muitas “spécialités Gloria” — *Poulet Gloria*, *Homard Gloria*, *Tournedos Gloria* e assim por diante. Apesar de seus juramentos de fugir das “spécialités”, Bond decidiu dar uma oportunidade ao frango. Pediu-o e ficou surpreendido pelo entusiasmo com que Ruby aplaudiu sua escolha.

— Oh, como tem razão, Sir Hilary! Eu também adoro frango. Sou absolutamente louca por frango. Por favor, Miss Bunt, posso pedir o mesmo?

Havia em sua voz um fervor tão surpreendente que Bond ficou observando a fisionomia de Irma Bunt. Que brilho matronal era aquele em seus olhos quando deu sua aprovação? Era mais que a aprovação do bom apetite das meninas confiadas à sua guarda. Havia nele entusiasmo, até mesmo triunfo. Estranho! E o mesmo aconteceu quando Violet pediu bastante batata com seus *tournedos*.

— Eu simplesmente adoro batatas — explicou ela a Bond, com os olhos cintilando. — Você não gosta?

— São ótimas — concordou Bond. — Isto é, quando a gente está fazendo bastante exercício.

— Oh, são deliciosas — disse Violet, entusiasmada. — Não são, Miss Bunt?

— São realmente muito boas, querida. Muito boas também para você. E Fritz, eu quero apenas salada mista com um pouco de requeijão — disse Irma Bunt, mostrando a caricatura de um sorriso e falando depois a Bond: — Infelizmente, tenho de pensar no meu físico. Essas meninas fazem muito exercício, enquanto eu preciso ficar em meu escritório e executar o serviço burocrático, não é?

Na mesa ao lado Bond ouviu a garota com o erre gutural escocês, a voz cheia de saliva, pedir que seu bife de Aberdeen Angus fosse preparado com

extremo cuidado. “Tostado e sangrento”, acentuou ela.

Que seria isso? pensou Bond. Uma reunião de belas obras? Ou esse era o dia de folga em uma dieta rigorosa? Sentia-se completamente às cegas, sem pistas. Bam, continuaria cavoucando. Voltou-se para Ruby.

— Compreendeu o que eu queria dizer a respeito de sobrenome? *Fräulein* Bunt talvez tenha mesmo um direito remoto a reivindicar um título inglês. Qual é seu sobrenome, por exemplo? Verei o que posso fazer com ele.

Fräulein Bunt interferiu bruscamente.

— Nada de sobrenomes aqui, Sir Hilary. Essa é a regra da casa. Só usamos os nomes de batismo para as meninas. Faz parte do tratamento do conde. Tem relação com uma mudança, uma transferência de personalidade, para ajudar a cura. Compreende?

— Não, creio que isso está fora do meu alcance — disse Bond, jovialmente.

— Sem dúvida, o conde lhe explicará algumas dessas questões amanhã. Ele tem teorias especiais. Um dia o mundo ficará espantado quando ele revelar seus métodos.

— Acredito — disse Bond polidamente. — Bem, agora... — acrescentou, procurando um assunto que deixasse seu espírito em liberdade para divagar. — Falem-me sobre seus progressos na esquiação. Como estão indo? Eu não pratico a esquiação, lamento dizer. Talvez aprenda alguma coisa observando suas aulas.

Era uma bola adequada que ficou saltando de Ruby para Violet e vice-versa, enquanto Bond procurava mantê-la em jogo. Veio a comida, que se mostrou deliciosa. *Poulet* Gloria era frango assado, com molho de mostarda e creme. As garotas fizeram silêncio sobre seus pratos, consumindo-os com gulodice polida, mas concentrada. Nas outras mesas, notava-se pausa semelhante na conversa. Bond começou a falar sobre a decoração da sala, o que lhe proporcionava oportunidade de dar uma boa olhada nos garçons. Havia doze deles à vista. Não teve dificuldade em catalogá-los como três corsos, três alemães, três rostos vagamente bálticos, turcos, búlgaros ou iugoslavos, e três evidentes eslavos. Provavelmente haveria três franceses na cozinha. Não era esse o velho padrão do ESPECTRO? O comprovado padrão de célula comunista com três homens de cada uma das grandes organizações de

gangsters e de serviço secreto na Europa? Os três escravos não seriam ex-elementos do SMERSH? Todos eles pareciam bastante durões, tinham a calma aparência do profissional. O homem do aeroporto era um deles. Bond reconheceu os outros como sendo o funcionário da recepção e o homem que fora a seu quarto por causa da mesa. Ouvira as moças chamá-los de Fritz, Joseph, Ivan e Achmed. E alguns deles serviam como guias de esquiação durante o dia. Bem, era uma pequena, mas bela organização, se Bond estava certo.

Bond pediu licença depois do jantar sob a alegação de que precisava trabalhar. Foi para seu quarto, onde abriu seus livros e papéis sobre a mesa e sobre outra mesa que haviam providenciado. Curvou-se sobre eles estudiosamente enquanto seu espírito passava o dia em revista.

Às dez horas ouviu os boas-noites das moças no corredor e o clique das portas fechando-se. Despiu-se, baixou o termostato na parede de oitenta e cinco para sessenta, apagou a luz e deitou-se de costas durante algum tempo olhando para o escuro. Em seguida, deu um autêntico suspiro de cansaço para os microfones, se houvesse, virou-se de lado e adormeceu.

Mais tarde, muito mais tarde, foi acordado por um murmúrio bem baixo que parecia vir de algum lugar embaixo do assoalho, mas muito, muito distante. Identificou-o como sendo um minucioso e emaranhado segredor que continuava sem parar. Mas não conseguiu distinguir palavra alguma e finalmente atribuiu-o aos canos de aquecimento central, virou-se e dormiu de novo.

11 - *Morte ao despertar*

JAMES BOND acordou com um grito. Era um terrível grito masculino que parecia sair do inferno. Sustentou momentaneamente sua primeira nota aguda e penetrante para depois diminuir rapidamente, como se o homem tivesse saltado de um penhasco. Provinha da direita, talvez, de algum lugar perto da estação da ferrovia suspensa. Mesmo no quarto de Bond, abafado pelas janelas duplas, era bastante aterrorizador. Fora devia ter sido impressionante.

Bond saltou da cama e abriu as cortinas, não sabendo que cena de pânico, de homens correndo, seus olhos encontrariam. Mas o único homem à vista era um dos guias, que subia vagarosa e calmamente a trilha de neve batida entre a estação da ferrovia suspensa e o clube. A espaçosa varanda que se estendia da parede do clube até a encosta da montanha estava vazia, mas nela já haviam sido postas mesas para desjejuns e as espreguiçadeiras para os que tomavam banhos de sol já estavam armadas em caprichadas e coloridas fileiras. O sol brilhava em um firmamento de cristal. Bond olhou para seu relógio. Eram oito horas. O trabalho começava cedo nesse lugar! Gente morria cedo. Pois aquele fora sem dúvida um grito de morte. Afastou-se da janela e tocou a campainha.

Quem atendeu foi um dos três homens que Bond suspeitara fossem russos. Bond assumiu a atitude de oficial e cavalheiro.

— Como é seu nome?

— Peter, senhor.

“Piotr?” teve vontade de perguntar Bond. “E como vão todos os meus velhos amigos do SMERSH?” Mas não perguntou. Disse apenas: — Que foi aquele grito?

— Senhor?

Os olhos cinzentos como granito estavam vigilantes.

— Um homem gritou agora há pouco. O grito vinha da estação da ferrovia. Que foi?

— Parece que houve um acidente, senhor. Deseja o desjejum? —

perguntou o homem, tirando um grande cardápio debaixo do braço e estendendo-o desajeitadamente.

— Que espécie de acidente?

— Parece que um dos guias caiu.

Como podia o homem saber disso, apenas alguns minutos depois do grito?

— Ficou muito ferido?

— É possível, senhor.

Os olhos, sem dúvida treinados para resistir a investigação, sustentaram afavelmente o olhar de Bond.

— Deseja o desjejum? — repetiu o homem, estendendo de novo o cardápio.

— Bem, espero que o pobre rapaz esteja bem — disse Bond, com suficiente interesse. Depois, tomou o cardápio, fez o pedido e acrescentou: — Venha contar-me se souber o que aconteceu.

— Sem dúvida haverá um comunicado se o caso for grave. Obrigado, senhor.

O homem retirou-se.

Foi o grito que levou Bond a decidir que, acima de tudo, precisava conservar-se em forma. De repente sentiu que, apesar de todo o mistério e da necessidade de desvendá-lo, chegaria um momento em que precisaria de todos os seus músculos. Relutantemente passou um quarto de hora curvando os joelhos, erguendo os braços e expandindo o peito com respiração profunda — exercícios dos músculos empregados na esquiação. Tinha um palpite de que talvez precisasse fugir desse lugar. E depressa!

Tomou um banho de chuveiro e barbeou-se. O desjejum foi trazido por Peter.

— Mais alguma notícia sobre aquele pobre guia?

— Não ouvi mais coisa alguma, senhor. Quem cuida disso é o pessoal externo. Eu trabalho dentro do clube.

Bond resolveu diminuir a importância do caso.

— Ele deve ter escorregado e torcido o tornozelo. Pobre rapaz! Obrigado, Peter.

— Obrigado, senhor.

Haveria uma expressão de zombaria nos olhos de granito?

James Bond pôs seu desjejum sobre a mesa e, com certa dificuldade, conseguiu abrir a janela dupla. Retirou a pequena almofada que havia ao longo do peitoril entre as vidraças para impedir correntes de vento e soprou a poeira e as pequenas moscas mortas que ali estavam acumuladas. O ar frio e insípido das grandes altitudes entrou violentamente no quarto e Bond, dirigindo-se para o termostato, regulou-o em 90 como contra-ataque. Enquanto, com a cabeça abaixo do nível do peitoril, comia um frugal desjejum continental, ouvia o tagarelar das moças que se reuniam no terraço. A excitação e a discussão tornavam as vozes altas. Bond podia ouvir todas as palavras.

— Realmente acho que Sarah não devia ter reclamado dele.

— Mas ele entrou no escuro e começou a molestá-la.

— Quer dizer que *interferiu* realmente com ela?

— É o que ela diz. Se eu fosse ela, teria feito o mesmo. E ele é um verdadeiro animal.

— *Era*, você quer dizer. Qual foi, afinal de contas?

— Um dos iugos. Bertil.

— Oh, sei. Sim, era bem horrível. Tinha dentes pavorosos.

— Você não devia dizer coisas assim dos mortos.

— Como sabe que ele está morto? Que aconteceu afinal de contas?

— Ele era um dos homens que a gente vê regando o começo da pista de trenós. A gente os vê toda manhã com mangueiras. É para deixar as pistas boas e geladas a fim de que os trenós deslizem mais depressa. Fritz contou-me que ele escorregou não sei porque, perdeu o equilíbrio ou coisa semelhante. E foi só isso. Disparou pela pista abaixo como uma espécie de trenó humano.

— Elizabeth! Como pode ser tão sem coração!

— Bem, foi o que aconteceu. Foi você quem perguntou.

— Mas ele não poderia ter-se salvo?

— Não seja idiota. É puro gelo, com uma milha de extensão. E os trenós descem a sessenta milhas por hora. Ele não teve tempo nem de rezar.

— Mas ele não voou para fora em uma das curvas?

— Fritz disse que ele foi direto até o fim. Chocou-se com a barraca de cronometria. Mas Fritz disse que já devia ter morrido nas primeiras cem jardas.

— Oh, aqui está Franz. Franz, pode trazer-me ovos mexidos e café? E diga para prepararem os ovos mexidos bem fofos, como eu sempre como.

— Sim, senhorita. E a senhorita?

O garçom recebeu os pedidos e Bond ouviu suas botas rangerem sobre as tábuas.

A moça sentenciosa estava sendo novamente sentenciosa.

— Bem, o que posso dizer é que deve ter sido uma espécie de castigo pelo que tentou fazer com Sarah. A gente sempre é castigada pelo mal que pratica.

— Não seja ridícula. Deus jamais imporá um castigo tão severo assim.

A conversa seguiu essa nova linha, entrando em um labirinto de moral infantil e Escrituras Sagradas.

Bond acendeu um cigarro e ficou sentado, olhando pensativamente para o céu. Não, a garota tinha razão. Deus não imporá tal castigo. Mas Blofeld, sim. Teria havido uma daquelas reuniões de Blofeld, nas quais, perante todo o corpo de homens, o crime e o veredicto eram anunciados? Teria esse Bertil sido levado e jogado na pista de trenós? Ou teria um de seus companheiros retirado silenciosamente a carta da morte e recebido ordem para dar ao pecador a rasteira ou o leve empurrão que provavelmente fora a única coisa necessária? O mais certo era isto. A qualidade do grito fora de terror repentino, percebido plenamente quando o homem caiu, debateu-se no gelo com unhas e botas e depois, ganhando velocidade na garganta azul e polida, e compreendeu o cegante horror da verdade. E que morte! Bond descera certa vez o Cresta, do “Topo”, para provar a si próprio que tinha coragem. Com capacete, máscara contra as rajadas de ar, enchimento de couro e espuma de

borracha, com tudo isso haviam sido sessenta segundos de puro medo. Ainda se lembrava de como seus membros tremiam quando se levantou duro do pequeno e frágil trenó no fim da pista. E tinham sido apenas três quartos de milha. Esse homem, ou seus restos mutilados, tinha coberto mais de uma milha. Descera de cabeça ou com os pés na frente? Seu corpo teria começado a rolar? Teria ele tentado, enquanto ainda lhe restava consciência, frenar-se na margem de uma das primeiras curvas, cientificamente inclinadas, com a ponta de sua bota ou... ? Não. Depois das primeiras jardas, ele já estaria com velocidade demais para ter qualquer idéia ou ação racional. Deus, que morte! Uma morte típica de Blofeld, uma vingança típica do ESPECTRO contra o supremo crime de desobediência. Essa era a maneira de manter a disciplina nas fileiras! Assim, concluiu Bond enquanto empurrava a bandeja para um lado e voltava a seus livros, o ESPECTRO está novamente em ação? Mas em que caminho desta vez?



Quando faltavam dez para as onze, Irma Bunt procurou-o. Depois de uma troca de amabilidades, Bond reuniu uma braçada de livros e papéis, e seguiu-a por trás do prédio do clube, ao longo de uma estreita e bem batida trilha no começo da qual havia uma tabuleta dizendo: **PRIVAT, EINTRITT VERBOTEN. (*) (*)**
Particular, entrada proibida.

O resto do edifício, cujos contornos Bond avistara na noite anterior, surgiu diante de seus olhos. Era um prédio térreo indistinto, mas fortemente construído, feito de blocos de granito local, com um teto liso de cimento do qual, na extremidade mais distante, se projetava uma pequena antena de rádio, de aparência profissional, que, presumia Bond, dera ao piloto as instruções para o pouso na noite anterior e que também serviria como ouvidos e boca de Blofeld. O edifício ficava bem na beirada do planalto e abaixo do pico final de Piz Gloria, mas fora do perigo de avalanche. Abaixo dele a montanha caía bruscamente até desaparecer além de um penhasco. Bem lá embaixo viam-se as fileiras de árvores e o vale de Bernina que levava a Pontresina, o brilho de uma linha férrea e a minúscula lagarta de um comprido trem de carga da Rhätische Bahn, a caminho presumivelmente do passo de Bernina por onde chegaria à Itália.

A porta do edifício soltou o habitual sibilo pneumático. O corredor central era mais ou menos uma reprodução do que se encontrava no clube, mas aqui viam-se portas de ambos os lados e não havia quadros. O silêncio era absoluto e não havia o menor indício do que estava acontecendo por trás das portas. Bond fez a pergunta.

— Laboratórios — respondeu vagamente Irma Bunt. — São todos laboratórios. E naturalmente o salão de conferência. Depois há os alojamentos privados do conde. Ele vive com seu trabalho, Sir Hilary.

— Tudo muito bonito!

Chegaram ao fim do corredor. Irma Bunt bateu na porta em frente.

— *Herein!* (*)

(*) Entre!

James Bond estava tremendamente excitado quando atravessou os umbrais e ouviu o sibilo da porta fechando-se às suas costas. Sabia o que não devia esperar; o Blofeld original, modelo do ano anterior — cerca de cento e vinte e cinco quilos, alto, pálido, fisionomia afável, cabelos pretos cortados curtos, olhos pretos com o branco mostrando-se em toda a volta, como os de Mussolini, boca fina e feia, pés e mãos compridos e pontiagudos — mas não tinha a menor idéia das modificações ocorridas no envoltório que continha o homem.

Contudo, *Monsieur le Comte* de Bleuville, que se levantou da espreguiçadeira na pequena varanda particular e saiu do sol para entrar na penumbra do estúdio, com as mãos estendidas em um gesto de boas-vindas, certamente não era sequer parente distante do homem que constava dos arquivos!

Bond sentiu-se decepcionado. Este homem era alto, sim, e tinha também mãos e pés compridos e finos. Mas aí cessava toda semelhança. O conde tinha cabelos compridos, cuidadosamente tratados, quase ajanotados, de um belo branco prateado. Suas orelhas, que deviam ser coladas na cabeça, salientavam-se ligeiramente e, onde devia haver grandes lóbulos, não havia. O corpo, que devia ter cento e vinte e cinco quilos, agora vestido apenas com um calção de lã, não pesava mais que setenta e cinco quilos, sem apresentar os sinais de carne frouxa que resulta do emagrecimento em pessoas de meia idade. A boca era cheia e amistosa, com um sorriso agradável e virado para

cima, mas talvez muito fixo. A testa estava coberta de rugas por cima de um nariz que, embora devesse ser curto e chato pelo que constava dos arquivos, era aquilino e comido em volta da narina direita pelo que — pobre homem! — parecia ser a marca de sífilis terciária. Os olhos? Bem, talvez neles houvesse alguma coisa, se fosse possível vê-los, mas eram apenas lagos verdes escuros bem assustadores. O conde usava, presumivelmente para proteger-se contra o sol, de fato perigoso nessas altitudes, lentes de contato verdes escuras.

Bond descarregou seus livros em uma mesa convenientemente vazia e apertou a mão quente e seca.

— Meu caro Sir Hilary. É realmente um prazer — disse Blofeld, cuja voz constava ser sombria e monótona. Agora, porém, a voz era leve e cheia de animação.

Bond disse consigo mesmo, furiosamente: Por Deus, este *tem* de ser Blofeld! Em voz alta falou:

— Sinto muito não ter podido vir no dia 21. Havia muita coisa a fazer na ocasião.

— Ah, sim. Foi o que *Fraulein* Bunt me disse. Esses novos Estados africanos. Devem realmente representar um problema. Agora, instalamo-nos aqui — disse indicando a mesa com a mão — ou vamos lá para fora? Como vê — acrescentou mostrando seu corpo bronzeado — eu sou um heliotrópio, um adorador do sol. Tanto que tive de mandar desenvolver estas lentes para mim. Sem elas, os raios infravermelhos, nesta altitude... Deixou a frase inacabada.

— Nunca tinha visto essa espécie de lentes. Afinal de contas, posso deixar os livros aqui e vir buscá-los se precisar deles para referência. Tenho o caso bastante claro na memória. E — disse Bond, sorrindo comunicativamente — seria bom voltar para o nevoeiro londrino um pouco queimado pelo sol.

Bond equipara-se em Lillywhites com roupas que lhe pareceram ao mesmo tempo apropriadas e sensatas. Evitara as modernas calças de *vorlage* elástico e escolhera o tipo antiquado, mas mais confortável, de calça de esquiação em tecido liso. Com ela vestia um velho casaco preto que usava para jogar golfe, por cima de sua habitual camisa branca de algodão. Reforçava prudentemente este traje com compridas e feias ceroulas e

camisetas de algodão e lã. Tinha botas de esquiação ostensivamente novas com fortes tiras nos tornozelos.

— Então será melhor eu tirar meu suéter — falou, fazendo o que dizia e seguindo depois o conde para a varanda.

O conde deitou-se de novo em sua espreguiçadeira de alumínio. Bond puxou uma poltrona leve feita de material semelhante. Colocou-a voltada para o sol, mas em uma posição da qual podia observar o rosto do conde.

— E agora — disse o *Comte* de Bleuville — pode dizer-me o que tornou necessária esta visita pessoal?

Voltou seu sorriso fixo para Bond. Os olhos de vidro verde escuro estavam insondáveis.

— Naturalmente, não que a visita deixe de ser muito bem recebida, muito bem recebida mesmo. Então, Sir Hilary.

Bond treinara-se bem em duas respostas para essa primeira e óbvia pergunta. A primeira era para o caso do conde ter lóbulos na orelha. A segunda, era para o caso de não os ter. Agora, em tons medidos e sérios, Bond lançou à resposta Número Dois.

— Meu querido conde — a forma de tratamento parecia ditada pelos cabelos prateados, pelo encanto das maneiras do conde — há ocasiões em que no serviço do College o trabalho de pesquisa e de papéis absolutamente não é suficiente. Como sabe, chegamos a uma passagem difícil em nosso trabalho com seu caso. Refiro-me naturalmente ao hiato entre o desaparecimento da linhagem dos de Bleuville mais ou menos na época da Revolução Francesa e o aparecimento da família, ou das famílias, Blofeld nas vizinhanças de Augsburg. E — Bond fez uma pausa impressionante — no último contexto talvez eu tenha a fazer-lhe mais tarde uma proposta que espero encontre sua aprovação. Mas o que estou querendo dizer é isto. O conde já empregou vultuosos recursos em nosso trabalho e não seria justo sugerir que as pesquisas prosseguissem a menos que houvesse um substancial raio de esperança no firmamento. A possibilidade desse raio existia, mas era de tal natureza que exigia definidamente uma confrontação física.

— Realmente? E para que fim, se posso indagar?

James Bond citou os exemplos de Basilisco Sable a respeito do lábio dos Habsburgs, da cauda real e os outros. Depois inclinou-se para a frente em sua cadeira, a fim de dar ênfase às suas palavras:

— É uma peculiaridade física assim existe em relação aos de Bleuville. Não sabia disso?

— Não tinha conhecimento disso. Não. De que se trata?

— Tenho boas notícias para o senhor, conde — disse Bond, com um sorriso de congratulações. — Todas as efígies ou retratos dos de Bleuville que conseguimos encontrar destacavam-se por um aspecto vital, uma característica hereditária. Parece que a família não tinha lóbulos nas orelhas!

As mãos do conde ergueram-se para as orelhas, tateando-as. Estaria ele representando?

— Compreendo — disse vagarosamente. — Sim, compreendo.

Refletiu um momento e acrescentou:

— E precisava ver isso com seus próprios olhos? Minha palavra ou uma fotografia não seria suficiente?

— Sinto muito, conde — disse Bond, com ar embaraçado. — Mas a decisão foi do Garter King of Arms. Eu sou apenas um pesquisador independente que trabalha para um dos Passavantes. Ele, por sua vez recebe ordens do alto nessas questões. Espero que compreenda que o College precisa ser extremamente rigoroso em casos relacionados com um título muito antigo e honroso como este em questão.

Os lagos escuros voltaram-se para Bond como pontas de revólveres.

— Agora que viu o que veio ver, considera haver ainda dúvidas quanto ao título?

Esse era o pior obstáculo.

— O que vi sem dúvida me permite recomendar que o trabalho continue, conde. E eu diria que nossas probabilidades de êxito se multiplicaram muito. Eu trouxe os materiais para um primeiro esboço da Linha de Descendência, que poderei apresentar-lhe em questão de dias. Infelizmente, porém, como já disse, há ainda muitas falhas e é importantíssimo que eu convença Basilisco Sable particularmente quanto às fases da migração de sua família de Augsburg para Gdynia. Ajudaria muito se eu pudesse inquiri-lo cuidadosamente sobre seus ascendentes na linha masculina. Mesmo pormenores sobre seu pai e avô seriam de grande ajuda. E depois, naturalmente, seria da maior importância que pudesse perder um dia para acompanhar-me a Augsburg a fim de ver se a letra desses membros da família

Blofeld nos *Archives*, seus nomes de batismo e outros pormenores familiares despertam algumas lembranças ou associações em seu espírito. O resto ficaria então por nossa conta no College. Eu não poderia dedicar mais de uma semana a este trabalho. Mas estou à sua disposição, se o desejar.

O conde levantou-se. Bond fez o mesmo. Caminhou descuidadamente até o corrimão e admirou a vista. A grosseira isca seria engolida? Bond esperava desesperadamente que isso acontecesse. Durante a entrevista chegara a uma conclusão certa. Não havia uma única peculiaridade na aparência do conde que não pudesse ter sido obtida por boa representação e pela mais aperfeiçoada cirurgia facial e estomacal aplicada ao Blofeld original. Só os olhos não poderiam ter sido modificados. E os olhos estavam cobertos.

— Acha que com trabalho paciente, mesmo incluindo alguns pontos de interrogação onde os elos de ligação são obscuros, eu conseguiria um *Acte de Notoriété* capaz de satisfazer o ministro da Justiça em Paris?

— Certamente — mentiu Bond. — Com a autoridade do College a apoiá-lo.

O sorriso fixo alargou-se um pouquinho:

— Isso me daria grande prazer, Sir Hilary. Eu *sou* o *Comte* de Bleuville. Meu coração e minhas veias dão-me certeza disso.

Havia verdadeiro fervor na voz do conde.

— Estou decidido, porém, a fazer com que meu título seja oficialmente reconhecido. Terei o maior prazer em que continue como meu hóspede e estarei constantemente à sua disposição para ajudá-lo nas pesquisas.

Bond disse cortesmente, mas com um traço de cansaço e resignação:

— Está bem, conde. E muito obrigado. Começarei imediatamente.

12 - *Dois momentos quase fatais*

BOND FOI conduzido para fora do edifício por um homem de paletó branco com a convencional gaze de técnico de laboratório cobrindo a parte inferior de seu rosto. Bond não tentou puxar conversa. Estava agora bem dentro da fortaleza, mas precisava continuar andando nas pontas dos pés e observando com cuidado onde punha os pés.

Voltou para seu quarto e abriu uma das gigantescas folhas de papel quadrado que lhe haviam sido fornecidas. Sentou-se à sua mesa e, com mão firme, escreveu no alto do papel, no centro: “Guillaume de Bleuville, 1207-1243”. Havia agora quinhentos anos de Bleuilles, com suas esposas e filhos, para serem copiados de seus livros e suas anotações. Isso encheria impressionante número de páginas com fatos impecáveis. Certamente poderia estender esse trabalho por mais de três dias, intercalado com outra atividade difícil — conversar com Blofeld sobre a versão Blofeld da história.

Felizmente, havia alguns Blofields ingleses que poderia jogar como contrapeso. E alguns Bluefields e Blumfields. Poderia fazer com que algumas belas lebres comesçassem a correr nessas direções! E, entre essas atividades idiotas, cavoucaria e cavoucaria para desvendar este mistério: em que diabo de coisa estava metido o novo Blofeld, o novo ESPECTRO!

Uma coisa era certa: já haviam revistado seus pertences. Antes de sair para a entrevista com o conde, Bond fora ao banheiro, longe daquele buraco aparentemente vigilante que havia no forro, e arrancara doloridamente meia dúzia de seus cabelos. Enquanto escolhia os livros que precisava levar consigo, espalhara disfarçadamente esses cabelos entre seus outros papéis e dentro de seu passaporte. Todos os cabelos haviam desaparecido. Alguém examinara todos os seus livros. Levantou-se e foi até a camiseira, ostensivamente para buscar um lenço. Sim, os cuidadosos padrões em que arrumara suas coisas estavam todos desfeitos em pequenos detalhes. Sem revelar emoções voltou a seu trabalho, agradecendo aos céus por ter viajado “limpo” como um assobio! Mas, por Deus, tinha de manter sòlidamente seu disfarce! Absolutamente não lhe agradava a idéia daquela veloz descida pela pista de trenós!

Bond avançou até 1350 e depois o barulho da varanda tornou-se tão grande que lhe distraiu a atenção. Fosse como fosse, havia executado um trabalho respeitável, quase até o fim da gigantesca página. Agora sairia e realizaria uma pequena e muito discreta exploração. Desejava firmar suas orientações, ou melhor confirmá-las, e essa seria uma atividade perfeitamente razoável para um recém-chegado. Havia deixado entreaberta a porta de seu quarto para o corredor. Saiu e dirigiu-se ao salão de recepção, onde o homem

de paletó cor de ameixa estava registrando atarefadamente em um livro os nomes dos visitantes da manhã. O cumprimento de Bond foi cortesmente respondido. Havia uma sala de esquis e uma oficina à esquerda da saída. Bond entrou descuidadamente. Um dos tipos balcânicos estava diante do banco de trabalho, parafusando um novo suporte em um dos esquis. Ergueu os olhos e depois continuou seu trabalho, enquanto Bond olhava com aparente curiosidade as fileiras de esquis encostados na parede. As coisas haviam mudado bastante desde seu tempo. Os suportes eram completamente diferentes e desenhados, segundo parecia, de modo a manter o calcanhar achatado sobre o esqui. E havia novos engenhos de segurança. Muitos dos esquis eram de metal e os bastões de esquiação eram lanças de fibra de vidro que pareceram a Bond extremamente perigosas no caso de uma queda violenta. Bond aproximou-se do banco de trabalho e fingiu-se interessado pelo que o homem estava fazendo. Na verdade vira algo que o excitara muito: uma suja pilha de pedaços de finas tiras de plástico sobre as quais a bota devia repousar nos suportes de modo que, na superfície lisa, não se amontoasse neve embaixo da sola. Bond inclinou-se sobre o banco de trabalho, repousando nela o cotovelo direito, e comentou a precisão do serviço do homem. O homem resmungou e concentrou-se ainda mais a fim de evitar a continuação da conversa. A mão esquerda de Bond deslizou por baixo de seu braço direito, apanhou uma das tiras e enfiou-a dentro da manga. Bond fez mais um comentário fútil, que não obteve resposta, e saiu vagarosamente da sala de esquis.

(Quando o homem na oficina ouviu o sibilo da porta da frente fechando-se, voltou-se para a pilha de tiras de plásticos e contou-as cuidadosamente duas vezes. Em seguida, saiu da oficina, foi até onde estava o homem de paletó cor de ameixa e disselhe algumas palavras em alemão. O homem acenou afirmativamente, apanhou o telefone e discou 0. O trabalhador voltou calmamente para sua sala de esquis.) Enquanto andava ao longo da trilha que leva até a estação da ferrovia suspensa, Bond transferiu a tira de plástico da manga para o bolso da calça, sentindo-se contente consigo mesmo. Armara-se pelo menos com uma ferramenta — a tradicional ferramenta de ladrão para abrir as fechaduras de tipo Yale que trancavam as portas.

Distante do prédio do clube, para onde se encaminhavam apenas umas poucas pessoas de aparência elegante, misturou-se com a multidão que habitualmente se encontra no alto das montanhas — gente que saía em grande número da estação da ferrovia, esquiadores caminhando vacilantemente ou correndo pelas fáceis encostas do planalto, pequenos grupos reunidos sob a

direção de professores e guias individuais vindos do vale. O terraço do restaurante público já estava lotado de subprivilegiados que não tinham o dinheiro ou as relações necessárias para entrar no clube. Bond caminhou diante do terraço sob a neve bem batida e colocou-se entre os esquiadores no topo do primeiro declive da pista Gloria. Uma grande tabuleta, ostentando o G e a coroa, anunciava: GLORIA ABFAHRT! Embaixo estava, escrito: ROT — FREIE FAHRT. GELB — FREIE FAHRT — SCHWARZ — GESPERRT, significando que as pistas vermelha e amarela estavam abertas, mas a preta estava fechada, presumivelmente devido a perigo de avalanche. Embaixo da inscrição havia um mapa das três pistas em metal pintado. Bond olhou-o bem, refletindo que talvez fosse prudente guardar de memória a vermelha que era presumivelmente a mais fácil e mais popular. Havia bandeiras vermelhas, amarelas e pretas marcadas no mapa e Bond podia ver as bandeiras verdadeiras flutuando na descida da montanha até onde as pistas, cobertas de minúsculas figuras em movimento, desapareciam à esquerda, dando a volta no canto da montanha e passando por baixo da ferrovia suspensa. A vermelha parecia continuar ziguezagueando por baixo do cabo e entre os raros e altos pilares até encontrar-se com a fileira de árvores. Depois havia uma curta extensão de pista através da mata até o declive final e fácil através das ondulantes campinas que levavam à estação inferior da ferrovia, além da qual ficava a linha férrea e em seguida a rodovia Pontresina-Samaden. Bond tentou fixar tudo isso em sua memória. Depois observou algumas das partidas. Estas variavam entre os mergulhos semelhantes à flecha dos *Kannonen*, os astros, que se lançavam diretamente com terrível velocidade, agachados sobre os esquis, com os bastões folgada-mente enfiados sob as axilas, o amador mediano que brecava três ou quatro vezes durante a descida e o principiante aterrorizado que, deixado para trás, descia vagorosamente, com os esquis em ângulo e abertos como um limpador de neve, e dava de vez em quando rápidas corridas em diagonal através da encosta lisa — pequenas e velozes corridas que geralmente terminavam em suaves choques quando o esquiador saía da superfície lisa para a grossa neve em pó que margeava a larga pista batida.

A cena era igual a milhares de outras que Bond apreciara quando, adolescente, aprendera esquiação na velha Hannes Schneider School, em St. Anton, no Arlberg. Ficara um bom esquiador e conquistara seu K dourado, mas o estilo naquele tempo era rudimentar em comparação com o que observava agora nos especialistas que de vez em quando passavam a seu lado e desciam zumbindo. Hoje os esquis de metal pareciam correr mais depressa e mais fácil que os antigos aparelhos de beiradas de aço. Havia menos

movimento de ombro e a arte de Wedeln, um delicado balanço dos quadris, era uma revelação. Seria eficaz em neve nova e profunda tanto quanto era na pista bem batida? Bond duvidava, mas sentia inveja dos que a praticavam. Era muito mais graciosa que o velho agacho Arlberg. Bond ficou pensando como se comportaria nessa terrível pista. Sem dúvida não ousaria lançar-se diretamente no primeiro declive. Brecaria pelo menos duas vezes, talvez ali e lá. E suas pernas estariam tremendo antes de ter deslizado cinco minutos. Seus joelhos, seus tornozelos e seus pulsos estariam cedendo. *Precisava* continuar seus exercícios.

Excitado, Bond afastou-se da cena e seguiu flechas que apontavam para a *Pista Expressa de Trenós Gloria*. Ficava do outro lado da estação da ferrovia suspensa. Havia uma pequena barraca de madeira, a barraca do juiz de partida, com fios telefônicos ligados à estação, embaixo da qual existia uma pequena “garagem” onde eram guardados os trenós. Uma corrente, da qual pendia um cartaz dizendo ABFAHRTEN TAGLICH 0900-1100, estendia-se através da larga entrada da pista de gelo azul que se curvava para a esquerda e depois desaparecia na curva da montanha. Ali também havia um mapa de metal mostrando a rota em ziguezague da pista que descia para o vale. Em deferência às tradições inglesas do esporte, as curvas principais e os lugares perigosos eram marcados com nomes como “Dead Man’s Leap”, “Whizz-Bang Straight”, “Battling S”, “Hell’s Delight”, “The Boneshaker” e a reta final embaixo com “Paradise Alley”. Bond imaginou a cena daquela manhã, e ouviu de novo aquele grito angustiante. Sim, aquela morte tinha sem dúvida o velho toque de Blofeld!

— Sir Hilary! Sir Hilary!

Arrancado assim de seus pensamentos, Bond virou-se. *Fräulein* Irma Bunt, com os braços curtos no quadris, estava em pé na trilha que levava ao clube.

— Hora do almoço! Almoço!

— Já vou — gritou Bond e começou a subir a encosta em direção a ela. Observou que, mesmo naquelas cem jardas, sua respiração estava presa e seus membros estavam pesados. Essa maldita altitude! *Precisava* realmente exercitar-se!

Aproximou-se de Irma Bunt, que parecia irritada. Disse que sentia muito, que não reparara na hora. Ela nada respondeu. Os olhos amarelos examinaram-no com viva aversão antes que a mulher lhe virasse as costas e

começasse a andar pela trilha.

Bond procurou lembrar-se dos acontecimentos da manhã. Que havia feito? Teria cometido algum erro? Bem, era possível que sim. O melhor era tomar precauções! Quando chegavam à entrada do salão de recepção, Bond disse casualmente : — Oh, a propósito, *Fraulein* Bunt, eu estive há pouco na sala de esquis.

A mulher parou. Bond notou que a cabeça do recepcionista curvou-se um pouco mais sobre seu livro de visitantes.

— Sim?

Bond tirou o pedaço de plástico do bolso.

— Encontrei exatamente o que desejava — disse, mostrando um sorriso de inocente satisfação. — Como um idiota, esquecime de trazer uma régua. E havia estas coisas no banco de trabalho. Exatamente do que eu precisava. Por isso tomei uma emprestada. Espero que não faça diferença. Naturalmente eu a deixarei quando for embora. Mas essas árvores genealógicas, como sabe — explicou Bond, desenhando uma série de linhas retas no ar — a gente precisa colocá-las nos níveis certos. Espero que não se incomode — acrescentou sorrindo encantadoramente. — Eu ia confessar-lhe assim que a encontrasse.

Os olhos de Irma Bunt ficaram velados.

— Não tem importância. No futuro, quando precisar de alguma coisa, pode pedir, sim? O conde deseja que tenha todas as facilidades. Agora — disse ela, fazendo um gesto — talvez queira sair para o terraço. Mostrar-lhe-ão nossa mesa. Eu irei encontrá-lo dentro de um momento.

Bond atravessou a porta do restaurante. Várias das mesas internas estavam ocupadas por aqueles que já se sentiam cansados do sol. Atravessou a sala e saiu pelas janelas francesas agora abertas. O homem chamado Fritz, que parecia ser o *maître d'hôtel*, veio em sua direção passando entre as mesas. Seus olhos também estavam frios de hostilidade. Ergueu um cardápio, dizendo:

— Siga-me, por favor.

Bond seguiu-o até a mesa encostada ao corrimão. Ruby e Violet já estavam lá. Bond sentiu-se quase com o coração leve de alívio por estar novamente de mãos limpas. Precisava prestar atenção, ter cuidado! Desta vez saíra-se bem. E ainda ficara com a tira de plástico. Teria dado a impressão de

bastante inocente, bastante estúpido? Sentou-se e pediu um Martini de vodca seco duplo, no gelo, com cascas de limão, e encostou seu pé no de Ruby.

Ela não retirou o seu. Sorriu. Violet também sorriu. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. De repente o dia pareceu muito bonito.

Fraulein Bunt chegou e ocupou seu lugar. Estava afável novamente.

— Estou muito contente por saber que vai ficar uma semana inteira conosco, Sir Hilary. Gostou de sua entrevista com o conde? Não é um homem interessante?

— Muito interessante. Infelizmente nossa conversa foi muito curta e discutimos apenas meu próprio assunto. Eu estava ansioso por fazer-lhe algumas perguntas sobre seu trabalho de pesquisa. Espero que não me tenha achado muito rude.

A fisionomia de Irma Bunt fechou-se perceptivelmente.

— Estou certa que não. O conde não gosta muito de discutir seu trabalho. Nesses setores científicos especializados — compreende? — há muita inveja e, lamento dizer, muito roubo intelectual — disse Irma Bunt mostrando novamente seu sorriso sem graça. — Naturalmente, não me refiro ao senhor, meu querido Sir Hilary, mas a cientistas menos escrupulosos que o conde, a espões de companhias químicas. É por isso que permanecemos muito sozinhos em nosso pequeno Ninho de Águia aqui em cima. Temos total isolamento. A própria polícia do vale colabora muito no sentido de proteger-nos contra intrusos. Aprecia o que o conde está realizando.

— O estudo de alergias?

— Exatamente.

O *maître d'hôtel* estava em pé ao lado de Irma Bunt. Seus pés juntaram-se em um clique perceptível. Os cardápios foram distribuídos e a bebida de Bond chegou. Bond tomou um longo gole e pediu *Oeufs Gloria* com salada de verduras. Novamente frango para Ruby e carne fria “com montes de batatas” para Violet. Irma Bunt pediu sua habitual salada com requeijão.

— Vocês não comem outra coisa senão frango e batatas? — perguntou Bond. — Isso tem alguma coisa a ver com suas alergias?

Ruby começou:

— Bem, sim, em certo sentido. Não sei como, mas passei a adorar...

Irma Bunt interferiu bruscamente.

— Vamos, Ruby. Nada de discutir os tratamentos, lembra-se? Nem mesmo com nosso bom amigo Sir Hilary.

Mostrando com a mão as mesas repletas ao redor, acrescentou :

— Gente muito interessante, não acha, Sir Hilary? O que há de mais fino. Roubamos realmente a sociedade internacional de Gstaad e St. Moritz. Aquele com um alegre grupo de mocinhas é o duque de Marlborough. E perto dele estão Sir Whitney e Lady Daphne Straight. Ela não é chique mesmo? Ambos são esquiadores maravilhosos. Aquela moça bonita de compridos cabelos loiros na mesa grande é Ursula Andress, a estrela de cinema. Que bronzeado maravilhoso ela tem! E sir George Dunbar, que sempre tem os mais encantadores companheiros. (Novamente o sorriso sem graça). Só nos falta o Aga Khan e talvez o seu duque de Kent para termos de tudo, mas tudo mesmo. Não é sensacional para a primeira temporada?

Bond disse que era. O almoço foi servido. Os ovos de Bond estavam deliciosos — ovos cozidos picados, com um molho de creme e queijo misturado com mostarda inglesa (a mostarda inglesa parecia ser a chave das especialidades do Gloria), tostados em um prato de cobre. Bond elogiou a excelência da cozinha.

— Obrigada — disse Irma Bunt. — Temos na cozinha três especialistas franceses. Os homens são muito bons para cozinhar, não acha?

Bond sentiu mais do que viu um homem aproximar-se de sua mesa. Encaminhou-se para Bond. Era um homem de aparência militar, mais ou menos da idade de Bond, e tinha uma expressão de perplexidade no rosto. Curvou-se ligeiramente para as mulheres e disse a Bond: — Desculpe-me, mas vi seu nome no livro de visitantes. É Hilary Bray, não é?

O coração de Bond quase parou. Essa situação sempre fora considerada uma possibilidade e havia preparado uma tateante reação para ela. Mas esse era o pior momento possível com aquela maldita mulher observando e ouvindo.

— Sim, isso mesmo — disse Bond, com animação.

— *Sir Hilary Bray?* — perguntou o homem com expressão de perplexidade ainda maior.

Bond levantou-se e voltou as costas para a mesa, para Irma Bunt.

— Isso mesmo — disse, tirando o lenço e assoando o nariz para abafar a pergunta seguinte, que poderia ser fatal.

— Esteve nos *Lovat Scouts* durante a guerra?

— Ah — exclamou Bond, abaixando depois a voz, com ar preocupado. — Está pensando em meu primo. De Ben Trilleachan. O pobre rapaz morreu há seis meses. Eu herdei o título.

— Oh, meu Deus! — disse o homem, cujo ar de perplexidade foi substituído por uma expressão de pesar. — Entristece-me saber disso. Foi grande amigo meu na guerra. Engraçado! Não vi coisa alguma sobre isso em “The Times”. Sempre leio os “Nascimentos, Casamentos e Falecimentos”. Que aconteceu?

Bond sentiu o suor correndo pelos seus braços.

— Caiu de uma daquelas suas malditas montanhas. Quebrou o pescoço.

— Meu Deus! Pobre rapaz! Mas estava sempre andando pelas montanhas sozinho. Preciso escrever a Jenny imediatamente — disse o homem, estendendo a mão. — Bem, sinto muito tê-lo incomodado. Achei que este era um lugar curioso para encontrar o velho Hilary. Bem, até logo e, novamente, desculpe-me.

Afastou-se entre as mesas. Com o canto dos olhos, Bond viu-o reunir-se a uma mesa de aparência muito inglesa, ocupada por homens e, evidentemente, esposas, com os quais começou a falar animadamente.

Bond sentou-se, apanhou seu copo, bebeu tudo quanto tinha e voltou a seus ovos. Os olhos da mulher estavam fixos nele. Sentiu o suor escorrendo pelo rosto. Tirou o lenço e enxugou-o.

— Puxa! Está quente aqui no sol! Era um amigo de meu primo. Meu primo tinha o mesmo nome que eu. Parentesco colateral. O pobre rapaz morreu não faz muito tempo — disse Bond, com expressão triste, acrescentando em seguida, ao mesmo tempo que olhava corajosamente para o outro lado da mesa: — Nunca tinha visto esse homem. Sujeito agradável. Conhece alguém de seu grupo, *Fräulein* Bunt?

Sem olhar para o grupo a que Bond fazia referência, *Fräulein* Bunt respondeu laconicamente: — Não, eu não conheço toda gente que vem aqui. Os olhos, ainda inquisitivos, estavam fixos em Bond.

— Mas foi uma curiosa coincidência. O senhor e seu primo são muito parecidos?

— Oh, muito — disse Bond, com entusiasmo. — Eu sou o retrato dele. Muitas vezes tomavam um de nós pelo outro.

Olhou para o grupo de ingleses. Graças a Deus estavam apanhando suas coisas para sair. Não pareciam particularmente elegantes ou prósperos. Provavelmente estavam hospedados em Pontresina ou, dentro do programa de férias de ex-oficiais, em St. Moritz. Típico grupo inglês de esquiação. Provavelmente estavam percorrendo todas as grandes pistas das vizinhanças, uma a uma. Bond procurou lembrar-se da conversa que tivera, enquanto esperava o café e tagarelava alegremente com Ruby, cujo pé estava de novo encostado ao seu, falando sobre o progresso que ela fizera em esquiação naquela manhã.

Bem, decidiu Bond, a mulher não poderia ter ouvido muita coisa com todo o barulho que vinha das mesas em roda.

Mas fora uma escapada por um triz, realmente por um triz. A segunda do dia.

Era o que dava andar nas pontas dos pés dentro das linhas inimigas.

Não era nada bom! Decididamente nada bom!

13 - *Princesa Ruby?*

“MEU QUERIDO Basilisco Sable:

Cheguei bem — em helicóptero, veja só! — a este belo lugar chamado Piz Gloria, a 10 mil pés de altitude em um ponto qualquer do Engadine. Muito confortável com excelente pessoal masculino de várias nacionalidades e uma eficientíssima secretária do conde chamada *Fraulein* Bunt que me disse ter nascido em Munique.

Tive uma entrevista muito proveitosa com o conde hoje de manhã, em resultado da qual ele deseja que eu fique aqui uma semana para completar o

primeiro esboço de sua árvore genealógica. Espero que possa dispensar meus serviços durante esse tempo. Avisei o conde que temos muito trabalho a fazer para os novos Estados da Comunidade. Ele próprio, embora muito atarefado no que parece ser um abnegado trabalho de pesquisa sobre alergias e suas causas (tem aqui dez moças inglesas como pacientes), concordou em avistar-se comigo diariamente na esperança de podermos juntos fechar a brecha entre a migração dos de Bleuilles da França e sua subsequente transferência, como Blofelds, de Augsburg para Gdynia. Sugeri-lhe que devemos concluir o trabalho com uma rápida visita a Augsburg para os fins que você e eu discutimos, mas ele não me anunciou sua decisão.

Por favor, diga a minha prima Jenny Bray que vai receber notícias de um amigo de seu falecido marido que parece ter servido com ele nos Lovat Scouts. Apareceu aqui hoje para almoçar e me tomou pelo outro Hilary! Uma verdadeira coincidência!

As condições de trabalho são excelentes. Vivemos aqui completamente isolados, protegidos contra o enlouquecedor mundo dos esquiadores, e muito sensatamente as moças são fechadas em seus quartos depois das dez horas da noite para que não sucumbam à tentação de ficar passeando e tagarelando. Parecem moças muito boazinhas, procedentes de todas as partes do Reino Unido, mas um tanto bobinhas.

Agora, a notícia mais interessante. O conde *não* tem lóbulos nas orelhas! Não é uma boa notícia? Tem também aparência e atitudes muito distintas, com uma bela cabeça de cabelos prateados e um sorriso encantador. Sua figura esbelta também indica origem nobre. Infelizmente precisa usar lentes de contato verdes escuras devido a fraqueza dos olhos e ao brilho do sol nesta altitude. Seu nariz aquilino é marcado por uma narina deformada que, segundo penso, poderia ser facilmente corrigida por cirurgia facial. Fala impecavelmente o inglês, com alegre voz cantada, e estou certo de que nos daremos muito bem.

Vamos agora aos negócios. Seria muito útil se você entrasse em contato com os antigos impressores do Almanach de Gotha para ver se podem ajudar-nos a eliminar as brechas na linguagem. Talvez tenham alguns indícios. Cabografe-me tudo quanto for útil. Com o novo indício dos lóbulos das orelhas, tenho absoluta confiança em que existe relação.

É só isso por enquanto.

Sempre seu, HILARY BRAY

P. S. Não conte isto a minha mãe para que ela não fique preocupada com minha segurança entre as neves eternas! Mas tivemos esta manhã um desagradável acidente aqui. Um dos empregados, um iugoslavo, segundo parece, escorregou na pista de trenós e deslizou até embaixo! Um negócio terrível. Parece que vai ser enterrado amanhã em Pontresina. Acha que deveríamos mandar alguma espécie de coroa? H.B.”

Bond leu a carta várias vezes. Sim, daria às autoridades responsáveis pela Operação “Corona” muito material com que trabalhar. Particularmente a insinuação de que deveriam obter o nome do homem morto no registro de Pontresina. E disfarçaria um pouco a confusão dos Brays quando, como Bond tinha certeza, a carta fosse aberta e fotocopiada antes de ser remetida. Naturalmente, poderiam limitar-se a destruí-la. Para evitar isso, seria muito valiosa aquela baboseira sobre o Almanach de Gotha. Era uma fonte de conhecimento heráldico que não fora mencionada antes. Sem dúvida despertaria o interesse de Blofeld.

Bond tocou a campainha, entregou a carta para que fosse remetida e voltou a seu trabalho, que consistiu inicialmente em ir ao banheiro com o pedaço de plástico e sua tesoura no bolso a fim de cortar duas tiras de uma polegada de largura. Isso seria suficiente para o fim em que ele e, segundo esperava, Ruby as empregariam. Depois, usando a última falange de seu polegar como medida aproximada, marcou o pedaço restante de oito polegadas em espaços de uma polegada, para sustentar sua mentira sobre a régua, e voltou à sua mesa e aos cem anos seguintes dos de Bleuilles.

Cerca das cinco horas, a luz ficou tão fraca que Bond se levantou da mesa e se espreguiçou, preparando-se para ir até o interruptor perto da porta. Olhou uma última vez pela janela antes de fechá-la. A varanda estava completamente deserta e as almofadas de espuma de borracha das espreguiçadeiras já haviam sido recolhidas. Da direção da estação da ferrovia suspensa ainda vinha o rangido da maquinaria que durante o dia fora parte dos ruídos de fundo. No dia anterior a ferrovia deixara de funcionar às cinco horas. Devia ser hora de o último par de gôndolas completar sua viagem de ida e volta e parar nas respectivas estações para passar a noite. Bond fechou as janelas duplas, foi até o termostato e baixou-o para setenta. Estava estendendo a mão para o interruptor quando ouviu uma batida muito leve na

porta. Bond disse em voz baixa:

— Entre!

A porta abriu-se e fechou-se rapidamente, deixando apenas uma pequena fresta. Era Ruby, que pôs os dedos nos lábios e fez um gesto em direção ao banheiro. Bond, muito intrigado, seguiu-a e fechou a porta. Depois acendeu a luz. Estava muito corada. Com ar implorativo segredou: — Oh, perdoe-me, por favor, Sir Hilary. Mas eu queria tanto falar um segundo consigo.

— Ótimo, Ruby. Mas por que o banheiro?

— Oh, não sabia? Pensei que soubesse. Acho que é segredo, mas naturalmente posso contar-lhe. Não vai contar a ninguém, vai?

— Claro que não.

— Bem, em todos os quartos há microfones. Não sei onde estão. Mas às vezes nós, as moças, nos reunimos em um dos quartos, apenas para tagarelar, e Miss Bunt sempre fica sabendo. Pensamos que há também uma espécie de televisão — disse Ruby, dando uma risadinha sem abrir a boca. — Sempre trocamos de roupa no banheiro. É uma espécie de impressão. Como se estivéssemos sendo vigiadas o tempo todo. Acho que tem alguma relação com o tratamento.

— Sim, espero que seja isso.

— O fato, Sir Hilary, é que fiquei tremendamente excitada pelo que estava dizendo hoje durante o almoço, sobre a possibilidade de Miss Bunt ser uma duquesa. Quero dizer, isso é realmente possível?

— Oh, sim — afirmou Bond sem hesitação.

— Fiquei tão desapontada em não poder dizer-lhe meu sobrenome. Sabe, sabe... — seus olhos estavam crescidos de excitação — é Windsor!

— Puxa! — disse Bond. — Isso é interessante!

— Sabia que ia dizer isso. Em casa sempre disseram que éramos parentes distantes da Família Real.

— Compreendo perfeitamente — disse Bond, com voz pensativa e judiciosa. — Gostaria de poder fazer algum trabalho nessa questão. Como eram os nomes de seus pais? Preciso saber isso primeiro.

— George Albert Windsor e Mary Potts. Significam alguma coisa?

— Bem, naturalmente, Albert é significativo — observou Bond, sentindo-se um canalha. — Como sabe, houve o Príncipe Consorte da Rainha Vitória. Chamava-se Albert.

— Oh, Jesus! — exclamou Ruby, levando a mão fechada à boca.

— Mas naturalmente isso tudo exige muito trabalho. De que lugar da Inglaterra você provém? Onde nasceu?

— No Lancashire. Morecambe Bay, aquele lugar de onde vêm os camarões. Mas produz também muitas aves, como deve saber.

— É por isso que você gosta tanto de frango?

— Oh, não — respondeu Ruby, parecendo surpreendida com a observação. — Essa é a questão. Como vê, eu era alérgica a frangos. Não podia suportá-los, todas aquelas penas, as estúpidas bicadas, a sujeira, o mau cheiro. Odiava-os. Só de comer frango eu ficava cheia de urticária. Era horrível e, naturalmente, meus pais ficavam loucos comigo, pois eram avicultores em grande escala e eu devia ajudar a limpar as baterias, esses lugares modernos para produção em massa de frangos, sabe? Um dia vi esse anúncio no jornal, no “Poultry Farmer’s Gazette”. Dizia que quem sofresse de alergia por frangos, seguia-se um comprido nome em latim, poderia candidatar-se a um curso de re... de re... a um tratamento em um instituto suíço que se dedicava a trabalho de pesquisa sobre a coisa. Tudo pago com mais dez libras por semana para pequenas despesas. Como as pessoas que vão servir de cobaia naquele lugar que está tentando encontrar o remédio para resfriados.

— Sei — disse Bond encorajadoramente.

— Por isso me candidatei. Pagaram minha passagem até Londres-e lá encontrei Miss Bunt, que me submeteu a uma espécie de exame — contou Ruby, rindo sem abrir a boca. — Só Deus sabe como fui aprovada, pois fora reprovada duas vezes nos exames escolares. Mas ela disse que eu era exatamente o que o Instituto desejava e eu vim para cá há cerca de dois meses. Não é mau. São terrivelmente rigorosos. Mas o conde curou completamente meu mal. Agora simplesmente adoro frangos — acrescentou, com os olhos de repente embevecidos. Acho que são as aves mais belas e maravilhosas do mundo.

— Bem, foi uma coisa muito boa — concordou Bond, completamente desorientado. — Agora, quanto ao seu nome, vou trabalhar nele imediatamente. Mas como podemos conversar? Vocês parecem estar sujeitas a uma organização muito cuidadosa. Como poderei vê-la sozinha? O único lugar é seu quarto ou o meu.

— Quer dizer *à noite*?

Os grandes olhos azuis estavam dilatados de susto, excitação e virginal satisfação.

— Sim, é o único meio — disse Bond, dando um ousado passo em direção a ela e beijando-a na boca. Abraçou-a desajeitadamente e acrescentou: — Sabe que eu a acho tremendamente encantadora?

— Oh, Sir Hilary.

Mas Ruby não recuou. Limitou-se a ficar parada como uma grande boneca amorosa, passiva, ligeiramente calculista, esperando ser princesa.

— Mas como vai sair daqui? Eles são terrivelmente rigorosos. Um guarda sobe e desce o corredor com frequência. Naturalmente... — os olhos tinham uma expressão calculista — é verdade que estou no quarto vizinho ao seu, no Número Três. Se houvesse um meio de sairmos...

Bond tirou do bolso uma das tiras de plástico e mostrou a Ruby.

— Eu sabia que você estava perto de mim. Instinto, suponho. (Canalha!) Aprendi algumas coisas no Exército. A gente pode sair por estas portas enfiando isto na fenda diante da fechadura e empurrando. Solta a lingüeta. Aqui está, leve esta, eu tenho outra. Mas esconda-a. E prometa não contar a pessoa alguma.

— Oh! Você é maravilhoso! Naturalmente eu prometo. Mas acha que existe alguma esperança... sobre os Windsors, quero dizer.

Ruby estendeu os braços ao redor do pescoço de Bond, do pescoço do feiticeiro, e os grandes olhos azuis fixaram-se suplicemente nos dele.

— Não deve contar decididamente com isso — disse Bond firmemente, tentando recuperar um pouco de seu respeito próprio. — Mas vou dar uma olhada rápida em meus livros. Não terei muito tempo antes dos aperitivos. Seja como for, eu verei.

Deu-lhe outro demorado e, como admitiu para si mesmo, extremamente

esplêndido beijo, ao qual ela correspondeu com um animalismo que aliviou ligeiramente sua consciência.

— Agora, menina — disse, ao mesmo tempo que descia a mão direita por suas costas até a curva das nádegas, nas quais deu uma encorajadora e apressada palmada. — Precisamos fazê-la sair daqui.

O quarto estava escuro. Ficaram ouvindo ao lado da porta como duas crianças que brincavam de esconde-esconde. O prédio estava silencioso. Bond abriu um pouco a porta. Deu mais uma palmada nas nádegas e ela saiu para o corredor.

Bond ficou um momento parado. Depois acendeu a luz. O quarto inocente sorriu para ele. Bond foi até sua mesa e apanhou o “Dictionary of British Surnames”. Windsor, Windsor, Windsor. Aqui está! Agora vejamos! Curvou-se sobre os tipos pequenos, enquanto uma importante reflexão atravessou sua mente de espião como uma estrela cadente. Muito bem. As perversões sexuais e o próprio sexo são um grande risco de segurança. O mesmo se pode dizer da ambição de dinheiro. Mas e a posição social? E esse vício, que é o mais insidioso de todos, o esnobismo?

Seis horas chegaram. Bond estava com uma infernizante dor de cabeça, causada por horas de leitura de livros de referência impressos em letra miúda e pela falta de oxigênio na grande altitude. Precisava de um trago, de três tragos. Tomou um rápido banho de chuveiro e arrumou-se, tocou a campainha para chamar o “guarda” e foi para o bar. Só algumas das moças já se encontravam lá. Violet estava sentada sozinha no bar e Bond reuniu-se a ela. Pareceu contente ao vê-lo. Estava tomando um Daiquiri. Bond pediu outro e, para si próprio, um uísque duplo com gelo. Tomou um grande gole e pousou o copo sobre o balcão.

— Palavra que estava precisando disto! Passei o dia inteiro trabalhando como escravo enquanto vocês dançavam de esquis sobre as encostas ao sol.

— É o que você pensa! — disse Violet, com ligeiro sotaque irlandês causado pela indignação. — Duas aulas esta manhã, terrivelmente maçantes, e tive de passar quase toda a tarde pondo em dia minhas leituras. Estou atrasada nas leituras.

— Que espécie de leituras?

— Oh, coisas sobre agricultura — respondeu Violet, cujos olhos escuros observaram-no cuidadosamente. — Não devemos falar sobre nosso

tratamento, você sabe disso.

— Oh, está bem — disse Bond jovialmente. — Então vamos falar sobre outras coisas. De onde você veio?

— Da Irlanda. Do sul. Perto de Shannon. Bond disparou um tiro no escuro.

— Aquela região das batatas, não é?

— Isso mesmo. Eu odiava batatas. Não comíamos outra coisa senão batatas e não falávamos em outra coisa senão cultura de batatas. Agora estou ansiosa por voltar. É engraçado, não acha?

— Sua família vai ficar muito contente.

— Se vai! E meu namorado, então! Ele está no atacado. Eu costumava dizer que não me casaria com homem algum que tivesse a menor relação com aquelas coisas sujas e feias. Ele vai levar um choque, não há dúvida...

— Por quê?

— Apreendi tanta coisa sobre como melhorar a cultura de batatas. Os últimos processos científicos, produtos químicos e outras coisas.

Violet pôs a mão sobre a boca. Olhou rapidamente em roda da sala e para o garçom dentro do bar. Para ver se alguém ouvira aquela inocente observação. Exibiu um sorriso de anfitrião.

— Agora, diga-me em que esteve trabalhando, Sir Hilary?

— Oh, apenas algumas questões heráldicas para o conde. Sobre o que eu estava falando no almoço. Creio que acharia esse assunto terrivelmente aborrecido.

— Oh, não, não acho. Interessou-me muito o que estava dizendo a Miss Bunt. Sabe... ? — disse ela, abaixando a voz e falando dentro de seu copo — Eu sou uma O'Neill. Os O'Neills foram reis da Irlanda do Norte. Você acha...

Violet vira alguma coisa às suas costas. Continuou falando calmamente:

— Simplesmente não consigo ajustar bem meus ombros. Quando tento fazê-lo sempre me desequilibro.

— Acho que não entendo coisa alguma de esquição — disse Bond em voz alta.

Irma Bunt apareceu no espelho por cima do bar.

— Ah, Sir Hilary — disse ela, inspecionando a fisionomia de Bond. — Já está um pouco mais queimado pelo sol, não está? Venham. Vamos sentar. Estou vendo a pobre Ruby sozinha naquele canto.

Seguiram-na documente. Bond estava satisfeito com a pequena corrente subterrânea de violação das regras entre as moças — o típico padrão de resistência à disciplina rígida e às maneiras autoritárias dessa odiosa carcereira. Precisava ter cuidado ao lidar com isso, por mais útil que fosse. Não devia fazer as moças ficar muito “do seu lado”. Contudo, mesmo que fosse só pelo fato de o conde não desejar que as conhecesse, devia arrancar de alguma maneira seus sobrenomes e endereços. Ruby o ajudaria nisso. Bond sentou-se ao lado dela roçando descuidadamente seu ombro com as costas da mão.

Foram pedidas mais bebidas. O uísque estava começando a desenrolar as tensões de Bond. Sua dor de cabeça, que antes ocupava todo o crânio, localizava-se agora atrás da têmpora direita. Disse jovialmente: — Vamos jogar de novo?

Houve um coro de aprovação. O copo e os guardanapos de papel foram trazidos do bar e outras moças se juntaram ao grupo. Bond distribuiu cigarros e as garotas fumaram vigorosamente, afogando-se às vezes com a fumaça. A própria Irma Bunt pareceu deixar-se contagiar pelas risadas e gritos de excitação à medida que a teia de papel se tornava mais tênue.

— Cuidado! Devagar, Elizabeth! Ah! Agora você perdeu! E ainda havia aquele cantinho seguro!

Bond estava ao lado dela. Sentou-se e sugeriu que as moças jogassem sozinhas mais uma vez. Voltou para *Fraulein* Bunt:

— A propósito, estava pensando que, se tivesse tempo, seria divertido descer pela ferrovia suspensa e fazer uma visita ao vale. Ouvindo conversas do pessoal por aí fiquei sabendo que St. Moritz fica do outro lado do vale. Nunca estive lá. Gostaria de visitar a cidade.

— Infelizmente, meu querido Sir Hilary, isso é contra os regulamentos da casa. Os hóspedes aqui, do mesmo modo que os funcionários, não têm acesso ao Seilbahn. É só para turistas. Aqui nós nos mantemos isolados. Somos — como direi? — uma pequena e dedicada comunidade. Observamos regras quase tão rigorosas quanto às de um mosteiro. É melhor assim, não acha?

Assim podemos efetuar nossas pesquisas em paz.

— Oh, compreendo perfeitamente — respondeu Bond, com um amável sorriso de compreensão. — Mas, na verdade, eu não me considero como paciente. Não seria possível abrir uma exceção no meu caso?

— Acho que seria um erro, Sir Hilary. E, com certeza, vai precisar de todo o seu tempo para concluir o trabalho para o conde. Não... — a recusa era uma ordem — acho, pedindo-lhe mil desculpas, que aquilo que deseja está fora de cogitações.

Olhou para seu relógio e bateu palmas, dizendo:

— E agora, meninas, é hora do jantar. Vamos! Vamos!

Fora apenas uma prova, para ver que forma tomaria a resposta negativa. Contudo, seguindo-a rumo à sala de jantar, Bond precisou fazer muito esforço para evitar que seu pé direito aplicasse um tremendo pontapé no apertado e saliente traseiro de Irma Bunt.

14 - *Doces sonhos... doce pesadelo!*

ERAM ONZE horas e reinava um silêncio tumular. Bond com o devido respeito pelo olho no forro, seguiu a rotina de ir ao banheiro, depois deitar-se na cama e apagar a luz. Esperou dez minutos. Depois, levantou-se silenciosamente da cama e vestiu sua calça e camisa. Trabalhando às apalpadelas, enfiou a ponta da tira de plástico na fenda da porta, encontrou a lingüeta da fechadura e apertou delicadamente. A beirada do plástico apanhou a curva da lingüeta e levou-a para trás. Bond precisou apenas empurrar com cuidado e a porta se abriu. Ficou ouvindo, com as orelhas fitas como as de um animal. Em seguida, cuidadosamente, pôs a cabeça para fora. O corredor estava vazio. Bond deslizou pela porta, fechou-a devagar, deu alguns passos até o Número Três e virou delicadamente o trinco. Estava escuro dentro do quarto, mas houve um movimento na cama. Agora era preciso evitar o clique da porta ao fechar-se! Bond tirou seu pedaço de plástico e apertou contra a lingüeta, segurando-a dentro do orifício da fechadura. Depois fechou a porta

bem devagar, ao mesmo tempo que retirava delicadamente o plástico. A lingüeta entrou no lugar sem fazer barulho. Da cama uma voz sussurrou:

— É você?

— Sim, querida.

Bond tirou suas roupas e, presumindo que a geografia fosse igual à de seu quarto, caminhou cuidadosamente para a cama e sentou-se na beirada.

Uma mão saiu do escuro e tocou-o.

— Oh! Você não tem nada sobre o corpo!

Bond segurou a mão e seus dedos subiram pelo braço.

— Nem você — sussurrou. — É assim que deve ser. Delicadamente deitou-se na cama e descansou a cabeça sobre o travesseiro, ao lado da cabeça de Ruby. Notou com uma ponta de prazer que Ruby deixara espaço para ele. Beijou-a à princípio suavemente e depois furiosamente. O corpo dela agitou-se. A boca cedeu à sua quando sua mão direita iniciou a exploração, ela o abraçou.

— Vou ficar resfriada — disse ela.

Bond acompanhou a mentira puxando de baixo de si o lençol e cobrindo ambos com ele. O calor e a maciez do corpo esplêndido da jovem eram agora só seus. Bond encostou seu corpo ao dela. Correu as unhas da mão esquerda suavemente pelo estômago liso. A pele veludosa vibrou. Ela saltou um pequeno gemido e segurou a mão de Bond, prendendo-a onde estava.

— Você gosta um pouquinho de mim? Essa horrível pergunta! Bond sussurrou:

— Acho-a a mais bela e adorável garota. Gostaria de tê-la conhecido antes.

As palavras vulgares e insinceras pareceram suficientes. Ela retirou a mão que prendia a de Bond.

Seus cabelos tinham o odor da grama recém-cortada no verão, sua boca cheirava a Pepsodent e seu corpo a talco infantil Mennen. Um suave vento noturno levantou-se do lado de fora e gemeu ao longo do edifício, dando uma doçura adicional, um calor adicional, até mesmo certa amizade ao que não era mais que um ato de paixão física. Havia verdadeiro prazer no que um fazia ao

outro e, no final, quando estava tudo acabado e os dois ficaram quietos, abraçados, Bond sabia, e sabia que a garota sabia, que nada haviam feito de errado, que nenhum mal haviam feito um ao outro.

Depois de algum tempo, Bonde sussurrou nos cabelos dela:

— Ruby!

— Humm?

— É sobre seu nome. Sobre os Windsors. Acho que não há muita esperança.

— Oh, está bem. Nunca acreditei realmente. Sabe como são essas velhas histórias de família.

— De qualquer maneira, eu não tenho aqui livros suficientes. Quando voltar, vou examinar bem o caso. Prometo. Será uma questão de começar com sua família e ir recuando... registros de igreja, registros municipais e coisas semelhantes. Farei isso tudo direitinho e mandarei para você. Uma grande folha de pergaminho com muita coisa impressa. Tipos bem pretos com letras coloridas no começo de cada linha. Embora talvez não prove coisa alguma, será bonito para guardar.

— Quer dizer, como os documentos antigos de museus?

— Isso mesmo.

— Será bonito.

Houve um silêncio no pequeno quarto. A respiração de Ruby tornou-se regular. Bond pensou: Que extraordinário! Aqui no alto desta montanha, muito longe da mais próxima aldeia no vale, neste pequeno quarto há paz, silêncio, calor, felicidade — muitos dos ingredientes do amor. Era como fazer amor em um balão. Qual fora o libertino do século XIX que registrara em um clube de Londres a aposta de que faria amor com uma mulher em um balão?

Bond estava quase dormindo. Deixou-se escorregar pela suave e macia encosta. Ali estava maravilhoso. Seria igualmente fácil para ele voltar ao seu quarto de madrugada. Delicadamente tirou o braço direito debaixo da jovem adormecida e lançou um preguiçoso olhar a seu relógio de pulso. Os grandes algarismos luminosos marcavam meia-noite.

Bond mal se virava para o lado direito, encostando-se ao corpo macio da jovem adormecida, quando, debaixo do travesseiro, debaixo do soalho, do

fundo das entranhas do edifício, veio o som peremptório de uma grave e melodiosa campainha elétrica. A jovem mexeu-se.

— Oh, inferno! — disse sonolentemente.

— Que é isso?

— Oh, é apenas o tratamento. Acho que é meia-noite, não é?

— Sim.

— Não preste atenção. E só para mim. Continue a dormir.

Bond beijou-a entre as omoplatas, mas nada disse.

A campainha silenciou. Em seu lugar surgiu um ronco monótono, semelhante ao ruído de um ventilador elétrico muito rápido, tendo no fundo o firme e invariável tique-pausa-toque, tique-pausa-toque de alguma espécie de metrônomo. A combinação dos dois sons era maravilhosamente calmante. Atraía a atenção, mas apenas na orla do consciente, como os ruídos noturnos da infância, o lento tiquetaque do relógio no quarto de criança combinado com o som do mar ou do vento lá fora. E então uma voz, a voz do conde, veio através do distante fio ou fita que Bond supunha ser a fonte mecânica de tudo isso. A voz era um murmúrio surdo e monótono, caricioso, mas autoritário, e todas as palavras eram claras. “Você vai dormir.” A voz acentuou a palavra “dormir”. “Você” está cansada e seus membros pesam como chumbo. Novamente a cadência acentuando a última palavra. “Seus braços estão pesados como chumbo. Sua respiração está absolutamente calma. Sua respiração está tão regular quanto a de uma criança. Seus olhos estão fechados e as pálpebras pesam como chumbo. Você está ficando cada vez mais cansada, mais cansada. Todo seu corpo está ficando cansado e pesado como chumbo. Você está aquecida e confortável. Você está adormecendo, caindo, caindo, no sono. Sua cama é macia e fofa como um ninho. Você está mole e sonolenta como um franguinho no ninho. Um querido franguinho, penujento e encolhido.” Ouviu-se então o som de suave arrulho e cacarejo, o delicado raspar de asas, o adormecedor murmúrio da galinha com seus pintainhos. Isso continuou talvez por um minuto inteiro. Depois voltou a voz. “Os queridos franguinhos vão dormir. Estão como você confortáveis e sonolentos em seus ninhos. Você gosta muito deles, muito mesmo. Você ama todos os frangos. Gostaria de acariciar todos eles. Gostaria de vê-los crescer belos e fortes. Gostaria que nenhum mal lhes acontecesse. Logo você voltará para perto de seus queridos frangos. Logo poderá cuidar deles novamente. Logo você poderá ajudar todos os frangos da Inglaterra. Você poderá melhorar a raça dos

frangos de toda a Inglaterra. Isso fará você muito, muito feliz. Mas você guardará silêncio sobre isso. Nada dirá sobre seus métodos. São seu segredo, seu querido segredo. Tentarão descobrir seu segredo. Tentarão descobrir seu segredo. Mas você nada dirá porque poderão tentar tomar seu segredo. E então você não poderá mais fazer seus queridos frangos felizes, sadios e fortes. Milhares, milhões de frangos felizes por sua causa. Por isso, você nada dirá e guardará seu segredo. Você nada dirá, absolutamente nada. Lembrar-se-á do que eu digo.” A voz murmurante distanciava-se cada vez mais. O suave arrulho e cacarejo de frangos abafava suavemente a voz que sumia, depois também desapareceu na distância e só ficaram o ronco elétrico e o tique-pausa-toque do metrônomo.

Ruby estava profundamente adormecida. Bond segurou seu braço e tomou o pulso. Estava exatamente na cadência do metrônomo. Então o ronco da máquina afastou-se suavemente até voltar o silêncio mortal, rompido apenas pelo fraco gemido do vento noturno lá fora.

Bond deixou escapar um fundo suspiro. Agora ouvira tudo! De repente sentiu vontade de voltar a seu quarto e pensar. Saiu debaixo do lençol, apanhou suas roupas e vestiu-as. Manipulou a fechadura sem dificuldade. Não havia movimento, nem som, no corredor. Voltou silenciosamente para o Número Dois e fechou a porta com cuidado. Depois entrou no banheiro de seu quarto, fechou a porta, acendeu a luz, sentou-se na bacia e pôs a cabeça entre as mãos.

Hipnose profunda! Era o que ouvira. O Persuador Oculto! A repetida e monótona mensagem injetada no cérebro quando este se encontra na orla crepuscular da consciência. Agora, no subconsciente de Ruby, a mensagem trabalharia sozinha no decorrer da noite, deixando-a, depois de semanas de repetição, com um mecanismo embutido de obediência à voz que seria tão profundo, tão compulsivo, quanto a fome.

Mas que significava a maldita mensagem? Sem dúvida, era uma mensagem inofensiva, mesmo louvável, para ser insulada na mente simples dessa moça do campo. Ela fora curada de sua alergia e voltaria para casa perfeitamente capaz de ajudar no negócio de avicultura da família — mais que isso, entusiástica e delicada. Teria o leopardo mudado de pele? O velho criminoso tornara-se, de acordo com a banal e surrada tradição, uma boa alma? Bond simplesmente não podia acreditar nisso. Por que então aquelas medidas de segurança de alta categoria? Por que o pessoal multiracial que lembrava claramente o ESPECTRO? E o assassinio na pista de trenós? Acidente? Logo após o homem ter tentado violentar a moça chamada Sarah? Uma

coincidência impossível! A maldade devia estar em algum lugar por trás da bondosa fachada clínica desse trabalho de pesquisa enlouquecedoramente inocente! Mas onde? Como diabo poderia encontrá-la?

Bond, extenuado, levantou-se, apagou a luz do banheiro e voltou silenciosamente para a cama. A mente continuou girando durante uma estéril meia hora no cérebro superaquecido e depois Bond adormeceu.



Às nove horas, quando acordou e abriu as janelas do quarto, o céu estava encoberto por pesado manto cinzento que prenunciava neve. Sobre o Berghaus, o Schneefinken e Scheevögel, as abadavinas da neve e as gralhas alpinas, que viviam das migalhas e restos deixados pelos turistas, esvoaçavam e aproximavam-se em círculos do edifício, como um claro aviso de tempestade. O vento soprava em lufadas fortes e ameaçadoras. Da ferrovia suspensa não vinha o zumbido da maquinaria. As leves gôndolas de alumínio ver-se-iam em dificuldade com ventos dessa força, particularmente no último e grande trecho do cabo que se estendia bem por um quarto de milha sobre uma área exposta abaixo do planalto.

Bond fechou a janela e tocou a campainha para pedir o desjejum. Quando este chegou, havia sobre a bandeja um recado de *Fraulein* Bunt. “O conde terá prazer em recebê-lo às onze horas. I. B.”.

Bond tomou o desjejum e dedicou-se depois à sua terceira página dos de Bleuilles. Tinha uma boa massa de trabalho para exhibir, mas isso era coisa fácil. A perspectiva de seguir com mistificação a parte Blofeld da pista não era tão encorajadora. Começaria ousadamente na ponta de Gdynia e trabalharia daí para trás, fazendo o velho patife falar sobre sua mocidade e seus pais. Velho patife? Bem, que diabo, qualquer que fosse a coisa em que se transformara desde a Operação “Thunderball” não havia dois Ernst Stavro Blofeld no mundo!

Encontraram-se no estúdio do conde.

— Bom dia, Sir Hilary. Espero que tenha dormido bem. Vamos ter neve — disse o conde, apontando a mão para a janela. — Será um bom dia para trabalhar. Sem distrações.

Bond exibiu um sorriso de homem para homem.

— Sem dúvida, acho aquelas moças bastante perturbadoras. Mas muito encantadoras. A propósito, que há com elas? Todas parecem muito sadias.

O conde respondeu sem hesitação.

— Sofrem de alergia, Sir Hilary. Graves alergias. No terreno agrícola. São moças do campo e as inaptidões afetam suas possibilidades de emprego. Desenvolvi um tratamento para esses sintomas. Posso dizer com satisfação que os sinais são promissores. Estamos fazendo muitos progressos juntos.

O telefone ao seu lado tocou.

— Com licença — disse o conde, apanhando o fone e escutando. — *Ja. Machen Sie die Verbindung.* (*)

(*)Sim, faça a ligação.

Fez uma pausa, enquanto Bond polidamente estudava os papéis que levava consigo.

— Zdies de Bleuville... Da... Da... Kharascho! — acrescentou o conde, descansando depois o fone. — Desculpe-me. Era um de meus pesquisadores. Estava comprando alguns materiais para o laboratório. A ferrovia suspensa está parada, mas vão fazer uma viagem especial para trazê-lo. Homem corajoso. Provavelmente vai ficar muito doente, pobre rapaz.

As lentes de contato verdes escondiam qualquer simpatia que pudesse sentir. O sorriso fixo também não mostrava simpatia alguma.

— E agora, meu caso Sir Hilary, vamos ao nosso trabalho.

Bond abriu suas grandes folhas de papel sobre a mesa e correu orgulhosamente o dedo pelas gerações. Havia excitação e satisfação nos comentários e perguntas do conde.

— Mas isto é tremendo, realmente tremendo, meu caro amigo. E diz que há menção a uma lança partida ou espada partida no escudo de armas? Quando é que elas foram conferidas?

Bond deu uma porção de explicações sobre a Conquista Normanda. A espada partida provavelmente fora conferida em resultado de alguma batalha. Para determinar a época seria preciso realizar mais pesquisas em Londres.

Finalmente Bond enrolou as folhas e tirou seu caderno de anotações.

— E agora vamos começar a trabalhar da outra extremidade para trás, conde — disse, assumindo um ar inquisitorial e autoritário. — Temos sua data de nascimento em Gdynia. É 28 de maio de 1908, não é?

— Exato.

— Os nomes de seus pais?

— Ernest George Blofeld e Maria Stavro Michelopoulos.

— Também nascidos em Gdynia?

— Sim.

— E seus avós?

— Ernst Stefan Blofeld e Elizabeth Lubomirskaya.

— Hum, então Ernst é uma espécie de nome de batismo de família?

— Parece que sim. Meu bisavô também era Ernst.

— Isso é muito importante. Como vê, conde, entre os Blofelds de Augsburg havia nada menos de dois Ernsts!

As mãos do conde repousavam calmas sobre a folha de mata-borrão que havia em sua mesa. Agora, impulsivamente, se juntaram e contorceram-se rapidamente, mostrando juntas brancas.

Meu Deus, você está mesmo levando a sério! pensou Bond.

— E isso é importante?

— Muito. Há nomes de batismo que se sucedem em famílias. Nós os consideramos como indícios muito significativos. Agora, será capaz de lembrar-se um pouco mais para trás? Até aqui foi muito bem. Percorremos três gerações. Com as datas que mais tarde lhe pedirei, já chegamos mais ou menos a 1850. Só mais cinquenta anos e teremos chegado a Augsburg.

— Não — exclamou o conde, quase como se soltasse um grito de dor. — Meu trisavô. Nada sei a respeito dele.

As mãos contorceram-se sobre o mata-borrão.

— Talvez, talvez. Se é uma questão de dinheiro... Pessoas, testemunhas

poderiam ser encontradas — disse o conde, cujas mãos se separaram, abrindo-se largamente. — Meu caro Sir Hilary, o senhor e eu somos homens do mundo. Nós nos compreendemos. Certidões de arquivos, repartições de registro, as igrejas, essas coisas todas precisam ser completamente autênticas?

Apanhei-a, velha raposa! Bond disse afavelmente, com uma sugestão de conspiração:

— Não estou compreendendo bem o que quer dizer, conde.

As mãos estavam agora pousadas de novo sobre a mesa, mãos felizes. Blofeld reconheceu alguém de sua espécie.

— O senhor é um homem que trabalha muito, Sir Hilary — disse ele. — Vive modestamente naquela remota região da Escócia. A vida talvez pudesse tornar-se mais fácil para o senhor. Existem talvez bens materiais que deseja, automóveis, um iate, uma pensão. Basta que diga uma palavra, que mencione a cifra.

Os globos verdes escuros fixaram-se intensamente nos olhos modestamente evasivos de Bond, não se desviando deles, enquanto o conde prosseguia:

— Apenas um pouco de cooperação. Uma visita aqui e acolá na Polônia, na Alemanha e na França. Naturalmente, suas despesas serão muito grandes. Digamos, umas quinhentas libras por semana. As questões técnicas, os documentos e outras coisas, eu posso arranjar. Eu só pediria seu depoimento favorável. Sim? O Ministério da Justiça em Paris considera a palavra do College of Arms como a palavra de Deus. Não é verdade? v Era bom demais para ser verdade! Mas como agir?

Acanhadamente, Bond disse:

— O que está sugerindo, conde... bem... não deixa de ser interessante. Naturalmente — o sorriso de Bond era suficientemente expansivo, suficientemente afável — se os documentos forem convincentes, digamos, sólidos, muito sólidos, então seria perfeitamente razoável que eu os autenticasse. Compreende o que quero dizer? — concluiu Bond, pondo nos olhos uma expressão de cão que pede para ser acariciado, para lhe dizerem que tudo correrá bem, que estará perfeitamente protegido.

O conde começou a falar com força e sinceridade:

— Absolutamente não precisa ter...

Ouviu-se então um barulho que se aproximava pelo corredor. A porta abriu-se violentamente. Um homem, empurrado por trás, entrou na sala e caiu ao chão, contorcendo-se.

Dois dos guardas colocaram-se rigidamente em posição de sentido atrás dele. Olharam primeiro para o conde e depois, de soslaio, para Bond, surpreendidos por vê-lo ali.

O conde disse ríspidamente:

— *Was ist denn los?* (*)

(*) Que aconteceu?

Bond conhecia a resposta e sentiu-se momentaneamente morto. Por trás da neve e do sangue no rosto do homem caído no chão, Bond reconheceu uma fisionomia que conhecia.

Os cabelos louros, o nariz quebrado pelo pugilismo na Marinha, pertencia a um seu amigo do Serviço. Era, sem a menor dúvida, o Número 2 da Estação Z de Zurique.

15 - *O calor aumenta*

SIM, ERA Shaun Campbell, sem dúvida alguma! Cristo Todo-Poderoso, que embrulhada! Havia tomado o cuidado especial de nada dizer à Estação Z sobre a missão de Bond. Campbell devia ter desenvolvido uma pista própria, provavelmente seguindo esse russo que fora “comprar suprimentos”. Era típico da espécie de complicação que o excesso de segurança pode produzir.

O guarda da frente estava falando rapidamente em mau alemão com sotaque eslavo.

— Foi encontrado no compartimento aberto de esquis no fundo da gôndola. Muito gelado, mas opôs forte resistência. Precisou ser subjugado.

Estava sem dúvida seguindo o capitão Boris.

Corrigindo-se rapidamente, o homem prosseguiu:

— Quero dizer, seu convidado do vale, *Herr Graf*. Ele diz que é turista inglês de Zurique. Que não tinha dinheiro para a passagem. Queria fazer uma visita aqui em cima. Foi revistado. Tinha quinhentos francos suíços. Nenhum documento de identidade. Disse que seu nome é Campbell — concluiu o guarda encolhendo os ombros.

Ao ouvir seu nome, o homem no chão mexeu-se. Ergueu a cabeça e olhou desorientado ao redor da sala. Fora bastante espancado no rosto e na cabeça com uma pistola ou um cassetete. Seu autocontrole estava reduzido a nada. Quando seus olhos deram com o rosto conhecido de Bond, pareceu espantado e depois, como se lhe tivessem jogado uma bóia salva-vida, disse roucamente: — Graças a Deus, James. Diga-lhes quem sou eu! Diga-lhes que sou da “Universal Export”, em Zurique. Você sabe! Pelo amor de Deus, James! Diga-lhe que sou um sujeito direito.

Sua cabeça caiu para a frente sobre o tapete.

A cabeça do conde voltou-se vagarosamente na direção de Bond. Os olhos verdes opacos receberam a luz da janela e cintilaram com um brilho branco. O sorriso apertado e fixo era grotescamente horrível.

— Conhece este homem, Sir Hilary?

Bond sacudiu pesarosamente a cabeça. Sabia que estava proferindo a sentença de morte de Campbell.

— Nunca o vi em minha vida. Pobre rapaz. Parece um pouco transtornado. Concussão, provavelmente. Por que não o manda para o hospital no vale? Parece estar bem mal.

— E “Universal Export”? — perguntou o conde com voz sedosa. — Parece-me já ter ouvido esse nome.

— Pois eu jamais ouvi — disse Bond com indiferença. — Nunca ouvi esse nome.

Tirou os cigarros do bolso e acendeu um deles com mão absolutamente firme.

O conde voltou-se para os guardas e disse suavemente:

— *Zur Befragungszelle. (*)*

(*) Para a cela de interrogatório.

Com um aceno, mandou que se retirassem. Os dois guardas curvaram-se e levantaram Campbell pelas axilas. A cabeça pendente ergueu-se e lançou um último terrível olhar de apelo a Bond. Em seguida o homem que era colega de Bond foi carregado para fora da sala e a porta fechou-se vagarosamente por trás de seus pés rastejantes.

Para a cela de interrogatório! Com os métodos modernos, isso só poderia significar uma coisa: confissão total! Por quanto tempo Campbell resistiria? Quantas horas restavam a Bond?

— Disselhes para levá-lo à enfermaria. Lá cuidarão dele.

Erguendo depois os olhos dos papéis sobre a mesa para Bond, o conde acrescentou:

— Acho que essa desagradável interrupção interferiu com o curso de meus pensamentos, Sir Hilary. Por isso, espero que me perdoe por não continuarmos com o trabalho esta manhã.

— Naturalmente, naturalmente. E a respeito de sua proposta, para trabalharmos um pouco mais estreitamente unidos na defesa de seus interesses, posso assegurar-lhe, conde, que acho muito interessante — disse Bond, sorrindo com ar de conspiração. — Tenho certeza que chegaremos a um arranjo satisfatório.

— Sim? Ótimo.

O conde juntou as mãos atrás da cabeça e fitou o forro por um momento. Depois, pensativamente voltou os olhos para Bond e disse em tom casual:

— Suponho que o senhor não tem relação alguma com o Serviço Secreto Britânico, não é, Sir Hilary?

Bond riu alto. A risada foi um reflexo, forçado pela tensão que o dominava.

— Santo Deus, não! Não sabia que tínhamos disso. Essas coisas todas não desapareceram com o término da guerra? — disse Bond, sorrindo com uma estúpida expressão de divertimento. — Absolutamente não posso imaginar-me andando por aí com um bigode falso. Não sirvo para isso. Não suporto bigodes.

O sorriso fixo do conde não pareceu partilhar do divertimento de Bond. O conde disse friamente:

— Peço-lhe então que perdoe minha pergunta, Sir Hilary. A intrusão desse homem deixou-me excessivamente desconfiado. Prezo muito meu isolamento aqui, Sir Hilary. A pesquisa científica só pode ser executada em atmosfera de paz.

— Concordo inteiramente — disse Bond efusivamente. Levantou-se, apanhou seus papéis de cima da mesa e acrescentou: — Agora devo continuar meu trabalho de pesquisa. Estou entrando no século XIV. Acho que terei alguns dados interessantes para mostrar-lhe amanhã, conde.

O conde levantou-se cortesmente e Bond saiu para o corredor.

Caminhou devagar, tentando ouvir algum som. Não havia som algum, mas no meio do corredor uma das portas estava entreaberta, deixando aparecer uma fresta de luz vermelha. Bond pensou: Provavelmente já estou perdido. Perdido por mil, perdido por mil e quinhentos! Abriu a porta e enfiou a cabeça no aposento. Era um laboratório comprido e baixo, com um banco de trabalho coberto de plástico que se estendia por toda a extensão da parede embaixo das janelas, agora fechadas. Luz vermelha escura, como em uma câmara de revelação de filmes, descia de tubos de neon em cima da cornija. O banco estava coberto de retortas e tubos de ensaio. Em prateleiras encostadas na parede do fundo havia fileiras e fileiras de tubos de ensaio e frascos contendo um líquido nebuloso. Três homens vestidos de branco, com pedaços de gaze cobrindo a parte inferior do rosto e gorros cirúrgicos brancos, trabalhavam, absortos. Bond fixou a cena, uma cena de inferno teatral, retirou a cabeça da porta, desceu pelo corredor e saiu para o que era agora uma violenta tempestade de neve. Puxou seu suéter sobre a cabeça e abriu caminho à força até o abençoado calor do prédio do clube. Depois, caminhou rapidamente para seu quarto, fechou a porta, entrou no banheiro, sentou-se em seu habitual trono de reflexão e ficou pensando no que poderia fazer.

Poderia ter salvo Campbell? Bem, poderia ter feito uma tentativa desesperada nesse sentido. “Oh, sim, conheço esse homem. Sujeito perfeitamente respeitável. Trabalhávamos na mesma firma de exportação, a Universal, em Londres. Você parece estar bem ruinzinho, meu velho. Que diabo aconteceu?” Mas fora bom não ter tentado. Como disfarce, disfarce sólido, a Universal estava queimada entre os profissionais. Fora usada durante muito tempo. Agora todos os serviços secretos do mundo já a haviam penetrado. Evidentemente Blofeld sabia tudo a respeito dela. Qualquer

esforço para salvar Campbell teria simplesmente ligado Bond a ele. Não havia outra alternativa senão jogá-lo aos lobos. Se Campbell tivesse oportunidade de recuperar a consciência antes que começassem realmente a trabalhar nele, saberia que Bond ali estava para alguma finalidade, que fingir desconhecê-lo era desesperadamente importante para Bond, para o Serviço. Por quanto tempo ele teria forças para encobrir Bond, voltar atrás em seu reconhecimento de Bond? No máximo algumas horas. Mas quantas horas? Essa era uma questão vital. Essa e a de saber quanto tempo duraria a tempestade. Bond não poderia fugir com aquele tempo. Se a tempestade parasse, talvez houvesse uma oportunidade, muito pequena, mas melhor que as alternativas, das quais, se e quando Campbell falasse, só restaria uma: morte, provavelmente morte aos gritos.

Bond passou em revista suas armas. Eram apenas suas mãos e pés, seu aparelho Gillette e seu relógio de pulso, um pesado Rolex Oyster Perpetual com pulseira elástica de metal. Usados convenientemente, podiam transformar-se em soqueiras muito eficazes. Bond levantou-se, tirou a lâmina de sua Gillette e colocou o aparelho no bolso da calça. Enfiou a haste do aparelho entre o indicador e o médio da mão esquerda de modo que o portâ-lâmina ficasse achatado sobre as juntas. Sim, era assim mesmo! Agora, haveria alguma coisa, alguma prova que devesse tentar levar consigo? Sim, devia tentar obter mais, senão todos, nomes das moças e, se possível, endereços. Por uma razão qualquer sabia que isso era vital. Para isso teria de utilizar-se de Ruby. Com a cabeça cheia de planos para tirar informações da moça, Bond saiu do banheiro, sentou-se à sua mesa e começou uma nova página de Bleuilles. Precisava pelo menos continuar mostrando disposição, ainda que apenas para o vigilante olho no forro.



Eram mais ou menos doze e trinta quando Bond ouviu o trinco da porta girar suavemente. Ruby entrou depressa e, com o dedo nos lábios, desapareceu no banheiro. Bond descansou casualmente a caneta, levantou-se, bocejou, caminhou de um lado para outro e depois seguiu Ruby.

Os olhos azuis de Ruby estavam arregalados e assustados.

— Você está em dificuldade — sussurrou ela urgentemente. — Que andou fazendo?

— Nada — respondeu Bond inocentemente. — Que há?

— Disseram a todas nós que não devemos falar com você a não ser na presença de Miss Bunt — explicou Ruby, mordendo distraidamente as juntas dos dedos. — Acha que, sabem alguma coisa a nosso respeito?

— Não podem saber — disse Bond, irradiando confiança. — Acho que sei do que se trata. (Com tanta complicação no ar, que importava mais uma pequena e tranquilizadora mentira?) Esta manhã o conde me disse que sou uma influência perturbadora aqui, que interfiro com o tratamento de vocês. Pediu para conservar-me mais afastado. Sinceramente... (com que frequência essa palavra sustentava mentiras!) tenho certeza de que é só isso. É uma pena realmente. Deixando você de lado, quero dizer que você é um caso especial, penso que todas as moças são muito agradáveis. Gostaria de ajudar todas vocês.

— Que quer dizer? Ajudar-nos?

— Bem, essa história de sobrenomes. Falei com Violet ontem à noite. Ela parecia terrivelmente interessado. Estou certo de que todas as outras gostariam que eu investigasse seus sobrenomes. Mais ou menos como quiromancia, em certo sentido.

Bond tentou imaginar o que o College of Arms pensaria *dessa!* Encolheu os ombros e continuou:

— Seja como for, decidi dar o fora daqui. Não suporto que me dêem ordens e me tratem assim como carneiro. Quem pensam eles que eu sou? Mas vou dizer-lhe o que pretendo fazer. Se puder dar-me os nomes das garotas, todos os que souber, farei um trabalho a respeito de cada um deles e lhes mandarei pelo correio quando voltarem para a Inglaterra. A propósito, quanto tempo vocês ainda vão ficar aqui?

— Não nos disseram com exatidão, mas consta que ficaremos mais uma semana. Outro grupo de moças deverá chegar então. Quando fazemos muito devagar nosso trabalho e ficamos atrasadas com nossa leitura, Miss Bunt diz que espera que o próximo grupo não seja tão estúpido. A velha cadela! Mas Sir Hilary (os olhos azuis estavam cheios de preocupação) como vai sair daqui? Sabe que aqui somos praticamente prisioneiros?

Bond respondeu sem hesitar:

— Oh, eu darei um jeito. Não podem prender-me aqui contra minha

vontade. Mas, e os nomes, Ruby? Não acha que as garotas ficariam contentes?

— Oh, adorarão. Naturalmente, sei todos eles. Encontramos muitos meios de trocar segredos. Mas você não conseguirá lembrar-se. Tem alguma coisa onde anotá-los?

Bond rasgou algumas tiras de papel higiênico e tirou um lápis do bolso. ,

— Pode dizer.

Ruby riu e começou:

— Bem, eu e Violet você conhece. Depois, há Elizabeth Mackinnon. Ela é de Aberdeen. Beryl Morgan veio de algum lugar do Herefordshire. Pearl Tampion é do Devonshire. A propósito todas elas simplesmente odiavam qualquer espécie de gado. Agora vivem exclusivamente de bife. Acredita nisso? Devo confessar que o conde é um homem maravilhoso.

— Sim, não há dúvida.

— Depois há Anne Charter, de Canterbury, e Caresse Ventnor, do National Stud, seja isso onde for... Engraçado que ela trabalhava lá e tinha urticária no corpo inteiro sempre que chegava perto de um cavalo! Agora não faz outra coisa senão sonhar com clubes de pôneis e lê tudo quanto encontra sobre Pat Smythe! E Denise Robertson...

A lista continuou até Bond ter todas as dez. Então disse:

— E aquela Polly qualquer coisa que partiu em novembro?

— Polly Tasker. Era da East Anglia. Não me lembro de que lugar, mas posso descobrir o endereço quando voltar para a Inglaterra. Sir Hilary — disse Ruby, estendendo os braços ao redor de seu pescoço — eu vou encontrá-lo de novo, não vou?

Bond apertou-a contra seu corpo e beijou-a.

— Naturalmente, Ruby. Poderá encontrar-me sempre no College of Arms na rua Queen Victoria. Mande-me um cartão postal quando voltar. E, pelo amor de Deus, deixe de lado o “Sir”. Você é minha namorada. Lembra-se?

— Oh, sim, eu... bem... Hilary — disse ela fervorosamente. — E você será cuidadoso, quero dizer, ao escapar, não é? Tem certeza de que tudo está bem? Não posso fazer alguma coisa para ajudar?

— Não, querida. Apenas não conte nada disso a ninguém. É um segredo entre nós? Certo?

— Naturalmente, querido — concordou ela, olhando seu relógio. — Oh, meu Deus! Preciso ir voando. Faltam apenas dez minutos para a hora do almoço. Agora, pode fazer seu truque com a porta? Não deve haver ninguém aí fora. Do meio-dia às duas é hora do almoço deles.

Bond, fora de toda possível linha de visão do olho no forro, fez seu truque com a porta e Ruby saiu com um último adeus sussurrado.

Bond fechou a porta cuidadosamente. Deixou escapar um suspiro, foi até a janela e espreitou para fora através das vidraças cobertas de neve. Fora a neve caía abundante e os finos flocos na varanda erguiam-se como pequenos fantasmas arrastados pelo vento que soprava forte contra o prédio. Queira Deus que pare ao anoitecer! pensou Bond. Agora, de que precisava como equipamento? Óculos de proteção e luvas eram dois artigos que talvez pudesse arranjar durante o almoço. Bond entrou no banheiro e esfregou sabão nos olhos. Ardeu como o diabo, mas os olhos cinzento-azulados saíram do tratamento realisticamente congestionados. Satisfeito, Bond tocou a campainha para chamar o “guarda” e seguiu pensativamente para o restaurante.

Quando entrou pela porta de vaivém, fez-se silêncio, seguido por uma polida e desordenada tagarelice. Olhares acompanharam-no discretamente quando atravessou a sala e as respostas a seus cumprimentos foram mudas. Bond tomou seu lugar habitual entre Ruby e *Fraulein* Bunt. Fingindo ignorar a gelada recepção, estalou os dedos para chamar um garçom e pediu seu Martini seco duplo com vodca. Virou-se para *Fraulein* Bunt e sorriu para os desconfiados olhos amarelos.

— Podia fazer-me um favor?

— Pois não, Sir Hilary. Que é?

Bond fez um gesto mostrando seus olhos ainda lacrimejantes.

— Estou com o mesmo mal do conde. Creio que é uma espécie de conjuntivite. É o tremendo resplendor aqui em cima. Hoje está melhor, naturalmente, mas ainda há muito reflexo na neve. E com esse trabalho de escrita. Não poderia arranjar-me um par de óculos de proteção? Precisarei deles apenas por um ou dois dias. Só até meus olhos se acostumarem com a luz. Geralmente não tenho dessas coisas.

— Sim. Isso pode ser arranjado. Mandarei que ponham no seu quarto.

Fräulein Bunt chamou o chefe dos garçons e deu-lhe a ordem em alemão. O homem, olhando para Bond com ostensiva aversão, disse “Sofort, gnädiges Fräulein” e bateu os calcanhares.

— Mais uma coisa, por favor — disse Bond polidamente. — Leve também uma garrafinha de *schnapps*.

Voltando-se para *Fräulein* Bunt, explicou:

— Acho que não estou dormindo muito bem aqui em cima. Talvez um trago à noite me faça bem. Em casa sempre tomo alguma coisa antes de deitar-me... geralmente uísque. Mas aqui prefiro *schnapps*. No Gloria deve-se fazer como os glorianos. Ah, ah!

Fräulein Bunt olhou-o friamente. Disse laconicamente ao garçom: “In Ordnung!” (*) O homem recebeu o pedido feito por Bond: *Paté Maison* seguido por *Oeufs Gloria* e a bandeja de queijos, (Bond pensou que era melhor reforçar bem o estômago!) bateu os calcanhares e afastou-se. Seria ele um daqueles que estavam trabalhando na sala de interrogatório? Bond apertou os dentes silenciosamente. Se tivesse de bater em algum desses guardas à noite, por Deus que ia bater com bastante força, com toda a força que tinha! Sentiu os olhos de *Fräulein* Bunt voltados interrogativamente para ele. Procurou acalmar-se e começou a conversar amavelmente sobre a tempestade. Quanto tempo duraria? Que dizia o barômetro?

(*) Em ordem!

Violet, reservada, mas solicitamente, disse que os guias achavam que o tempo limparia durante a tarde. O barômetro estava subindo. Olhou nervosamente para *Fräulein* Bunt a fim de ver se havia falado demais com o pária e, em seguida, não se sentindo tranqüilizada, voltou às suas duas enormes batatas cozidas com ovos mexidos.

Chegou a bebida de Bond, que a engoliu em dois tragos e pediu outra. Sentia vontade de fazer algum gesto que assustasse e ofendesse. Disse agressivamente a *Fräulein* Bunt: — Como vai aquele pobre rapaz que chegou pela ferrovia suspensa esta manhã? Parecia estar passando muito mal. Espero que se tenha recuperado.

— Está melhorando.

— Oh! Que aconteceu? — perguntou Ruby ansiosamente.

— Foi um intruso — disse *Fräulein* Bunt, em cujos olhos duros havia uma advertência. — Não é assunto para conversa.

— Mas por quê não? — perguntou Bond inocentemente. — Afinal de contas, não há muito para excitação aqui em cima. Qualquer coisa que fuja ao normal deve ser motivo de alívio.

Fräulein Bunt não respondeu. Bond ergueu as sobrancelhas polidamente e aceitou cortesmente a reprimenda. Perguntou se havia chegado algum jornal. Ou captavam um boletim noticioso pelo rádio como a bordo de navios? Recebiam alguma notícia do mundo exterior?

— Não.

Bond abandonou a luta e dedicou-se a seu almoço. O pé de Ruby encostava-se ao seu como manifestação de simpatia pelo homem condenado ao ostracismo. Bond deu uma leve batida de advertência no pé da jovem e retirou o seu. As moças das outras mesas começaram a levantar-se. Bond demorou-se com seu queijo e café até *Fräulein* Bunt levantar-se e dizer: “Vamos, meninas”. Bond levantou-se e voltou a sentar-se. Agora, a não ser pelos garçons que limpavam as mesas, estava sozinho no restaurante. Era o que desejava. Levantou-se e caminhou até a porta. Do lado de fora, em cabides pregados na parede, os casacos e luvas de esquiação das moças estavam pendurados em uma fileira bem ordenada. O corredor estava vazio. Tirou do cabide onde estava pendurado pelos cordéis o maior par de luvas de couro que pôde ver e enfiou-o dentro de seu suéter. Depois seguiu vagarosamente para o salão de recepção. Estava vazio. A porta da sala de esquis estava aberta e o homem grosseiro encontrava-se em seu banco de trabalho. Bond entrou e entabulou uma conversa unilateral a respeito do tempo. Depois, disfarçando-se com uma vaga conversa sobre se os esquis de metal não eram mais perigosos que os de madeira, caminhou, com as mãos inocentemente enfiadas no bolso, diante das prateleiras numeradas nas quais os esquis estavam encostados à parede. Eram na maioria esquis das moças. Não serviam! Os suportes seriam muito pequenos para suas botas. Todavia, ao lado da porta, em prateleiras não numeradas, viu os esquis dos guias. Os olhos de Bond reduziram-se a uma estreita fenda enquanto os examinava, medindo e calculando. Sim, o par de Heads de metal com o V vermelho pintado sobre as pontas curvas pretas era o mais vantajoso. Eram os esquis mais rijos, da

categoria de Mestre, desenhados para corrida. Bond lembrou-se de haver lido que o modelo Standard tinha tendência a “dançar” quando em grande velocidade. O que escolhera tinha o fecho dianteiro Attenhofer Flex com o fecho lateral Marker. Duas tiras transversais de couro enroladas no calcanhar e presas sobre o peito do pé evitariam que perdesse um esqui, se caísse, o que aconteceria quase certamente. Bond calculou rapidamente quanto de ajustamento os suportes precisariam para adaptar-se a suas botas e saiu para o corredor em direção a seu quarto.

16 - *Só descida*

AGORA ERA APENAS esperar sentado que passassem as horas. Quando acabariam o trabalho com Campbell? A tortura rápida e violenta raramente é eficaz contra um profissional, além da probabilidade de o homem perder depressa a consciência, tornando-se tão estonteado a ponto de ficar incoerente. O profissional, se for espiritualmente resistente, pode manter o “jogo” durante horas por meio de pequenas confissões, contando histórias compridas e complicadas, e aferrando-se a elas. Essas histórias exigem verificação. Blofeld sem dúvida teria seu homem em Zurique, pedir-lhe-ia para verificar esta ou aquela data ou endereço, mas isso também exige tempo. Depois, se ficasse provado ser mentira o que Campbell dissera, teriam de começar tudo de novo. No que se referia a Bond e sua identidade, tudo dependia de Campbell ter percebido prontamente por que ele estava no Gloria Club. Devia adivinhar, pela maneira ríspida como Bond negara conhecê-lo, que se tratava de algo clandestino, de algo importante. Teria a habilidade de proteger Bond, a coragem de fazer isso, apesar dos engenhos elétricos e mecânicos que certamente empregariam contra ele? Poderia dizer que, ao ver Bond, em seu estado de semiconsciência, pensara por um momento que fosse seu irmão, James Campbell. Alguma história desse tipo. Se tivesse a habilidade! Se tivesse a coragem! Campbell não teria consigo uma pílula de veneno mortal, talvez em um dos botões de seu blusão de esquiação ou de suas calças? Bond afastou rapidamente a idéia. Estivera quase desejando que Campbell tivesse a pílula de veneno!

Bem, devia ter a prudência de supor que transcorreriam apenas horas antes que viessem buscá-lo. Não o fariam antes de apagadas as luzes. Se o fizessem provocariam muita conversa entre as moças. Não, viriam buscá-lo à noite e no dia seguinte contariam que ele partira pelo primeiro carro que descera ao vale. Nesse meio tempo seria enterrado profundamente na neve ou, mais provavelmente, depositado em uma funda fenda da vizinha geleira de Piz Languard, para cinquenta anos mais tarde surgir do fundo, saindo de seu congelamento, com múltiplas contusões, mas sem marcas de identificação — uma vítima anônima de “les neiges éternelles”!

Sim, precisava prever essas coisas. Bond levantou-se da mesa onde estivera automaticamente escrevendo listas de Bleuilles do século XV e abriu a janela. A neve cessara e havia nesgas azuis no céu. Sobre a Pista Gloria haveria agora perfeita neve em pó, talvez com um pé de espessura. Agora era deixar tudo pronto!

Existem centenas de tintas secretas, mas Bond só dispunha de uma, a mais antiga do mundo: sua própria urina. Entrou no banheiro (que idéia o olho televisor faria de seu aparelho digestivo?) com sua caneta, uma pena limpa e seu passaporte. Sentou-se e passou a transcrever, dos frágeis pedaços de papel que tinha no bolso para uma página em branco de seu passaporte, os nomes das moças e a localização aproximada dos condados de onde provinham. Na página nada aparecia. Colocada diante de uma chama, porém, a escrita apareceria em marrom. Enfiou o passaporte no bolso traseiro da calça. Em seguida, tirou as luvas de dentro do suéter, experimentou-as, verificou que eram muito justas, mas serviam, e escondeu-as embaixo da pia.

Que mais? Ia fazer um frio terrível no começo, mas seu corpo logo ficaria molhado de suor. Teria de arrumar-se com as roupas de esquiação que possuía, os óculos que haviam colocado em sua mesa e a garrafa chata de *schnapps* que levaria em um dos bolsos laterais e não no bolso de trás, para que não se quebrasse no caso de uma queda. Proteção adicional para o rosto? Bond pensou em usar uma de suas quentes ceroulas e abrir nelas buracos para os olhos. Mas certamente escorregariam e talvez lhe tapassem os olhos. Tinha alguns grandes lenços de seda vermelha escura. Amarraria um deles bem apertado sobre o rosto abaixo dos óculos e o tiraria se atrapalhasse a respiração. Pronto! Era só isso! Nada mais havia que pudesse fazer para proteger-se. O resto era por conta do Destino. Bond relaxou seus pensamentos, saiu do banheiro e voltou à sua mesa. Sentou-se, curvou-se sobre seu trabalho e procurou não ouvir o apressado tique-taque do Rolex em seu pulso, procurou fixar em sua memória a tosca geografia da Pista Glória que aprendera inadequadamente no mapa de metal. Era tarde demais para ir olhar outra vez. Tinha de ficar quieto e continuar bancando o tigre sem dentes.



O jantar foi tão horrível quanto o almoço. Bond preocupou-se em por bastante uísque e comida na barriga. Procurou conversas polidamente e fingiu não perceber a atmosfera gelada. Depois, deu um quente apertão no pé de Ruby embaixo da mesa, desculpou-se sob a alegação de que precisava trabalhar e caminhou com dignidade para fora da sala.

Havia trocado de roupa para o jantar e sentiu-se aliviado ao encontrar as roupas de esquiação no monte meio arrumado em que as deixara. Entregou-se, então, com absoluta normalidade, ao seu trabalho — apontou lápis, abriu seus livros e curvou-se sobre a folha quadrada de papel: “Simon de Bleuville,

1510-1570. Alphonse de Bleuville, 1546-1580, casou-se em 1571 com Mariette d'Escourt e teve os filhos Jean, Françoise e Pierre”. Graças a Deus logo ficaria livre de toda essa parolagem!

9h15, 9h30, 9h45, 10 horas! Bond sentia a excitação crescer em seu íntimo. Percebeu que suas mãos estavam úmidas. Enxugou-as nas pernas das calças. Levantou-se e espreguiçou-se. Entrou no banheiro e fez os barulhos apropriados, apanhou as luvas e colocou-as no piso do banheiro perto da porta. Depois, nu, voltou ao quarto, deitou-se na cama e apagou a luz. Regularizou sua respiração e, em dez minutos, começou a roncar baixinho. Esperou mais dez minutos, depois desceu da cama e, com infinita precaução, vestiu suas roupas de esquiação. Retirou cuidadosamente as luvas do banheiro, colocou os óculos de modo que ficassem sobre os cabelos acima da testa, amarrou o lenço vermelho escuro bem apertado sobre o nariz, enfiou a garrafa de *schnapps* no bolso lateral e o passaporte no bolso de trás, pôs a Gillette entre os dedos da mão esquerda e transferiu o Rolex para a mão direita, com a pulseira estendida na palma da mão e ao redor dos dedos de modo que o mostrador do relógio ficasse sobre as juntas dos dedos.

James Bond parou e inspecionou seu equipamento. As luvas de esquiação, com os cordéis estendidos através de seu suéter e descendo pelas mangas, pendiam dos pulsos. Seriam um estorvo até sair do prédio. Contra isso nada podia fazer. O resto estava tudo bem. Tudo pronto! Curvou-se em direção à porta, manipulou a fechadura com o plástico e, rezando para que o olho televisor estivesse fechado e não visse a luz entrando do corredor, escutou por uns instantes e depois saiu.

Como de hábito, havia luz na sala de recepção à sua esquerda. Bond avançou com cuidado e rodeou vagarosamente o batente da porta. Sim! O guarda estava lá, curvado sobre algo que parecia uma carta meteorológica. O pescoço oferecia-se como alvo. Bond deixou a Gillette cair no bolso e endureceu os dedos na mão esquerda de modo a formar a velha arma dos comandos. Deu dois passos para o interior da sala e desceu a mão com toda a força sobre a nuca do homem. O rosto bateu contra a mesa, saltou para cima e virou-se a meio para Bond. A direita de Bond avançou como um raio e o mostrador do Rolex desintegrou-se contra o queixo do homem. O corpo escorregou molemente da cadeira para o tapete e ficou imóvel, com as pernas largadas como se estivesse adormecido. Os olhos agitaram-se e depois se imobilizaram, voltados para cima, sem ver. Bond rodeou a mesa e curvou-se. O coração não estava mais pulsando. Bond endireitou-se. Era o homem que vira voltar sozinho da pista de trenós na primeira manhã, quando Bertil

sofrerá o acidente. Pronto! Rude justiça!

O telefone sobre a mesa zumbiu como uma vespa aprisionada. Bond voltou os olhos para ele. Apanhou o fone e falou através do lenço que tinha sobre a boca.

— *Ja?*

— *Alles in Ordnung?*

— *Ja?*

— *Also hör zu! Wir kommen für den Engländer in zehn Minuten. Verstanden?*

— *Is' recht.*

— *Also, aufpassen, Ja?*

— *Zu Befehl! (*)*

(*) — Sim?

— Tudo em ordem?

— Sim

— Preste atenção, então. Vamos ao inglês dentro de dez minutos. Entendido?

— Certo.

— Então, cuidado. Sim?

— Às ordens.

Na outra ponta da linha o fone foi posto no gancho. O suor escorria pelo rosto de Bond. Graças a Deus havia respondido. Então, vinham buscá-lo dentro de dez minutos! Havia um molho de chaves sobre a mesa. Bond agarrou-o e correu para a porta da frente. Depois de três tentativas, encontrou a chave certa. Experimentou a porta. Estava agora presa apenas por seu aparelho de ar comprimido. Bond saltou para a sala de esquis. Aberta! Entrou e, à luz da sala de recepção, encontrou seus esquis. Ao lado deles havia bastões. Cuidadosamente tirou tudo da prateleira de madeira e caminhou até a porta principal, abrindo-a. Pôs cuidadosamente os esquis e bastões sobre a neve, voltou à porta, fechou-a por fora e jogou as chaves longe.

A lua crescente brilhava como um clarão quase ofuscante e os cristais de neve cintilavam como um tapete de poeira de diamantes. Agora era preciso perder minutos acertando os suportes com absoluta perfeição. — James Bond

enfiou uma bota no fecho dianteiro Marker e ajoelhou-se, tateando o cabo de aço que passava por trás de seu calcanhar. Era muito curto. Friamente, sem pressa, ajustou o parafuso regulador na garra dianteira e experimentou de novo. Desta vez estava certo. Abaixou a garra de segurança e prendeu-a sobre a bota no fecho dianteiro. Em seguida, a correia de segurança ao redor do peito do pé da bota para conservar o esqui preso se a garra abrisse, o que aconteceria com uma queda. A ponta da correia recusou entrar na fivela! Um minuto perdido! Entrou! Agora era preciso fazer o mesmo trabalho com o outro esqui. Finalmente, Bond levantou-se, enfiou as luvas sobre os dedos doloridos, apanhou os bastões em forma de lança e empurrou-se ao longo da ligeira elevação que mostrava os contornos da trilha bem batida da véspera. Tudo parecia estar bem! Baixou os óculos sobre os olhos e a vasta paisagem gelada adquiriu um colorido verde prateado como se ele estivesse nadando embaixo de água ensolarada. Os esquis sibilaram suavemente através da neve em pó. Bond tentou adquirir velocidade na descida da suave encosta por meio de *langlaufing*, o deslizante avanço dos primeiros esquiadores noruegueses. Mas não deu resultado. Os saltos de suas botas pareciam pregados nos esquis. Lançou-se para a frente o mais depressa que pôde com o auxílio dos bastões. Meu Deus que trilha devia estar deixando — como uma linha férrea! Assim que abrissem a porta da frente, partiriam atrás dele. O guia mais veloz sem dúvida o alcançaria com facilidade, a menos que levasse uma boa dianteira! Cada minuto, cada segundo era uma vantagem. Passou entre os contornos negros da estação e da Berghaus. Ali estava o ponto de partida da Pista Glória, com os avisos de metal ao lado cobertos de neve! Bond não parou. Avançou diretamente para ela e atravessou a margem.

A primeira queda vertical deu-lhe calafrios de satisfação na espinha. Bond agachou-se à velha maneira Arierb, com as mãos à frente das botas, e deixou-se deslizar. Seus esquis estavam em posição feia, separados por umas seis polegadas. O Kannonen que havia observado descera com as botas unidas, como se fosse um único esqui. Mas não era ocasião para estilo, ainda que fosse capaz de demonstrá-lo! Acima de tudo precisava conservar-se erguido!

A velocidade Bond era agora assustadora. Mas a profunda almofada de neve em pó fria e leve deu-lhe confiança para tentar um balanço paralelo. Com o mínimo de virada de ombro necessário nessa velocidade — com o peso sobre o esqui esquerdo — fez a curva e agüentou-se, com as beiradas direitas do esqui mordendo a rampa e lançando uma chuva de cristais de neve iluminados pela lua. O perigo foi momentaneamente esquecido na alegria da velocidade, técnica e domínio na neve. Bond endireitou-se e quase mergulhou

em sua segunda curva, desta vez para a esquerda, deixando um largo S na montanha virgem que ficou para trás. Agora podia deslizar diretamente até a difícil curva para a esquerda na volta da montanha. Apontou seus esquis para baixo e sentiu verdadeiro arrebatamento quando, como uma bala negra sobre a gigantesca vertente, desceu zumbindo o declive de 45 graus. Agora para o canto esquerdo. Havia o grupo de três bandeiras, preta, vermelha e amarela, pendendo frouxas, com as cores confusas devido ao luar! Precisaria parar lá e fazer um estudo sobre a etapa seguinte. Havia um ligeiro aclive antes da grande curva. Bond entrou nele com velocidade, sentiu os esquis deixarem o solo no todo do aclive, enterrou seu bastão esquerdo na neve como uma alavanca adicional e jogou para a esquerda seus esquis, assim como seu ombro e quadris direitos. Caiu fazendo espirrar neve para todos os lados e parou instantaneamente. Ficou encantado consigo mesmo! O *Sprung-Christina* é um feito vistoso e nada fácil em grande velocidade. Gostaria que seu velho professor, Fuchs, estivesse ali para ver essa proeza!

Estava agora na volta da montanha. Bem no alto os fios prateados da ferrovia suspensa precipitavam-se num grande mergulho em direção à linha preta das árvores, onde o luar cintilava sobre um pilar emaranhado de fios. Com a pista clara teria sido fácil, mas a neve nova fazia todo declive parecer agradável! Bond ergueu os óculos para ver se conseguia localizar uma bandeira. Sim, havia uma lá embaixo à esquerda. Faria algumas curvas em S para descer a rampa seguinte e depois rumo a ela.

Quando abaixou os óculos e agarrou os bastões, duas coisas aconteceram. Primeiro houve um estouro surdo no alto da montanha e um ponto de fogo, que vacilou em seu vôo, ergueu-se rapidamente no céu acima de Bond. Fez uma pausa no topo de sua parábola, onde houve um estampido agudo, e um resplandecente clarão de magnésio em um pára-quedas começou sua oscilante descida, espantando as sombras negras e, com sua odiosa luz, deixando tudo claro como dia. Outro e mais outros explodiram no céu, iluminando todas as fendas na encosta da montanha.

Ao mesmo tempo, os cabos bem acima da cabeça de Bond começaram a zunir! Estavam mandando o carro suspenso atrás dele!

Bond praguejou nas dobras ensopadas de seu lenço de seda e continuou descendo. O que podia esperar em seguida era um homem atrás dele — provavelmente um homem com arma de fogo.

Desceu a segunda etapa mais cuidadosamente que a primeira, chegou à segunda bandeira, virou em torno dela e voltou através da acentuada descida

para a série de SS ligados embaixo do cabo. Que velocidade desenvolveriam essas malditas gôndolas? Dez, quinze, vinte milhas por hora? Esse era o tipo mais moderno. Seria o mais veloz. Lera em algum lugar que em uma ferrovia suspensa entre Arosa e o Weisshorn as gôndolas faziam 25 milhas por hora. Exatamente quando entrou em seu primeiro S, a melodia do cabo cantante em cima de Bond modificou-se momentaneamente e depois voltou a seu zumbido habitual. Era a gôndola passando pelo primeiro pilar. Os joelhos de Bond, calcanhar de Aquiles de todos os esquiadores, começavam a doer. Passou a fazer os SS mais estreitos, descendo mais depressa, mas sentindo agora as trilhas sulcadas da pista embaixo dos esquis em todas as curvas. Aquilo à esquerda seria uma bandeira? Os clarões de magnésio balançavam-se mais baixos, quase diretamente sobre ele. Sim. Parecia ser. Mais duas curvas em S e rumaria direto para ela!

Algo caiu com tremendo estrondo no meio de uma fonte de neve à sua direita! Outro à sua esquerda! Tinham um lançador de granadas na frente do carro da ferrovia! Um enquadramento! O seguinte também erraria o alvo? Quase antes que essa idéia passasse por seu espírito, houve uma tremenda explosão bem à sua frente. Bond foi lançado para diante e para os lados numa cambalhota de bastões e esquis.

Levantou-se cuidadosamente, arquejando e cuspiendo neve. Um de seus suportes se abrira. Seus dedos trêmulos encontraram a garra dianteira e apertaram-na de novo. Outro forte estrondo, mas a umas vinte jardas de distância. Precisava sair da linha de tiro da maldita ferrovia. Febrilmente pensou na bandeira da esquerda! Preciso atravessar agora! Olhou para a precipitosa encosta tentando orientar-se vagamente e lançou-se por ela abaixo.

17 - *Maldita neve*

ERA UM TERRENO ondulante e perigoso. Os clarões de magnésio pairavam mais baixos e havia feias manchas de sombra preta, podendo qualquer delas ser um pequeno barranco. Bond precisava ter cuidado com todas elas e cada aguda *Christie* fazia-o lembrar-se de que tinha pernas e tornozelos. Mas conseguiu chegar sem uma queda à bandeira, onde se deteve, ofegante. Olhou para trás. A gôndola havia parado. Tinham comunicação telefônica com as estações do alto e de baixo, mas por que haviam parado? Como que em

resposta chamas azuis brilharam alegremente na cabina dianteira. Mas Bond não ouviu o sibilar de balas. A gôndola devia estar balançando-se em seu cabo. Depois, muito acima dele, de algum lugar perto das primeiras bandeiras, houve fogo mais rápido, partindo de dois pontos, e a neve saltou graciosamente ao seu redor. Então finalmente os guias estavam nas suas pegadas! Sua queda devia ter-lhe custado minutos. Quanto teria de dianteira? Certamente menos de dez minutos. Uma bala bateu com força em um de seus esquis e afastou-se zumbindo montanha abaixo. Bond tomou uma última respiração e partiu de novo, ainda para a esquerda, afastando-se da ferrovia suspensa, em direção à bandeira seguinte, um ponto distante na beira da sombra lançada pelo grande pico do Piz Glória, em forma de Matterhorn, que se erguia para o céu estrelado com temível majestade.

Parecia que a pista ia levá-lo até perigosamente perto das fraldas do pico. Havia algo martelando seu espírito, uma pequena lembrança. Que seria? Era algo desagradável. Sim, por Deus! A última bandeira! Era preta. Estava na Pista Preta, a pista fechada devido ao perigo de avalanche! Meu Deus! Bem, agora não tinha jeito. Não havia tempo para tentar voltar à Pista Vermelha. Além disso, a Vermelha tinha um longo trecho perto dos cabos. Precisava arriscar-se. E que ocasião para arriscar-se, exatamente depois de pesada queda de neve e com todas aquelas detonações para amolecer o gelo! Quando havia perigo de avalanche, os guias proibiam até de falar! Bem, que fosse tudo para o inferno! Bond desceu zumbindo a grande encosta sem marcas, chegou à bandeira seguinte e localizou a outra, bem embaixo no lado da montanha em direção à linha de árvores. Muito inclinado para descer direto. Teria de fazer o percurso em SS.

Então os bastardos resolveram disparar mais três clarões de magnésio seguidos por uma sucessão de foguetes mistos que estouraram belamente entre as estrelas. Naturalmente! Idéia brilhante! Era para serem vistos pelos guardas no vale, que poderiam ficar curiosos diante das misteriosas explosões no alto da montanha. Pensariam que lá em cima estava havendo uma festa, que estavam comemorando alguma coisa. Como se divertia essa gente rica! Então Bond lembrou-se! Mas claro! Era véspera do Natal! Que Deus vos dê paz, alegres cavalheiros, e que nada vos perturbe! Os esquis de Bond sibilaram um acompanhamento enquanto ziguezagueavam velozmente pela bela encosta coberta de neve. Natal branco! Bem, ele sem dúvida teria isso!

Então, de um lugar bem acima dele, veio aquele som, que é o mais temido de todos nos altos Alpes, aquele retumbante e dilacerante estrondo! O Último Trunfo! Avalanche!

A terra tremeu violentamente embaixo dos esquis de Bond e o ronco surdo desceu até ele como o barulho de trens expressos rugindo através de uma centena de túneis. Deus Todo-Poderoso, agora estava realmente frito! Qual era a regra? Apontar os esquis diretamente para baixo! Tentar escapar pela velocidade! Bond apontou os esquis para baixo em direção à linha de árvores, agachou-se em sua feia posição e disparou no espaço branco, com os esquis rangendo.

Para a frente, desgraçado! Estenda suas mãos para a frente! O vento provocado por sua velocidade estava criando uma grande muralha à sua frente, tentando fazê-lo perder o equilíbrio. Atrás o gigantesco rugido da montanha parecia estar ganhando terreno. Outros estrondos menores ecoaram no alto entre os penhascos. Toda a maldita montanha estava em movimento! Se chegasse à linha de árvores antes que a gigantesca massa de neve em movimento, que abrigo encontraria lá? Certamente nenhuma proteção enquanto não estivesse bem no fundo da mata. A avalanche arrancaria talvez as primeiras cem jardas de abetos como se fossem palitos de fósforo. Bond usou seu cérebro e virou ligeiramente para a esquerda. A clareira, a senda aberta para a Pista Preta, encontrava-se sem dúvida em algum lugar abaixo da última bandeira em cuja direção estivera correndo. Caso contrário, estava perdido!

Agora a desesperada corrida em linha reta chegava ao fim. As árvores aproximavam-se rapidamente. Não havia uma abertura na maldita linha preta de árvores? Sim! Mais à esquerda, porém. Bond virou, perdendo velocidade, satisfeito, mas com as orelhas fitas para calcular o alcance do trovão atrás e acima dele. Não podia estar muito longe dele. O tremor do solo aumentara muito e grande parte da neve também encontraria o buraco entre as árvores, passaria por ele e persegui-lo-ia até lá embaixo! Sim! Havia uma bandeira! Bond lançou-se em um *Christie* para a direita, exatamente quando, à sua esquerda, ouviu as primeiras árvores sendo derrubadas com o barulho de uma centena de gigantescos traques —traques de Natal! Bond arremeteu-se diretamente pela larga e branca senda entre as árvores. Mas podia perceber que perdia terreno! O barulho das árvores caindo tornava-se cada vez mais próximo. A primeira espuma da onda branca não podia estar muito atrás de seus calcanhares! Que se devia fazer quando alcançado pela avalanche? Só havia uma regra. Levar as mãos às botas e agarrar-se aos tornozelos. Assim, se fosse enterrado, haveria alguma esperança de tirar os esquis, sendo capaz, talvez, de abrir caminho até a superfície — se no fundo de seu túmulo soubesse onde ficava a superfície! Se não pudesse descer como uma bola, acabaria em pé e imóvel, como um emaranhado de bastões e esquis em todos

os ângulos, sepultado sob a neve. Graças a Deus a abertura no fim da senda, a cintilação dos últimos e pouco inclinados campos antes do ponto de chegada, já começavam a aparecer! O retumbante ronco às suas costas estava ficando mais alto! Que altura teria a neve? Cinquenta pés? Cem? Bond alcançou o fim da senda e lançou-se em um *Christie* para a direita. Era sua última esperança, colocar-se além do largo cinturão de árvores e rezar para que a avalanche não moesse todas elas. Ficar no caminho do trovejante monstro que o perseguia seria suicídio!

Concluiu o *Christie*, mas seu esqui direito enroscou-se em uma raiz ou uma pequena planta e Bond sentiu-se voando pelo espaço. Caiu com estrondo e ficou arquejando, completamente sem forças. Agora estava liquidado! Não tinha força sequer para levar as mãos aos tornozelos. Uma tremenda lufada de vento alcançou-o e uma pequena tempestade de neve cobriu-o. O solo tremeu furiosamente e um ronco surdo e retumbante encheu seus ouvidos. Depois passou por ele e deu lugar a um lento e forte ribombo. Bond limpou a neve dos olhos e levantou-se cambaleando. Seus dois esquis estavam soltos e seus óculos haviam desaparecido. A pequena distância, uma grande torrente de neve, talvez com vinte pés de altura, saía majestosamente da mata, descendo para as campinas. A rodopiante frente da torrente, muito mais alta e arrastando enormes pedaços de neve, já estava uns cem pés adiante e ainda avançava rapidamente. Mas, onde Bond se encontrava havia agora silêncio e paz, a não ser pelo estalar das árvores que caíam na mata que finalmente o protegera. Os estalidos estavam-se aproximando! Não havia tempo a perder! Ainda assim, Bond tirou uma das luvas encharcadas e enfiou a mão no bolso da calça. Agora é que precisava realmente de um trago. Virou a pequena garrafa na boca, esvaziou-a e jogou-a longe. Feliz Natal! disse a si próprio. E curvou-se para prender os esquis.

Levantou-se e, bastante estonteado, mas com o maravilhoso calor do Enzian no estômago, iniciou a última milha da arremetida final através das campinas para a direita, longe do rio de neve que ainda corria. Inferno! Havia uma cerca no fim das campinas! Teria de usar a saída normal das pistas ao lado da estação da ferrovia suspensa. Parecia não haver perigo. Não havia sinais da gôndola, mas podia ouvir a canção dos cabos. Teria o carro que descia voltado para Piz Gloria, supondo que ele houvesse sido morto pela avalanche? Havia um grande automóvel preto no pátio da estação da ferrovia suspensa, cujas luzes estavam acesas, mas afora isso não se via sinal de vida. Bem, era o único meio de sair da pista e alcançar a rodovia que tinha como objetivo. Bond arremeteu-se facilmente para baixo, descansando os membros

e recuperando o fôlego.

O estridente estampido de uma pistola de grosso calibre e o barulho da bala batendo na neve ao seu lado fizeram com que se reanimasse. Desviou-se para um lado e olhou rapidamente para a direita, de onde partira o tiro. A pistola disparou de novo. Um homem com esquis perseguia-o velozmente. Um dos guias! Naturalmente! Devia ter vindo pela Pista Vermelha. Teriam os outros seguido Bond pela Pista Preta? Bond fez votos para que isso tivesse acontecido, soltou um profundo suspiro de raiva e desenvolveu toda a velocidade que pôde, agachando-se bem e inclinando-se ocasionalmente para prejudicar a mira do homem. Os tiros continuavam sendo disparados. Seria por pequena diferença que um dos dois chegaria primeiro ao fim da pista!

Bond estudou o ponto de chegada que agora se aproximava rapidamente. Havia uma larga brecha na cerca para deixar os esquiadores passar, um grande pátio de estacionamento diante da estação da ferrovia suspensa e depois o aterro baixo que protegia a linha principal da Rhätische Bahn que subia em direção a Pontresina e ao passo de Bermina. Do outro lado dos trilhos, o aterro descia para a rodovia de Pontresina a Samaden, junção para St. Moritz, talvez umas duas milhas abaixo, descendo o vale.

Outro tiro atingiu a neve à sua frente. Era o sexto que o homem disparava. Se a sorte o ajudasse, a pistola do homem estava vazia. Mas isso não ajudaria muito. Não restava em Bond forças para uma luta.

Um grande clarão surgiu na linha férrea e, antes que a estação da ferrovia suspensa o ocultasse, Bond identificou um expresso e pôde ouvir o ruído surdo de seus *diesel* elétricos. Por Deus, o expresso estaria passando diante da estação da ferrovia suspensa exatamente no momento em que desejava atravessar os trilhos! Conseguiria dar uma corrida pelo aterro baixo, saltar dele e atravessar os trilhos antes que o trem chegasse? Era sua única esperança! Bond agachou-se mais sobre os esquis para conseguir velocidade adicional. Inferno! Um homem saía do carro preto e estava-se agachando, mirando a arma contra ele. Bond inclinou-se de um lado e de outro enquanto saía fogo da mão do homem. Agora, porém, Bond estava em cima dele. Investiu furiosamente com a ponta de lança do bastão de esquiação e sentiu-a atravessar roupas. O homem soltou um grito e caiu. O guia, agora apenas algumas jardas atrás, gritou alguma coisa. O grande olho amarelo da *diesel* iluminou os trilhos e Bond viu de relance um enorme ventilador vermelho de neve embaixo do farol, que lançava a neve nova para a direita e para a esquerda da locomotiva em duas asas brancas. Agora! Passou zumbindo pelo

pátio de estacionamento, rumando diretamente para a elevação do aterro e, ao alcançá-lo, enfiou ambos os bastões no chão para levantar seus esquis do solo e lançou-se para frente no ar. Houve um breve lampejo de trilhos de aço embaixo, um tremendo ronco em seus ouvidos e uma feroz buzina da sereia do trem, apenas a algumas jardas de distância. Depois, caiu sobre a rodovia gelada, tentou parar, não conseguiu e, com uma tremenda derrapagem, foi bater na dura parede de neve do outro lado. Quando bateu, ouviu um grito terrível atrás de si, o alto barulho de madeira estalando e o rangido dos freios do trem.

Ao mesmo tempo, os borrifos do ventilador de neve, que agora chegavam até Bond, tornaram-se cor de rosa.

Bond limpou um pouco da neve cor de rosa que tinha no rosto e olhou-a. Seu estômago virou. Deus! O homem tentara segui-lo, mas chegara tarde demais ou errara o salto, e fora apanhado pelas lâminas assassinas do ventilador de neve. Carne moída! Bond arrancou um punhado de neve do barranco e esfregou-o no rosto e nos cabelos. Esfregou mais neve no suéter. De repente percebeu que estavam aparecendo pessoas nas janelas do trem brilhantemente iluminado acima dele. Outras pessoas haviam descido para os trilhos. Bond refez-se e começou a descer pelo gelo preto da estrada. Gritos seguiram-no — os coléricos berros de cidadãos suíços. Bond virou um pouco seus esquis para compensar a inclinação da rodovia e continuou avançando. À sua frente, na ravina negra da estrada, com os olhos da mente, via a enorme hélice vermelha virando, chupando-o para seu redemoinho de aço. Bond, próximo do delírio, deslizou em direção a seu sangrento e irresistível vórtice.



Bond, um autômato de rosto cinzento, conservou-se em pé sem saber como, durante as duas milhas da traiçoeira Langlauf que desce a suave encosta até Samaden. Em certa ocasião, um carro que passava, com suas correntes contra neve estalando, forçou-o a encostar-se no barranco. Recostou-se por um momento contra a neve confortadora e macia, com a respiração soluçando na garganta. Depois pôs-se de novo em movimento. Chegara tão longe, saíra-se tão bem! Só mais algumas centenas de jardas para alcançar as luzes do pequeno, querido e disperso paraíso de pessoas e abrigo! O fino campanário da igreja da aldeia estava iluminado e havia um quente lago de luz à esquerda do bruxuleante grupo de casas. As notas de uma valsa vinham pelo ar parado e gelado. Um rinqe de patinação! Um baile de patinadores na véspera do Natal! Esse era o lugar que lhe convinha!

Multidões! Alegria! Confusão! Um lugar para esconder-se da dupla perseguição que haveria agora — pelo ESPECTRO e pela polícia suíça, os policiais e os bandidos de mãos dadas!

Os esquis de Bond bateram em um monte de estrume do cavalo do trenó de algum folião. Bond caiu como bêbado sobre a parede de neve da estrada e endireitou-se depois, praguejando debilmente. Vamos! Reanime-se! Pareça respeitável. Bem, não precisa parecer respeitável demais! Afinal de contas, é véspera do Natal. Ali estavam as primeiras casas. O som de música de acordeão, deliciosamente nostálgico, vinha de uma *Gasthaus* (*) com uma bela tabuleta de ferro sobre a porta. Agora havia um trecho sinuoso e íngreme — a estrada para St. Moritz. Bond subiu por ele, movendo seus esquis cuidadosamente sobre o chão. Passou a mão pelos cabelos desgrenhados e puxou o lenço ensopado de suor para o pescoço, enfiando as pontas no colarinho. A música chegava até ele, vinda do grande lago de luz acima do rink de patinação. Bond endireitou-se um pouco mais. Havia numerosos carros parados, esquis enfiados em montes de neve, trenós e tobogãs, festões de papel e um grande aviso em três línguas através da entrada: “Grande Baile de Véspera de Natal! Traje a Fantasia! Entrada 2 Francos! Traga todos os seus amigos! Hurra!”

(*) Hospedaria.

Bond enterrou os bastões no chão e curvou-se para desamarrar os esquis. Caiu de lado. Se pelo menos pudesse ficar ali caído, dormir sobre a neve dura e pisada que parecia macia como pluma! Deu um pequeno gemido e ergueu-se vacilante, ficando de cócoras. Os suportes estavam duros de gelo, como suas botas. Tomou um dos bastões e lutou debilmente com o metal. Tentou de novo. Finalmente os fechos soltaram-se e as correias desprenderam-se. Onde por os malditos esquis, onde esconder suas brilhantes marcas vermelhas? Arrastou-os pela trilha batida em direção à entrada, que luzes brilhantes alegravam, enfiou os esquis e os bastões embaixo de um grande automóvel e avançou cambaleando. O homem na mesa de venda de ingressos estava tão bêbedo quanto Bond parecia estar. Ergueu os olhos turvos e disse: “Zwei franken. Two francs. Deux francs”. As palavras mágicas de rotina misturaram-se em uma única palavra confusa. Bond segurou-se à mesa, colocou sobre ela as moedas e recebeu o ingresso. Os olhos do homem focalizaram-no. “O traje à fantasia é obrigatório.” Enfiou a mão em uma caixa a seu lado e jogou sobre a mesa uma máscara preta e branca. “Um franco”, disse com um sorriso oblíquo. “Agora você é o bandido, o espião. Está bem?”

— Sim, está certo — concordou Bond, pagando e pondo a máscara no rosto. Relutantemente afastou-se da mesa e dirigiu-se para a entrada. Havia fileiras de bancos de madeira em roda do grande ringue quadrado. Graças a Deus ia ter oportunidade de sentar-se! Havia um lugar vago ao lado do corredor na fileira de baixo ao nível do ringue. Bond tropeçou nos degraus de madeira e caiu sentado. Endireitou-se, disse “Desculpe” e pôs a cabeça entre as mãos. A moça a seu lado, que fazia parte de um grupo de arlequins, “cow boys” e piratas, puxou sua saia enfeitada com lantejoulas e sussurrou alguma coisa para seu vizinho. Bond não se importou. Não iam jogá-lo na rua em uma noite como essa. Através dos alto-falantes os violinos soluçavam a “Vasta dos Patinadores”. Acima da música, o mestre de cerimônias gritou: “Última contradança, senhoras e cavalheiros. E depois, todos para o ringue, de mãos dadas para a apoteose final. Faltam só dez minutos para a meia-noite! Última contradança, senhoras e cavalheiros. Última contradança!” Houve um estrondo de aplausos. Pessoas riam excitadamente.

Deus do céu! pensou Bond francamente. Agora isto! Não me deixarão em paz? Adormeceu.

Horas mais tarde sentiu que sacudiam seu ombro. “Para o ringue, cavalheiro. Por favor. Todos para o ringue, para a grande apoteose final. Falta só um minuto.” Um homem com uniforme roxo e dourado estava em pé a seu lado, olhando-o com impaciência.

— Vá-se embora — disse Bond apaticamente. Depois, uma voz interior recomendou-lhe que não fizesse cena, que não se destacasse. Lutou para pôr-se em pé, deu alguns passos até o ringue e, sem saber como, conseguiu manter-se em pé. Com a cabeça baixa, como um touro ferido, olhou para a esquerda e para a direita, viu uma brecha na corrente humana em roda do ringue e avançou cambaleante em direção a ela. Uma mão estendeu-se em sua direção e Bond agarrou-a agradecido. Do outro lado alguém estava tentando segurar sua mão livre. Então houve uma interrupção. Vindo da direita através do ringue, uma moça com uma curta saia preta de patinação e um blusão forrado de pele, com capuz cor-de-rosa, voou como uma flecha sobre o gelo e veio parar de repente diante de Bond. Bond sentiu as partículas de gelo baterem em suas pernas. Ergueu os olhos. Era um rosto que reconhecia — aqueles brilhantes olhos azuis, o ar de autoridade agora meio oculto por baixo do bronzeado dourado e um brilhante sorriso de excitação. Quem seria?

A jovem colocou-se a seu lado, segurou sua mão direita na mão esquerda, juntando-lhe depois a direita.

— James — disse em um emocionado sussurro. — Oh, James! Sou eu! Tracy! Que aconteceu com você? De onde veio?

— Tracy — disse Bond apàticamente. — Tracy. Não saia de perto de mim. Estou ruim. Depois lhe explico.

Então começou Auld Lang Syne e todos cantaram em coro de mãos dadas acompanhando a música.

18 - *Desvio à esquerda para o inferno!*

BOND NÃO SABIA como conseguira ficar em pé, mas finalmente a música cessou, todos aplaudiram e separaram-se aos pares ou em grupos.

Tracy enfiou o braço no de Bond, que se sentiu reanimado e disse roucamente:

— Misture-se com a multidão, Tracy. Precisamos sair daqui. Há gente atrás de mim.

Sentindo repentina esperança, acrescentou:

— Está com seu carro?

— Sim, querido. Tudo sairá bem. Segure-se em mim. Há gente esperando por você lá fora?

— É possível. Cuidado com um grande Mercedes preto. Poderá haver tiros. É melhor ficar longe de mim. Eu darei um jeito. Onde está o carro?

— Na estrada, à direita. Mas não seja bobo. Eu tenho uma idéia. Você veste este blusão — disse Tracy, correndo o zíper para baixo e tirando o agasalho. — Ficar bem justo. Aqui, ponha seu braço nesta manga.

— Mas você sentirá frio.

— Faça o que digo. Eu tenho um suéter e bastante roupa por baixo. Agora o outro braço. Pronto!

Depois de puxar o zíper para cima, Tracy exclamou:

— James, querido, você ficou lindo!

A pele do blusão cheirava a “Ode” de Guerlain. Fez Bond voltar ao Royale. Que garota! Bond sentiu-se reviver ao pensar nela, ao pensar que tinha uma aliada, que não estava sozinho, que se encontrava longe daquela maldita montanha. Segurou-lhe a mão e seguiu-a através da multidão que se encaminhava agora para a saída. Esse ia ser um mau momento! Quer a gôndola tivesse ou não descido a montanha, Blofeld a esta altura já teria tido tempo de mandar outra gôndola para baixo cheia de homens do ESPECTRO. Bond fora avistado do trem, saberiam que ele seguiria para Samaden. A essa hora já teriam coberto a estação ferroviária. Imaginariam que ele tentaria esconder-se em uma multidão. O homem bêbedo na entrada talvez se lembrasse dele. Se aquele automóvel partisse e deixasse aparecer os esquis com flechas vermelhas, seria uma certeza. Bond soltou a mão da moça e fez o Rolex quebrado voltar sobre as juntas dos dedos de sua mão direita. Recuperara principalmente, devido ao auxílio de Tracy, força suficiente para ter mais um encontro com eles.

— Que está fazendo? — perguntou Tracy, olhando-o.

— Nada — respondeu, ao mesmo tempo que voltava a segurar-lhe a mão.

Estavam-se aproximando da saída. Bond espiou através das fendas de sua máscara. Sim, por Deus! Dois dos bandidos estavam em pé ao lado do homem dos ingressos observando a multidão com intensa atenção. Do outro lado da estrada estava estacionado o Mercedes preto, com vapor de gasolina saindo do cano de escapamento. Não havia como fugir. O único meio era blefar. Bond abraçou o pescoço de Tracy e sussurrou: — Beije-me o tempo todo, até passarmos pela mesa. Eles estão lá, mas acho que conseguiremos passar.

Tracy lançou um braço sobre seu ombro e puxou-o em direção a ela.

— Como soube que era por isso que eu estava esperando?

Os lábios apertaram-se de lado sobre os seus e, em uma onda de pessoas rindo e cantando, atravessaram e saíram para a rua.

Viraram-se, ainda abraçados, e desceram pela estrada. Sim! Lá estava o querido carrinho branco!

Então a buzina do Mercedes começou a tocar urgentemente. O modo de andar de Bond ou talvez suas antiquadas calças de esquiação denunciaram-no ao homem que estava no carro.

— Depressa, querida! — disse Bond em tom urgente.

A jovem sentou-se rapidamente ao volante, apertou a partida e o carro já estava em movimento quando Bond subiu pela outra porta. Bond olhou para trás. Pela janela traseira pôde ver os dois homens em pé na estrada. Não ousariam atirar com tantas testemunhas em roda. Agora corriam para o Mercedes. Graças a Deus o carro estava com a frente para o monte, em direção a St. Moritz! Tracy deu uma derrapada controlada na curva em S da aldeia e o carro saiu para a rodovia principal que Bond percorrera cambaleando meia hora antes.

O Mercedes demoraria pelo menos cinco minutos para virar-se e sair atrás deles. A jovem corria como louca, mas havia tráfego na estrada — trenós bimbalhantes cheios de foliões com agasalhos de pele, que voltavam para Pontresina, e de vez em quando um automóvel, com suas correntes contra neve matraqueando. Tracy apertava o freio e a buzina, aquela mesma buzina tripla de que Bond se lembrava tão bem.

— Você é um anjo, Tracy. Mas vá com calma. Não queremos acabar na valeta.

A jovem olhou de lado para ele e riu com prazer.

— Isso dá a impressão de que você está sentindo-se melhor. Mas eu não posso vê-lo. Agora pode tirar essa máscara estúpida e meu blusão. Dentro de um minuto virá o calor e você ficará torrado. E eu gostaria de vê-lo como me lembro de você. Está contente comigo?

A vida estava começando a voltar a Bond. Era tão maravilhoso estar naquele carrinho com essa garota encantadora. A lembrança da horrível montanha, de tudo aquilo por que passara, estava desaparecendo. Agora havia esperança de novo, depois de tanto terror e desespero. Podia sentir as tensões desembrulhando-se em seu estômago.

— Eu lhe direi se estou contente com você quando chegarmos a Zurique — disse. — Pode ir até lá? É uma maneira infernal de passar o Natal.

Curvou-se para a janela e jogou fora a máscara, tirou o blusão e colocou-o sobre os ombros. A grande tabuleta indicando a estrada principal que descia para o vale apareceu.

— Aqui à esquerda, Tracy — disse. — Filisur e depois Coire.

Tracy fez a curva, na opinião de Bond, perigosamente depressa. O carro derrapou de maneira que Bond juraria ser incontrollável. Mas, mesmo sobre o gelo preto da estrada, Tracy controlou-o e continuou em frente satisfeita.

— Pelo amor de Deus, Tracy. Como conseguiu sair dessa? Você não tem sequer correntes.

Ela riu, contente com a admiração que percebera na voz de Bond.

— Tachões Dunlop de Rally em todos os pneus. É só para volantes de Rally, mas eu consegui arranjar um conjunto. Não se preocupe. Fique sentado, apreciando o passeio.

Havia algo inteiramente novo na voz da jovem, uma nota de alegria e felicidade que certamente não existia quando estava no Royale. Bond virou-se e olhou-a cuidadosamente pela primeira vez. Sim, ela era uma nova mulher, irradiando saúde e uma espécie de calor interior. Os cabelos louros revoltos brilhavam de vitalidade e os belos lábios entreabertos pareciam sempre à beira de um sorriso.

— Satisfeito?

— Você está absolutamente maravilhosa. Mas como, pelo amor de Deus, aconteceu de estar em Samaden. Foi um verdadeiro milagre. Salvou-me a vida.

— Está bem. Mas vou dizer-lhe. Nunca vi um homem parecendo tão morto em pé. Não podia acreditar em meus olhos. Pensei que você precisava ser engessado — disse Tracy, dando-lhe um rápido olhar. — Você ainda parece estar ruim. Escute... — acrescentou, inclinando-se em direção, ao painel. — Vou ligar o ventilador, para você aquecer se bem.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

— Bem, minha história é na realidade muito simples. Papai telefonou-me de Marselha um dia para saber como eu estava. Perguntou-me se tinha visto você e pareceu muito aborrecido quando respondi que não. Praticamente me ordenou que fosse procurá-lo. Ele ficou gostando muito de você, sabe? Seja como for, disse que havia descoberto o endereço de certo homem que você estava procurando. Disse ter certeza que você também já havia descoberto seu endereço. Disse que, sabendo como você é, eu o encontraria perto desse endereço. Era o Piz Gloria Club. Recomendou-me que, caso o encontrasse, lhe dissesse para ter cuidado, para olhar onde pisava.

Tracy riu e continuou:

— Como ele tinha razão! Bem, então deixei Davos, que realmente me pusera novamente de pé, como você dissera, e vim para Samaden anteontem.

Ontem o Seilbahn não estava funcionando, por isso deixei para ir procurá-lo hoje. Foi só isso. Agora é você quem conta.

Vinham mantendo uma boa velocidade na estrada inclinada e sinuosa que conduzia ao vale. Bond virou-se e olhou pela janela traseira. Praguejou entre os dentes. Talvez uma milha atrás, duas luzes os seguiam.

— Eu sei — disse Tracy. — Tenho olhado no espelho. Acho que estão ganhando um pouco de terreno. Deve ser um bom motorista que conhece a estrada. Provavelmente têm correntes contra neve. Mas penso que posso mantê-los à distância. Agora, vamos. Que esteve fazendo?

Bond deu-lhe uma versão expurgada. Havia na montanha um grande criminoso, vivendo com nome falso. Era procurado pela polícia na Inglaterra. Bond disse que tinha vagas relações com a polícia, com o Ministério da Defesa. (Tracy replicou: “Não tente enganar-me. Sei que você está no Serviço Secreto. Papai me contou.” Bond respondeu laconicamente: “Bem, o papai está falando demais”. Ela riu com ar de esperteza). Seja como for, Bond continuou, dizendo que o tinham mandado verificar se esse era o homem que procuravam. Descobrira que era. Mas o homem ficara desconfiado e Bond tivera de dar o fora rapidamente. Fez-lhe um relato vivido do pesadelo ao luar na montanha, da avalanche, do homem que fora morto pelo trem, de como chegara a Samaden, mais morto que vivo, e de como tentara esconder-se entre a multidão no rинque de patinação.

— E então — concluiu — você apareceu como um belo anjo sobre patins e aqui estamos.

Tracy pensou na história durante um minuto. Depois disse:

— E agora, meu querido James, diga-me quantos deles você matou. E conte a verdade.

— Por que?

— Estou apenas curiosa.

— Promete que isso ficará entre nós dois? Tracy respondeu enigmáticamente:

— Naturalmente. Daqui por diante, tudo fica entre nós dois.

— Bem, houve o guarda principal no suposto clube. Aquilo tinha de ser feito senão eu estaria morto agora. Depois, acho que um foi apanhado pela

avalancha. Embaixo, um deles atirava contra mim e eu tive de atingi-lo com meu bastão de patinação — legítima defesa. Não sei se ficou muito ferido. Em seguida, houve o homem morto pelo trem. Ele disparara seis tiros contra mim. Além disso, foi culpa dele. Digamos, três e meio foram mortos de uma maneira ou de outra.

— Quantos restaram?

— Onde está querendo chegar?

— Só quero saber. Confie em mim.

— Bem, acho que havia uns quinze lá em cima. Assim, restaram onze e meio, além do chefe.

— E há três no carro aí atrás? Eles nos matariam se nos apanhassem?

— Acho que sim. Eu não tenho armas. Sinto muito, Tracy, mas acho que você não teria muita oportunidade, sendo uma testemunha e uma espécie de cúmplice minha. Essas pessoas pensam que sou perigoso para eles.

— E é?

— Sim. De agora em diante, sou o mais perigoso.

— Bem, tenho más notícias a dar-lhe. Eles estão ganhando terreno e eu só tenho uns dez litros de gasolina no tanque. Precisaremos parar em Filisur. Não haverá garagens abertas e teremos de acordar alguém. Não podemos esperar fazer isso em menos de dez minutos e eles nos alcançarão. Você terá de pensar em algo inteligente.

Havia uma ravina e uma curva em S sobre uma ponte. Estavam saindo do primeiro braço da curva sobre a ponte. Luzes brilharam em sua direção do outro lado da ravina. Havia meia milha entre os dois carros, mas a extensão da ravina era de apenas umas trezentas jardas. Bond não ficou surpreso ao ver as familiares chamas azuis tremularem na frente do outro lado. Depois entraram na segunda metade da curva em S e saíram do alcance da vista de seus perseguidores.

Chegaram a um trecho de estrada em conserto onde houvera um desmoronamento. Havia grandes tabuletas de advertência: “*Achtung! Baustelle! Vorsichtig Fahren!*” (*) A estrada corria encostada à montanha do lado direito. À esquerda havia uma frágil cerca e em seguida uma queda precipitosa de cem pés em uma garganta no fundo da qual havia um rio

congelado. No meio do trecho ruim, uma enorme flecha de madeira vermelha apontava para a direita onde havia um caminho estreito através de uma ponte provisória. Bond gritou de repente: (*) Cuidado! Entulho! Dirija com cuidado.

— Pare!

Tracy fez o carro estacar, com as rodas da frente sobre a ponte. Bond abriu violentamente a porta.

— Continue! Espere por mim depois da primeira curva. É o único recurso.

Boa menina! Pôs o carro em movimento sem dizer uma palavra. Bond voltou correndo algumas jardas até a grande flecha vermelha, que estava nas forquetas de dois postes. Bond arrancou-a e virou-a de modo que apontasse para a esquerda, na direção da frágil cerca fechando as poucas jardas da velha estrada que conduzia à ponte destruída. Bond correu para a cerca e arrancou as estacas. Uma clarão apareceu na curva às suas costas. Atravessou de um salto a estrada provisória à sombra da montanha, estendeu-se nela e esperou, prendendo a respiração.

O Mercedes vinha mais depressa do que devia naquele trecho esburacado com suas corrente matraqueando dentro do pára-lamas. Seguiu direto para a abertura em cuja direção a flecha agora apontava. Bond viu de relance rostos brancos e tensos. Depois, ouviu o desesperado ranger dos freios quando o motorista avistou o abismo à sua frente. O carro pareceu quase parar, mas suas rodas dianteiras já deviam ter ultrapassado a beirada. Equilibrou-se por um momento sobre sua barriga de ferro e depois vagarosamente se inclinou. Houve uma primeira e espantosa batida quando atingiu o entulho embaixo da velha ponte. Em seguida outra batida e mais outra. Bond correu para a frente até além da flecha caída e olhou para baixo. Agora o carro estava voando pelo ar com as rodas para cima. Bateu de novo e um clarão de faíscas saiu de uma pedra saliente. Depois, dando um salto mortal e com suas luzes ainda inexplicavelmente acesas, precipitou-se na garganta. Bateu em um último rochedo que o jogou de lado e, girando lateralmente, mas agora com as luzes apagadas e apenas refletindo o brilho da lua sobre o metal, deu o último e grande mergulho no rio congelado. Um profundo ronco ecoou na garganta e ouviu-se a barulheira de rochas e pedras seguindo os destroços. Depois, tudo ficou em pacífico silêncio sob a lua.

Bond deixou a respiração escapar em um sibilo baixo entre dentes cerrados. Depois, mecanicamente, endireitou as coisas, ergueu os restos da cerca, levantou a flecha e colocou-a de novo voltada para a direita. Em

seguida, enxugou as mãos suadas nas pernas das calças e caminhou cambaleante pela estrada até a curva seguinte.

O carrinho branco estava lá, estacionado de um lado da estrada, com as luzes apagadas. Bond subiu e deixou-se cair em seu lugar. Tracy nada disse, mas pôs o carro em movimento. As luzes de Filisur apareceram, quentes e amarelas no fundo do vale. Tracy estendeu uma mão e apertou forte a de Bond.

— Você já teve o bastante por um dia. Agora, durma. Eu o levarei a Zurique. Faça o que eu digo, por favor.

Bond não respondeu. Apertou fracamente a mão de Tracy, encostou a cabeça na ombreira da porta e adormeceu instantaneamente.

Estava agora atrás do conde.

19 - *Amor como desjejum*

NA MADRUGADA cinzenta, o aeroporto de Zurique parecia deprimente e quase deserto, mas, felizmente, havia um Caravelle da Swissair que, retardado pelo nevoeiro existente no aeroporto londrino, esperava oportunidade para levantar vôo rumo a Londres. Bond deixou Tracy no restaurante e, abandonando pesarosamente e cheiro de café e ovos fritos, foi comprar uma passagem, fez seu passaporte ser carimbado por um sonolento funcionário (quase esperava ser detido, mas não foi) e dirigiu-se para uma cabina telefônica, na qual se fechou. Procurou Universal Export na lista telefônica e, como esperava, leu embaixo: “*Hauptvertreter Alexander Muir. Private Wohnung*”, (*) seguido do número. Pela janela de vidro, Bond olhou o relógio no salão de espera. Seis horas. Bem, Muir teria de agüentar.

(*) Representante Alexander Muir. Residência particular.

Discou o número e, alguns minutos depois, uma voz sonolenta disse:

— Já! *Hier* Muir. (*)

(*) Sim! É Muir quem fala.

— Sinto muito, 410 — disse Bond — mas aqui é o 007. Estou falando do aeroporto. É muito urgente, por isso vou correr o risco de sua linha estar

sendo interceptada. Tem papel e lápis?

A voz do outro lado tornou-se mais enérgica.

— Está bem, 007. Sim, tenho. Pode dizer.

— Em primeiro lugar, tenho más notícias. Seu Número Dois recebeu o dele. Tenho quase certeza. Não posso dar-lhe pormenores, pelo telefone, mas vou partir para Londres dentro de uma hora — voo 110 da Swissair — e de lá transmitirei tudo imediatamente. Pode passar isso pelo teletipo? Está bem. Agora tenho um palpite de que nos próximos dias um grupo de dez moças, britânicas, chegará aqui por helicóptero, procedente do Engadine. Alouette amarelo da Suad Aviation. Passarei o nome delas de Londres pelo teletipo ainda hoje. Meu palpite é que irão para a Inglaterra, provavelmente em vôos diferentes e talvez para Prestwick e Gatwick, assim como para o aeroporto de Londres, se houver aviões para aqueles aeroportos. Seja como for, acho que se dispersarão. Agora, talvez seja muito importante passar para Londres o número de seus vôos. É um trabalho grande, mas dentro de algumas horas conseguirei autorização para que homens de Berna e Genebra o auxiliem. Entendeu? Está bem. Agora, tenho quase certeza que você está sendo vigiado. Lembra-se da velha Operação Bedlam que foi recentemente cancelada? Bem, é ele. Tem rádio e provavelmente calculou que eu entraria em contato com você esta manhã. Dê uma olhada pela janela e veja se há sinal de vigias. Ele certamente já tem seus homens em Zurique.

— Cristo, que embrulhada! — disse a voz do outro lado, cheia de tensão.
— Não desligue.

Houve uma pausa. Bond podia imaginar Muir, que não conhecia senão pelo número, indo até a janela e abrindo cuidadosamente a cortina. Muir voltou ao telefone.

— Parece que sim. Há um Porsche preto do outro lado da rua. Com dois homens dentro. Pedirei a meus amigos da *Sécurité* para afugentá-los.

— Veja bem como vai fazer isso — recomendou Bond. — Meu palpite é que nosso homem tem um elemento muito bom na polícia. Seja como for, passe tudo isto pelo telex para M pessoalmente, entendeu? Cifrado, naturalmente. E diga-lhe que, se voltar inteiro, eu preciso vê-lo hoje, com o 501 (autoridade científica adida ao Serviço) e, se possível, com alguém dedicado à mesma atividade no Ministério da Agricultura e Pesca. Parece maluquice, mas é isso mesmo. Vai estragar o Natal deles, mas não posso

evitar. Pode cuidar de tudo isso? Muito bem. Alguma pergunta?

— Tem certeza de que não convém eu ir ao aeroporto para saber mais alguma coisa sobre meu Número Dois? file estava seguindo um dos homens da Terra Vermelha. O sujeito estava comprando materiais bem estranhos do representante local da Badische Anilin. O Número Dois achou que o negócio parecia muito suspeito. Não disse que material era. Achou apenas que era melhor ver para quem estava sendo entregue.

— Deve ter sido alguma coisa assim. Não. Fique longe de mim. Eu estou cercado de perigos e isso vai ficar ainda pior durante o dia quando encontrarem certo Mercedes no fundo de um precipício. Vou desligar agora. Desculpe ter estragado seu Natal. Até logo.

Bond repôs o fone no gancho e voltou para o restaurante. Tracy estava observando a porta. Seu rosto iluminou-se quando o viu. Bond sentou-se muito perto dela e tomou-lhe a mão. Pareciam um caszinho típico despedindo-se no aeroporto. Bond pediu bastante ovos mexidos e café.

— Está tudo certo, Tracy. Já arrumei tudo do meu lado. Agora precisamos cuidar de você. Aquele seu carro vai ser muito visado. Haverá gente que viu seu carro partir com o Mercedes atrás. Sempre há, mesmo à meia-noite da véspera de Natal. E o chefe do alto da montanha já tem seus homens aqui embaixo também. É melhor você terminar seu desjejum e atravessar a fronteira imediatamente. Qual é o ponto mais próximo.

— Schaffhausen ou Konstanz, suponho, mas... — disse Tracy em tom implorativo — James, preciso deixá-lo agora? Esperei tanto tempo por você. E fiz as coisas bem feitas, não fiz? Por que quer castigar-me?

Lágrimas, que nunca teriam aparecido nos dias do Royale, surgiram em seus olhos. Tracy enxugou-as raivosamente com as costas da mão.

Bond pensou de repente: Diabo! Nunca encontrarei outra garota como esta. Ela tem tudo quanto sempre desejei em uma mulher. É bonita, na cama e fora da cama. É aventureira, corajosa, engenhosa. É sempre excitante. Parece amar-me. Deixaria que eu cuidasse de minha vida. É uma moça solitária, que não vive cercada de amigos, parentes e propriedades. Acima de tudo, precisa de mim. Será alguém de quem eu precisarei cuidar. Estou cheio desses romances sujos e ocasionais que me deixam com a consciência pesada. Não me importaria de ter filhos. Não tenho ambiente social no qual ela possa ou não adaptar-me. Combinamos realmente muito bem. Por que não fazer isso

durar para sempre?

Bond ouviu sua voz dizendo aquelas palavras que nunca dissera na vida, que nunca esperara dizer.

— Tracy, eu a amo. Quer casar-se comigo?

Ela ficou muito pálida. Olhou-o admirada. Seus lábios tremeram.

— Está falando sério?

— Sim, muito sério. Do fundo do coração.

Tracy desprendeu suas mãos das de Bond e cobriu o rosto com elas. Quando descobriu o rosto estava sorrindo.

— Desculpe-me, James. É exatamente aquilo com que eu sonhava tanto. Foi um choque. Mas, sim. Sim, naturalmente que me casarei com você. E não farei bobagens. Não farei uma cena. Beije-me só uma vez e irei embora.

Olhou-a seriamente, fitando cada detalhe de seu rosto. Depois inclinou-se para a frente e os dois se beijaram. Tracy levantou-se bruscamente e disse:

— Acho que preciso ir-me acostumando a fazer o que você manda. Vou para Munique. Para o *Vier Jahreszeiten*. É meu hotel preferido no mundo. Esperarei lá por você. Eles me conhecem. Receber-me-ão sem bagagem. Tudo ficou em Samaden. Só precisarei pedir uma escova de dentes e ficar na cama durante dois dias, até poder sair e comprar algumas coisas. Você me telefonará? Falará comigo? Quando poderemos casar-nos? Preciso contar a papai. Ele vai ficar terrivelmente emocionado.

— Vamos casar-nos em Munique. No Consulado. Eu tenho uma espécie de imunidade diplomática. Posso arrumar depressa os papéis. Depois nos casaremos de novo em uma igreja inglesa, ou melhor, escocesa. Eu provenho da Escócia. Telefonar-lhe-ei hoje à noite e amanhã. Chamarei o mais depressa que puder. Primeiro tenho de liquidar este negócio.

— Promete-me que não vai machucar-se?

Bond sorriu.

— Pensarei nisso. Pela primeira vez, vou correr se alguém começar a dar tiros.

— Então, está bem — disse ela, olhando-o de novo cuidadosamente. — É

tempo de você tirar esse lenço vermelho. Acho que sabe que está rasgado de mordidas. Deixe-o comigo. Eu o consertarei.

Bond desamarrou do pescoço o lenço vermelho. Era um trapo escuro, empapado de suor. E ela tinha razão. Dois cantos dele estavam reduzidos a tiras. Devia tê-lo prendido entre os dentes e mordido enquanto descia a montanha, embora não se lembrasse de haver feito isso. Entregou o lenço a Tracy.

Tracy apanhou-o e, sem olhar para trás, caminhou diretamente para fora do restaurante e desceu a escada em direção à saída.

Bond sentou-se. O desjejum chegou e ele começou a comer mecanicamente. Que havia feito? Que diabo havia feito? Mas a única resposta era uma sensação de enorme calor, alívio e excitação. James e Tracy Bond. Comandante e Sra. Bond. Que extraordinário!

A voz através do alto-falante disse: “Atenção, por favor. Passageiros do Vôo Número 110 da Swissair para Londres, por favor, reúnam-se no portão número 2. Vôo Número 110 da Swissair para Londres. Passageiros, procurem o portão número 2, por favor”.

Bond amassou o cigarro, correu rapidamente os olhos pelo lugar onde haviam ficado noivos para fixar sua banalidade na memória e caminhou para a porta, deixando os fragmentos de sua vida antiga rasgados entre os restos de um desjejum de aeroporto.

20 - *M na intimidade*

BOND DORMIU no avião e teve um terrível pesadelo. Estava no saguão de um edifício muito grandioso, talvez uma embaixada, e uma larga escada sob um lustre reluzente levava até onde o mordomo se encontrava na porta da sala de visitas, da qual vinha o murmúrio de uma multidão de convidados. Tracy, vestida de cetim, dava-lhe o braço. Estava coberta de jóias e seus cabelos dourados haviam sido imponentemente penteados em um daqueles extravagantes arranjos que se vêem nos anúncios de cabeleireiros elegantes. No alto do penteado havia uma tiara de diamantes que cintilava deslumbrantemente. Bond vestia casaca (onde diabo a teria arranjado?) e o colarinho duro enterrava-se em seu pescoço abaixo do queixo. Usava suas

medalhas e sua condecoração de C.M.G., com a fita azul e vermelha pendendo por baixo de sua gravata branca. Tracy tagarelava, alegre e excitava, esperando ansiosamente o grande acontecimento. Bond maldizia a perspectiva à sua frente e desejava estar disputando um jogo de *bridge* difícil e bem caro no Blades. Chegaram ao alto da escada e Bond deu seu nome.

“Comandante e Sra. James Bond!” Foi o grito retumbante de um fazedor de brindes. Bond teve a impressão de que um repentino silêncio caiu sobre a elegante multidão na sala de visitas dourada e branca.

Seguiu Tracy pela porta dupla. Um jorro de francês saiu da boca de Tracy quando ela trocou com a anfitriã aqueles vazios beijos “Mayfair”, que acabam bem longe da orelha das pessoas que se beijam. Tracy puxou Bond para a frente. “E este é James. Não parece elegante com essa bela medalha no pescoço? Exatamente como nos velhos anúncios dos cigarros De Reszke!”

“Prendam os cintos, por favor, e apaguem os cigarros.” Bond acordou, suando. Santo Deus! Que havia feito! Mas não! Não seria assim! Claro que não. Continuaría tendo sua vida perigosa e excitante, mas agora teria Tracy a esperá-lo quando voltasse para casa. Haveria espaço em seu apartamento em Chelsea? Talvez pudesse alugar o apartamento de cima. E May, seu tesouro escocês? Isso ia ser difícil. De qualquer jeito precisava convencê-la a ficar.

O Caravelle encostou na pista, ouviu-se o barulho da inversão dos jatos e depois o avião correu pelo asfalto sob um leve chuvisqueiro. Bond lembrou-se de repente que não tinha bagagem, que podia ir diretamente ao Controle de Passaporte, depois sair e voltar a seu apartamento para tirar aquelas ridículas roupas de esquiação que cheiravam a suor. Haveria um carro à sua espera? Havia, com a Srta. Mary Goodnight sentada ao lado do motorista.

— Meu Deus, Mary, esta é uma maneira infernal de passar seu Natal! Isto está além das exigências do dever. Seja como for, passe aqui para trás e conte-me por que não está preparando o pudim de ameixa, indo à igreja ou fazendo coisa semelhante.

Ela passou para o banco de trás e Bond seguiu-a.

— Você não parece saber muita coisa sobre o Natal — disse ela. — A gente faz pudins de ameixa pelo menos dois meses antes e guarda-os para que assentem. E igreja é só às onze horas.

Fitando-o, prosseguiu:

— Na realidade, vim só para ver como você estava. Acho que estive

novamente metido em encrencas. Não há dúvida que está com uma aparência horrível. Você não tem pente? E por que não fez a barba? Parece um pirata. E... — acrescentou, torcendo o nariz — quando tomou banho pela última vez? Não sei como o deixaram sair do aeroporto. Devia ter ficado de quarentena.

Bond riu ao responder:

— Os esportes de invernos são muito árduos... todo aquele negócio de bolas de neve e tobogãs. Para dizer a verdade, estive ontem à noite em um baile a fantasia de véspera de Natal. Fiquei até tarde.

— Com essas grandes botas cheias de barro? Não acredito.

— Bem, o azar é seu! Foi em um rink de patinação. Mas, falando sério, Mary, conte-me como estão as coisas. Por que todo este tratamento de pessoa privilegiada?

— É coisa de M. Você deve apresentar-se primeiro ao quartel-general e depois ir almoçar com ele em sua casa. Depois do almoço, ele reunirá em uma conferência todos aqueles homens que você pediu. Tudo com a máxima prioridade. Por isso, achei melhor ficar por perto. Como você estava estragando o Natal de tanta gente, achei que podia jogar o meu também na lata de lixo com os outros. Na realidade, se deseja saber, eu ia apenas almoçar com uma tia. Mas odeio peru e pudim de ameixa. Seja como for, não queria perder a festa e, quando o funcionário de serviço me telefonou há cerca de uma hora para dizer-me que havia um negócio importante, pedi-lhe que mandasse o carro apanhar-me antes de seguir para o aeroporto.

Bond disse com ar sério:

— Bem, você é uma garota maravilhosa. Realmente vai ser preciso correr muito para preparar um simples esboço de relatório. E tenho também alguma coisa para o laboratório. Haverá alguém lá?

— Claro que sim. Como você sabe, M insiste em manter plantão em todas as seções, seja ou não Natal. Mas, seriamente, James, você esteve em dificuldade? Está realmente com uma aparência horrível.

— Oh, um pouco. Você terá uma idéia quando eu ditar — respondeu Bond, quando o carro estava parando diante de seu apartamento. — Agora, seja um anjo e movimente May enquanto eu me lavo e troco estas malditas roupas. Faça com que ela me prepare bastante café preto e ponha duas doses de nosso melhor conhaque no bule. Pode pedir a May o que quiser. É possível

que ela tenha até mesmo um pouco de pudim de ameixa. Bem, são nove e meia. Seja boazinha e telefone para a autoridade de serviço, dizendo que recebemos as ordens de M e estaremos lá às dez e meia. E diga-lhe para pedir ao laboratório que fique de prontidão dentro de meia hora.

Tirando seu passaporte do bolso da calça, prosseguiu:

— Depois, dê isto ao motorista e peça-lhe que vá o mais depressa possível entregá-lo pessoalmente à autoridade de serviço. Diga à autoridade de serviço... — hesitando, Bond alisou o canto de uma página do passaporte — para informar ao laboratório que a tinta usada é... bem... de fabricação caseira. Basta ser exposta ao calor. Eles compreenderão. Entendido? Boa menina. Agora vamos fazer May movimentar-se.

Bond subiu a escada e apertou a campainha, dando dois toques breves e um longo.



Quando Bond chegou à sua mesa alguns minutos depois das dez e meia, sentindo-se de novo noventa por cento humano, encontrou sobre ela uma pasta tendo no canto esquerdo ao alto a estrela vermelha que significava “Altamente Sigiloso”. Continha seu passaporte e uma dúzia de cópias fotostáticas da página 21. A lista de nomes de moças estava meio apagada, mas legível. Havia também um bilhete com a anotação do “pessoal”. Bond abriu-o. Riu. O bilhete dizia apenas: “A tinta apresentou indícios de excesso de ácido úrico. Isso é muitas vezes devido à superabundância de álcool no sangue. Não diga depois que não foi avisado!” Não havia assinatura. Então o espírito do Natal introduzira-se até mesmo nos solenes recantos de uma das mais secretas seções do edifício! Bond amassou o papel e depois, pensando nas suscetibilidades de Mary Goodnight, queimou-o prudentemente com seu isqueiro.

Mary Goodnight entrou e sentou-se com seu bloco de taquigrafia nas mãos. Bond disse:

— Isto é apenas um primeiro esboço, Mary, e precisa ser feito depressa. Não se preocupe com erros, portanto. M compreenderá. Temos cerca de hora e meia se eu quiser chegar a Windsor na hora do almoço. Acha que pode dar conta? Muito bem. Então, aqui está. “Altamente Sigiloso. Pessoal para M. De

acordo com as instruções, em 22 de dezembro cheguei ao aeroporto central de Munique às 13h30 pela Swissair para estabelecer o primeiro contato relacionado com a Operação “Corona”...

Bond virou-se de lado para sua secretária e, enquanto falava, olhou pela janela para as árvores nuas de Regent’s Park, lembrando-se de cada minuto dos últimos três dias — o penetrante e vazio cheiro do ar e da neve, os lagos verdes escuros dos olhos de Blofeld, o rangido que sua mão esquerda, ainda machucada, fez ao cair sobre o pescoço descoberto do homem. E depois todo o resto, até Tracy, que, sem menção ao romance, foi acompanhada em seu relatório até o momento em que partiu para o *Vier Jahreszeiten* em Munique. O relatório foi concluído e as batidas abafadas da máquina de escrever de May ecoaram através da porta fechada. Telefonaria para Tracy quando voltasse a seu apartamento à noite. Já podia ouvir sua voz sorridente do outro lado da linha. O pesadelo no aviso ficava esquecido. Agora, havia apenas a feliz e secreta espera dos dias futuros. Bond perdeu-se em seus planos: como conseguir os dias de licença, como arrumar os papéis, onde realizar a cerimônia na Escócia. Depois voltou a si, apanhou as cópias fotostáticas contendo os nomes das moças e encaminhou-se para o Centro de Comunicações a fim de transmitir as informações para a Estação Z.

M preferiria viver à margem do mar, talvez perto de Plymouth ou de Bristol — em qualquer lugar onde pudesse ver o oceano sempre que desejasse e ouvi-lo à noite. Como precisava estar sempre perto de Londres, escolhera o que lhe parecia ser a melhor coisa depois de água: árvores; e encontrara uma pequena mansão em estilo Regência à beira da floresta de Windsor. Ficava em Terras da Coroa e Bond sempre suspeitara que um pouquinho de “Graça e Favor” influíra no contrato de aluguel de M. O chefe do Serviço Secreto ganhava 5.000 libras por ano, tendo ainda à sua disposição um velho Rolls Royce e o respectivo motorista. O soldo naval de M (como vice-almirante reformado) representaria outras 1.500 libras. Pagos os impostos, ficaria com umas 4.000 libras para gastar. Sua vida londrina provavelmente consumia metade disso. Só se gastasse menos de 500 libras em aluguel e impostos municipais é que poderia manter uma casa de campo, principalmente uma bela casa em estilo Regência como aquela.

Esses pensamentos voltaram ao espírito de Bond quando fez soar a sineta de bronze de navio de algum antigo “H.M.S. Repulse”, de cuja linguagem o último, um cruzador, fora a derradeira missão naval de M. Hammond, ordenança de M naquele navio, que se reformara junto com seu comandante, cumprimentou Bond como velho amigo e conduziu-o ao estúdio.

M dedicava-se a um dos numerosos passatempos de solteiros. Pintava aquarelas. Pintava apenas as orquídeas silvestres da Inglaterra, à maneira meticulosa mas sem inspiração dos naturalistas do século XIX. Estava agora diante de sua mesa de pintura encostada à janela, com as costas largas curvadas sobre a tábua de desenho, tendo à frente uma pequena flor extremamente pálida dentro de um copo cheio de água. Quando Bond entrou e fechou a porta, M deu um último e penetrante olhar à flor. Ergueu o corpo com evidente relutância. Mas deu a Bond um de seus raros sorrisos e disse: — Boa tarde, James. (Tinha o hábito de marinheiro de observar meticulosamente o meio-dia exato.) Feliz Natal e tudo o mais. Sente-se.

M sentou-se também por trás de sua mesa. Ia entrar em serviço. Bond automaticamente tomou seu tradicional lugar diante da mesa de seu chefe.

M começou a encher o cachimbo, ao mesmo tempo que dizia:

— Como se chama aquele diabo de detetive americano gordo que está sempre mexendo com orquídeas, com aqueles híbridos obscenos da Venezuela e coisas semelhantes? Depois sai transpirando de seu orquidário, toma uma refeição de uma porcaria estrangeira qualquer e resolve o crime. Como é que ele se chama?

— Nero Wolfe, senhor. Os livros são escritos por um sujeito chamado Rex Stout. Gosto deles.

— São legíveis — admitiu M. — Mas eu estava pensando no que dizem sobre orquídeas. Como diabo pode um homem gostar daquelas flores repugnantes? São quase como animais e suas cores, com todos aqueles tons rosas e amarelos, e as línguas manchadas de amarelo, são positivamente hediondas. Mas esta... — disse M, mostrando com a mão a débil flor dentro do copo — é a coisa verdadeira. É uma Autumn Lady's Tresses, *espiranthes spiralis*, embora não me interesse particularmente. Floresce na Inglaterra até outubro e já devia estar agora enterrada. Mas consegui este espécime tardio de um homem que conheço — assistente de um sujeito chamado Summerhayes, que é o rei das orquídeas em Kew. Meu amigo está fazendo experiências com culturas de um fungo que, de maneira curiosa, é parasita de muitas orquídeas, mas ao mesmo tempo é comido pelas orquídeas, das quais é o principal alimento. Mycorhiza é o seu nome.

Mostrando outro de seus raros sorrisos, prosseguiu:

— Mas você não precisa anotar isso. Eu só queria arrancar uma página do

livro desse tal de Nero Wolfe. Contudo... — acrescentou M, pondo o assunto de lado — não posso esperar que você fique entusiasmado com estas coisas. Agora... Que diabo você andou fazendo?

Os olhos cinzentos fitaram intensamente Bond.

— Parece que não tem dormido muito. Disseram-me que esses lugares de esportes de inverno são bastante divertidos.

Bond sorriu. Enfiou a mão no bolso de dentro do paletó e tirou as folhas de papel grampeadas.

— O lugar onde estive ofereceu bastante divertimento variado, senhor. Talvez queira ver primeiro meu relatório. É apenas um esboço. Não havia muito tempo. Mas posso explicar qualquer coisa que não esteja muito clara: M apanhou os papéis, ajustou os óculos e começou a ler.

Uma chuva fraca batia nas janelas. Uma grande acha de lenha caiu na lareira. O silêncio era suave e confortável. Bond olhou para as paredes, onde estava pendurada a estimada coleção de gravuras navais de M. Por toda parte havia mares encapelados, canhões disparando, velas enfundadas, esfarrapados pavilhões de batalhas — a fúria dos antigos combates, as lembranças de antigos inimigos, os franceses, os holandeses, os espanhóis e até mesmo os americanos. Tudo passado, todos agora unidos pela amizade. Nem um sinal dos inimigos de hoje. Quem estaria apoiando Blofeld, por exemplo, na impenetrável conspiração em que estava sem dúvida empenhado? Os russos? Os chineses? Ou era um trabalho independente, como fora Thunderball? E qual seria a conspiração? Qual era o trabalho para cuja proteção seis ou sete dos homens de Blofeld haviam morrido em menos de uma semana? M encontraria algo nos indícios? Os especialistas que se reuniriam naquela tarde descobririam alguma coisa? Bond ergueu seu pulso esquerdo. Lembrou-se de que não tinha mais relógio. Isso sem dúvida entraria em sua conta de despesas. Compraria outro logo que as lojas se abrissem depois do Natal. Outro Rolex? Provavelmente. Eram pesados, mas funcionavam. E pelo menos a gente podia ver a hora no escuro com aqueles grandes algarismos fosforescentes. Em um lugar qualquer do vestíbulo, um relógio bateu meia-hora — uma e meia. Doze horas antes, ele havia preparado a armadilha que matara os três homens no Mercedes. Legítima defesa, mas uma maneira infernal de celebrar o Natal.

M jogou os papéis sobre a mesa. Seu cachimbo apagara-se. Vagarosamente acendeu-o de novo. Jogou o fósforo queimado sobre seus ombros para fazê-lo cair com precisão dentro da lareira. Pôs as mãos abertas

sobre a mesa e disse, com um tom de bondade incomum em sua voz: — Bem, você teve muita sorte em escapar desta, James. Não sabia que você esquiava.

— Eu só consegui manter-me em pé, senhor. Não gostaria de tentar outra vez.

— Não. Você diz que não conseguiu chegar a conclusões sobre o que Blofeld está fazendo?

— Exatamente senhor. Não tenho o menor indício.

— Bem, nem eu. Não estou entendendo nada disto. Talvez os professores nos ajudem hoje à tarde. Mas você está bem certo de que é de novo o ESPECTRO? A propósito, sua sugestão sobre Pontresina foi muito boa. Era um búlgaro. Não consigo lembrar-me do nome, mas a Interpol identificou-o para nós. Especialista em explosivos plásticos. Trabalhou para a KGB na Turquia. Se é verdade que o U-2 pilotado por aquele Powers foi abatido por bombas de retardamento e não por foguetes, é possível que esse homem estivesse implicado no caso. Está na lista de suspeitos. Depois passou a trabalhar por conta própria. Provavelmente foi então que o ESPECTRO o contratou. Estávamos em dúvida quanto à sua identificação de Blofeld. O caso de Pontresina ajudou muito. Você está absolutamente certo de que é ele, não está? Não há dúvida que parece ter feito um bom trabalho no rosto e no estômago. É melhor você apanhar sua ficha Identicast quando voltar esta noite. Daremos uma olhada nela e pediremos opiniões dos médicos.

— Acho que deve ser ele mesmo, senhor. Eu estava realmente sentindo o verdadeiro cheiro dele no último dia... quero dizer, ontem. Parece que foi há muito tempo.

— Você teve sorte em encontrar essa moça. Quem é ela? Alguma antiga namorada sua?

A boca de M curvou-se para baixo nos cantos.

— Mais ou menos, senhor. Ela consta de meu relatório sobre a primeira informação que tivemos da presença de Blofeld na Suíça. É filha daquele homem, Draco, chefe da *Union Corse*. Sua mãe era uma governanta inglesa.

— Hum. Cruzamento interessante. Bem. É hora do almoço. Eu disse a Hammond que não queríamos ser incomodados.

M levantou-se e apertou a campainha ao lado da lareira.

— Acho que vamos ter de passar pela rotina do peru e pudim de ameixa. A Sra. Hammond vem mexendo com suas panelas e caçarolas há semanas. Bobagem sentimental.

Hammond apareceu na porta e Bond seguiu M até a pequena sala de jantar do outro lado do vestíbulo, cujas paredes exibiam outro passatempo de M, a evolução das armas brancas navais. Sentaram-se. Com fingida ferocidade, M disse a Hammond.

— Muito bem, sargento Hammond. Faça o pior que puder.

Depois, apontando para o centro da mesa, acrescentou com sincera veemência:

— Que diabo são aquelas coisas ali?

— Balas de estalo, senhor — respondeu Hammond fleumaticamente. — A senhora Hammond achou que como o senhor tem companhia...

— Jogue-as fora. Dê para as crianças da escola. Eu admito muita coisa da Sra. Hammond, mas não posso permitir que minha sala de jantar seja transformada em jardim da infância.

Hammond sorriu.

— Sim, senhor — disse ele, recolhendo as balas e retirando-se.

Bond estava morto por uma bebida. Tomou um pequeno copo de Marsala muito velho e a maior parte de uma garrafa de vinho argelino muito ruim.

M tratou seus dois copos como se fossem de Château Latitte.

— Bom e velho “Infuriator”. Bebida básica da frota no Mediterrâneo. Tem tutano dentro. Lembro-me que um velho marinheiro meu, McLachlan, meu Primeiro Oficial de Artilharia na época, apostou como era capaz de tomar seis garrafas do vinho. Maldito tolo. Mediu o comprimento da sala de guarda depois de tomar só três. Beba, James! Beba!

Finalmente chegou o pudim de ameixa, tradicionalmente flamejante. A Sra. Hammond introduzira vários berloques prateados baratos no pudim e M quase quebrou um dente com uma ferradura em miniatura. Bond tirou o botão de solteiro. Pensou em Tracy. Devia ter sido a aliança!

21 - *O homem da agricultura e pesca*

TOMARAM café no estúdio de M e fumaram os charutos finos e pretos com que M se deliciava duas vezes por dia. Bond queimou a língua no seu. M continuou com suas histórias sobre a Marinha que Bond era capaz de ouvir o dia inteiro — histórias de batalhas, de furacões, de acontecimentos bizarros, escapadas por pouco, cortes marciais, oficiais excêntricos, sinais bem feitos, como quando o almirante Somerville, comandando o couraçado “Queen Elizabeth”, passara à frente do transatlântico “Queen Elizabeth” no meio do Atlântico e transmitira uma única palavra: “SNAP”! Podia ser apenas coisas de livros de aventuras de meninos, mas era tudo verdadeiro e era sobre uma grande marinha que não existia mais e sobre uma grande raça de oficiais e marinheiros que nunca mais seria vista.

Eram três horas. As rodas de um automóvel rangeram sobre o cascalho do lado de fora. A sala já estava sendo tomada pela penumbra. M levantou-se e acendeu as luzes. Bond arrumou outras duas poltronas diante da mesa.

— Deve ser o 501 — disse M. — Você deve conhecê-lo. É chefe da Seção de Pesquisa Científica. Vem com um homem chamado Franklin, do Ministério da Agricultura. O 501 diz que é a maior autoridade na matéria. Controle de Pragas. Não sei porque a Agricultura e Pesca resolveu mandá-lo, mas o ministro me disse que estão tendo uma certa complicação. Não quis dizer nem a mim do que se trata, mas acha que talvez tenham encontrado algo muito importante. Vamos deixar que leiam seu relatório e vejam o que podem fazer com ele. Está certo?

— Sim, senhor.

A porta abriu-se e os dois homens entraram.

O Número 501 do Serviço Secreto, cujo nome Bond lembrou ser Leathers, era um homem magro e ossudo, com o corpo curvado e os grossos óculos do cientista de peça teatral. Tinha um sorriso agradável e vago. Não demonstrou deferência, mas apenas polidez, em relação a M. Vestia apropriadamente um desalinhado terno de *tweed* e sua gravata de lã não chegava a cobrir o botão do colarinho. O outro homem era pequeno, enérgico e de aparência viva, com olhos penetrantes e divertidos. Como convinha a um representante pessoal de alta categoria de seu ministro e que nada conhecia do Serviço Secreto vestira um alinhado terno listrado azul escuro e pusera

colarinho duro branco. Seus sapatos pretos brilhavam. O mesmo acontecia com o couro de sua pasta. Seu cumprimento foi reservado e neutro. Não se sentia bem seguro de onde pisava e não sabia bem do que se tratava. Ia sondar cuidadosamente o caminho nesse negócio, ter muito cuidado com o que dizia e comprometer ao mínimo seu Ministério. Homens assim, pensou Bond, é que fazem o “Governo”.

Trocados os cumprimentos apropriados e as desculpas sobre o Natal estragado, depois que estavam sentados em suas poltronas, M disse:

— Sr. Franklin, se me permite dizê-lo, tudo quanto vai ouvir e ver nesta sala está enquadrado na Lei de Segredos Oficiais. Sem dúvida o senhor vai ficar de posse de muitas questões secretas que afetam seu próprio Ministério. Ficaria agradecido se respeitasse os do Ministério da Defesa. Posso pedir-lhe que discuta só com seu ministro pessoalmente o que ouvir aqui?

O Sr. Franklin inclinou-se ligeiramente num gesto de aquiescência.

— Meu ministro já me deu as devidas instruções. Minhas funções no Ministério acostumaram-me a lidar com questões altamente sigilosas. Não precisa ter reservas no que me disser. Agora... — prosseguiu ele, repousando seus olhos divertidos em cada um dos três sucessivamente — talvez possa dizer-me de que trata tudo isso. Praticamente nada sei, salvo que um homem no alto de um alp está fazendo esforços para melhorar nossa agricultura e nossa pecuária. Muito decente da parte dele. Por que então o tratam como se tivesse roubado segredos atômicos?

— Na verdade, ele os roubou certa vez — respondeu M secamente. — Penso que o melhor caminho é o senhor e o Sr. Leathers lerem o relatório de meu representante. Contém números cifrados e outras referências obscuras com os quais não precisam preocupar-se. A história fala por si própria sem eles.

Entregando o relatório de Bond ao 501, prosseguiu:

— A maior parte disto será novidade também para o senhor. Talvez queira ler uma página de cada vez e em seguida passá-la ao Sr. Franklin.

Um longo silêncio caiu sobre a sala. Bond olhou para suas unhas e ouviu a chuva nas vidraças e os suaves ruídos do fogo. M ficou curvado em sua poltrona, aparentemente cochilando. Do outro lado da mesa as folhas de papel rasparam-se vagarosamente. Bond acendeu um cigarro. O barulho de seu Ronson fez com que os olhos de M se abrissem preguiçosamente e depois se

fechassem de novo. O 501 passou a última página, recostou-se na poltrona. Franklin terminou a leitura, juntou as páginas e colocou-as cuidadosamente à sua frente. Olhou para Bond e sorriu.

— Tem sorte em estar aqui — comentou.

Bond retribuiu ao sorriso, mas nada disse. M voltou-se para o 501.

— E então?

O 501 tirou seus grossos óculos e esfregou as lentes com um lenço não muito limpo.

— Não consigo apanhar o objeto do exercício, senhor. Parece perfeitamente honesto — louvável mesmo, se não soubessem o que sabemos a respeito de Blofeld. Ele conseguiu dez pacientes apropriadas para hipnose profunda, ou melhor, onze, se contarmos a que já saiu de lá. São todas moças simples do campo. É significativo que uma chamada Ruby tenha sido reprovada duas vezes em seus exames escolares. Parecem sofrer, e não há razão para deixar de acreditar que sofram, de certas formas muito comuns de alergia. Não conhecemos as origens de suas alergias e isso não tem importância. Provavelmente são psicossomáticas. A reação adversa a aves é muito comum, assim como a provocada pelo gado. As reações a culturas e plantas são menos comuns. Blofeld parece estar tentando a cura dessas alergias por hipnose. Está tentando não apenas curá-las, mas criar uma pronunciada afinidade com a causa da alergia em lugar da repulsão anterior. No caso de Ruby, por exemplo, dizem-lhe, segundo o relatório, para “amar” frangos, para desejar “melhorar sua raça” e assim por diante. Esses meios mecânicos de tratamento são, na prática, simples. Na fase de penumbra, à beira do sono — o agudo som da campainha acordaria as que já estivessem dormindo — o uso do metrônomo exatamente no ritmo da pulsação e o zumbido distante são auxiliares hipnóticos comuns. O murmúrio monótono e autoritário é a voz habitual do hipnotizador. Não sabemos que espécie de aulas essas moças assistiam ou que leitura faziam, mas podemos presumir que eram simples meios adicionais de influenciar a mente no sentido desejado por Blofeld. Ora, existem abundantes indícios médicos da eficácia da hipnose. Há casos bem autenticados do emprego satisfatório desses meios no tratamento de males recalcitrantes como verrugas, certos tipos de asma, enurese, gagueira e mesmo alcoolismo, toxicomania e tendências homossexuais. Embora a Associação Britânica de Medicina desaprove oficialmente os praticantes de hipnose, o senhor ficaria surpreendido se soubesse quantos médicos, como último recurso, particularmente em casos de alcoolismo, recorrem ao

tratamento de hipnotizadores habilitados. Digo isto de passagem, porém. Para esta discussão só posso contribuir dizendo que as idéias de Blofeld não são novas e podem ser perfeitamente eficazes.

— Obrigado, Sr. Leathers — disse M, com um aceno de cabeça. — Não gostaria de ser um pouco menos científico e arriscar alguns palpites que pudessem contribuir de qualquer maneira para esclarecer-nos mais do que aquilo que nos disse? Suas palavras não serão citadas, posso garantir-lhe — acrescentou M, com um ligeiro sorriso.

O 501 passou a mão pela cabeça com ar preocupado.

— Bem, senhor, talvez seja tolice, mas ocorreu-me uma ordem de idéias quando li o relatório. Quer suas intenções sejam benéficas ou maléficas, e acredito podermos pensar que sejam maléficas, quem está pagando tudo isso? Como ele se interessou por esse determinado campo de pesquisa e encontrou financiamento para seu trabalho? Bem, senhor, isto talvez pareça fantástico, como procurar ladrões embaixo da cama, por assim dizer, mas os pioneiros nesse setor, desde Pavlov e seus cães salivadores, foram os russos. Deve lembrar-se que, por ocasião da colocação pelos russos do primeiro homem em órbita ao redor da terra, eu apresentei um relatório sobre a fisiologia do astronauta Yuri Gagarin. Chamei atenção para a natureza simples desse homem, seu temperamento equânime diante da histérica recepção que teve em Londres. Essa equanimidade nunca o abandonou e, como deve lembrar-se, nós o mantivemos sob discreta observação durante toda sua visita e suas viagens subseqüentes ao estrangeiro, a pedido das autoridades de Energia Atômica. Aquela fisionomia afável e sorridente, senhor, aqueles olhos inocentes e bem separados, a extrema simplicidade psicológica do homem, tudo indicava, como expus em meu relatório, o paciente perfeito para hipnose. Arrisquei então o palpite de que, nos movimentos extremamente complicados dele exigidos em sua cápsula espacial, Gagarin estava operando em estado de hipnose profunda. Pois bem, senhor — prosseguiu o 501 com um gesto de desânimo — minhas conclusões foram oficialmente consideradas fantásticas. Contudo, uma vez que me pergunta, eu as repito e sugiro que a Força por trás de Blofeld em tudo isto talvez sejam os russos.

Voltando-se para Bond, perguntou:

— Havia algum sinal de inspiração ou orientação russa nesse lugar chamado Glória? Havia russos por perto?

— Bem, havia esse homem, o capitão Boris. Nunca o vi, mas sem dúvida

era russo. Afora isso, de nada me lembro salvo os três homens do ESPECTRO que suponho terem sido ex-membros do *Smersh*. Mas pareciam decididamente subordinados, o que os americanos chamariam de “mecânicos”.

O 501 encolheu os ombros.

— Bem, acho que isso é tudo o que posso oferecer, senhor. Mas, se o senhor chegar à conclusão de que se trata de negócio sujo, posso garantir que esse capitão Boris era o pagador ou supervisor do plano, sendo Blofeld o operador independente. Isso se adaptaria ao caráter autônomo do velho ESPECTRO — uma quadrilha independente trabalhando para quem estivesse disposto a pagar-lhe.

— É possível que o senhor tenha chegado a alguma coisa, Sr. Leathers — observou M pensativamente. — Mas qual será o objeto do exercício?

Voltou-se depois para Franklin e perguntou:

— Agora, Sr. Franklin, que pensa disto tudo?

O homem da Agricultura e Pesca acendeu um pequeno cachimbo muito lustroso. Conservou-o entre os dentes, apanhou sua pasta e tirou dela alguns papéis. Do meio deles tirou um mapa esboçado em preto e branco da Grã-Bretanha e Eire, que abriu sobre a mesa. O mapa estava marcado com símbolos, florestas de símbolos aqui e espaços em branco acolá.

— Este mapa — disse ele — mostra o total dos recursos agrícolas e pecuários da Grã-Bretanha e Eire, deixando de fora pastagens e florestas. À primeira vista do relatório, confesso que fiquei completamente confuso. Como disse o Sr. Leathers, essas experiências parecem perfeitamente inofensivas — mais do que isso, para usar sua palavra, louváveis. Mas — prosseguiu com um sorriso — os senhores estão preocupados em rebuscar o lado escuro da lua. Ajustei meu espírito de acordo com isso. O resultado é que estou cheio de suspeita muito profunda e terrível. Talvez essas idéias negras tenham entrado em meu espírito por um processo de osmose com a maneira como os presentes encaram o mundo — olhou para M como pedindo desculpas — mas tenho também um indício que talvez seja decisivo. Desculpem-me, mas está faltando uma folha de papel neste relatório: a lista das moças e seus endereços. Existe isso?

Bond tirou a cópia fotostática do bolso.

— Desculpe-me. Eu não quis alongar muito o relatório. Passou a folha de papel através da mesa para Franklin.

Este correu os olhos por ela. Depois disse, com um tom de espanto na voz:

— Percebi! Creio que percebi!

Recostou-se pesadamente na poltrona como se não pudesse acreditar no que vira.

Os três homens fitaram-no tensamente, acreditando nele, pelo que estava estampado em seu rosto — esperando por ele.

Franklin tirou um lápis vermelho do bolsinho do paletó e curvou-se sobre o mapa. Olhando de vez em quando para a lista, fez uma série de círculos vermelhos em locais aparentemente não relacionados entre si através da Grã-Bretanha e Eire. Bond notou, porém, que os círculos cobriam onze das áreas onde eram mais densas as florestas de símbolos. Enquanto fazia os círculos, Franklin comentava: “Aberdeen, Aberdeen Angus; Devon, Red Poli; Lancashire, aves domésticas; Kent, frutas; Shannon, batatas”, até haver dez círculos vermelhos no mapa. Finalmente colocou seu lápis sobre East Anglia e fez uma grande cruz. Ergueu os olhos, disse “Perus” e descansou o lápis sobre a mesa.

— Bem, Sr. Franklin, que tem em mente?

O homem da Agricultura e Pesca não tinha a intenção de deixar-se empurrar por alguém do outro Ministério, por mais poderoso e importante que fosse. Apanhou vários papéis. Escolheu um deles, um recorte de jornal.

— Acho — disse ele — que os senhores não têm tempo para ler muitas das notícias agrícolas que saem nos jornais, mas esta é do “Daily Telegraph” de princípios de dezembro. Não vou ler tudo. É do correspondente agrícola do jornal, um bom sujeito chamado Thomas. Estes são os títulos: “*Perus causam preocupação. Aves devastadas pela peste*”. A notícia diz: “O abastecimento de perus para o mercado do Natal talvez seja prejudicado pelos recentes surtos da peste de aves que motivaram o abate de grande número de aves...” E continua: “Cifras de que dispomos mostram que 218.000 aves foram abatidas... no passado, o suprimento total para o mercado do Natal foi estimado entre 3.700.000 a 4.000.000 de aves, de modo que agora muita coisa dependerá da extensão dos futuros surtos da peste”.

O Sr. Franklin colocou o recorte sobre a mesa. Depois disse seriamente:

— Essa notícia era apenas a ponta do *iceberg*. Conseguimos evitar que pormenores posteriores fossem publicados. Mas posso dizer-lhes uma coisa, cavalheiros. Nas últimas quatro semanas ou pouco mais, abatemos três milhões de perus. E isso é apenas o começo. A peste está grassando desconsoladamente na East Anglia e já há sinais dela em Suffolk e Hampshire, onde há muita criação de perus. O que os senhores comeram hoje no almoço eram quase certamente aves estrangeiras. Permitimos a importação de dois milhões de perus dos Estados Unidos para ocultar esta situação.

M disse asperamente:

— Bem, quanto a mim, pouco me importa se nunca mais comer peru. Todavia, compreendo que os senhores se defrontam com um grave problema. Mas voltemos ao nosso caso. Dos perus, para onde vamos?

Franklin não achou graça. Respondeu:

— Temos uma pista. Todos os perus que morreram primeiro haviam sido exibidos na Exposição Nacional de Aves Domésticas, no Olímpia, no princípio deste mês. O local da mostra foi desocupado e limpo para a exposição seguinte antes que chegássemos a essa conclusão, de modo que não pudemos encontrar nele traços dos vírus — a peste é causada por um vírus, diga-se de passagem, altamente infeccioso, com uma mortalidade de cem por cento. Agora — prosseguiu — erguendo um encorpado folheto branco com a insígnia dos Estados Unidos na capa — que sabem os senhores a respeito de Guerra Biológica?

— Interessamo-nos indiretamente pelos aspectos marginais do assunto durante a guerra — respondeu Leathers. — Mas nenhum dos lados a utilizou. Lá por 1944, os americanos tinham um plano para destruir toda a lavoura de arroz do Japão por borrifos lançados de avião. Mas, pelo que me lembro, Roosevelt vetou a idéia.

— Certo — disse Franklin. — Absolutamente certo. O assunto, porém, ainda está muito vivo. E muitíssimo vivo no meu Ministério. Acontece que somos o país mais intensivamente cultivado no mundo. Precisamos tornar-nos assim durante a guerra a fim de não morrermos de fome. Por isso, em teoria, seríamos um alvo ideal para ataques dessa espécie.

Desceu vagarosamente as mãos até a mesa para dar ênfase às suas palavras e continuou:

— Penso que não seria exagero, dizer, cavalheiros, que se fosse lançado um ataque destes, contra o qual só poderíamos agir abatendo aves e outros animais, e queimando lavouras, seríamos um país na bancarrota em questão de meses. Cairíamos literalmente de joelhos, implorando por pão!

— Nunca pensei nisso — disse M meditativamente — mas parece ter sentido.

— Estas — prosseguiu Franklin, erguendo o folheto — são as últimas idéias de nossos amigos americanos sobre o assunto. Abrangem também Guerra Química e Guerra Radiológica, mas essas não nos preocupam. GQ, GB e GR são os nomes que lhes dão. É um documento do Senado dos Estados Unidos, de Número 58.991, datado de 29 de agosto de 1960 e preparado pela “Subcomissão de Desarmamento da Comissão de Relações Exteriores”. Meu Ministério concorda com as conclusões gerais sobre GB, com a ressalva de serem os Estados Unidos um país de vasto território, enquanto nós somos uma nação muito pequena e congestionada. A GB afetar-nos-ia mil vezes mais que aos Estados Unidos. Posso ler-lhes alguns trechos?

M positivamente detestava os problemas de outros Ministérios. No final, na parte de serviço secreto, todos eles acabavam caindo em suas mãos. Divertido, Bond observou seu esforço para apresentar uma expressão de cortês interesse.

— Pode prosseguir, Sr. Franklin — disse M.

22 - Algo chamado “gb”

FRANKLIN começou a ler em tom de voz uniforme e expositivo, parando freqüentemente para explicar um ponto ou quando saltava trechos irrelevantes.

— Esta parte — disse ele — intitula-se “Armas e Defesa da Guerra Biológica”. Diz o seguinte:

“Guerra Biológica”, prosseguiu ele, lendo o folheto, “é freqüentemente mencionada como guerra bacteriológica, bacteriana ou de germes, mas é preferível àquelas expressões porque nela se incluem todos os microrganismos, insetos e outras pragas, assim como produtos tóxicos de vida vegetal e animal. O Exército relaciona cinco grupos de agentes de GB, inclusive certos compostos químicos empregados para inibir ou destruir o crescimento de plantas: “Microrganismos (bactérias, vírus, rikétsias, fungos e protozoários).

“Toxinas (microbianas, animais e vegetais).

“Transmissores de moléstias (artrópodes (insetos e aracnídeos), aves e animais).

“Pragas (de animais e culturas).

“Compostos químicos contra lavouras (inibidores do crescimento vegetal, herbicidas e desfolhadores).

“Os agentes de Guerra Biológica, como os agentes de Guerra Química, variam quanto à letalidade, tornando possível escolher um agente mais adequado à consecução do objetivo desejado, seja a incapacidade temporária com poucas conseqüências, sejam doença grave e muitas mortes. Há algumas diferenças importantes entre GB e GQ, além de suas classificações científicas. Os agentes de GB têm um período de incubação de dias, às vezes semanas (Franklin ergueu os olhos e comentou: — “Entenderam o que eu quis dizer em relação ao Olímpia?”) que produz um retardamento em sua ação, enquanto as armas da GQ geralmente provocam reações em períodos de poucos minutos e poucas horas. Os agentes da GQ são mais fáceis de

identificar que os agentes da GB e a identificação dos últimos muitas vezes só pode ser feita tarde demais para permitir contramedidas eficazes. (Franklin olhou de novo significativamente para seus ouvintes.)... Os agentes da GB são teoricamente mais perigosos, peso por peso, do que os agentes da GQ, embora essa vantagem possa ser anulada pela perda da virulência dos agentes de GB quando expostos ao ar livre.”

Franklin fez uma pausa. Seu dedo correu pela página de cima para baixo.

— Em seguida, fala sobre os agentes da GB antipessoal, como antraz, tifo, varíola, botulismo e outros. Sim... (seu dedo parou) aqui está. “Os agentes de GB antianimal que poderiam ser usados para incapacitar ou destruir animais domésticos são: “Bactérias: Antraz, três espécies muito semelhantes de brucelose e mormos.

“Vírus: febre aftosa, peste bovina, febre do Vale do Rift, estomatite vesicular, exantema vesicular, cólera suína, febre suína africana, peste de aves, doença de Newcastle e encefalomielite eqüina.”

Franklin ergueu os olhos com ar de quem pede desculpas.

— Desculpem-me por todas estas coisas complicadas, mas não resta muito mais. Depois fala em “agentes de GB contra lavouras”, que, segundo dizem, seriam empregados como armas econômicas, que pessoalmente penso ser o caso do plano de Blofeld, e mencionam toda uma lista de doenças vegetais e de insetos, entre os quais um chamado “lesma gigante africana”, com a qual acho que não precisamos preocupar-nos. Depois fala sobre “agentes químicos contra lavouras”, mas penso que também não devemos preocupar-nos com esses, pois precisam ser borrifados por um aeroplano, embora sejam terrivelmente letais. Agora, isto está mais dentro do caso — disse Franklin, com o dedo parado na página. — “A natureza dos agentes de GB torna-os muito adaptáveis para operações dissimuladas ou secretas. O fato de esses agentes serem muito concentrados, não poderem ser percebidos pelos sentidos físicos e terem efeito retardado permite a um operador introduzir calmamente quantidades eficazes em sistemas de ventilação de edifícios, suprimentos de elementos e água, e outros lugares onde possam propagar-se rapidamente através de contato com uma população altamente concentrada”.

— Isso se aplica a nós — prosseguiu Franklin, depois de uma pausa. — Entendem o que eu quis dizer sobre exposições de gado e coisas semelhantes? Depois da exposição o vírus é levado a todo o país pelos espécimes exibidos.

Voltando ao folheto, continuou:

— E aqui diz ainda: “Um fator significativo está em que a área possível de efetiva cobertura é geralmente maior com agentes de GB que de GQ. Experiências realizadas mostraram que cobertura medida em milhares de milhas é perfeitamente exequível com agentes biológicos”.

Franklin bateu com a mão no folheto que tinha à sua frente.

— Que dizem agora, cavalheiros? — perguntou. — Falamos sobre novos gases venenosos, sobre os gases que os alemães inventaram na guerra para atuar sobre o sistema nervoso. Fazemos marchas e contramarchas a respeito de radiação e bomba atômica. “Milhares de milhas quadradas” é o que diz aqui. É uma Comissão do Senado dos Estados Unidos quem disse isso. Quantos milhares de milhas quadradas existem no Reino Unido e Eire, cavalheiros?

Os olhos, com urgência e sem ter mais expressão de humor, fitaram-se quase desdenhosamente nos rostos dos três altos funcionários do Serviço Secreto.

— Eu lhes digo — prosseguiu ele. Há apenas pouco mais de cem mil milhas quadradas neste nosso pequeno atol, incluindo o pequeno atol de toda a Irlanda. (Os olhos conservaram seu ardor). Permitam-me citar-lhes um último trecho e então talvez (os olhos recuperaram um pouco de sua expressão de humor) percebam porque estou tão excitado neste Dia de Boa Vontade a todos os Homens. Escutem o que diz aqui sob o título “Medidas Defensivas”. Diz: “A defesa contra a GB é muito complicada pelas dificuldades envolvidas na detecção dos agentes de GB, situação que é quase exclusiva dessas armas. Não podem ser percebidos pela vista, pelo olfato ou por qualquer outro sentido físico. Até agora não foram inventados meios para sua rápida detecção e identificação”.

Franklin jogou o folheto sobre a mesa. De repente, mostrou um grande e largo sorriso. Apanhou seu pequeno cachimbo lustroso e começou a enchê-lo.

— Muito bem, cavalheiros. A promotoria encerra seu trabalho.

Franklin tivera seu dia, um Natal de que jamais se esqueceria.

— Obrigado, Sr. Franklin — disse M. — Devo pensar que o senhor conclui que esse homem, Blofeld, está lançando Guerra Biológica contra nosso país.

— Sim — respondeu Franklin, em tom categórico. — É o que penso.

— E como explica isso? Parece-me que ele está fazendo exatamente o contrário — ou me pareceria se eu não conhecesse algo a respeito do homem. Seja como for, quais são suas deduções?

Franklin estendeu a mão e apontou para a cruz vermelha que havia feito sobre East Anglia.

— Esta foi minha primeira pista. A moça, Polly Tasker, que deixou esse lugar chamado Glória há mais de um mês, provinha de algum ponto por aqui onde, como pode ver pelos símbolos, há grande concentração de criadores de perus. Ela sofria de alergia por perus. Voltou inspirada a melhorar a raça. Uma semana depois de seu regresso, temos o maior surto de peste de aves que afetou os perus na história da Inglaterra.

Leathers de repente deu um tapa em sua coxa:

— Por Deus, penso que percebi, Franklin! Continue!

— Ora — prosseguiu Franklin, voltando-se para Bond — quando este funcionário deu uma olhada no laboratório lá em cima, viu fileiras e fileiras de tubos de ensaio contendo o que descreve como “um líquido nebuloso”. Não seria vírus, de peste de aves, de antraz e só Deus sabe que mais? O relatório diz que o laboratório estava iluminado por uma fraca luz vermelha. Isso estaria certo. As culturas de vírus sofrem com exposição à luz brilhante. E se, antes da partida dessa moça chamada Polly, lhe tivessem dado um borrifado de aerossol com o material apropriado e lhe tivessem dito que era alguma espécie de elixir para perus — um tônico capaz de torná-los mais gordos e saudáveis? Lembra-se do negócio de “melhorar a raça” na conversa de hipnose? Suponham que lhe tivessem dito para ir à exposição do Olímpia, talvez mesmo arranjar um emprego no certame como limpadora ou coisa semelhante, e casualmente borrifar o material aqui e acolá entre as aves premiadas? Não precisaria ser maior que uma dessas bombas de sabão de barba. Isso seria o suficiente. Ter-lhe-iam dito para guardar segredo, que era material patenteado. Talvez mesmo lhe prometessem ações da companhia, se o tônico desse o resultado que Blofeld esperava. Seria muito fácil fazer isso. Ela se limitaria a andar de um lado para outro entre as gaiolas (talvez lhe tivessem dado uma bolsa especial para carregar o negócio), encostar-se na tela e — pronto — o trabalho estaria feito. Fácilíssimo. Perceberão, se me acompanharam até agora, que provavelmente lhe teriam dito para executar a tarefa nos dois últimos dias da exposição, de modo que os efeitos não fossem logo notados. Depois, encerrada a exposição, todas as aves premiadas são devolvidas a seus donos em toda a Inglaterra. E o negócio acontece! E —

acentuou Franklin, depois de uma pausa — vejam bem, o negócio aconteceu! Três milhões de aves mortas e ainda morrendo por todo o país e um bom monte de moeda estrangeira gasto pelo Tesouro para substituí-las.

Leathers, com o rosto vermelho de excitação, aproximou-se. Estendeu a mão sobre o mapa, dizendo:

— E as outras moças. Todas de lugares perigosos. Todas de áreas da maior concentração. Há exposições locais constantemente, gado, aves domésticas, até mesmo batatas... Seria praga de Colorado para determinada lavoura, suponho eu, e febre suína para os porcos. Puxa!

Havia respeito na voz de Leathers quando acrescentou:

— E é tão infernalmente simples! Seria preciso apenas conservar os vírus na temperatura adequada durante algum tempo. As moças receberiam instruções para isso. E durante todo o tempo elas estariam certas de agir como santas! Maravilhoso. O homem realmente merece ser respeitado.

A fúria da indecisão tornava tempestuosa a fisionomia de M, que se voltou para Bond e gritou:

— Que pensa você disso?

— Acho que dá certo, senhor. Em todos os sentidos. Conhecemos o homem. Dá certo também em relação a ele. É exatamente seu estilo. E não importa sequer quem lhe está pagando. Ele pode pagar a si próprio, ganhar uma fortuna. Não precisa senão jogar na baixa do esterlino e dos títulos do governo. Se o Sr. Franklin tem razão, e o documento do Senado dá-lhe apoio bastante sólido, nossa moeda cairia literalmente abaixo do chão, e o país junto com ela.

M levantou-se e disse:

— Muito bem, cavalheiros. Sr. Franklin, quer dizer a seu ministro o que ouviu? Cabe a ele contar aos parlamentares e ao Gabinete o que julgar conveniente. Eu cuidarei das medidas preventivas, primeiro de tudo por intermédio de Sir Ronald Vallance, do Departamento de investigação Criminal. Precisamos deter essa mulher chamada Polly e apanhar as outras quando entrarem no país. Serão tratadas com delicadeza. Não é culpa delas. Depois teremos de pensar no que faremos com o Sr. Blofeld.

Voltou-se para Bond e pediu:

— Fique mais um pouco, sim?

Despediram-se e M chamou Hammond para levar os outros dois até a porta. Depois tocou novamente a campainha.

— Chá, por favor Hammond — disse. Virou-se para Bond e perguntou: — Ou prefere uísque com soda?

— Uísque, por favor — respondeu Bond infinitamente aliviado.

— Estômago forte — comentou M. Caminhou até a janela e olhou para o escuro e a chuva do lado de fora.

Bond puxou o mapa de Franklin em sua direção e estudou-o. Refletiu que estava aprendendo muita coisa nesse caso — sobre negócios de outras pessoas, segredos de outras pessoas, desde o íntimo do College of Arms até o íntimo da Agricultura e Pesca. Estranho como essa árvore gigantesca de numerosos galhos crescera daquela minúscula semente em setembro — uma moça abafando a banca em um cassino, sem dinheiro para pagar a aposta. E a carta de resignação de Bond? Parecia bem tola agora. Estava enterrado até as orelhas, tão fundo como sempre estivera, em sua velha profissão. E agora o grande trabalho de limpeza precisaria ser executado. Ele teria de executá-lo ou, pelo menos, dirigi-lo, organizá-lo. E Bond sabia exatamente o que ia propor a M quando chegassem o chá e o uísque. Só ele podia efetuar a limpeza. Estava escrito em suas estrelas.

Hammond entrou com a bandeja e retirou-se. M voltou à sua mesa, disse rispidamente a Bond para servir-se de uísque, apanhou uma xícara enorme, tão grande quanto um urinol de bebê, cheia de chá preto sem açúcar ou leite e colocou-a à sua frente.

Por fim, disse taciturnamente:

— Este é um negócio sujo, James. Mas acho que tem sentido. Penso que é melhor fazer alguma coisa.

Estendeu a mão para o telefone vermelho com dispositivo de segurança que estava ao lado do preto sobre sua mesa e levantou o fone. Era uma linha direta com aquela mesa de ligação muito privativa em Whitehall à qual tinham acesso talvez apenas cinquenta pessoas em toda a Grã-Bretanha.

— Ligue-me com Sir Ronald Vallance, sim? Na residência, acho.

Apanhou a xícara de chá e tomou um grande gole, colocando-a depois novamente sobre o pires.

— É você, Vallance? — disse. — Aqui é M. Sinto muito atrapalhar sua soneca da tarde.

Houve uma explosão audível do outro lado da linha! M sorriu.

— Lendo um relatório sobre prostituição de adolescentes? Tenho vergonha de você. E no Dia de Natal! Bem, aperte o botão do dispositivo de segurança, sim?

M apertou o grande botão preto do lado do gancho.

— Pronto? Bem, acho que isto tem alta prioridade. Lembra-se de Blofeld e do caso Thunderball? Bem, ele está fazendo seus truques novamente. É muito comprido para explicar agora. Você receberá minha parte do relatório pela manhã. E a Agricultura e Pesca também está envolvida. Sim, por incrível que pareça. Um homem chamado Franklin é seu elemento de contato. Um dos melhores especialistas em controle de pragas que eles têm. Só ele e seu ministro. Vocês querem apresentar relatórios a ele e mandar cópias a mim? Eu estou lidando apenas com o lado do exterior. Seu amigo 007 está com a bola. Sim, o mesmo sujeito. Poderá fornecer-lhe qualquer outro pormenor de que você precisa quanto ao aspecto do exterior. Agora, o negócio é este. Embora seja Natal e tudo o mais, poderiam vocês tentar imediatamente agarrar certa moça, Polly Tasker, de uns 25 anos de idade, que vive na East Anglia? Sim, sei que é uma área muito grande, mas ela provavelmente provém de uma respeitável família de classe média inferior ligada à criação de perus. Sem dúvida vocês encontrarão o nome da família na lista telefônica. Não posso dar-lhe uma descrição mas passou recentemente várias semanas na Suíça. Voltou na última semana de novembro. Não seja ridículo! Naturalmente que pode resolver o caso. E, quando a encontrar, mantenha-a sob custódia por introduzir peste de aves no país. Sim, isso mesmo. Esse negócio que está matando todos os nossos perus.

Falando longe do fone, M resmungou:

— Graças a Deus!

— Não, eu não disse nada — falou, com a boca voltada para o fone. — Mas, seja amável com a moça. Ela não sabia o que estava fazendo. E diga aos pais que tudo acabará bem. Se precisar de uma acusação formal, terá de consegui-la com Franklin. Quando ela estiver detida, avise Franklin, que irá fazer-lhe uma ou duas perguntas simples. Depois que ele obtiver as respostas, pode soltá-la. Está certo? Mas temos de encontrar essa moça. Você entenderá por que assim que ler o relatório. Agora, a tarefa seguinte. Existem dez moças

de tipo muito semelhante ao dessa Polly Tasker que provavelmente virão de Zurique para a Inglaterra e Eire por avião em qualquer dia a partir de amanhã. Todas elas precisam ser detidas pela Alfândega no porto ou aeroporto de desembarque. 007 tem uma lista de seus nomes e descrições muito boas. Meu pessoal em Zurique talvez possa e talvez não possa avisar-nos da chegada delas. Está certo? Sim, 007 levará a lista à Scotland Yard hoje à noite. Não, não posso dizer-lhe do que se trata. É uma história muito comprida. Mas já ouviu falar em Guerra Biológica? Isso mesmo. Antraz e coisas semelhantes. Sim, é isso. Sim. Blofeld de novo. Sei disso. É exatamente o que eu vou falar já com o 007. Bem, Vallance, está tudo entendido? Ótimo.

M ouviu. Sorriu sinistramente e disse:

— E um Feliz Natal para você.

Repôs o fone no gancho e o botão de segurança desligou-se automaticamente. Voltou os olhos para Bond e disse, com um ar de cansaço:

— Bem, essa parte já está liquidada. Vallance disse que já é tempo de agarrarmos esse Blofeld. Eu concordo. E esse trabalho é nosso. Não penso sequer por um momento que possamos obter ajuda da Suíça. Mesmo que pudéssemos, eles amassariam durante semanas o caso inteiro, com suas grandes botas antes que víssemos qualquer ação. Depois disso, o homem já estaria em Pequim ou algum outro lugar, tramando mais alguma coisa.

M olhou diretamente para Bond.

— Tem alguma idéia? — perguntou.

Acontecera como Bond havia previsto. Deu um longo gole em seu uísque e pôs o copo cuidadosamente sobre a mesa. Começou a falar, urgentemente, convincentemente. À medida que expunha seu plano, a fisionomia de M tornava-se mais e mais sombria.

— Esse é o único meio que vejo — concluiu Bond. — Só precisamos de duas semanas de licença. Poderei deixar uma carta de resignação se isso adiantar.

M virou sua poltrona e ficou fitando intensamente as chamas agonizantes na lareira.

Bond permaneceu quieto, esperando o veredito. Esperava que fosse sim, mas também esperava que fosse não. Aquela maldita montanha! Preferiria nunca mais ver aquele inferno.

M virou-se. Havia uma expressão feroz em seus olhos.

— Está bem, 007. Pode ir. Eu não posso recorrer ao primeiro ministro. Ele recusaria. Mas, pelo amor de Deus, resolva o caso. Não me importa ser despedido, mas não queremos ver o governo metido em outro fiasco como o do U-2. Entendido?

— Compreendo, senhor. Então posso tirar duas semanas de licença?

— Pode.

23 – “*Gauloises*” e alho

COM A WALTHER PPK no coldre de couro esquentando seu estômago e com seu próprio nome no passaporte, James Bond olhou pela janela para o canal da Mancha que deslizava embaixo da barriga do *Caravelle* e sentiu-se mais semelhante a seu antigo eu pré-Sir Hilary Bray.

Consultou o novo *Rolex* que tinha no pulso — as lojas ainda estavam fechadas e precisara convencer o Setor Q a fornecer-lhe o relógio — e calculou que chegariam a Marselha na hora, às 6 da tarde. Fora uma correria antes da partida. Trabalhara até tarde da noite no Q. G. e corra toda a manhã, corrigindo o *Identicast* de Blofeld, acertando pormenores com Ronnie Vallance, cuidando da parte pessoal de sua vida, a parte de Munique, conversando pelo teletipo com a Estação Z, lembrando-se até mesmo de pedir a Mary Goodnight para falar com Basilisco Sable depois do feriado e pedir-lhe para fazer alguma espécie de trabalho sobre os sobrenomes das dez moças e enfeitar com maiúsculas douradas a árvore genealógica de Ruby Windsor.

À meia-noite, telefonou para Tracy em Munique e ouviu sua querida voz, cheia de excitação.

— Comprei a escova de dentes, James — disse ela — e uma pilha de livros. Amanhã vou subir o *Zugspitze* e sentar-me ao sol a fim de ficar bonita para você. Adivinhe o que jantei hoje no meu quarto! *Krebsschwänze mit*

Dilltunke. É rabo de lagosta com arroz e um molho de creme e endro. E *Rehrücken mit Sahne*. Isso é lombo de veado com um molho especial. Aposto como foi melhor do que sua comida.

— Eu comi dois sanduíches de presunto com montes de mostarda e bebi um quarto de garrafa de uísque Harper com gelo. O uísque estava melhor que o presunto. Agora, escute, Tracy, e pare de soprar no telefone.

— Eu estava apenas suspirando de amor.

— Bem, você deve ter um suspiro de cinco cavalos. Agora, escute. Amanhã vou mandar-lhe minha certidão de nascimento pelo correio com uma carta dirigida ao cônsul britânico dizendo que desejo casar-me com você o mais depressa possível. Olhe, você está subindo para dez cavalos! Pelo amor de Deus, preste atenção. Acho que vou demorar alguns dias. Terão de fazer os proclamas ou coisa semelhante. Ele lhe explicará tudo isso. Agora, você também precisa providenciar logo sua certidão de nascimento e entregar a ele. Oh, você já tem, não é? — disse Bond, rindo. — Tanto melhor. Então está tudo acertado. Ainda tenho uns três dias de trabalho e vou ver seu pai amanhã para pedir-lhe suas mãos, as duas, e também os pés e todo o resto. Não, você fica onde está. Isso é conversa de homens. Ele estará acordado? Vou telefonar-lhe agora. Muito bem. Agora você vai dormir, senão estará muito cansada para dizer “Sim” quando chegar o momento.

Nenhum dos dois desejava parar de ouvir a voz do outro, mas finalmente foram trocados o último boa-noite e o último beijo. Bond ligou então para o número de *Appareils Electriques Draco*, em Marselha, e a voz de Marc-Ange, quase tão excitada quanto a de Tracy, apareceu na linha. Bond interrompeu os arrebatamentos sobre as “fiançailles” e disse: — Agora, escute, Marc-Ange. Quero que me dê um presente de casamento.

— O que quiser, meu querido James. Tudo quanto possuo — respondeu Marc-Ange, rindo. — E talvez certas coisas de que eu poderei apossar-me. Que deseja?

— Eu lhe direi amanhã à noite. Já comprei passagem para ir a Marselha amanhã à tarde pela Air France. Pode mandar alguém me esperar? Trata-se de negócio, sabe? Por isso, poderia convocar seus outros diretores para uma pequena reunião? Precisaremos de todos os nossos cérebros. É sobre nossa organização de vendas na Suíça. É preciso fazer alguma coisa drástica em relação a ela.

— Ah! — exclamou Marc-Ange, em cuja voz havia perfeita compreensão. — Sim, realmente é uma área ruim em nosso mapa de vendas. Sem dúvida terei meus colegas presentes. E garanto-lhe, meu caro James, que tudo quanto puder ser feito será. E naturalmente alguém o esperará. Eu talvez não possa ir pessoalmente. Está muito frio nestas noites de inverno. Mas farei com que você seja convenientemente recebido. Boa noite, meu querido amigo, boa noite.

A ligação foi interrompida. A velha raposa! Teria ele pensado que Bond poderia cometer alguma indiscrição ou adaptara em seu telefone um daqueles delicados instrumentos que medem a ressonância e avisam quando alguém está ouvindo?

O sol de inverno lançou um último clarão alaranjado sobre as grossas nuvens 10.000 pés abaixo do avião e desligou-se para o período noturno.

Bond cochilou, refletindo que precisava de qualquer jeito, e bem depressa, encontrar meio de por em dia seu sono.



Esperando Bond havia um motorista de táxi de Marselha, do tipo de peça teatral — o arquétipo de todos os Marius, com a fisionomia de um pirata e o humor mordaz dos cabarés franceses de baixa categoria. Era aparentemente conhecido e estimado por todos no aeroporto. Bond foi arrastado através das formalidades em uma barragem de piadas sobre “le milord anglais”, que fez de Marius, pois seu nome era efetivamente Marius, o centro de atração e de Bond apenas sua vítima, o turista inglês meio bobo. No táxi, porém, em tom breve e amistoso, Marius pediu desculpas.

— Peço-lhe perdão por minhas maneiras grosseiras —. disse ele, com um francês que se purificara de todo patoá. — Disseram-me para tirá-lo do aeroporto atraindo o mínimo possível de atenção sobre o senhor. Conheço todos aqueles “flics” e guardas aduaneiros. Todos eles me conhecem. Se não me apresentasse como estão acostumados a ver-me, como o motorista de táxi que conhecem por Marius, se tivesse mostrado deferência, olhos inquisitivos se lançariam sobre o senhor, *mon Commandant*. Fiz o que achei melhor. Perdoa-me?

— Naturalmente, Marius. Mas você não devia ter sido tão engraçado. Quase me fez rir. Isso teria sido fatal.

— Compreende a maneira como falamos aqui?

— O suficiente.

— É isso!

Houve uma pausa. Depois Marius acrescentou:

— Infelizmente, desde Waterloo, não se pode mais subestimar os ingleses.

Bond respondeu com seriedade:

— A mesma data se aplica aos franceses. O negócio foi por pouco.

A cortesia estava ficando excessiva. Bond perguntou então:

— Agora, me diga uma coisa. A bouillabaisse no Guido continua sempre boa?

— É passável — respondeu Marius. — Mas é um prato que está morto, desaparecido. Não há mais verdadeira bouillabaisse, porque não há peixe no Mediterrâneo. Para a bouillabaisse, é preciso ter a rascasse, a carne tenra do peixe escorpião. Hoje usam apenas pedaços de badejo. O açafrão e o alho são sempre os mesmos. Mas ensopados nisso a gente pode comer pedaços de mulher e achar igualmente bom. Vá a qualquer dos pequenos restaurantes à beira do cais. Coma o plat du jour e beba o vin du Cassis que lhe derem. Encherão seu estômago como enchem o dos pescadores. O toalete estará sujo. Que importa isso? Você é homem. Pode subir a Canebière depois do almoço e fazer de graça o que precisa no Noailles.

Estavam agora descendo a famosa Canebière, ziguezagueando habilmente pelo trânsito, e Marius precisava de todo seu fôlego para insultar os outros motoristas. Bond podia sentir o cheiro do mar. Acordeões tocavam nos cafés. Lembrava-se de tempos antigos nessa cidade, a mais criminosa e violenta da França. Refletia que era bem engraçado estar desta vez do lado do diabo.

No fim da Canebière, onde cruza a Rue de Rome, Marius virou para a direita e depois entrou à esquerda na Rue St. Ferréol, a pequena distância do Quais des Belges e do Vieux Port. As luzes da entrada do porto piscaram rapidamente para eles e depois o táxi parou diante de um prédio de apartamentos hediondo, mas muito novo, com uma larga vitrina no andar térreo, que anunciava um furioso néon: “Appareils Électriques Draco”. O interior bem iluminado da loja continha o que se podia esperar: televisores, rádios, gramofones, ferros elétricos, ventiladores e assim por diante. Marius

atravessou a calçada muito depressa, carregando a mala de Bond, e entrou na porta de vaivém ao lado da vitrina. O saguão atapetado era mais luxuoso do que Bond esperava. Um homem saiu do compartimento do zelador ao lado do elevador e, sem dizer palavra, tomou a mala. Marius virou-se para Bond, deu-lhe um sorriso, uma piscadela e um forte aperto de mão, disse laconicamente “A la prochaine” e retirou-se às pressas. O carregador permaneceu ao lado da porta aberta do elevador. Bond notou o volume embaixo de seu braço direito e, por curiosidade, raspou no homem quando entrou no elevador. Sim, era algo bem grande, uma arma de verdade. O homem lançou a Bond um olhar aborrecido, como querendo dizer: “Espertinho, heim?” e apertou o botão superior. O gêmeo do carregador ou quase gêmeo — moreno, corpulento, de olhos castanhos e em perfeita forma — esperava no último andar. Apanhou a mala de Bond e seguiu por um corredor, atapetado e com abajures de bom gosto nas paredes. Abriu uma porta e Bond viu um quarto extremamente confortável, com banheiro ao lado. Imaginou que a grande janela, agora fechada por cortinas, teria uma magnífica vista do posto. O homem pôs a maleta no chão e disse:

— Monsieur Draco est immédiatement à votre disposition.

Bond achou que era tempo de dar uma demonstração de independência. Disse com firmeza:

— Un moment, je vous en prie.

Entrou no banheiro e lavou-se, observando divertido que o sabão era o mais inglês dos sabões, Pears Transparent, e que havia um vidro de Mr. Trumper’s “Eucris” ao lado de uma escova e um pente de Kent, muito masculinos. Marc-Ange estava realmente se esforçando para que seu hóspede inglês se sentisse em casa.

Bond lavou-se devagar, depois saiu e seguiu o homem até a porta do fundo. O homem abriu-a sem bater e fechou-a atrás de Bond. Marc-Ange, com o rosto de noqueira rugosa dividido por seu largo sorriso de dentes de ouro, levantou-se de sua mesa (Bond estava ficando cansado de mesas), atravessou correndo a grande sala, jogou os braços em roda do pescoço de Bond e beijou-o vigorosamente em ambas as faces. Bond conteve seu recuo e deu um tapa tranquilizador nas largas costas de Marc-Ange. Afastando-se e rindo, Marc-Ange disse: — Está bem! Juro que nunca mais farei isso. É uma vez só. Mas tinha de acontecer. É o temperamento latino, sabe? Perdoa-me? Muito bem. Então venha tomar alguma coisa — acrescentou, apontando com a mão para um aparador cheio — sente-se e diga-me o que posso fazer por

você. Juro não falar sobre Teresa até você ter liquidado seu negócio. Mas diga-me (seus olhos castanhos imploravam) está tudo bem entre vocês? Não mudou de idéia?

— Claro que não, Marc-Ange — respondeu Bond, sorrindo. — E está tudo arrumado. Casar-nos-emos dentro de uma semana. No consulado em Munique. Eu tenho duas semanas de licença. Pensei que poderíamos passar a lua-de-mel em Kitzbühel. Adoro aquele lugar. Ela também. Você irá ao casamento?

— Ir ao casamento? — explodiu Marc-Ange. — Vocês vão ter dificuldade para manter-me afastado de Kitzbühel. Agora — insistiu, apontando de novo para o aparador — tome sua bebida, enquanto eu me componho. Preciso deixar de ser feliz e ser esperto. Meus dois melhores homens, meus organizadores, se quiser, estão esperando. Eu queria ficar a sós com você por um momento.

Bond derramou uma boa dose de uísque Jack Daniel's sobre o gelo e adicionou um pouco de água. Caminhou até a mesa e sentou-se na última poltrona à direita das três que haviam sido colocadas diante do “Capu”.

— Eu também queria, Marc-Ange. Porque há algumas coisas que preciso dizer-lhe que afetam meu país. Permitiram-me que lhe contasse, mas devem ficar, como diz você, por trás do Herkos Odonton, por trás da cerca de seus dentes. Está certo?

Marc-Ange ergueu a mão direita e fez com o indicador, lenta e deliberadamente, uma cruz sobre o coração. Sua fisionomia agora estava mortalmente séria, quase cruelmente implacável. Inclinou-se para a frente e pousou os braços sobre a mesa.

— Continue.

Bond contou-lhe toda a história, sem omitir sequer suas relações com Ruby. Adquirira grande estima e total respeito por esse homem. Não sabia porquê. Era em parte magnetismo animal e em parte por Marc-Ange ter aberto seu coração a Bond, ter-lhe confiado completamente seus segredos mais íntimos.

A fisionomia de Marc-Ange conservou-se impassível até o fim. Só seus vivos olhos animais moviam-se continuamente fitando o rosto de Bond. Quando Bond terminou, Marc-Ange recostou-se na poltrona. Apanhou um pacote azul de Gauloises, enfiou um no canto da boca e falou entre nuvens de

fumaça azul que soprava continuamente através dos lábios, como se em algum lugar dentro de seu corpo houvesse uma pequena locomotiva a vapor.

— Sim, é de fato um negócio sujo. Precisa ser liquidado, destruído, e o homem também. Meu querido James — prosseguiu Marc-Ange, com voz sombria — eu sou um criminoso, um grande criminoso. Mantenho casas, cadeias de prostituição, faço contrabando, vendo proteção, sempre que posso, roubo dos muito ricos. Violo muitas leis e com frequência tenho precisado matar nesse processo. Talvez um dia, talvez muito logo, eu me regenere. Mas é difícil deixar de ser Capu da Union. Sem a proteção de meus homens, minha vida não valeria muito. Contudo, veremos. Esse Blofeld, porém, é muito mau, muito repugnante. Você veio pedir à Union que declare guerra a ele, que o destrua. Não precisa responder. Sei que é isso. É uma coisa que não pode ser feita oficialmente. Seu chefe tem razão. Você nada conseguiria com os suíços. Quer que eu e meus homens executemos o trabalho.

Sorrindo de repente, perguntou:

— Esse é o presente de casamento de que você falou, não é?

— Isso mesmo, Marc-Ange. Mas eu farei minha parte. Estarei lá também. Quero esse homem para mim.

Marc-Ange olhou-o pensativamente.

— Disso não gosto. E você sabe porque não gosto — disse mansamente. — Você é um tolo, James. Tem sorte de ainda estar vivo.

Encolhendo os ombros, prosseguiu:

— Mas estou desperdiçando meu fôlego. Você iniciou uma longa caminhada atrás desse homem. E quer chegar ao fim dela. Não é isso?

— Isso mesmo. Não quero que outro atire em minha raposa.

— O. K., O. K. Vamos mandar entrar os outros? Eles não precisarão conhecer a razão. Minhas ordens são minhas ordens. Mas todos nós precisamos saber como vamos executar isso. Eu tenho algumas idéias. Penso que pode ser feito rapidamente. Mas também precisa ser bem feito, cuidadosamente feito. Não pode haver descuido nesse negócio.

Marc-Ange apanhou seu telefone e falou por ele. Um minuto depois, a porta se abriu e dois homens entraram. Mal olhando para Bond, sentaram-se nas outras duas poltronas.

Marc-Ange mostrou com a cabeça o que se sentara ao lado de Bond, um homem enorme com as orelhas dobradas e o nariz quebrado do pugilista ou lutador.

— Este é Ché-Ché... Ché-Ché le Persuadeur. E... — disse com um sorriso sombrio — ele é muito hábil para persuadir.

Bond viu de relance dois duros olhos castanhos amarelados que o fitaram rápida e relutantemente, voltando-se depois para o Capu.

— Plaisir.

— E este é Toussaint, também conhecido por “Le Pouff”. E nosso especialista em plásticos. Vamos precisar muito de plásticos.

Toussaint inclinou-se para a frente a fim de mostrar-se. Era magro, de pele cinzenta, com um perfil fenício quase bonito, marcado pela varíola. Bond teve um palpite de que ele lidava com heroína, mas não como elemento principal. Deu a Bond um rápido sorriso de conspirador.

— Plaisir — disse, voltando a recostar-se na poltrona.

— E este — disse Marc-Ange fazendo um gesto em direção a Bond — é meu amigo. Meu amigo absoluto. É simplesmente “Le Commandant”. Agora, vamos aos negócios.

Estava falando em francês, mas então passou para um rápido dialeto corso que, afora algumas raízes italianas e francesas, era incompreensível para Bond. A certa altura, tirou um grande mapa da Suíça de uma gaveta de sua mesa, estendeu-o, procurou com o dedo e apontou para um lugar no centro do Engadine. Os dois homens inclinaram-se para a frente, examinaram o mapa cuidadosamente e voltaram a recostar-se nas poltronas. Ché-Ché disse alguma coisa que continha a palavra Strasbourg e Marc-Ange acenou entusiasticamente com a cabeça. Virou-se para Bond e entregou-lhe uma larga folha de papel e um lápis.

— Seja um bom rapaz e ponha-se a trabalhar nisto, sim? Um mapa dos edifícios do Glória, com seus tamanhos aproximados e as distâncias entre eles. Mais tarde faremos uma maquete completa em plasticina para que não haja confusão. Cada homem terá seu trabalho a executar — explicou sorrindo — como os comandos na guerra. Está certo?

Bond entregou-se a seu trabalho enquanto os outros conversavam. O telefone tocou. Marc-Ange atendeu. Anotou algumas palavras e desligou.

Virou-se para Bond, com uma momentânea expressão de suspeita nos olhos.

— É um telegrama de Londres, para mim assinado Universal. Diz: “Os pássaros reuniram-se na cidade e todos voarão amanhã.” Que é isso, meu amigo?

Bond praguejou contra si próprio por seu esquecimento.

— Sinto muito, Marc-Ange. Eu pretendia dizer-lhe que talvez recebesse um aviso assim. Significa que as moças estão em Zurique e vão voar para a Inglaterra amanhã. É uma notícia muito boa. Era importante tirá-las do caminho.

— Ah, bem! Realmente muito bom! É uma ótima notícia. E você fez muito bem em mandar que o telegrama não fosse remetido em seu nome. Não devem saber que você está aqui ou que me conhece. É melhor assim.

Disparou mais algumas palavras em còrsico para os dois homens, que acenaram com a cabeça, dando a entender que haviam compreendido.

Depois disso, a reunião terminou logo. Marc-Ange examinou o trabalho de Bond e passou-o para Toussaint. O homem olhou o desenho e dobrou-o como se fosse um valioso certificado de ações. Com rápidas medidas na direção de Bond, os dois homens saíram da sala.

Marc-Ange voltou a sentar-se com um suspiro de satisfação.

— Vai tudo muito bem — disse ele. — A turma inteira receberá bom dinheiro pelo perigo. E eles gostam de uma boa luta. Estão contentes porque eu vou dirigi-los.

Riu maliciosamente e acrescentou:

— Estão menos seguros quanto a você, meu querido James. Dizem que você vai atrapalhar. Precisei contar-lhes que você é capaz de derrotar todos eles no tiro ou na briga. Quando digo uma coisa assim, têm de acreditar em mim. Até hoje nunca os decepcionei. Espero estar com a razão agora.

— Por favor, não me submeta a prova — disse Bond. — Nunca enfrentei corsos e não desejo começar agora.

Marc-Ange estava satisfeitíssimo.

— Você poderia vencer com armas de fogo. Mas não na luta corpo a corpo. Eles são porcos, os meus homens. Grandes porcos. Os maiores. E vou

levar cinco dos melhores. Com você e comigo seremos sete. Quantos homens você disse que há lá na montanha?

— Uns oito. E o chefe.

— Ah, sim, o chefe — disse Marc-Ange pensativamente. — Esse é que não pode escapar.

Levantou-se:

— E agora, meu amigo, eu pedi que o jantar, um bom jantar, nos fosse servido aqui em cima. Depois iremos para a cama cheirando a alho e talvez um pouquinho embriagados. Está bem?

Do fundo do coração, Bond disse:

— Eu não poderia pensar em coisa melhor.

24 - *Subida perigosa*

No DIA SEGUINTE, depois do almoço, Bond seguiu por avião e trem para o Hotel Maison Rouge em Strasbourg, com seu hálito acompanhando-o de perto como um mal-cheiroso animalzinho cativo.

Sentia-se maravilhosamente estimulado pelas horas que passara com Marc-Ange em Marselha e pelas perspectivas que tinha à sua frente — o trabalho que precisava ser executado e, no fim dele, Tracy.

A manhã fora uma série interminável de conferências em torno da maquete de Piz Glória e seus edifícios, construídos durante a noite. Novos rostos apareceram, receberam suas ordens em uma torrente de dialeto e desapareceram — rudes faces de assassinos, fisionomias de bandidos, mas todos tendo uma expressão comum; a devoção a seu *Capu*. Bond ficou enormemente impressionado pela autoridade e eficiência de Marc-Ange ao lidar com cada problema, com cada contingência, desde a obtenção de um helicóptero até as pensões que seriam pagas às famílias dos mortos. Marc-Ange não gostara da idéia do helicóptero. Explicara a Bond: — Você

compreende, meu amigo, só há um lugar onde arranjar essa máquina, a O. A. S., o exército secreto francês da extrema direita. Acontece que eles me devem obrigação, grande obrigação, e é assim que eu gosto. Não gosto de intrometer-me em política. Gosto que o país onde opero seja ordeiro e pacífico. Não gosto de revoluções. Criam o caos em toda parte. Atualmente, nunca sei quando uma operação minha vai sofrer interferência devido a alguma maldita emergência relacionada com terroristas argelinos ou com o cerco de algum esconderijo dessa desgraçada O. A. S. E barreiras nas estradas! Buscas de casa em casa! São a maldição de minha existência. Meus homens mal podem mover-se sem cair em uma rede de tiras ou espiões da S. D. T., que, como você deve saber, é o mais novo dos serviços secretos franceses. Estão ficando tão atrapalhados quanto os russos com suas constantes mudanças de iniciais. É a *Section Défense Territoire*. Está subordinada ao Ministério do Interior e tenho achado muito complicado e difícil infiltrar-me nela. Não é como a velha e boa *Deuxième*. Torna muito difícil a vida para os que amam a paz. Mas eu naturalmente tenho homens dentro da O. A. S. e sei por acaso que a O. A. S. tem um helicóptero militar, roubado do Exército Francês, escondido em um castelo à margem do Reno, não muito longe de Strasbourg. O castelo pertence a um maluco conde fascista. É um desses franceses que não podem viver sem conspirar contra alguma coisa. Por isso agora empregou todo seu dinheiro em propriedades no apoio a esse general Salan. Seu castelo fica longe. Ele passa por inventor. O pessoal de sua fazenda não se surpreende com o fato de haver alguma máquina voadora guardada em um barracão isolado com mecânicos para cuidar dela — mecânicos da O. A. S., bem entendido. E agora, hoje bem cedo, falei pelo meu rádio com o homem indicado e consegui a máquina de empréstimo por vinte e quatro horas com o melhor piloto de sua força aérea secreta. Ele já está a caminho do local a fim de fazer seus preparativos, combustível e outras coisas. Mas é lamentável. Antes essa gente me devia alguma coisa. Agora sou eu quem devo a ela.

Encolhera os ombros, acrescentando:

— Que importa. Logo os terei de novo nas minhas mãos. Metade dos agentes policiais e aduaneiros da França são corsos. Isso é um importante *laissez-passer* para a *Union Corse*. Está compreendendo?



No *Maison Rouge*, um belo quarto fora reservado para Bond. Foi recebido com exagerada cortesia marcada por certa reserva. Onde não operava a maçonaria da *Union*? Obediente à tradição da cidade, Bond tomou um jantar simples do mais fino *foie gras*, róseo e succulento, com meia garrafa de champanha, e retirou-se satisfeito para a cama. Passou a manhã seguinte em seu quarto, vestiu suas roupas de esquiação, mandou comprar um par de óculos contra a neve e um par de luvas de couro fino, suficientes para proteger as mãos, mas bastante justas para permitir o manejo de sua arma. Tirou o pente de sua pistola, forçou para fora a bala que estava na câmara e praticou tiro, fingindo atirar contra si próprio no espelho com as luvas até sentir-se satisfeito. Depois tornou a carregar a arma e ajustou confortavelmente o coldre de couro de porco por dentro do cóis das calças. Pediu sua conta, pagou-a e mandou que a mala fosse remetida para Tracy no *Vier Jahreszeiten*. Em seguida, pediu os jornais do dia e sentou-se ao lado da janela, observando o tráfego na rua e esquecendo-se do que lia.

Quando, precisamente ao meio-dia, o telefone tocou, desceu diretamente para a rua e tomou o Peugeot 403 cinza que recebera instruções para esperar. O motorista era Ché-Ché. Respondeu rapidamente ao cumprimento de Bond e, em silêncio, rodaram durante uma hora através de campos desinteressantes. Finalmente saíram de uma rodovia secundária para entrar à esquerda em um caminho lamacento que serpenteava através de densa floresta. No devido tempo chegaram ao mal conservado muro de pedra de uma grande propriedade e depois a um vasto e desmantelado portão de ferro que se abria para um parque. Na alameda onde crescia capim havia traços recentes de veículos. Seguindo esses traços, passaram diante da fachada arruinada de um castelo outrora imponente e atravessaram a floresta até onde as árvores cediam lugar aos campos. Ao lado das árvores havia um grande barracão em bom estado. Pararam diante dele e Ché-Ché tocou três vezes a buzina. Uma portinhola nas largas portas duplas do barracão abriu-se e por ela saiu Marc-Ange. Cumprimentou Bond alegremente:

— Entre meu amigo. Chegou exatamente a tempo de comer uma boa salsicha de Strasbourg e tomar um *Riquewihr* passável. Bastante seco e amargo. Eu lhe daria o nome de “Château Pis-de-Chat”, mas serve para matar a sede.

Dentro era quase como um cenário de cinema. Luzes brilhavam sobre a forma desgraciosa do helicóptero do Exército e de um lugar qualquer vinha a tosse de um pequeno gerador. O barracão parecia estar cheio de gente. Bond

reconheceu as fisionomias dos homens da *Union*. Os outros, segundo supôs, eram mecânicos locais. Dois homens em escadas estavam pintando atarefadamente cruzes vermelhas sobre fundo branco na fuselagem preta da máquina. A tinta das letras de identificação, FL-BGS, presumivelmente civis e falsas, ainda brilhava de úmida. Bond foi apresentado ao piloto, um moço chamado Georges, de olhos brilhantes e cabelos louros, que vestia macacão.

— Você vai sentado ao lado dele — explicou Marc-Ange. — Ele é um bom navegador, mas não conhece o último trecho do vale e nunca ouviu falar no Piz Glória. É melhor você estudar os mapas com ele depois de comer alguma coisa. A rota geral é Basileia-Zurique.

Riu satisfeito e disse em francês:

— Vamos ter algumas conversas interessantes com as Defesas Aéreas Suíças, não é, Georges?

— Acho que podemos enganá-los — respondeu Georges, sem sorrir e voltando a seu serviço.

Bond aceitou uma grande salsicha temperada com alho, um pedaço de pão e uma garrafa de “Pis-de-Chat”. Sentou-se depois em um caixote virado enquanto Marc-Ange voltava a supervisionar o carregamento dos “estoques” — metralhadoras portáteis *Schmeisser* e pacotes quadrados de seis polegadas embrulhados em oleado vermelho.

No devido tempo, Marc-Ange enfileirou seus homens, inclusive Bond, e realizou uma rápida inspeção das armas individuais, que, entre os elementos da *Union* incluía punhais de mola bem usados. Os homens, assim como Marc-Ange, vestiam trajes de esquiação novos de tecido cinzento. Marc-Ange entregou a todos eles braçadeiras de pano preto tendo cuidadosamente bordadas as palavras: “*Bundesalpenpolizei*”. Ao entregar a Bond sua braçadeira, Marc-Ange comentou: — Não existe força chamada Polícia Federal dos Alpes. Mas duvido que nossos amigos do ESPECTRO saibam disso. Pelo menos, as braçadeiras darão uma importante impressão inicial.

Marc-Ange olhou para seu relógio. Virou-se e gritou em francês:

— Duas e quarenta e cinco. Tudo pronto? Então vamos andando.

O trator agrícola amarrado às rodas do helicóptero pôs-se em movimento, as portas do barracão foram abertas de par em par e o grande inseto de metal saiu vagarosamente para o gramado sob o pálido sol de inverno. O trator foi

desligado e o piloto, seguido por Bond, subiu a escadinha de alumínio e entrou na cabina de comando, amarrando o cinto. Os outros subiram depois para a cabina de dez lugares, a escada foi retirada, a porta foi batida e fechada. No chão, os mecânicos ergueram os polegares e o piloto curvou-se sobre seus comandos. Apertou a partida e, depois de uma primeira tosse indecisa, o motor disparou sadiamente e as grandes lâminas começaram a girar. O piloto olhou para trás, para o rotor da cauda que zumbia. Esperou até a agulha do indicador de velocidade do rotor subir para 200. Então soltou os freios das rodas empurrou vagarosamente para cima a alavanca de decolagem. O helicóptero estremeceu, recusando deixar o chão, mas depois houve um ligeiro solavanco e já estavam no ar, elevando-se rapidamente acima das árvores. O piloto recolheu as rodas para cima dos flutuadores inflados, virou o leme para a esquerda, empurrou o mancho para a frente e partiu.

Quase imediatamente estavam sobre o Reno e Basiléia aparecia à frente sob um espesso manto de fumaça das chaminés. Alcançaram dois mil pés e o piloto manteve essa altitude, desviando-se da cidade para o norte. Houve um barulho de estática nos fones que Bond tinha nos ouvidos e o Controle Aéreo Suíço, em grosso *Schwyzerdütsch*, pediu delicadamente que se identificassem. O piloto não respondeu e a pergunta foi repetida com mais urgência. O piloto disse em francês: “Não entendo o que está falando”. Houve uma pausa e, em seguida, uma voz francesa perguntou de novo. O piloto disse: “Helicóptero da Cruz Vermelha levando plasma sangüíneo para a Itália”. O rádio silenciou. Bond podia imaginar a cena na sala de controle em algum lugar lá embaixo — as vozes discutindo e as expressões de dúvida. Outra voz, com mais autoridade, falou em francês. “Qual é seu destino?” “Espere”, respondeu o piloto. “Está aqui. Um momento por favor”. Depois de alguns minutos, disse: “Controle Aéreo Suíço?” “Sim, sim”, “FL-BGS, falando. Meu destino é *Ospedale Santa Monica* em Bellinzona”. O rádio silenciou de novo, para voltar cinco minutos depois, “FL-BGS, FL-BGS”. “Sim”, disse o piloto. “Não temos registrado seu símbolo de identificação. Explique-se, por favor”. “Seu manual de registro deve estar atrasado. O aparelho só foi comissionado há um mês.” Outra longa pausa. Agora Zurique aparecia à frente, com o bumerangue prateado do Zürichersee. O aeroporto de Zurique entrou no ar. Devia estar ouvindo o Controle Aéreo Suíço. “FL-BGS, FL-BGS”. “Sim, sim. Que há agora?” “Você está violando o Canal de Linhas Aéreas Civis. Aterre e apresente-se ao Controle de Vôo. Repito. Aterre e apresente-se ao Controle de Vôo.” O piloto replicou indignado. “Que pretende dizer com “aterre e apresente-se?” Não tem compreensão do sofrimento humano? Este é um vôo de caridade para transporte de plasma sangüíneo de categoria rara. É para salvar a vida de um

ilustre cientista italiano em Bellinzona. Vocês aí embaixo não têm coração? Dizem-me para “aterrar e apresentar-me” quando uma vida está em jogo? Desejam ser responsáveis por um homicídio?” Essa explosão gaulesa proporcionou-lhe paz até terem ultrapassado o Zürichersee. Bond riu baixinho. Deu um sinal de polegar erguido para o piloto. Mas então o Controle Aéreo Federal, em Berna, entrou no ar e uma voz profunda e ressonante disse: “FL-BGS, FL-BGS. Quem lhe deu licença? Repito. Quem deu licença para seu vôo?” “Vocês mesmo!” Bond sorriu. A Grande Mentira. Não havia coisa igual. Agora os Alpes estavam à frente deles, aqueles malditos Alpes, parecendo belos e perigosos sob o sol da tarde. Logo estariam no abrigo dos vales, fora do alcance das telas de radar. Contudo, os registros deveriam ter sido rapidamente consultados em Berna, pois uma voz sombria voltou a falar. A voz devia ter percebido que o longo debate fora ouvido em todos os aeroportos e pela maioria dos pilotos que estavam sobrevoando a Suíça naquela tarde. Era extremamente delicada, mas firme, “FL-BGS, no Controle Aéreo Federal não há registro de seu plano de vôo. Sinto muito, mas você está violando o espaço aéreo suíço. A menos que possa apresentar outra autorização para seu vôo, tenha a bondade de regressar a Zurique e apresentar-se ao Controle de Vôo.”

O helicóptero sacudiu-se. Houve um lampejo prateado e um *Dassault Mirage* com as marcas suíças passou como relâmpago a menos de cem jardas de distância, virou-se, deixando uma esteira de vapor preto de seu combustível queimado devagar nessa altitude pequena e rumou diretamente para o helicóptero, só se desviando para a esquerda no último momento. O helicóptero deu outro solavanco. O piloto falou irritadamente em seu microfone. “Controle Aéreo Federal. Aqui é FL-BGS. Se quiserem mais informações entrem em contato com a Cruz Vermelha Internacional em Genebra. Eu sou apenas um piloto. Não sou um “rond de cuir”, um aviador de escritório. Se vocês perderam os papéis, não é culpa minha. Repito, consultem Genebra. E, enquanto isso, recolham toda a Força Aérea Suíça que está presentemente tentando deixar meus passageiros com enjôo”. A voz voltou, mas agora mais fraca, devido às montanhas. “Quem são seus passageiros?” O piloto jogou seu trunfo. “Representantes da imprensa mundial. Estiveram ouvindo toda essa bobagem partida do berço da famosa Cruz Vermelha Internacional. Espero que vocês fiquem contentes ao ler seus jornais amanhã cedo, cavalheiros. E agora um pouco de paz, sim? E, por favor, registrem em seus livros que eu não sou, repito, não sou a Força Aérea Soviética invadindo a Suíça”.

Houve silêncio. O *Dassault Mirage* havia desaparecido. Subiram pelo vale e passaram sobre Davos. As agulhas de pontas douradas das cintilantes montanhas pareciam estar-se fechando sobre eles pela direita e pela esquerda. À frente estavam os grandes picos. Bond olhou para seu relógio. Tinham no máximo mais dez minutos de viagem.

Virou-se e olhou pela vigia. Os rostos de Marc-Ange e dos outros ergueram-se para ele, tensos e lívidos sob o sol poente que entrava pelas janelas, com os olhos brilhando avermelhados.

Bond ergueu o polegar encorajadoramente. Abriu seus dez dedos nas apertadas luvas de couro.

Marc-Ange acenou com a cabeça. Os corpos acomodaram-se nas poltronas. Bond virou-lhes as costas e fitou à frente, olhando para o alto pico que odiava e temia.

♦ ♦ ♦ 25 - *A delícia do inferno etc.*

SIM! Lá estava o maldito lugar! Agora só o pico estava dourado. O planalto e os edifícios estavam em uma sombra cor de anil, que logo seria iluminada pela lua cheia.

Bond observou que o helicóptero não estava gostando da altitude. A 10.000 pés seus rotores lutavam arduamente para agarrar-se ao ar rarefeito e o piloto esforçava-se por mantê-los no máximo de revoluções. Quando virou para a esquerda, em direção à face da montanha, o rádio estalejou mudamente e uma voz áspera disse, em alemão e depois em francês: “É proibido aterrar. Isto é propriedade privada, repito, é proibido aterrar!” O piloto estendeu a mão para o centro da cabina e desligou o rádio. Havia estudado seu local aterragem na maquete. Dirigiu-se para ele, pairou no ar e desceu delicadamente. O helicóptero saltou sobre seus flutuadores de borracha e pousou. Já havia um grupo de homens esperando por eles. Oito homens. Bond reconheceu alguns deles. Todos tinham as mãos nos bolsos ou dentro de

seus blusões. O motor tossiu para parar e os rotores giraram rapidamente em posição neutra e imobilizaram-se. Bond ouviu uma porta abrindo-se às suas costas e o barulho de homens descendo a escada. Os dois grupos alinharam-se frente a frente. Marc-Ange disse, com autoridade:

— Somos da Patrulha Alpina da Polícia Federal. Houve encrenca aqui na véspera do Natal. Viemos investigar.

Fritz, o chefe dos garçons, respondeu irritado:

— A polícia local já esteve aqui. Fez seu relatório. Está tudo em ordem. Por favor, partam imediatamente. Que é Patrulha Alpina da Polícia Federal? Nunca ouvi falar nisso.

O piloto cotucou Bond e apontou para a esquerda, para o edifício em que ficavam o conde e os laboratórios. Um homem, com capacete e acolchoamento para andar de trenó, descia correndo a trilha que levava à estação da ferrovia suspensa. Estava fora do alcance da vista dos homens que se encontravam no chão. Bond exclamou “Inferno!”, saltou de sua poltrona e entrou na cabina de passageiros. Inclinou-se para fora e gritou: — O chefe. Está fugindo!

Quando Bond saltou, um dos homens do ESPECTRO gritou: “*Der Englander. Der Spion!*” (*) E então, quando Bond começou a correr para a direita, ziguezagueando, explodiu o inferno. Ouviu-se o estampido de automáticas pesadas quando o grupo do ESPECTRO disparou seus primeiros tiros e balas passaram zumbindo ao lado de Bond com o barulho de asas de beija-flor. Depois houve o ronco das *Schmeissers* respondendo e Bond foi deixado em paz.

(*) O inglês! O espião!

Bond estava dando a volta no canto do clube e, cem jardas abaixo, na encosta, o homem com capacete contra choque abrira a porta da “garagem” de trenós no porão da estação da ferrovia. Saiu puxando um trenó de um lugar. Segurando-o na sua frente como escudo, disparou um tiro com uma automática pesada e Bond sentiu de novo beija-flores esvoaçarem ao seu lado. Bond ajoelhou-se e, segurando sua *Walther* com as duas mãos, disparou três vezes, mas o homem estava agora correndo a algumas jardas da cintilante entrada gelada da pista de trenós Glória Expressa. Bond viu de relance o perfil à luz da lua. Sim, era Blofeld mesmo! Enquanto Bond descia correndo a

encosta, o homem disparou para baixo em seu trenó e desapareceu, como se tivesse sido engolido pela paisagem cintilante. Bond chegou à “garagem”. Diabo, só havia modelos de seis lugares e dois lugares! Não, no fundo havia um trenó de um lugar! Bond arrastou-o para fora. Não havia tempo para ver se os deslizadores estavam em ordem ou se o braço da direção funcionava com facilidade! Correu para o ponto de partida e lançou-se sob a corrente protetora em um louco mergulho para a frente que quase o jogou fora do trenó. Endireitou-se e levou seu corpo bem para frente sobre a frágil e pequena plataforma de alumínio, agarrando o braço da direção e mantendo seus cotovelos bem encostados ao corpo. Já estava descendo como o diabo pela pista azul escura! Tentou brecar com as pontas de ambas as botas. A diferença foi muito pequena! Que vinha primeiro na maldita pista? Havia essa reta lateral no lado da montanha, depois uma grande curva com barreira. Estava nela agora! Bond conservou seu ombro direito abaixado e apertou para a direita o braço da direção. Ainda assim, chegou perigosamente perto do barranco antes de mergulhar de novo na pista escura. Que vinha em seguida no mapa de metal? Por que diabo não o estudara com mais cuidado? Teve então a resposta! Parecia uma reta, mas as sombras escondiam uma queda brusca. Bond deixou o solo e voou. Ao cair de novo sobre a neve, a batida quase tirou as forças de seu corpo. Enfiou freneticamente as pontas das botas no gelo, conseguindo reduzir a velocidade talvez de cinquenta para quarenta milhas por hora. Bem, bem! Então esse era o *Dead Man's Leap*.(*) Que armadilha haveria em seguida? *Whizz-Bang Straight!* (**) E por Deus que era! Duzentas jardas quando devia estar correndo a se tenta.

(*) “Salto do Homem Morto”.

(**) “Reta de Zunido e Batida”.

Lembrou-se de que no trecho final da Cresta os astros chegavam a mais de oitenta. Sem dúvida algo semelhante ainda ia acontecer! Mas agora, aproximando-se rapidamente dele, prateada e preta, aparecia uma curva em S — “*Battling S*”.(*) As pontas das botas de Bond deslizaram desesperadamente sobre o gelo preto. Embaixo de seu nariz podia ver os rastros paralelos dos deslizadores de Blofeld e, entre eles, o sulco aberto pelos ferros das pontas de suas botas. A velha raposa! Logo que ouvira o barulho do helicóptero, devia ter-se preparado para essa sua única rota de fuga. Mas na velocidade em que ia, Bond certamente o alcançaria! Pelo amor de Deus, cuidado! Ali vem o S! Nada podia fazer para evitá-lo. Equilibrou o corpo da

melhor maneira que pôde, sentiu um cotovelo raspar doloridamente no barranco, foi lançado na direção oposta e depois jogado de novo na reta. Santo Deus, como doía! Podia sentir o vento frio nos dois cotovelos. O pano desaparecera! Então a pele também desaparecera! Bond apertou os dentes. E estava apenas a meio caminho, se tanto ! Mas então, à sua frente, brilhando sob o luar, viu o outro corpo, Blofeld! Bond arriscou-se, ergueu-se sobre uma mão e estendeu a outra para apanhar sua arma. O vento tentou arrancá-lo do trenó, mas apanhou a arma. Abriu bem a boca, segurou a arma entre os dentes e dobrou o couro gelado com a mão direita. Então, pegou a arma com a mão direita, levantou do gelo as pontas das botas e deixou o trenó correr como louco. Agora, porém, o homem desaparecera nas sombras de um gigantesco barranco erguia-se à frente. Isso devia ser “Hell’s Delight”! (**) Bem, se conseguisse passar por essa, haveria depois outra reta e poderia começar a atirar. Bond enterrou as pontas das botas no gelo, viu de relance uma parede de gelo à frente e à esquerda, e em um instante estava subindo por ela, diretamente para cima! Santo Deus, em uma fração de segundo estaria na beirada! Bond fez força com sua bota direita e lançou seu corpo para a direita, apertando o braço da direção. Relutantemente, o pedaço de metal reagiu e Bond, a algumas polegadas do topo do barranco, viu-se novamente descendo para o escuro e em seguida saindo para uma reta iluminada pelo luar. Apenas cinquenta jardas à frente estava a figura fugidia, com os pedaços de gelo saltando dos ferros de freio de suas botas. Bond prendeu a respiração e disparou dois tiros. Achou que haviam sido bons, mas o homem desaparecera de novo nas sombras. Bond estava, porém, ganhando terreno, ganhando terreno. Seus lábios abriram-se para trás deixando aparecer os dentes em um trejeito quase animal. Seu bastardo! Você é um pato morto! Não pode parar, nem atirar para trás. Vou em cima de você como um raio! Logo estarei a apenas dez, cinco jardas atrás de você. Então você receberá o seu!

(*) “S de Combate”.

(**) “Delícia do Inferno”.

As sombras ocultavam, porém, outro perigo, compridas ondas transversais no gelo — “*The Boneshaker*”! (*) Bond pulou de uma para outra, sentiu suas botas quase sendo arrancadas dos pés quando tentava brecar, quase perdeu sua arma, sentiu o estômago encostar-se à espinha a cada batida destruidora, sentiu as costelas quase se partindo. Mas depois passou e Bond chupou o ar através de seus dentes cerrados. Agora havia um trecho

reto! Mas que era aquilo à frente sobre a pista? Era algo preto, algo do tamanho de um grande limão que saltava alegremente como a bola de borracha de uma criança. Blofeld, agora apenas umas trinta jardas à frente, teria jogado alguma coisa, uma peça de seu equipamento? Teria? Bond compreendeu de repente com uma onda de terror que quase o fez vomitar. Enterrou as pontas dos pés no gelo. Não adiantou! Estava avançando sobre aquela coisa que saltava alegremente. Correndo sobre ela. Sobre a granada!

(*) “O Batedor de Ossos”.

Com o estômago virando, Bond levantou as pontas dos pés e deixou o trenó correr. Com quanto tempo Blofeld a ajustara? Por quanto tempo a teria segurado depois de tirar o pino? A única esperança era rezar a Deus e correr!

O que Bond sentiu em seguida foi toda a pista estourar em seu rosto. Ele e seu trenó voaram pelo ar. Caiu sobre neve macia, com o trenó por cima e sua consciência apagou-se como uma lâmpada.

Mais tarde, Bond deveria calcular que ali ficara caído apenas alguns minutos. Foi uma tremenda explosão na montanha acima dele que o fez levantar-se cambaleando, com neve até a cintura. Olhou vagamente para o lugar de onde vinha o barulho. Devia ser o edifício do clube explodindo, porque agora havia o brilho de chamas e uma torre de fumaça subindo em direção à lua. Ouviu-se o retumbante estrondo de outra explosão e o edifício de Blofeld desintegrou-se, com grandes pedaços caindo pela encosta da montanha, transformando-se em gigantescas bolas de neve que desciam pulando em direção à linha de árvores. Santo Deus, iam provocar outra avalanche! pensou Bond vagamente. Então percebeu que desta vez não tinha importância, pois estava bem à direita, quase embaixo do cabo da ferrovia. A estação explodiu também e Bond fitou fascinado os grandes fios, agora sem tensão, descenderem sibilando e serpenteando em direção a ele. Nada podia fazer, a não ser ficar olhando. Se o apanhassem, o apanhariam. Mas passaram por ele chicoteando a neve, enrolaram-se rapidamente no alto pilar acima da linha de árvores, arrancaram-no com um ruído metálico e desapareceram na curva da montanha.

Bond riu debilmente com prazer e começou a apalpar-se para avaliar os danos sofridos. Que seus cotovelos estavam machucados já sabia, mas sua testa doía como o diabo. Apalpou-a cautelosamente, depois apanhou um punhado de neve e encostou-o no ferimento. O sangue parecia preto à luz do

luar. Sentia dores no corpo inteiro, mas não parecia ter coisa alguma quebrada. Curvou-se atordoado sobre os restos retorcidos do trenó. O braço da direção desaparecera, o que provavelmente salvara sua cabeça, e ambos os deslizadores estavam tortos. Os rebites faziam muito barulho, mas talvez o maldito objeto ainda corresse. Tinha de correr de qualquer jeito! Era o único meio de que Bond dispunha para descer a montanha! Sua pistola? Fora para o inferno, naturalmente. Exausto Bond subiu sobre a parede da pista e escorregou cuidadosamente para baixo, agarrado aos restos de seu trenó. Assim que chegou ao fundo da pista, tudo começou a deslizar para baixo, mas conseguiu subir sobre o trenó e pôr-se vacilantemente em movimento. De fato, os deslizadores tortos eram uma bênção e o trenó avançou vagorosamente, deixando grandes sucos no gelo. Havia mais curvas, mais perigos, mas, a apenas dez milhas por hora, eram brinquedos de criança e logo Bond estava atravessando a linha de árvores e entrando no “*Paradise Alley*”(*), a reta final, onde parou lentamente. Deixou o trenó onde havia estacionado e pulou a baixa parede de gelo. Ali a neve estava bem batida pelos pés dos espectadores e Bond caminhou vagaroso e cambaleante, enfrentando suas dores e esfregando de vez em quando a cabeça com punhados de neve. Que encontraria no fundo, junto à estação da ferrovia suspensa. Se fosse Blofeld, Bond seria um pato morto! Mas não havia luzes na estação perto da qual os cabos estavam agora estendidos frouxamente no chão. Por Deus que fora uma explosão cara! Mas que teria acontecido a Marc-Ange, seus animados homens e ao helicóptero?

(*) “Alameda do Paraíso”.

Como se fosse uma resposta, ouviu o barulho do motor bem no alto entre as montanhas e por um momento a forma preta e desgraciosa passou diante da lua, desaparecendo depois no vale. Bond sorriu para si mesmo. Desta vez iam enfrentar uma dura discussão para atravessar o espaço aéreo suíço! Mas Marc-Ange imaginara uma rota alternativa sobre a Alemanha. Não seria brincadeira. Teriam de brigar muito com a NTA! Bem, se um marselhês não conseguisse abrir caminho através de duzentas milhas, ninguém abriria!

Subindo a estrada de Samaden, que Bond conhecia tão bem, vinha o barulho metálico de alarma do carro de bombeiros local. A luz vermelha que piscava sobre o teto de sua cabina estava talvez a uma milha de distância. Bond, aproximando-se cuidadosamente do canto escuro da estação da ferrovia suspensa, preparou sua história. Subiu no muro do edifício e olhou em volta. Ninguém! Nenhum traço, exceto marcas novas de pneus diante da porta de

entrada. Blofeld devia ter telefonado para seu homem aqui embaixo antes de partir, utilizando-se em seguida do homem e de seu carro para fugir. Que caminho seguira? Bond saiu para a estrada. Os rastros viraram para a esquerda. Blofeld a essa hora já estaria no passo Bernina ou além dele, a caminho da Itália. Talvez ainda fosse possível detê-lo na fronteira, alertando a brigada de bombeiros, cujas luzes agora iluminavam Bond. Não! Seria uma idiotice. Como poderia Bond explicar seu conhecimento, a menos que admitisse ter estado no Piz Gloria naquela noite? Não, teria de desempenhar o papel de mais estúpido turista de Engadine!

O brilhante veículo vermelho parou diante da estação da ferrovia suspensa e as buzinas tocaram com um rangido metálico. Homens saltaram para o chão. Alguns entraram na estação, enquanto outros permaneciam olhando o Piz Gloria, onde ainda aparecia um clarão vermelho baço. Um homem de boné, presumivelmente o comandante do grupo, aproximou-se de Bond e fez continência. Disparou uma torrente de *Schwyzerdütsch*. Bond sacudiu negativamente a cabeça. O homem experimentou em francês. Bond sacudiu novamente a cabeça. Outro homem foi chamado e perguntou em inglês fragmentário: — Que está acontecendo?

Bond sacudiu a cabeça como se estivesse atordoado.

— Não sei. Eu estava descendo de Pontresina para Samaden. Vim de Zurique passar um dia aqui e perdi meu ônibus. Ia tomar um trem em Samaden. Depois vi essas explosões no alto da montanha — disse Bond, apontando com a mão — e subi até lá perto da estação para ver melhor. A única coisa que percebi depois foi uma pancada na cabeça e que estava sendo arrastado pelo chão.

Mostrando a cabeça sangrando e os cotovelos machucados que saíam das mangas rasgadas, acrescentou:

— Deve ter sido o cabo rompido. Deve ter-me atingido e me arrastado. Vocês não têm um estojo da Cruz Vermelha?

— Sim, temos.

O homem dirigiu-se ao grupo e um de seus colegas usando braçadeira da Cruz Vermelha foi buscar sua caixa preta no veículo. Voltou, examinou os ferimentos de Bond e, enquanto o homem que interrogara Bond contava sua história ao capitão, fez sinal a Bond para que o seguisse até o lavatório da estação. Lá, à luz de uma lanterna, lavou os ferimentos de Bond, aplicou sobre eles grande quantidade de iodo que ardeu como o diabo e cobriu-os com

largas tiras de *Elastoplast*. Bond olhou seu rosto no espelho e riu. Que noivo horrível ia ser! O homem da Cruz Vermelha disse algumas palavras de simpatia, tirou um frasco de conhaque de sua caixa e ofereceu-o a Bond. Este tomou agradecidamente um demorado gole. O intérprete entrou:

— Nada podemos fazer aqui. Será preciso um helicóptero da turma de socorro de montanha. Precisamos voltar a Samaden e apresentar relatório. Quer ir conosco?

— Claro que quero, respondeu Bond entusiasticamente. Com muita delicadeza e sem perguntas sobre os motivos por que tentara a caminhada no escuro sobre o gelo em direção a Samaden ao invés de tomar um táxi, Bond foi levado confortavelmente a Samaden e deixado na estação ferroviária, com os mais calorosos gestos de boa vontade e simpatia.

*

Por um sacolejante *Personenzug* (*) até Coire e depois por expresso até Zurique, Bond chegou à porta do apartamento do chefe da Estação Z na *Bahnhofstrasse* às duas horas da madrugada. Dormira um pouco no trem, mas quase não podia parar em pé e todo seu corpo doía como se tivesse sido espancado com cassetete de madeira. Encostou-se exausto contra a campainha marcada “Muir” até um homem desgrehado, em pijama, abrir a porta, deixando-a presa pela corrente.

— *Um Gottes Willen! Was ist denn los?* (**) — perguntou irritado, deixando transparecer o sotaque inglês.

(*) Trem misto.

(**) Santo Deus! Que aconteceu?

Bond respondeu:

— Sou eu que estou “los”. É o 007 de novo.

— Santo Deus, homem, entre, entre! — disse Muir, abrindo a porta e olhando rapidamente de ambos os lados da rua. — Alguém está atrás de você?

— Penso que não — respondeu Bond com voz rouca, entrando agradecido no calor do vestíbulo. O chefe da Estação Z fechou a porta e virou a chave. Voltou-se para Bond e disse: — Por Cristo meu velho, que diabo aconteceu com você? Parece ter passado por uma bate-deira. Entre aqui e tome alguma coisa.

Levou Bond até uma confortável sala de estar, onde mostrou com a mão um aparador, dizendo:

— Sirva-se à vontade. Eu vou dizer a Phyllis para não preocupar-se... a menos que queira que ela dê uma olhada nos ferimentos. Ela entende muito dessas coisas.

— Não, estou bem, obrigado. Um trago me deixará bom. Está gostoso o calor aqui dentro. Nunca mais quero ver neve.

Muir saiu e Bond ouviu uma rápida confabulação no corredor. Muir voltou.

— Phyllis está arrumando o quarto de hóspedes. Deixará algumas ataduras novas e outras coisas no banheiro. Agora — disse, servindo-se de um pouco de uísque com soda para fazer companhia a Bond e sentando-se diante dele — conte-me o que puder.

— Sinto muito — respondeu Bond — mas não posso contar-lhe muita coisa. É o mesmo negócio do outro dia. O capítulo seguinte. Garanto-lhe que será melhor para você nada saber a respeito. Eu não teria vindo aqui se não precisasse transmitir uma mensagem pessoal a M, cifrada em triplo X, para ser decifrada apenas pelo destinatário. Quer fazer o favor de colocá-la no teletipo?

— Naturalmente — disse Muir, olhando seu relógio. — Duas e meia da madrugada. Hora infernal para acordar o velho. Mas é negócio seu. Aqui, entre na cabina, por assim dizer.

Dirigiu-se para a parede forrada de livros, tirou um volume e mexeu em alguma coisa. Houve um estalido e uma pequena porta abriu-se.

— Cuidado com a cabeça — recomendou Muir. — É um velho lavatório fora de uso. Exatamente do tamanho certo. Fica um pouco abafado quando há muito tráfego vindo ou indo, mas isso não pode ser evitado. Agora podemos deixar a porta aberta.

Curvou-se sobre um cofre no chão, girou a combinação e tirou para fora o

que parecia ser uma máquina de escrever portátil. Colocou-a na estante perto do volumoso teletipo, sentou-se e bateu o prefixo e as instruções de rotina, girando uma pequena manivela do lado da máquina no fim de cada palavra.

— O. K. Pode dizer!

Bond encostou-se à parede. Havia pensado em várias fórmulas durante sua viagem até Samaden. Precisava ser algo que transmitisse com precisão as informações a M, mas deixasse Muir no escuro, conservasse limpas suas mãos.

— Está bem — disse Bond. — Transmita isto, sim?

REDUTO CONVENIENTEMENTE LIQUIDADO PONTO FALTAM DETALHES POIS EU FUI SOZINHO ATRÁS DO PROPRIETÁRIO QUE LAMENTO MUITO INFORMAR ESCAPOU E PROVAVELMENTE ESTÁ AGORA ITALIANIZADO PONTO SEGUE RELATÓRIO COMPLETO PELA ESTAÇÃO M E DEPOIS ACEITO AGRADECIDO DEZ DIAS DE LICENÇA ASSINADO 007.

Muir repetiu o sinal e depois começou a introduzir no teletipo a mensagem, sob a forma de grupos de cinco cifras que haviam saído da máquina de triplo X.

Bond observou partir a mensagem, representando o fim de outra de suas missões, como havia dito Marc-Ange, “A Serviço Secreto de Sua Majestade”. Que pensaria Sua Majestade dessa enfiada de crimes cometidos em seu nome? Santo Deus, estava abafado naquele quartinho! Bond sentiu suor frio correr pela testa. Pôs a mão no rosto, resmungou indistintamente alguma coisa sobre “aquela maldita montanha” e caiu maciamente no chão.

26 - *Felicidade sem sombra?*

TRACY FITOU-O de olhos arregalados quando o encontrou diante do Controle de Passaporte no aeroporto de Munique, mas esperou até estarem dentro do pequeno Lancia para explodir em lágrimas.

— Que fizeram com você? — disse entre soluços. — Que fizeram com você agora?

Bond tomou-a nos braços.

— Está tudo bem, Tracy. Asseguro-lhe. São só cortes e escoriações. Foi só uma queda de esqui. Não seja boba. Isso pode acontecer a qualquer um.

Alisou para trás os cabelos de Tracy e, tirando o lenço, enxugou-lhe os olhos.

Tomando o lenço de suas mãos e rindo entre as lágrimas, Tracy disse:

— Agora você estragou a pintura de meus olhos. E havia pintado tão cuidadosamente para você.

Tirou seu espelho de bolso e limpou cuidadosamente as manchas. Depois disse:

— É uma tolice. Mas eu sabia que você não estava metido em coisa boa. Quando você disse que ia permanecer fora uns dias para limpar alguma coisa antes de vir encontrar-se comigo, percebi logo que ia arranjar mais encrenca. E agora Marc-Ange telefonou-me perguntando se eu tinha visto você. Estava muito misterioso e parecia preocupado. Quando respondi que não, ele desligou. E depois houve essa história nos jornais sobre Piz Glória. Você estava tão reservado quando telefonou hoje de manhã. E telefonou de Zurique. Eu sabia que tudo estava atrapalhado.

Tornou a guardar seu espelho e apertou a partida.

— Está bem. Não farei perguntas. E sinto muito ter chorado — disse, acrescentando depois furiosamente: — Mas você é um idiota! Parece pensar que ninguém se preocupa. Da maneira como sai por aí brincando de índio. É tão... tão egoísta.

Bond estendeu sua mão e apertou a de Tracy sobre o volante. Odiava “cenas”. Mas era verdade o que ela dizia. Não havia pensado nela, só em seu trabalho. Nunca lhe passara pela cabeça que alguém se preocupasse realmente com ele. Uma sacudida de cabeça de seus amigos quando partisse, algumas linhas caprichadas nas colunas de necrologia de “The Times”, uma dor momentânea no coração de algumas moças. Mas agora, dentro de três dias, ele não estaria mais sozinho. Seria metade de duas pessoas. Não haveria apenas May e Mary Goodnight para cuidar dele quando voltasse de alguma missão como caso hospitalar. Agora, se fosse morto, haveria Tracy, que sem dúvida morreria parcialmente com ele.

Tracy dirigia habilmente o pequeno carro através do tráfego. Bond disse:

— Sinto muito, Tracy. Era algo que precisava ser feito. Sabe como é. Eu não podia recusar. Realmente não estaria feliz aqui, como estou, se tivesse tirado o corpo. Você compreende, não compreende?

Tracy estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto.

— Eu não o amaria se você não fosse um pirata. Acho que está no sangue. Eu me acostumarei. Não mude. Não desejo arrancar-lhe os dentes como mulheres fazem com seus homens. Quero viver com você, não com alguém diferente. Mas não se importe se eu uivar como um cão de vez em quando. Ou melhor, como uma cadela. É só amor.

Deu-lhe um sorriso fugidio e acrescentou:

— “Die Welt”, com a história, está atrás do banco, no chão.

Bond riu da capacidade de adivinhação de Tracy. Apanhou o jornal. Estava louco para ver o que dizia, para saber quanta coisa havia sido publicada.

Estava lá, no meio da página, entre a principal matéria, inevitavelmente sobre Berlim, e a segunda matéria, igualmente inevitável, sobre o milagre das últimas cifras da exportação alemã. Datada de St. Moritz e enviada “por nosso correspondente”, só dizia: “MISTERIOSAS EXPLOSÕES NO PIZ GLÓRIA. Destruída a ferrovia suspensa da estância de milionários.” Seguiam-se algumas linhas repetindo o conteúdo do título e dizendo que a polícia investigaria por meio de helicóptero na manhã seguinte. Outro título atraiu o olhar de Bond: “TEMOR DE PÓLIO NA INGLATERRA”. Datado da véspera e procedente de Londres, havia esse breve despacho da Reuter: “As nove moças detidas em vários aeroportos britânicos sob suspeita de terem tido contato no aeroporto de Zurique com uma possível transmissora de poliomielite, também uma moça inglesa, ainda estão sendo mantidas de quarentena. Um representante do Ministério da Saúde declarou que se trata simplesmente de precaução rotineira. A décima moça, srta. Violet O’Neill, que foi a origem do susto, está em observação no Shannon Hospital. É nativa do Eire.”

Bond sorriu. Quando eram forçados a isso, os britânicos sabiam fazer supremamente bem essa espécie de coisa. Quanta coordenação exigira esse breve relato? Para começar, M. Depois o Departamento de Investigação Criminal, o M. I. 5, Agricultura e Pesca, Alfândega de Sua Majestade, Controle de Passaporte, Ministério da Saúde e o governo do Eire. Todos haviam contribuído, com tremenda rapidez e eficiência. E o produto acabado,

lançado ao mundo, fora encaminhado à Reuters através da Associação de Imprensa. Bond jogou o jornal para trás e observou os edifícios amarelos do que fora outrora uma das mais belas cidades da Europa — agora sendo reconstruídos na mesma velha cor amarela — desfilarem em sua monotonia de após-guerra. Então o caso estava encerrado, a missão estava cumprida!

Mas o chefe conseguira escapar!

Chegaram ao hotel cerca de três horas. Havia um recado para Tracy, pedindo-lhe que chamasse Marc-Ange na Maison Rouge em Strasbourg. Subiram para o quarto de Tracy, que fez a ligação e disse: — Ele está aqui, papai, e quase inteiro. Entregou o fone a Bond. Marc-Ange disse:

— Você o apanhou?

— Não. Ele está na Itália agora. Pelo menos, acho que está. Seguiu naquela direção. Como vocês se saíram? De baixo, parecia ótimo.

— Satisfatório. Foi tudo resolvido.

— Liquidado?

— Sim. Liquidado de uma vez. Não havia traços de seu homem de Zurique. Eu perdi dois. Nosso amigo deixou uma surpresa em seu arquivo. Isso levou Ché-Ché. O outro não foi bastante rápido. Só isso. A viagem de volta foi divertida. Eu lhe contarei os pormenores amanhã. Viajarei hoje à noite em meu carro-dormitório.

— Está bem. A propósito, que aconteceu com a mulher, Irma?

— Não vimos sinal dela. Foi muito bom. Teria sido difícil mandá-la embora com os outros.

— Sim. Bem, obrigado, Marc-Ange. As notícias da Inglaterra também são boas. Até amanhã.

Bond repôs o fone no gancho. Tracy retirara-se discretamente para o banheiro e fechara a porta. Agora perguntou:

— Posso sair?

— Mais dois minutos, querida.

Bond ligou para a Estação M. Seu telefonema era esperado. Ficou de visitar dentro de uma hora o chefe da Estação, um homem chamado tenente-

comandante Savage, que já conhecia ligeiramente. Deixou Tracy sair e os dois fizeram planos para a noite. Em seguida, Bond dirigiu-se para seu quarto.

Sua mala fora desfeita e havia um vaso de flores de açafrão ao lado da cama. Bond sorriu, apanhou o vaso e colocou-o firmemente sobre o peitoril da janela. Depois tomou um rápido banho de chuveiro, complicado pelo fato de precisar conservar secas suas ataduras, vestiu o mais quente dos dois ternos azul-marinhos que trouxera, sentou-se à mesa de escrever e anotou os tópicos do que teria de transmitir a M pelo teletipo. Em seguida, vestiu sua capa azul-marinho e desceu para a rua, caminhando em direção à Odeons Platz.

(Se não estivesse pensando em outras coisas, poderia ter notado que a mulher na outra calçada, uma mulher encorpada como um sapo, com uma embolorada capa verde-escura, que tivera um sobressalto de surpresa ao vê-lo, atravessara a rua apesar do trânsito e pusera-se a segui-lo. Era especialista no que estava fazendo e, quando ele entrou no mais novo prédio de apartamento da *Odeons Platz*, não se aproximou da porta para verificar o endereço, mas esperou do outro lado da praça até ele sair. Depois, seguiu-o de volta ao *Vier Jahreszeiten*, tomou um táxi, regressou a seu apartamento e fez uma ligação telefônica para o Metrópole Hotel no lago Como.) Bond subiu para seu quarto. Sobre a mesa de escrever havia uma impressionante coleção de ataduras e medicamentos. Ligou para Tracy e disse:

— Que diabo é isto? Você tem uma chave falsa ou coisa semelhante?

Tracy respondeu rindo:

— A empregada deste andar tornou-se minha amiga. Ela compreende as pessoas que estão amando. O que você não é capaz de fazer. Por que mudou aquelas flores de lugar?

— Elas são encantadoras. Pensei que ficariam mais bonitas ao lado da janela e que lá receberiam um pouco de sol. Agora vou propor-lhe um negócio. Se você vier aqui e trocar minhas ataduras, eu a levarei lá embaixo e lhe pagarei uma bebida. Só uma. E três para mim. Essa é a proporção certa entre homens e mulheres. Está combinado?

— Certo — concordou Tracy desligando.

Doía como o diabo e Bond não podia evitar que lágrimas de dor escorressem de seus olhos. Tracy enxugou-as com beijos. Parecia pálida pelo que vira.

— Tem certeza de que não devia consultar um médico?

— Já estou consultando. Você fez tudo maravilhosamente. O que me preocupa é como vamos fazer amor. Da maneira própria, os cotovelos são muito importantes para o homem.

— Então faremos de maneira imprópria. Mas não hoje à noite, nem amanhã. Só quando estivermos casados. Até então vou fingir que sou virgem.

Fitou-o seriamente, acrescentando:

— Eu gostaria de ser, James. Em certo sentido, sou, você sabe disso. A gente pode fazer amor sem amar.

— Bebidas — disse Bond firmemente. — Temos todo o tempo do mundo para falar de amor.

— Você é um porco — disse ela indignada. — Temos tanta coisa em que falar e você só pensa em bebida.

Bond riu. Com muito cuidado, pôs um braço em volta do pescoço de Tracy e beijou-a demorada e apaixonadamente. Depois se afastou.

— Pronto. Isso é apenas o começo de nossa conversa. Continuaremos com os trechos mais monótonos no bar. Depois iremos tomar um jantar maravilhoso no *Walterspiel's*, falar sobre alianças, discutir se dormiremos em camas de solteiros ou de casado, se temos lençóis e fronhas suficientes para dois e outras coisas emocionantes relacionadas com a vida conjugal.

Foi assim que passaram a noite, com Bond sentindo a cabeça girar diante de todos os problemas práticos femininos que ela levantava, com grande seriedade, mas surpreendido por descobrir que toda essa história de construir um ninho lhe dava um prazer curioso, o sentimento de que finalmente ia repousar, de que a vida agora seria mais plena, teria mais significação, por ter com quem partilhá-la. Companheirismo! Que lugar comum curiosamente válido era esse!



O dia seguinte foi ocupado por hilariantes refeições com Marc-Ange, cujo gigantesco *trailer* chegara durante a noite e ocupara a maior parte do

pátio de estacionamento por trás do hotel, e por visitas a lojas de antigüidade à procura de um anel de noivado e uma aliança. Foi fácil encontrar a última, a tradicional argola simples de ouro, mas Tracy não conseguiu tomar uma decisão quanto ao anel de noivado. Finalmente, mandou Bond procurar algum de que ele próprio gostasse, enquanto ela provava pela última vez seu vestido de “noiva”. Bond tomou um táxi e correu a cidade com o motorista, que fora piloto da *Luftwaffe* durante a guerra e tinha muito orgulho disso. Por fim, em uma loja de antigüidade perto do *Nymphenburg Palace*, Bond encontrou o que desejava: um anel barroco em ouro branco com duas mãos de diamantes apertadas. Era gracioso e simples. O motorista do táxi também concordou e o negócio foi feito. Os dois homens foram celebrar no *Franziskaner Keller*, onde comeram montes de *Weisswurst* (*) e beberam quatro canecas de cerveja cada um jurando que nunca mais lutariam um contra o outro. Depois, feliz com sua despedida de solteiro, Bond voltou meio tonto para o hotel, evitou ser abraçado pelo motorista de táxi, subiu diretamente para o quarto de Tracy e colocou-lhe o anel no dedo.

(*) Lingüiça branca.

Tracy rompeu em lágrimas, dizendo entre soluços que era o anel mais belo do mundo. Mas quando Bond a tomou nos braços, começou a sorrir.

— Oh, James, você é muito ruim. Está cheirando a cerveja e salsichas como um porco. Onde é que você esteve?

Quando Bond lhe contou, ela riu do quadro que ele traçou de sua última festa de solteiro. Depois desfilou pelo quarto, de um lado para outro, fazendo gestos exageradamente graciosos para exibir o anel e para que os diamantes cintilassem sob a luz. Em seguida o telefone tocou. Era Marc-Ange dizendo que queria falar com Bond no bar e pedindo a Tracy para ter a bondade de ficar meia hora fora do caminho.

Bond desceu e, depois de cuidadosa consideração, decidiu que *schnapps* iriam bem com sua cerveja e pediu um Steinhäger duplo. Marc-Ange tinha uma expressão séria no rosto.

— Agora, escute, James. Não conversamos direito. Isso está muito errado. Eu vou ser seu sogro e insisto. Há muitos meses, fiz-lhe uma proposta séria. Você recusou. Mas agora aceitou-a. Qual é o nome de seu banco?

Bond respondeu furioso:

— Cale a boca, Marc-Ange. Se pensa que vou aceitar um milhão de libras de você ou de qualquer outra pessoa, está muito enganado. Não quero que minha vida seja arruinada. Dinheiro demais é a pior maldição que se pode jogar sobre a cabeça de alguém. Eu tenho o suficiente. Tracy tem o suficiente. Será divertido economizar para comprar alguma coisa que desejemos e que esteja além dos nossos recursos. Essa é a única espécie de dinheiro que se deve ter — um pouco menos que o suficiente.

Marc-Ange insistiu furiosamente.

— Você esteve bebendo. Você está bêbado. Não compreendo o que diz. O que quero dar-lhe é apenas um quinto da minha fortuna, compreende? Para mim nada significa. Tracy está acostumada a ter tudo quanto quer. Desejo que continue assim. É minha única filha. Você não vai poder sustentá-la com vencimento de servidor civil. Tem de aceitar!

— Se me der algum dinheiro, juro que o doarei a uma obra de caridade. Você quer que seu dinheiro vá para um asilo de cães? Muito bem. Então dê!

— Mas, James — disse Marc-Ange, em tom implorativo que está disposto a aceitar de mim? Um fundo vinculado para os filhos que venham a ter. Quer?

— Isso é ainda pior. Se tivermos filhos, não quero que fiquem com esse laço pendurado sobre suas cabeças. Eu não tinha dinheiro e não precisei dele. Gostava de ganhar dinheiro no jogo porque é dinheiro achado, dinheiro que aparece no ar como uma grande surpresa. Se tivesse herdado dinheiro, eu seria igual a todos esses amigos *playboy* de Tracy, dos quais você tanto se queixa. Não, Marc-Ange — disse Bond, virando decididamente seu Steinhäger. — Não adianta.

Marc-Ange parecia a ponto de romper em lágrimas. Bond abrandou-se. Disse:

— É muita bondade sua, Marc-Ange, e eu agradeço do fundo do coração. Vou lhe dizer o que podemos fazer. Se eu jurar que o procurarei caso um de nós precise de auxílio, você fica contente? Poderá haver doenças e outras coisas. Talvez seja agradável termos uma casinha em algum lugar no campo. Poderemos precisar de auxílio se tivermos filhos. Heim? Que diz a isso? Está feito?

Bond segurou a mão direita de Marc-Ange e apertou-a. ,

— Dou-lhe minha palavra. Agora, vamos, reanime-se. Tracy vem vindo. Vai pensar que estivemos brigando.

— Estivemos mesmo — disse Marc-Ange sombriamente. — E foi a primeira briga que já perdi até hoje.

27 - Todo o tempo do mundo

“SIM”.

James disse essa palavra às dez e meia da manhã de um dia de Ano Novo claro como cristal na sala de estar do Consulado Geral Britânico.

E falava muito sério quando a disse.

O cônsul-geral demonstrara ser, como são muitas vezes os cônsules britânicos, um homem de eficiência e um homem de coração. Era feriado para ele, e, como confessou, estaria de ressaca da bebedeira da véspera do Ano Novo. E cortara muitos dias do período formal de proclamas, mas isso, como explicou, embora impróprio, já se arriscara a fazer algumas vezes em sua carreira, quando havia circunstâncias excepcionais, como a iminência de morte de um dos cônjuges.

— Vocês dois parecem muito sadios — dissera quando o visitaram pela primeira vez juntos — mas há um corte feio na sua cabeça, comandante Bond, e a condessa parece estar um pouco pálida. Tive a precaução de solicitar dispensa especial do secretário do Exterior, o que, para minha grande surpresa, devo dizer, foi concedida imediatamente. Assim, vamos dizer, no dia do Ano Novo. E apareçam em minha casa. Minha mulher é desesperadamente sentimental em relação a esses serviços ocasionais que tenho de fazer e sei que ela adoraria conhecê-los.

Os papéis foram assinados e o chefe da Estação M, que concordara em servir como padrinho de Bond e que estava secretamente ansioso por enviar ao chefe de sua Seção em Londres uma nota sensacional sobre tudo aquilo, fez surgir um punhado de confetes e jogou a maior parte sobre Marc-Ange,

que aparecera de cartola e casaca muito francesa, tendo no peito, surpreendentemente, duas fileiras de medalhas das quais a última, para espanto de Bond, era a King's Medal conferida a combatentes da resistência estrangeira.

— Eu lhe contarei a história toda um dia, meu caro James — disse ele em resposta a uma indagação admirada de Bond. — Foi tremendamente divertido. E — acrescentou, baixando a voz para um sussurro e pondo um dedo em seu nariz moreno — confesso que aproveitei a ocasião para lançar mão dos fundos secretos de uma seção da Abwehr. Mas Herkos Odonton, meu caro James! Herkos Odonton! Medalhas muitas vezes são apenas distintivos de sorte. Se eu sou um herói, é por coisas pelas quais não dão medalhas. E — prosseguiu, traçando linhas no peito com os dedos — quase não há mais lugar no peito deste “frac”, que, diga-se de passagem, é cortesia das excelentes Galerias Barbes de Marselha.

Fizeram-se despedidas e Bond sujeitou-se, jurando que seria a última vez, aos abraços de Marc-Ange. Desceram os degraus em direção ao Lancia que estava estacionado na rua. Alguém, a esposa do cônsul, segundo suspeitou Bond, tinha amarrado fitas brancas dos cantos do pára-brisa até a grade do radiador e havia um pequeno grupo de espectadores, transeuntes que haviam parado, como fazem em todo o mundo, para ver quem eram e como estavam.

O cônsul-geral apertou a mão de Bond.

— Acho que não conseguimos manter isto tão privado quanto o senhor queria. Um repórter do “Münchener Illustrierte” esteve aqui hoje de manhã. Não quis dizer quem era. Colunista social, suponho. Tive de dar-lhe os fatos gerais. Desejava particularmente saber a hora da cerimônia, se assim pode ser chamada, para mandar um fotógrafo. Pelo menos disso vocês ficaram livres. Acho que ainda estão todos bêbedos. Bem, adeus e muitas felicidades.

Tracy, que escolhera para a cerimônia um conjunto tirolês cinzento escuro, com os tradicionais enfeites verdes escuros e botões de chifres de veado, jogou, no banco traseiro, seu atrevido chapéu montanhês com o alegre cocar de barba de camurça, sentou-se por trás do volante e apertou a partida. O motor ronronou e depois roncou macio quando ela mudou de marcha descendo a rua vazia. Ambos acenaram com as mãos fora da janela e Bond, olhando para trás, viu a cartola de Marc-Ange agitando-se no ar. Houve um adejar de mãos na calçada respondendo aos acenos e depois o carro virou a esquina.

Quando chegaram à entrada da *Autobahn* para Salsburg e Kufstein, Bond

disse:

— Seja um anjo e pare um pouco, Tracy. Tenho duas coisas a fazer.

Tracy estacionou o carro na margem gramada da estrada. A grama marrom do inverno mostrava-se através da neve fina. Bond tomou Tracy nos braços e beijou-a ternamente.

— Essa é a primeira coisa. E eu queria também dizer que cuidarei de você, Tracy. Você se importa se eu cuidar de você?

Tracy manteve-o à distância e olhou-o bem. Sorriu. Seus olhos eram introspectivos.

— É isso que significa ser Sr. e Sra., não é? Não dizem Sra. e Sr. Mas você também precisa de alguém que o cuide. Vamos cuidar um do outro.

— Está bem. Mas eu prefiro meu serviço ao seu. Agora, vou descer e tirar essas fitas. Não suporto parecer como se estivesse na coroação. Você não faz questão?

Tracy riu.

— Você gosta de ser anônimo. Eu quero que todos aplaudam quando passamos. Sei que vai mandar pintar este carro de cinzento ou preto logo que tenha oportunidade. Isso não tem importância. Mas nada me impedirá de usá-lo como uma bandeira daqui por diante. Você não vai querer usar-me às vezes como uma bandeira?

— Em todos os feriados e dias de festa — disse Bond, descendo e retirando as fitas. Olhou para o céu sem nuvens. O sol caiu quente sobre seu rosto. Disse: —Acha que mentiremos muito frio se baixarmos a capota?

— Não. Vamos baixar. Com ela levantada, só podemos ver metade do mundo. E é uma viagem adorável daqui até Kitzbühel. Poderemos depois levantá-la quando quisermos.

Bond desparafusou as duas porcas e dobrou a capota de lona por trás do banco. Olhou para um lado e para outro da “autobahn”. Havia muito tráfego. No posto Shell pelo qual acabavam de passar seus olhos haviam notado uma Maserati aberta, de cor vermelho brilhante, que estava recebendo gasolina. Máquina veloz. Com um casal tipicamente esportivo, um homem e uma mulher à direção. Guarda-pós brancos e capacetes de linho abotoados sob o queixo. Grandes óculos verdes escuros que tapavam a maior parte do resto

dos rostos. Uniforme habitual de corredores alemães. Estavam muito longe para ver se tinham aparência tão boa quanto o carro, mas a silhueta da mulher não era promissora. Bond sentou-se ao lado de Tracy e o carro partiu novamente pela estrada ladeada de belas paisagens.

Não falavam muito. Tracy guiava a umas oitenta milhas e o vento fazia muito barulho. Essa é a desvantagem de carros abertos. Bond olhou para seu relógio. 11h45. Chegariam a Kufstein lá pela uma hora. Havia uma esplêndida *Gasthaus* (*) no alto das ruas sinuosas que se dirigiam para o grande castelo. Havia uma minúscula alameda dos prazeres, cheia dos queixumes comoventes da música de citara e da delicada melancolia das canções tirolesas. Era ali que os turistas alemães paravam tradicionalmente depois de sua visita de um dia à Áustria, bem perto da fronteira alemã, para uma última e gigantesca refeição de comida e vinho austríacos. Bond pôs a boca bem perto do ouvido de Tracy e falou-lhe sobre isso e sobre a outra atração de Kufstein: o mais imaginativo monumento de guerra, da guerra de 1914-18, já imaginado. Pontualmente ao meio-dia, todos os dias, as janelas do castelo se abrem de par em par e um solo é tocado no grande órgão existente em seu interior. Pode ser ouvido por quilômetros vale abaixo entre as gigantescas cordilheiras de montanhas de que Kufstein serve como porta de entrada.

(*) Hospedaria.

— Mas nós vamos perdê-lo. Já são quase meio-dia.

— Não tem importância — disse Tracy. — Eu me contentarei com as cítaras, enquanto você engolirá sua cerveja e *schnapps*.

Virou para a direita em direção à passagem inferior da estrada para Kufstein. Logo depois atravessaram Rosenheim e os grandes picos brancos apareceram imediatamente à frente.

O tráfego era agora muito menos intenso e corriam por quilômetros sem encontrar outro carro na estrada, que avançava entre pequenos prados e bosques de lariços, em direção à barreira cintilante onde sangue fora derramado durante séculos entre exércitos em armas. Bond olhou para trás. Milhas atrás na grande rodovia via-se uma mancha vermelha. A Maserati? Certamente não tinham muito espírito de competição se não conseguiam alcançar a Lancia a oitenta milhas! Não adiantava ter um carro como aquele

se não fosse para guiar de modo a perder de vista todo o resto do tráfego. Talvez estivesse fazendo uma injustiça ao casal. Era possível que também desejasse apenas rodar sossegadamente e apreciar o lia.

Dez minutos depois, Tracy disse: — Um carro vermelho está-se aproximando depressa. Quer que o deixe para trás?

— Não — respondeu Bond. — Deixe-o passar. Nós temos todo o tempo do mundo.

Bond ouviu o zumbido roufenho dos oito cilindros. Inclinou-se para a esquerda e acenou laconicamente para a frente com o polegar, dando sinal à Maserati para que os ultrapassasse.

O zumbido mudou para um rugido atordoante. O pára-brisa da Lancia desapareceu como se tivesse sido atingido pelo punho de um monstro. Bond viu de relance um rosto tenso e odioso por baixo de um nariz sifilítico, o abafador de chamas de uma arma automática sendo retirado, e depois o carro passou, enquanto o Lancia corria como louco pela margem da estrada, atravessava um trecho coberto de neve e abria uma clareira no pequeno bosque. Então Bond bateu com a cabeça na moldura do pára-brisa e perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, estava sendo sacudido por um homem com o uniforme caqui da patrulha da “autobahn”. A fisionomia jovem refletia o horror do patrulheiro.

— *Was ist denn geschehen? Was ist denn geschehen?* (*)

Bond virou-se para Tracy. Ela estava caída para a frente, com o rosto enterrado nas ruínas do volante. Seu lenço cor de rosa desprendera-se da cabeça. Os cabelos dourados pendiam soltos e escondiam seu rosto. Bond estendeu o braço sobre os ombros de Tracy, no qual começavam a aparecer manchas escuras.

(*) Que aconteceu? Que aconteceu?

Apertou-a contra seu corpo. Ergueu os olhos para o jovem e sorriu com tranqüilidade.

— Está tudo bem — disse com voz clara, como se estivesse explicando algo a uma criança. — Está tudo perfeitamente bem. Ela está descansando um pouco. Logo partiremos. Não há pressa. Como vê — continuou Bond,

afundando a cabeça ao lado da cabeça de Tracy e segredando-lhe nos cabelos — como vê, temos todo o tempo do mundo.

O jovem patrulheiro lançou um último e assustado olhar ao casal imóvel, correu para sua motocicleta, apanhou o microfone e começou a falar urgentemente com o posto de socorro.

FIM

.pdf

SCANMANIACS

.ePub



2014